

SPEROS VRYONIS

BIZÂNCIO E EUROPA





<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

PS: Capa meramente ilustrativa. No livro original a capa não possui texto nem figuras, criei a imagem apenas pra composição do livro digitalizado.

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.



Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

SPEROS VRYONIS

BIZÂNCIO E EUROPA

EDITORIAL VERBO • LISBOA

ESTE LIVRO FOI PUBLICADO ORIGINALMENTE POR THAMES AND HUDSON,
LONDRES, COM O TÍTULO «BYZANTIUM AND EUROPE»
COPYRIGHT BY THAMES AND HUDSON, 1967
TRADUÇÃO DE TOMÉ SANTOS JÚNIOR
REVISÃO CIENTÍFICA DO DR. ANTÓNIO GONÇALVES MATTOSO

N.º ED.- 481
IMPRESSO POR GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L. — CACÉM

ÍNDICE

OS IMPERADORES DE BIZÂNCIO	8
 I TRANSIÇÃO DA ANTIGUIDADE	
E APARECIMENTO DE BIZÂNCIO	11
O caos do século III.....	11
Reformas de Diocleciano e Constantino	16
Ameaça dos Bárbaros.....	30
Crise dos séculos IV e V	38
Justiniano, o Grande.....	46
 II ESTABELECIMENTO DE UMA	
SOCIEDADE HOMOGÊNEA.....	59
Heraclianos e Isaurianos	59
As lutas	59
Ameaça do Islão	65
O novo Império do Ocidente	68
A desordem balcânica	70
Reformas administrativas	75
Iconoclastia.....	77
Inovações culturais	82
Os Macedónios.....	87
A reconquista bizantina	87
Vida econômica.....	101
Acção da Igreja.....	105
Contribuição da Macedónia para a cultura bizantina	119

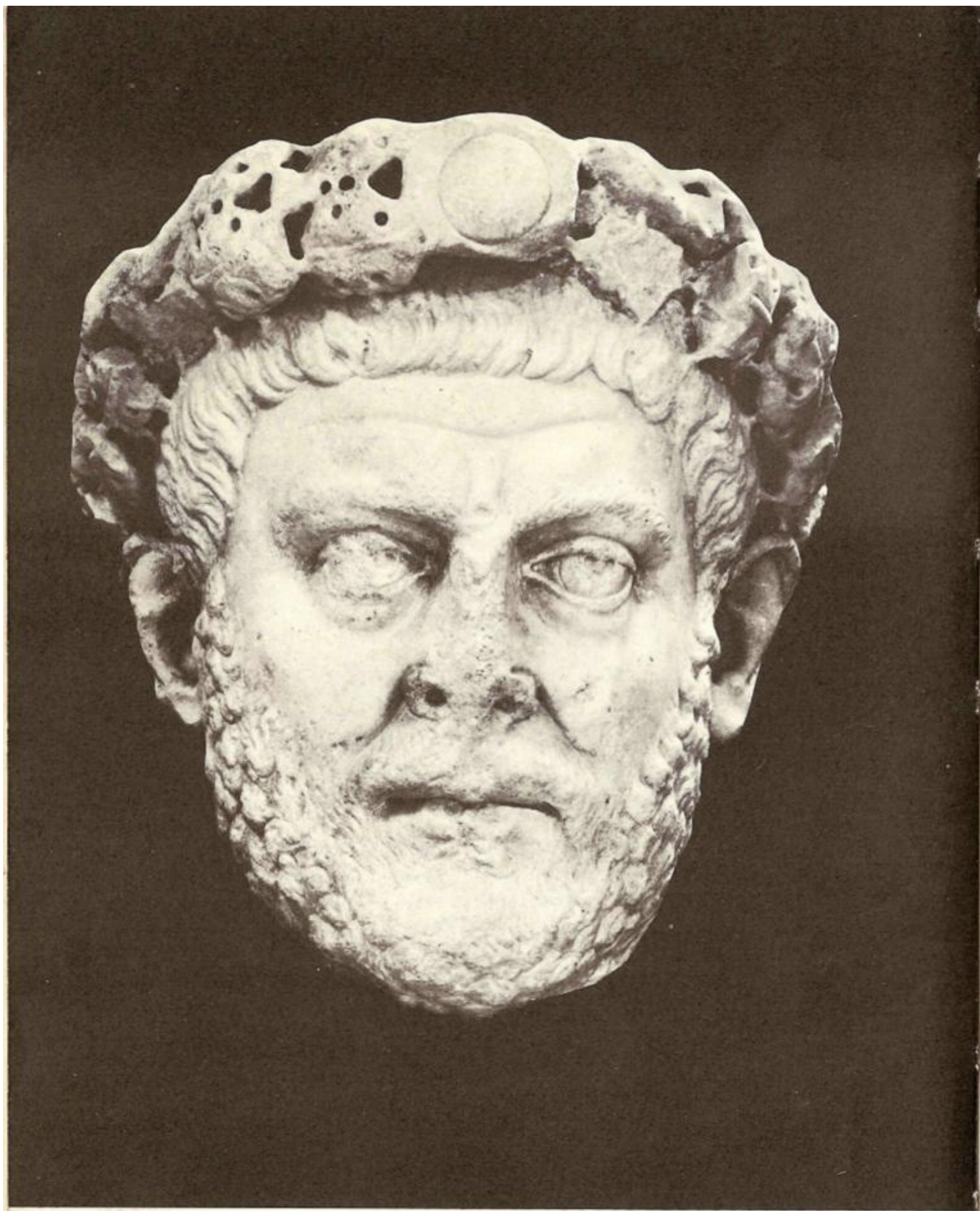
III	DECLÍNIO.....	127
	Problemas internos	127
	Vitória dos militares	129
	Metamorfoses sociais e econômicas.....	132
	Ameaça externa	137
	A crise de 1071.....	138
	Aleixo I Comneno — A Regeneração.....	142
	Os sucessores de Aleixo	148
	Movimento artístico	154
	A queda de Constantinopla.....	157
IV	ENFRAQUECIMENTO E COLAPSO	161
	Dispersão do Helenismo.....	161
	A administração latina.....	166
	Interacção das culturas grega e latina.....	169
	Reconquista de Constantinopla	172
	Uma vitória temporária	174
	Ascensão dos Turcos	179
	A literatura do declínio.....	186
	O fim de Bizâncio	195
	EPÍLOGO	201
	BIBLIOGRAFIA	205
	LISTA DAS ILUSTRAÇÕES	212
	MAPAS	217
	ÍNDICE IDEOGRÁFICO.....	220

OS IMPERADORES DE BIZÂNCIO

CONSTANTINO I	324-337
CONSTÂNCIO	337-361
JULIANO	361-363
JOVIANO	363-364
VALENTE	364-378
TEODÓSIO	379-395
ARCÁDIO	395-408
TEODÓSIO II	408-450
MARCIANO	450-457
LEÃO I	457-474
LEÃO II	474
ZENÃO	474-475
BASILISCO	475-476
ZENÃO (novamente)	476-491
ANASTÁSIO I	491-518
JUSTINO I	518-527
JUSTINIANO I	527-565
JUSTINO II	565-578
TIBÉRIO I, CONSTANTINO	578-582
MAURÍCIO	582-602
FOCAS	602-610
HERACLIO	610-641
CONSTANTINO III E HERACLONAS	641
HERACLONAS	641
CONSTANTE II	641-668
CONSTANTINO IV	668-685
JUSTINIANO II	685-695
LEÔNCIO	695-698
TIBÉRIO II	698-705
JUSTINIANO II (novamente)	705-711
FILÍPICO	711-713

ANASTÁSIO II	713-715
TEODÓSIO III	715-717
LEÃO III	717-741
CONSTANTINO V	741-775
LEÃO IV	775-780
CONSTANTINO VI	780-797
IRENE	797-802
NICÉFORO I	802-811
ESTAURÁCIO	811
MIGUEL I RANGABE	811-813
LEÃO V	813-820
MIGUEL II	820-829
TEÓFILO	829-842
MIGUEL III	842-867
BASÍLIO I	867-886
LEÃO VI	886-912
ALEXANDRE	912-913
CONSTANTINO VII	913-959
ROMANO I LECAPENO	920-944
ROMANO II	959-963
NICÉFORO II, FOCAS	963-969
JOÃO I, TZIMISKIS	969-976
BASÍLIO II	976-1025
CONSTANTINO VIII	1025-1028
ROMANO III ARGIRO	1028-1034
MIGUEL IV	1034-1041
MIGUEL V	1041-1042
ZOÉ E TEODORA	1042
CONSTANTINO IX MONÓMACO	1042-1055
TEODORA (novamente)	1055-1056
MIGUEL VI	1056-1057
ISAC I COMNENO	1057-1059
CONSTANTINO X DUCAS	1059-1067
ROMANO IV DIÓGENES	1068-1071

MIGUEL VII DUCAS	1071-1078
NICÉFORO III BOTANIATES	1078-1081
ALEIXO I COMNENO	1081-1118
JOÃO II COMNENO	1118-1143
MANUEL I COMNENO	1143-1180
ALEIXO II COMNENO	1180-1183
ANDRONICO I COMNENO	1183-1185
ISAC II ANJO	1185-1195
ALEIXO III ANJO	1195-1202
ISAC II (novamente) e ALEIXO IV ANJO	1203-1204
ALEIXO V, MURZUFLO	1204
TETJORO I L ÁSCARIS	1204-1222
JOÃO III DUCAS VATATZES	1222-1254
TEODORO II LÁSCARIS	1254-1258
JOÃO IV LÁSCARIS	1258-1261
MIGUEL VIII PALEÓLOGO	1259-1282
ANDRONICO II PALEÓLOGO	1282-1328
ANDRONICO III PALEÓLOGO	1328-1341
JOÃO V PALEÓLOGO	1341-1391
JOÃO VI CANTACUZENO	1347-1354
ANDRONICO IV PALEÓLOGO	1376-1379
JOÃO VII PALEÓLOGO	1390
MANUEL II PALEÓLOGO	1391-1425
JOÃO VIII PALEÓLOGO	1425-1448
CONSTANTIXO XI PALEÓLOGO	1449-1453



1. Retrato do imperador Diocleciano. Pedra.

I TRANSIÇÃO DA ANTIGUIDADE E APARECIMENTO DE BIZÂNCIO

O CAOS DO SÉCULO III

O Império Bizantino nasceu da crise que, no século III, transformou o Mundo Antigo. Sendo evidentes e incontroversos os elementos de continuidade entre o mundo bizantino e o mundo antigo, do mesmo modo o são as diferenças. Com esta grave transformação, o império perdeu o seu aspecto latino-pagão e assumiu gradualmente uma forma greco-cristã, embora, sem dúvida, Bizâncio, tal como o Império Romano, se tenha mantido, durante a maior parte da sua existência, um estado poliglota, multinacional e polissectário. As dificuldades que o império enfrentou no século III resultaram, em grande parte, de deficiências nas instituições culturais, sociais e políticas. Foram estas deficiências inatas, mais do que o poderio das nações bárbaras, que prostraram o Estado e o ameaçaram de destruição em meados do século que precedeu o reinado de Diocleciano. O principal e mais sério defeito de todo o sistema talvez fosse a falta de uma norma reguladora da sucessão imperial. No século III a tão repetida frase «na sucessão a lei é ditada pelos revolucionários vitoriosos caracteriza, com bastante verdade, o modo usual de subida ao trono dos Césares. Os sentimentos dinásticos não conseguiram criar raízes, e o débil Senado mostrava-se, usualmente, embora nem sempre, impotente, pelo que os exércitos se tornaram os árbitros definitivos da escolha e deposição dos imperadores. Generais ambiciosos e bandos sem escrúpulos mancomunaram-se para dar vida a um período de curtos reinados e sucessões violentas. O meio século que precedeu o reinado do grande reformador Diocleciano viu cerca de vinte governantes (a maioria foi vítima de mortes violentas), cujo poder

não durou, em média, mais de dois anos e meio. Esta situação era desmoralizante. Num império tão vasto, o aviltamento do chefe, ao ponto de se tornar mero joguete dos exércitos, e a concomitante desordem da vida militar foram desastres de grande magnitude. Como o homem à volta do qual todo o sistema se movia não inspirava respeito nem dispunha de autoridade, os exércitos empenharam-se em empreendimentos egoístas, em prejuízo da defesa das fronteiras.

A falta de estabilidade política mais agravou, sem dúvida, o mal-estar económico que afligiu o império durante o século III. As causas que a determinaram eram muito mais complexas do que as que provocaram as agitações políticas. As mazelas económicas do império eram numerosas — balanço desfavorável do comércio com o Oriente; diminuição dos réditos provenientes dos impostos; perturbações da economia, devido à frequência das lutas civis; assaltos dos bárbaros; pestes e devastações; aumento dos subsídios concedidos ao exército; subida das despesas com a administração. O governo recorria à adulteração da moeda, o que levou praticamente ao desaparecimento da moeda ouro e à substituição da moeda de prata pela de cobre. Este aviltamento levou a uma inflação meteórica e fez com que a sociedade comesçasse, cada vez mais, a confiar apenas numa economia de trocas.

Era, talvez, claramente visível a profunda transformação da vida moral e espiritual do império. As religiões dos Gregos e Romanos tinham mostrado a sua grande vitalidade quando a *polis* ou *civitas* era ainda o centro dos pensamentos e acções dos homens. Mas, mesmo então, o carácter do paganismo greco-romano havia sido mais patriótico do que ético e espiritual... No século III, altura em que o patriotismo municipal se mostrou destituído de qualquer base substancial, o paganismo greco-romano tornou-se um fóssil histórico que pouco prometia ao indivíduo. Os cultos estranhos do Oriente, combinando mistério, pompa e solenidade, que tanto agradam ao carácter emocional do homem, contrastavam vivamente com a indiferença prosaica de grande parte do paganismo greco-romano perante as neces-

sidades dos indivíduos. A atracção das religiões orientais não era de índole exclusivamente emocional, visto também existirem razões de vida de natureza ética. Assim, se um indivíduo tomava parte no culto de determinada divindade e vivia de acordo com os preceitos superiores que esta lhe marcava, estava-lhe assegurada a recompensa da imortalidade. Isto oferecia certo conforto aos homens numa época em que a sociedade se desagregava e a rapacidade era, com frequência, tanto uma característica dos funcionários do Estado como dos bandidos e saqueadores bárbaros.

Tem sido plausivelmente suposto que as religiões do Oriente se tornaram tão formidáveis competidoras do paganismo clássico, não só por virtude do seu maior poder emocional e atracção ética como, também, porque os cultos eram de nível intelectual superior. Com o aparecimento da filosofia do Mundo Grego, o conhecimento, domínio especial do filósofo, divorciou-se da religião. No Oriente, onde o repositório do conhecimento secular e religioso era do domínio das classes sacerdotais, não existia esta aguda separação entre religião e conhecimento. Sendo, embora, verdade que os filósofos cada vez se preocupavam mais com as questões de religião é também certo que o faziam num plano tão elevado que ficava para além da compreensão das massas.

Fossem quais fossem as razões, não há dúvida que no século III o fiozinho de água do Nilo e do Eufrates que se escoava para o Tibre se converteu em corrente torrencial e as seitas de Mitra, Cristo, Cibele, dos Judeus, de Ísis e de Osíris se espalharam por todo o império. Esta dispersão ou sementeira não só actuou como poderoso catalisador do ponto de vista ético e religioso como exerceu influência profunda nas manifestações políticas e artísticas dos séculos seguintes. A revolução efectuada pela infiltração das religiões misteriosas do Oriente através do mundo do século III tem uma importância digna de interesse. O triunfo do Cristianismo no século IV obscureceu o alcance do fenómeno do século anterior aos olhos dos intelectuais cristãos, prejudicados pelos seus preconceitos contra os competidores do Cristianismo.

Modernamente, embora os eruditos encareçam a orientalização do paganismo greco-romano, o vulgo está muito mais familiarizado com a invasão dos bárbaros do Norte do que com a invasão religiosa do Oriente. O rompimento das fronteiras imperiais pelos Bárbaros foi acompanhado de guerras, destruições e mortes, pelo que o fenómeno foi então, e ainda o é hoje, mais facilmente perceptível. As religiões orientais triunfaram em milhares de insignificantes recontros diários, raramente acompanhados de qualquer acto espectacular. Foi só no fim deste processo acumulativo que o efeito se tornou visível, e, por essa altura, era já parte tão integrante da sociedade que se aceitava como norma.

A desorganização interna do império facilitou grandemente o assalto de povos estrangeiros nas fronteiras do Norte e do Oriente. Na Europa, as defesas imperiais ao longo do Reno e do Danúbio eram cada vez mais violadas pelas tribos germânicas. Tendo começado em pequena escala no reinado de Alexandre Severo, estas investidas atingiram grandes proporções em meados do século. Os piratas saxões tornaram o canal da Mancha inseguro. Em 256 os Francos atravessaram o Baixo Reno e, decorrido pouco menos de uma década, as tropas imperiais batiam-se com os incursores tanto na Gália como em Espanha. Os Alamanos cortaram o Reno, ao Sul, e chegaram até à Itália do Norte sem haver quem os detivesse. As mais poderosas tribos germânicas parece terem sido as dos Godos, que, em 251, mataram o imperador Décio e infligiram às tropas imperiais a mais séria derrota desde o aniquilamento das legiões de Varus, no reinado de Augusto. Animados pelos seus sucessos espectaculares, os Godos não só levavam as suas depredações ao coração dos Balcãs (os seus aliados, os Hérulos, apresentavam-se às portas de Atenas em 269) como, pelo mar, assolavam as costas do mar de Mármara, do mar Negro e do Egeu. Cláudio II, o Gótico, resistiu temporariamente a estes ataques, a sul do Danúbio, mas Aureliano retirou a última legião romana da Dácia em 271 e os Godos ocuparam-na sem serem molestados.

No Oriente o perigo não surgiu sob a forma de um novo povo, como sucedeu na Europa, mas sim de uma nova dinastia.



2. *Este camafeu do século IV representa a captura do imperador Valeriano pelo chefe sassânida Sapor I, no ano de 260.*

O Estado da Pártia que se formara à custa do reino helenístico dos Selêucidas, tinha, nos primórdios do século III, degenerado num fraco agrupamento de estados vassalos. Na zona meridional da Pérsia apareceu uma família de sacerdotes do fogo que se rebelou vitoriosamente contra os Arsácidas e, em 224, derrotou o último chefe parto, Artabão V, e destruiu o Estado. Em 226 Ardashir, da família de Sassan, foi coroado *shahanshah*. Com ele começa uma nova era na história do Próximo Oriente, visto a subida ao trono dos Sassânidas representar mais do que uma simples mudança de dinastia. Este Estado neo-aquéménida, que em breve absorvia os domínios primitivos dos Arsácidas, era um organismo mais centralizado e poderoso do que o dos Partos, facto que, ao princípio, os Romanos não avaliaram. A nova monarquia representa o primeiro passo no processo seguido pelo povo iraniano para se libertar dos últimos vestígios do helenismo. A escolha do Zoroastrismo como religião oficial, a adopção de uma estrutura religiosa hierárquica bastante aperfeiçoada, cora um *mobadhan mobad* (espécie de papa zoroastriano)

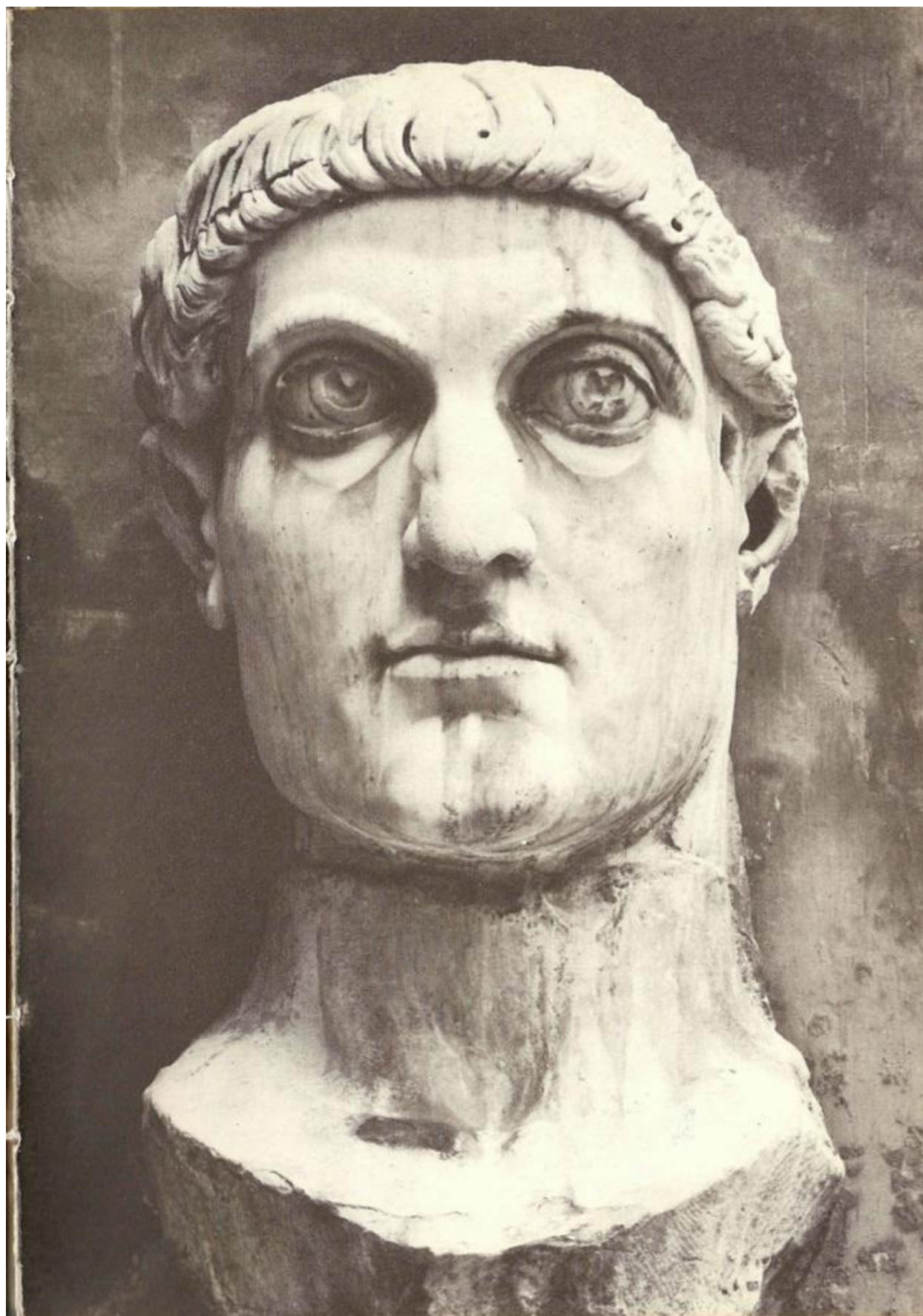
no topo, e o uso do texto canónico do Avestá foram factores que deram ao Estado teocrático sassânida certa semelhança exterior com Bizâncio. A estrutura social, bastante estratificada e com o seu sistema rígido de castas, cristalizou, contudo, em grau muito mais elevado do que Diocleciano (filho de um escravo liberto) poderia ter concebido.

Os primeiros governantes sassânidas consideravam-se herdeiros do último Dario e desejavam fazer renascer o império do Oriente que Alexandre e os seus generais haviam destruído. Exércitos sassânidas e romanos (e mais tarde também bizantinos) cedo entraram em luta nas regiões fronteiriças do alto Tigre e do Eufrates, da Síria e da Arménia. O significado das mudanças dinásticas tornou-se claro em 260 quando Sapor I derrotou os exércitos romanos e capturou o imperador Valeriano. O aparecimento inesperado, mas a tempo, de Odenato de Palmira e da rainha Zenóbia, fez suspender quaisquer outras conquistas sassânidas, e o império passou a desfrutar de certa tranquilidade. Palmira, cidade caravaneira tradicional, que vivia dos lucros do tráfico e dos homens de negócios itinerantes, havia-se transformado em centro comercial florescente, de tipo característico de oásis. Uma das provas da sua prosperidade era a leve camada de cultura greco-romana dos seus habitantes árabes. Cerca de 264 os árabes de Palmira derrotam os Persas, restabelecem as fronteiras do Império Romano e adquirem a gratidão temporária de Roma.

Germanos e Persas aguardavam, para investir de novo, uma oportunidade que a fraqueza do império não deixaria de lhes oferecer. Foi o que sucedeu em fins do século IV e no século V.

REFORMAS DE DIOCLECIANO E CONSTANTINO

Foi, sem dúvida, uma sorte para o império que dois chefes de capacidades indiscutíveis tenham assumido a direcção dos negócios em época tão crítica. Diocleciano (284-305), mais



3. Cabeça de Constantino, primeiro imperador cristão e fundador de Constantinopla. Mármore.

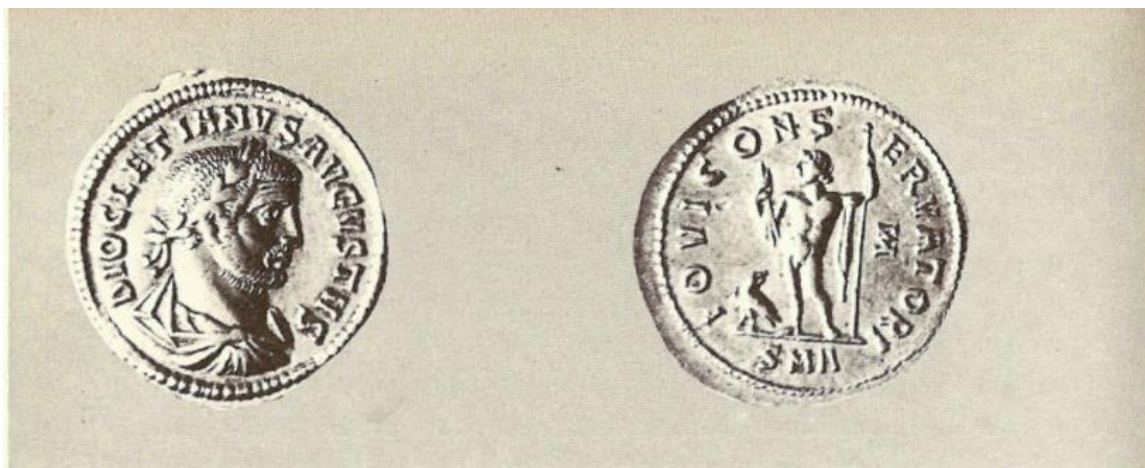
notável como administrador do que como militar, conquistou sucessivamente, na carreira oficial romana (*cursus honorum*), todos os postos da hierarquia, desde os mais baixos aos mais altos. Durante os anos em que se manteve á frente da administração imperial foi-lhe dada a oportunidade de observar os males que afectavam o Estado, chegando, assim, ao trono rico da experiência necessária aos reformadores bem sucedidos. Constantino, seu sucessor, embora havendo ascendido por meios violentos, também procedeu a reformas, e o seu reinado foi, em muitos aspectos, o complemento do de Diocleciano. As reformas associadas dos reinados destes dois monarcas durante meio século não representam uma simples excepção no desenvolvimento geral do século III. O predecessor imediato de Diocleciano já obtivera alguns sucessos, embora modestos, na tarefa por ele iniciada de dominar o caos administrativo, económico e político. Foram, no entanto, Diocleciano e Constantino que mediram a gravidade do declínio e levaram a bom termo a operação regeneradora por meio de reformas institucionais em grande escala. As suas medidas não foram promulgadas e postas em vigor em todo o império de uma só vez; apareceram a pouco e pouco durante as cinco décadas e meia que separam a ascensão de Diocleciano da morte de Constantino.

Tinha-se tornado evidente a Diocleciano que o seu grande império, tão perturbado por problemas internos e ataques do exterior, não poderia já ser governado por um único chefe com os meios administrativos até então usados. Criou, por conseguinte, a instituição da tetrarquia, na esperança de que dois augustos e dois césaes teriam êxito onde um só augusto falhara. Em 286 escolheu Maximiano para augusto do Ocidente e, em 293, quando nomeou Constâncio e Galério césaes do Ocidente e do Oriente, a reforma tetrárquica estava terminada. Esta novidade institucional foi bem sucedida durante o reinado de Diocleciano e deu ao império um governo mais eficiente e uma melhor defesa das fronteiras contra os ataques de fora.

O estabelecimento da tetrarquia relacionava-se com outro problema: o engrandecimento e estabilização da dignidade imperial

no reino. Diocleciano supusera que o sistema de dois governantes superiores, secundados pelos seus césaes e herdeiros, poria certamente fim à usurpação dos ambiciosos. Maior significado tinha a tentativa de intensificar o respeito pela autoridade imperial, mediante a orientalização da monarquia. Esta orientalização vinha-se acentuando ao longo do século III como mostravam as atitudes pueris de Heliogábalo ou as moedas de alguns imperadores, como Geta e Aureliano. Além disto, certos elementos de monarquia absoluta estavam de há muito presentes na tradição política grega. Posteriormente, Justiniano, atribuindo as origens da soberania imperial à acção do Senado Romano em 24 a. C, libertou os augustos da obrigatoriedade das leis, transferindo, assim, a soberania do povo para o governante. Mas, mesmo que, neste período remoto, houvesse um elemento divino por detrás da *auctoritas* dos augustos, foi no século III que o *princeps* se viu transformado em monarca divino, absoluto, de tipo oriental. A obra de Diocleciano completou a transformação. *Proskynesis* ou *adoratio* (a cerimónia oriental de genuflexão ante a divindade), vestes de púrpura, diademas enfeitados com jóias, cintos e ceptros tornaram-se atributos permanentes da tradição imperial. O imperador, chefe por graça divina, era a única fonte da lei. A segregação do monarca, prática oriental destinada a afastar a sua pessoa do contacto com os profanos, era cuidadosamente equilibrada pelas faustosas cerimónias cortesãs nas quais estadeava o seu poder e glória ante os cidadãos e os áulicos. A conversão de Constantino ao Cristianismo carecia, é certo, de uma adaptação do culto imperial às exigências de um monoteísmo rigoroso. Dessa adaptação resultou a realeza bizantina que era, no entanto, para todos os efeitos, a mesma que surgira no reinado de Diocleciano. O imperador (como amigo de Cristo) e o seu império (imagem do reino dos Céus) eram divinamente inspirados e protegidos. As formas orientais do cerimonial cortesão tornaram-se das mais características dos costumes bizantinos.

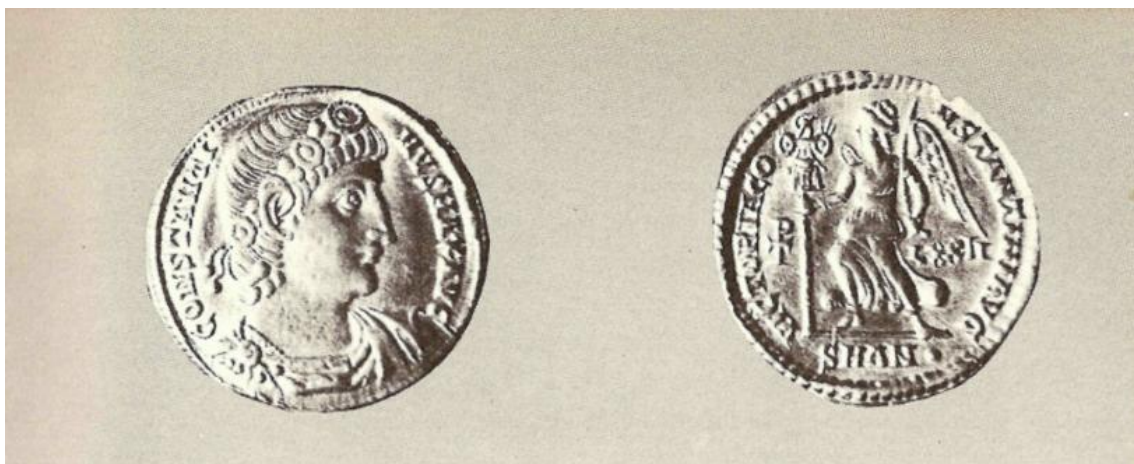
As medidas administrativas e militares de Diocleciano e de Constantino destinavam-se a fortalecer a disciplina interna e a defender o império contra os ataques de fora. A principal



4, 5. Aureus, moeda de ouro de Diocleciano, cunhada a 60 libras, como se pode ver no anverso.

ameaça contra o poder imperial era, porém, mais de natureza interna do que externa, e a este problema era dada prioridade. A grande e extensa máquina burocrática estava centralizada no consistório imperial, formado pelos mais altos funcionários administrativos e financeiros da corte que, como o imperador, tratavam não só de assuntos de rotina administrativa como também de alta política. As reformas de Diocleciano e de Constantino enfraqueceram, nas províncias, os rebeldes em potência, porque retiraram das mãos dos funcionários as grandes concentrações de poderes. Como o poderio de determinado funcionário estava directamente relacionado com a superfície e riqueza da área que governava, o número de províncias duplicou, mas o seu tamanho diminuiu. Mais radicais foram as medidas complementares que, separando fortemente a autoridade civil da militar, deixavam peados, sem remédio, os funcionários provinciais que pensassem em rebelar-se.

A defesa contra os Persas e os Germanos não era, no entanto, apenas um problema de ordem militar, mas também de centralização imperial. Mantiveram-se as velhas e tradicionais fronteiras militares e políticas do passado romano. O imperador reparou as antigas fortalezas e muralhas fronteiriças, construiu novos fortes e os *limitanei* (ou milícia da fronteira) conservaram os postos defensivos no Reno, Danúbio e Eufrates. Como este sistema antiquado já não era suficiente para conter os ataques dos Germanos e dos Persas, foi adoptado o princípio da defesa militar em profundidade. Os imperadores criaram exércitos de



6, 7. *Solidus de ouro de Constantino, cunhado a 72 libras como se indica no anverso.*

campanha, dotados de grande mobilidade, aquartelados no coração das províncias, de preferência nas fronteiras. Estes exércitos, na Anatólia ou nos Balcãs Centrais, podiam proteger a vida provincial contra a pilhagem dos Bárbaros que irrompiam através das fronteiras ou ser utilizados no reforço destas. Na capital, as tropas de escol que acompanhavam o imperador foram acrescidas de novos elementos. Mesmo na constituição dos exércitos se aplicou o princípio da separação de poderes, destinado a proteger o imperador contra a insubordinação, pelo que foram separados os comandos superiores da cavalaria e da infantaria.

As reformas dos fins do século III e princípios do século IV aumentaram extraordinariamente as despesas do Estado em virtude do considerável alargamento dos quadros do pessoal burocrático e militar. Esta situação levou Lactâncio a lamentar que o número dos beneficiários houvesse começado a ser maior do que o dos contribuintes. Os crescentes gastos financeiros dos fins do século passaram a exceder em muito o que uma economia já bastante apertada podia suportar. O aviltamento da moeda e a inflação no período precedente haviam criado a confusão entre os salários do Governo (que eram largamente fixados) e os preços: o famoso edicto dos preços (301 d. C.) testemunha as preocupações do Governo e também o seu fracasso ao fixar o custo de vida. Se o Estado queria sobreviver, era imperioso que a sua economia se harmonizasse com a dura realidade, e foi isto precisamente o que Diocleciano conseguiu.

Compreendendo a insuficiência das taxas que o Governo cobrava em dinheiro Diocleciano restabeleceu as antigas contribuições em espécie, as *annanae*, que haviam dado aos exércitos o suficiente para as suas necessidades materiais. As *annonae*, primitivamente taxas extraordinárias, foram, a partir de então, aplicadas, como anuidades, à população rural.

O novo sistema tributário liberta o Governo das vicissitudes da desvalorização da moeda e da flutuação de preços, visto agora pagar aos funcionários e tropas prodigamente, em alimentos e vestuário. Por outro lado, força-o também a manter os camponeses ligados à terra, para a cultivarem, bem como a uma valorização sistemática do solo arável, dos tipos de produção agrícola e da população. A máquina dos impostos agora inventada estava destinada a ter longa vida no Império Bizantino, e viria a afectar o esquema tributário do mundo islâmico. O novo sistema permitiu ao Governo elaborar um orçamento anual baseado na produção agrícola do império. Parecia, no entanto, que nem Diocleciano nem Constantino tencionavam abandonar totalmente a economia monetária. Ambos procederam à reforma monetária mediante a emissão de moedas de prata e de ouro. Constantino adoptou a moeda de ouro de Diocleciano (cunhada a 60 libras) e cunhou o *solidus* a 72 libras, que viria a ser a moeda de troca internacional por excelência até ao século VIII, altura em que compartilhou essa honra com o dinar de ouro dos Árabes. De cinco em cinco anos, os comerciantes e os industriais das cidades, libertados das *annonae*, pagavam uma taxa em dinheiro chamada *chrysargyron*.

Foi no campo da religião que a política dos dois imperadores divergiu mais fortemente pois Diocleciano manteve-se pagão enquanto Constantino abraçou o Cristianismo. A vitória do Cristianismo deve entender-se, sobretudo, à luz de dois factores históricos. Primeiro, o Cristianismo era um desses cultos misteriosos do Oriente que, devido à sua mensagem e organização, e em virtude das condições peculiares do inundo romano do século III, desempenhara papel de relevo na transformação do clima emocional dos países mediterrânicos. Especificamente,

a vitória do Cristianismo, mais do que a de qualquer outra religião oriental, foi em grande parte devida ao favor com que Constantino e os seus sucessores o olhavam. O Cristianismo existia já há trezentos anos antes de Constantino e, mesmo na altura da conversão do imperador, era a religião de uma escassa minoria do mundo mediterrânico. Triunfante mercê do apoio do Estado, como sucedeu na Pérsia sassânida, onde o soberano protegia a religião de Zaratustra, o Cristianismo ficou sendo uma religião minoritária. No Egipto e na Síria, onde se espalhara e florescera, a conquista árabe provocou o seu declínio e a expansão do Islâmismo. De igual modo, a conquista turca da Anatólia e a preponderância latina no Sul da Itália e na Sicília levaram à substituição do cristianismo grego pelo Islamismo e cristianismo católico, respectivamente, ao passo que, talvez, o exemplo mais interessante do princípio *cuius régio eius religio* houvesse sido a Península Ibérica, onde o Cristianismo e o Islamismo alternavam com os sucessos militares árabes e cristãos.

Desde os fins do século I até ao momento em que Constantino começou a proteger o Cristianismo, a recompensa que o Estado oferecia aos que professavam essa religião era a morte. Praticamente, porém, embora o estatuto legal do Cristianismo não tivesse sido alterado, os cristãos eram tolerados, e nos fins do século II e princípios do III, não só contavam com prosélitos entre as classes superiores como eram reconhecidos parte integrante da sociedade do império.

A «paz» entre o Estado romano e a Igreja Cristã foi, todavia, violentamente perturbada pelos acontecimentos do século III, que levaram ao trono homens de uma nova geração. Eram estes os imperadores — soldados da Ilíria que, para salvar o Estado, pensavam que deviam adoptar as velhas práticas e costumes religiosos.

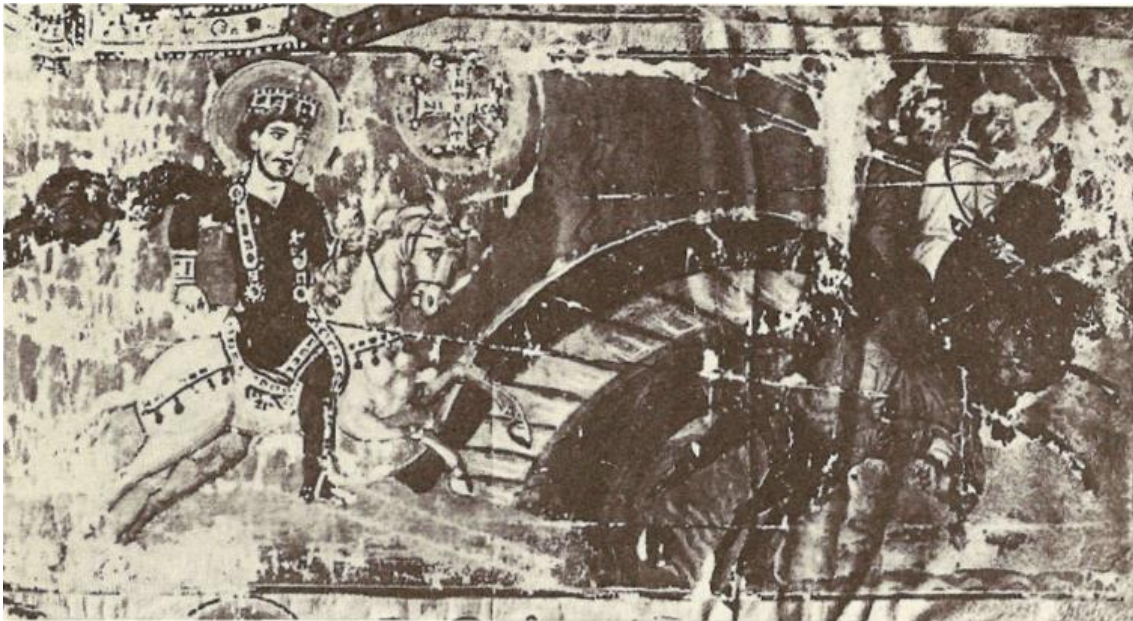
Esta revivescência do paganismo romano reactivou a amortecida hostilidade entre o Estado e os cristãos. Quando Décio perseguiu os cristãos, nos anos de 249 a 251, não o fez tanto por desprezar o Cristianismo como religião, mas porque os cristãos se recusavam sacrificar aos deuses, e por sentir que a segurança

do Estado só poderia ser conseguida mediante orações aos deuses dirigidas. Deste modo, a perseguição de Décio foi mais de carácter político do que religioso. O imperador Valeriano renovou as medidas discriminatórias, apostado em destruir a vida social da Igreja. Quando caiu, vitimado pelos Persas, os cristãos exultaram com a sua boa sorte, e Galiano, seu filho, prontamente devolveu à Igreja os bens confiscados. A partir desta altura, a perseguição dos cristãos pelo Estado cessou, mais ou menos, até ao reinado de Diocleciano, e muitos deles passaram a desempenhar cargos públicos.

O próprio Diocleciano respeitou a «paz» com os cristãos durante a maior parte do seu reinado. Talvez se tivesse contentado com o *status quo* se não fosse o seu César Galério. Mas este, apoiado por um círculo de pensadores neoplatónicos, era adversário pertinaz da Igreja, e fez tudo quanto podia para persuadir o seu Augusto a actuar contra os cristãos. Uma série de incidentes, com ou sem razão atribuídos aos cristãos, e a anuência do oráculo de Apoio de Mileto, levaram Diocleciano à concordância com o seu César. O imperador e Galério publicaram entre 303 e 304 quatro edictos que renovavam a perseguição da Igreja pelo Estado. Deviam destruir-se os templos cristãos, as Escrituras e os livros litúrgicos. Os cristãos, considerados fora da lei, não podiam reunir-se. Condenavam-se à morte todos os homens, mulheres ou crianças que se recusassem a sacrificar aos deuses. Devido a terríveis perseguições, muitos abandonaram o Cristianismo. Mas foi tal o número dos que mantiveram a fé que encheram as prisões e cadeias, de maneira que não havia nelas lugar para os criminosos. Em 303, quando Diocleciano festejou em Roma o seu vicénio, deu ordem para que todos os prisioneiros cristãos fossem obrigados a sacrificar, maneira de se despejarem as prisões. Galério abandonou, de facto, a perseguição em 311, devido a uma doença fatal, que atribuía a vingança do Deus cristão, e, surpreendentemente, fez publicar um edicto de tolerância. A situação legal do Cristianismo só se tornou definitiva, no entanto,



8. Constantino apresenta um modelo da cidade à Virgem. Pormenor de um mosaico de Santa Sofia. Fins do século X.

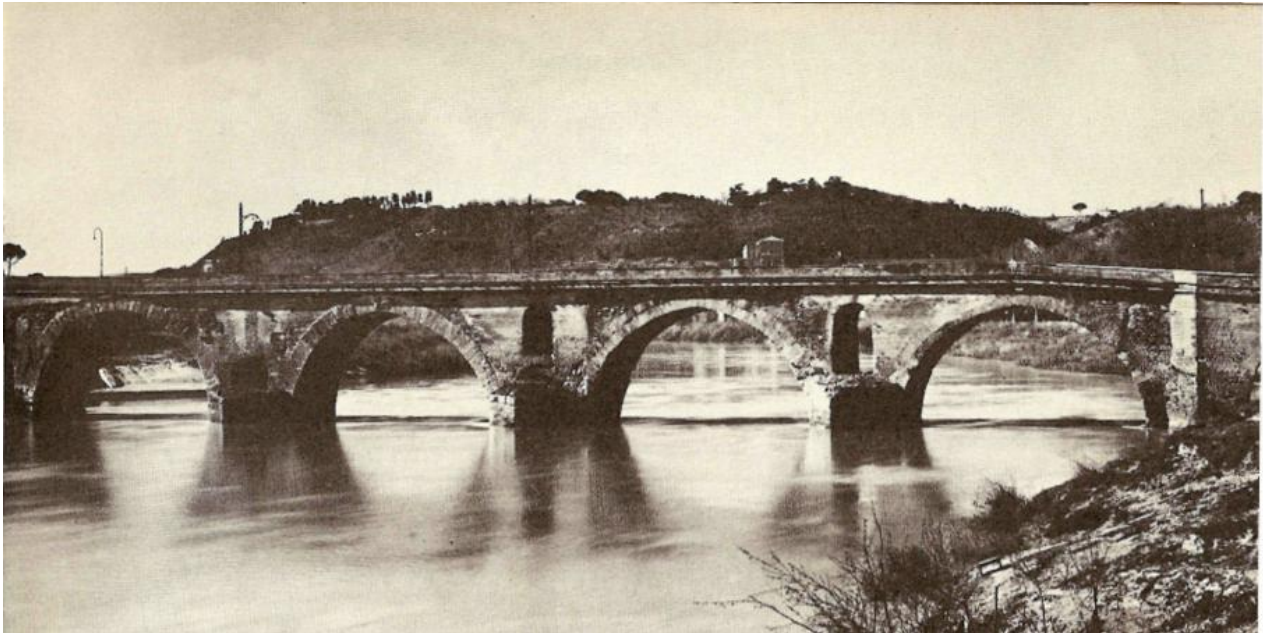


9. *Constantino comanda as tropas na Batalha da Ponte Milvius travada em 312. De um manuscrito do século IX.*

quando Constantino afastou os seus rivais políticos. Maxêncio em 312, e Licínio em 324. Ansioso por pôr termo ao conflito com Maxêncio, exultou quanto viu que o Deus cristão mostrava apoiá-lo na luta que se avizinhava. O aparecimento, no Céu, da Cruz, com a legenda «Por este sinal vencerás», e a visão na qual Cristo o aconselhava a empunhar o lábaro, deram-lhe confiança no auxílio divino que, posteriormente, lhe pareceu justificado graças aos resultados obtidos. O imperador não aceitou logo a causa exclusiva do Cristianismo; mas o clero ficou tão satisfeito com a nova face dos acontecimentos que não pôs objecções às práticas pagãs que Constantino manteve.

Foi, sem dúvida, a derrota que infligiu a Maxêncio na Batalha da Ponte Milvius que marcou o início da vitória final do Cristianismo, porque, embora não houvesse sido adoptado como religião exclusiva do Estado, gozava agora da preferência imperial. Constantino tornou-se generoso protector da Igreja, que passou a sustentar com valiosas ofertas e privilégios, ao mesmo tempo que confiscava os tesouros dos templos pagãos.

A Igreja adquirira milagrosamente um patrono magnânimo, mas aceitara, simultaneamente, um poderoso senhor. A tradição do imperador romano como *pontifex maximus* manteve-se,



10. *A Ponte Milvia, na actualidade. A batalha que aqui se travou, em 312, foi decisiva na história da Cristandade.*

de forma modificada, no césaro-papismo bizantino. Convencido de que a unidade e a sobrevivência do império dependiam da unidade da Igreja, Constantino usou do seu poder e prestígio na tentativa de sanar as disputas que agora surgiram entre os bispos. Quando quis pôr termo ao conflito donatista, viu-se obrigado, ante as reclamações dos príncipes da Igreja, a reunir um concílio, a exilar prelados, a empregar a violência. A atitude que tomou na controvérsia ariana mostra a amplitude do seu cesarismo. Foi ele quem tomou a iniciativa de reunir um concílio ecuménico, quem trouxe os bispos a Niceia e os manteve a expensas do Estado, quem presidiu, orientou as deliberações e levou os prelados a aceitarem as soluções teológicas que defendia. Constantino imprimiu a sua marca indelével nas relações entre a Igreja e o Estado, no Oriente.

O imperador tornou-se o chefe da Igreja. Embora patriarcas poderosos, imperadores fracos e circunstâncias excepcionais pudessem, temporariamente, fazer inclinar a balança para o lado da Igreja, a existência de um Estado centralizado permitia ao imperador sujeitá-la à sua vontade.

A manifestação mais clara da mutação do regime administrativo foi o abandono de Roma como capital do império. Embora



11. *Constantinopla no período de maior extensão e prosperidade (séculos IX-XI).*

Milão a tenha substituído como centro imperial do Ocidente, a principal residência do imperador veio a ser fixada no Oriente. Diocleciano escolheu Nicomedia; Constantino, Constantinopla. A escolha destas duas cidades gregas mostra que o centro de gravidade político do império se deslocara para Oriente. Não seria senão no reinado de Carlos Magno que um centro político de magnitude comparável cristalizaria no Ocidente. Ao traçar os limites da nova cidade, Constantino iniciava a fundação de uma metrópole que se ia tornar o maior centro urbano da Europa medieval e atingir na História uma fama que poucas cidades conseguiriam conquistar. Não quis que a nova Roma fosse, em coisa alguma, inferior à velha. Organizou um Senado. Deu aos cidadãos pão e jogos gratuitos. Foi pródigo na construção



No primeiro plano o mar de Mármara; atrás da cidade vê-se o famoso Corno de Ouro.

de igrejas e edifícios públicos. Despojou cidades e templos de mármore e estátuas para ornamentar a nova cidade.

Causas históricas e geográficas haviam feito de Roma uma capital ineficiente. Em contraste com ela, Constantinopla estava estrategicamente localizada, a meio caminho entre as fronteiras vulneráveis do Danúbio e as do Oriente, entre as principais reservas militares dos Balcãs e da Anatólia. As províncias orientais eram mais populosas do que as do Ocidente. Mais importante era, também, o seu desenvolvimento urbano e industrial. Comercialmente, a nova cidade dispunha do melhor porto natural do mundo medieval. O Corno de Ouro, livre de correntes e ventos, era uma extensa massa de água que podia acomodar grande número de navios. Situado no lugar de cruzamento das

vias marítimas e terrestres que ligavam o Oriente com o Ocidente, o Sul com o Norte, a cidade viria a ser o maior empório comercial da Europa durante muitos séculos. Sedas chinesas, especiarias do Oriente, trigo do Egipto, escravos do Ocidente e peles do Norte dão a medida do carácter internacional do mercado de Constantinopla. As águas imediatamente adjacentes à cidade eram (e ainda o são) riquíssimo campo de pesca, fonte perene de sustento dos habitantes. A localização não só dava a Constantinopla extraordinária vitalidade económica como também a tornava inexpugnável. Protegida por três lados pelas águas e rodeada de eficiente sistema de muralhas terrestres e marítimas, a capital estava segura contra ataques vindos de terra ou do mar. Através de uma longa história, o império conseguiu sobreviver à perda virtual, ou, pelo menos, à ocupação das suas províncias mais vulneráveis por inimigos poderosos. A impossibilidade de os assaltantes tomarem este bastião central (1204 e 1453 são excepções) permitia aos Bizantinos a escolha da ocasião oportuna para o contra-ataque bem sucedido. Uma condição final que, juntamente com outras, teria levado Constantino a fundar Constantinopla, seria o desejo de cortar com o passado pagão e consolidar o império sobre alicerces cristãos. Constantino promove a consagração da nova capital em 330. Esta solenidade marca o fim de meio século de reformas importantes. Com raízes nas desordens do século III, as reformas realizadas institucionalizaram os esforços isolados para modificar a sociedade romana. O que surgiu foi visto de diversas maneiras: monarquia absoluta; império oriental; estado corporativo. É inegável que estavam presentes elementos das três feições, porque o basileus (imperador) por graça divina, presidia a uma administração altamente centralizada, a cujas malhas mio escapava a vida social e económica de cada súbdito.

AMEAÇA DOS BÁRBAROS

O império, reformado e revitalizado, foi submetido a uma prova difícil e violenta pela crise que começou em fins do século IV e se estendeu através do século V. Precipitou esta crise o pavor



12. *Teodósio (379-395), último imperador, simultaneamente, do Ocidente e do Oriente, preside aos jogos em Constantinopla. Relevo da base de um obelisco, c. 390.*

que os Hunos espalharam entre os Godos. Estes, recém-chegados à cena europeia, eram os primeiros de uma longa lista de conquistadores nômadas que iam aterrorizar as sociedades sedentárias dos mundos cristão e islâmico. Começada com os Hunos e mantida durante cerca de um milénio, a contínua pressão dos povos altaicos nas terras desertas da Ásia Central, levou à deslocação periódica, para Ocidente, de Búlgaros, Ávaros, Ptzinaques, Uzos, Cumanos, Selingues e Mongóis. Estas tribos altaicas que se haviam formado devido a perturbações políticas, geográficas e climáticas da Ásia Central, puseram em confronto, não só os Bizantinos mas também os aguerridos Godos com um sistema militar eficiente, impiedoso e terrível.

Os Hunos, forçados a abandonar a Ásia Central, apareceram, primeiro, na Rússia Meridional, onde dispersaram os Alanos

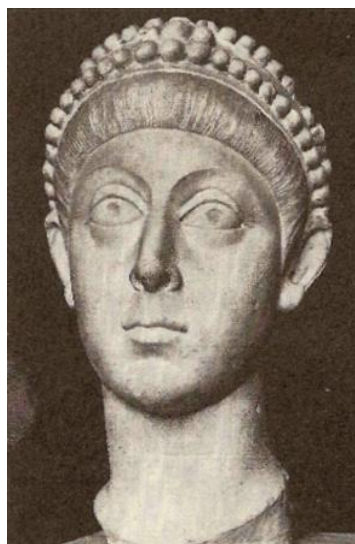


13. Neste mosaico da Igreja de Santo Apolinário Novo, em Ravena, vêem-se alguns barcos no porto da cidade de Classis.

e destruíram o Estado dos Ostrogodos. Finalmente, obrigaram os Visigodos a procurar refúgio no Império Bizantino, depois de os haverem derrotado junto do Dniestre. Em 375, os Visigodos pediram asilo, na região a sul do Danúbio, a Valente. O imperador, não se apercebendo dos problemas que a presença de uma nação inteira em armas causaria, deu o seu consentimento. Quando, porém, os Visigodos começaram a entrar no território bizantino, as autoridades imperiais não estavam preparadas para prover ao aprovisionamento e policiamento das hostes bárbaras. Tornando a situação ainda mais grave, Lupicino, o *comes* (conde) da Trácia, começou a explorar os apavorados Godos e a escravizar os seus familiares em troca de alimentos. Os bárbaros famintos assolaram os Balcãs, e cedo Valente teve de lhes fazer frente, com as suas forças, nos arredores de Andrinopla, em 378. O combate, no qual Valente e talvez cerca de dois terços das forças imperiais pereceram, redundou em tremenda derrota para o império. Os bárbaros, porém, mostraram-se incapazes de explorar o sucesso e, quando apareceram diante de Andrinopla, Perinto e Constantinopla, estas cidades gregas, bem fortificadas, aguentaram a arremetida.

A ascensão do espanhol Teodósio I levou ao trono um enérgico imperador-soldado que, embora mal sucedido no afastamento da ameaça visigoda, deu ao vacilante império um período

14, 15. Governantes do Oriente e do Ocidente. O general vândalo Estilício (à esquerda) era a verdadeira força por detrás de Honório. À direita, cabeça de mármore que se presume ser de Arcádio, imperador do Oriente.



de repouso bem necessário. Firme na posse das cidades fortificadas, Teodósio teve de pôr cobro aos assaltos dos Visigodos, que desolavam as áreas rurais. Em 382, permitiu-lhes instalarem-se legalmente na Baixa Mésia, como tropas federadas (*foederati*), e, quando abandonaram a Dácia, os Hunos ocuparam-na sem oposição. Teodósio, grande admirador das suas qualidades marciais, acolheu muitos visigodos nos exércitos imperiais. Foi, porém, um passo perigoso, cujas consequências ficariam na história dos anos seguintes. O rei visigodo Alarico conseguiu obter o alto cargo de *magister militum* por haver burlado o Governo com os seus assaltos à Tessália e ao Peloponeso. A disputa entre Arcádio, imperador do Oriente, e Estilício (general vândalo que era, na realidade, o governador do império no Ocidente) sobre a posse da Ilíria aumentou grandemente as esperanças de Alarico. Embora havendo-o derrotado por duas vezes na Grécia e outras tantas na Itália do Norte, hesitou Estilício em liquidar os Visigodos devido à questão com Arcádio sobre a Ilíria. Morto o general, Alarico foi bem sucedido na devastação da Itália e no saque de Roma (410). Esperava este chefe bárbaro, que passeou as suas hordas por todo o império à luz clara da História, fazer a travessia para África e instalar ali os seus sequazes. Morreu, porém, prematuramente, e um dos seus sucessores, Kállia, conduziu os Visigodos para o Norte e instalou-os na Gália Meridional, onde o imperador lhes confiou a missão de expulsar da Península Ibérica os bárbaros aqui instalados recentemente.

Estes bárbaros, Suevos, Alanos e Vândalos, haviam-se aproveitado da luta entre Estilício e Alarico e da questão sobre a província da Ilíria para, devastando e saqueando, marcharem através da Gália a caminho da Península Ibérica. Aqui, o chefe vândalo Genserico recebeu um convite do governo bizantino de África, que se revoltara, para o auxiliar, com a promessa, em troca, de lhe conceder metade das províncias africanas dependentes de Bizâncio. Em 429, barcos imperiais conduziram os Vândalos e os Alanos à costa de África e, em 439, Genserico tomava Cartago. A sua audácia aumentou rapidamente com os



16. Moeda de ouro de Teodorico, o Grande, rei ostrogodo da Itália. Nominalmente representante do imperador bizantino, era de facto um poderoso monarca independente.

sucessos obtidos, e culminou com o saque de Roma (445) e o assalto ao longínquo Peloponeso (465).

A península itálica, bastante isolada devido ao estabelecimento dos Visigodos a Noroeste e dos Vândalos ao Sul, tornou-se presa fácil de outro povo germânico, os Ostrogodos. Este povo tinha sido instalado pelo Governo imperial, como *foederati*, na Panónia Setentrional, fronteira da Itália, após o desmembramento do império de Átila, em 452. Quando, em 476, o germânico Odoacro depôs o último imperador do Ocidente, o dirigente bizantino Zenão encarregou o chefe ostrogodo Teodorico de invadir a Itália e de substituir a autoridade local... «até que ele chegasse». Zenão, afinal, não chegou a vir o, em 493, Teodorico formou o reino ostrogodo. Com o estabelecimento dos Borguinliões e Francos na Gália e dos Saxões na Inglaterra, terminava, no Ocidente, o desmembramento do império e surgia das suas ruínas um enxame de reinos germânicos.

É curioso observar como foi do Oriente que, primeiramente, partiu a ameaça germânica, no seu aspecto mais violento. Tanto os Visigodos como os Ostrogodos ameaçaram o Oriente, mas, não obstante, os seus sucessores foram forçados a deslocar-se para o Ocidente e, embora o Ocidente tenha resistido e pudesse, até, ter sobrevivido com Estilicão, ruiu, depois da sua morte.



17, 18. *Arte copta, sacra e profana. Bordado de lã, representando uma dançarina (à esquerda); pintura mural da Virgem com o Menino (à direita).*

O que explica a sobrevivência do Oriente é a riqueza dos seus recursos materiais e espirituais. Os Balcãs suportaram o embate inicial do *furor teutonicus* e os Germanos não conseguiram destruir a riqueza e a capacidade de produção da Anatólia, da Arménia, do Cáucaso, da Síria e do Egipto. É impressionante a força que a avançada sociedade urbana do Oriente deu ao império. Esta sociedade resistiu, também com sucesso, à imposição das instituições dos Bárbaros, que pretendiam germanizar os exércitos e arrastar a burocracia para o seu lado. Quando o general godo Gainas tentou usurpar o poder em Constantinopla, despertou um nacionalismo que igualava em ferocidade o do século XIX. Sinésio, intelectual grego da província da Cirenaica, advertiu o imperador de que admitir germanos no exército o mesmo era que meter os lobos no redil. Baseado



19. *Palácio de Teodorico, com a cidade de Ravena ao fundo. Mosaico da Igreja de Santo Apolinário Novo.*

na velha teoria helénica de que Gregos e Bárbaros eram de espécies diferentes e de que a sua união contrariava a natureza, sugeriu que, se não fosse possível fazê-los voltar para além do Danúbio, de onde tinham vindo, deveriam ser postos a trabalhar nos campos.

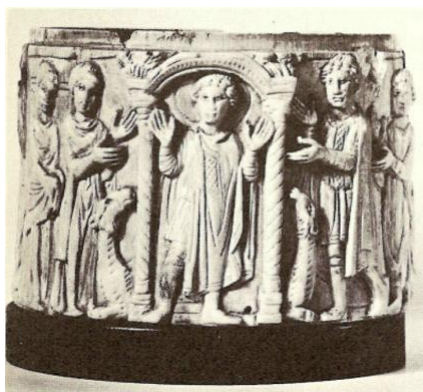
Os godos da Anatólia, que haviam estado ao lado de Gainas, foram derrotados pelos habitantes da cidade e, quando Gainas e os seus godos abandonaram finalmente Constantinopla, os cidadãos chacinaram vários milhares de bárbaros, à medida que iam partindo.

O Oriente sobreviveu porque tinha homens, recursos e o desejo de sobreviver. O Ocidente, inferior ao Oriente em riqueza e capacidade, ficou ainda mais debilitado devido ao colapso da administração e da máquina militar.

CRISE DOS SÉCULOS IV E V

Libertado dos Germanos, o Oriente enfrentava, contudo, problemas religiosos que quase conseguiram destruí-lo, intento que os Germanos não tinham logrado, problemas que não existiam em tão alto grau no Ocidente. O Cristianismo alastrara consideravelmente após a conversão de Constantino, pois, no século que se seguiu à sua morte, todos os governantes, à excepção de Juliano, foram cristãos fervorosos. Por outro lado, a evolução das instituições eclesiásticas anteriormente a 312 dera ao Cristianismo um órgão administrativo, cuja eficiência desempenhou papel importante na sua resistência à perseguição e, depois, no seu expansionismo. Este organismo, com o episcopado no topo e descendo através de várias categorias de clero menor, formava uma pirâmide hierárquica que o neófito tinha de subir desde a base para atingir qualquer lugar cimeiro. Embora muitos bispos concebessem as suas funções à luz do Velho Testamento, a influência da administração imperial sobre a estrutura da Igreja era óbvia.

Se, contudo, o alastramento do Cristianismo implicava contacto com o mundo, a reacção a esta circunstância, combinada com o ascetismo do Novo Testamento, deu origem ao monaquismo. O monaquismo eremítico de Santo Antão e as regras cenobíticas de São Pacómio, no Egipto, representam a cristalização do ideal ascético da Igreja. Embora os dois tipos de monaquismo se tivessem espalhado através do Império Bizantino, foi providencial ter São Basílio adoptado a regra de Pacómio. Este acto fez com que as energias e o poder do movimento monástico viessem a redundar em benefício da sociedade.



20. *São Menas, representado nesta caixa copta de marfim (século VI), foi um mártir egípcio das perseguições de Diocleciano.*

Outro resultado do crescimento da Igreja foi a rivalidade de certas sés episcopais entre si. Um dos grandes problemas de qualquer federação é a dificuldade em reconciliar a igualdade teórica de todos os membros com o facto real de que, obviamente, alguns são mais importantes do que outros. No século V esta rivalidade tornou-se bastante grave, pois se, por um lado, os bispos de Alexandria e de Roma não viam com bons olhos o aumento da proeminência dos de Constantinopla, os bispos de Antioquia, por outro, tentavam, em vão, pôr termo às pretensões do episcopado de Jerusalém. Por detrás da luta crescente entre as igrejas de Constantinopla e de Roma estava o princípio de que a categoria e importância de um bispado na administração eclesiástica dependia do tamanho e importância da cidade na administração civil. Precisamente porque os bispos da Velha Roma tinham desfrutado de uma posição de proeminência eclesiástica, pois Roma fora a capital do império, assim agora o prelado de Constantinopla reclamava a honra de uma posição semelhante, visto ser o bispo da Nova Roma. Foi em resposta a estas exigências de Constantinopla que o papa Dâmaso expôs a doutrina da supremacia *Petrina*, em fins do século IV.

O grande mérito intelectual da Igreja nos séculos IV e V consistiu em dar ao Cristianismo o apoio de uma teologia. O homem moderno, na maior parte dos casos, vê na teologia pouco mais do que a especulação irrelevante de uma casta sacerdotal, neutralizada e ultrapassada pelo avanço do pensamento científico. Na sociedade bizantina, porém, era dominante a preocupação teológica. A teologia parece ter sido tema favorito das conversas, mesmo entre os simples habitantes de Constantinopla. Gregório de Nissa observou, quando da sua visita à capital, que as pessoas discutiam os mais difíceis problemas teológicos. «Se se pergunta a alguém quantos óbolos custa determinada coisa, responde-vos dogmatizando sobre o nascido e o não nascido. Se desejais saber o preço do pão, observam-vos que o Pai é maior que o Filho e que o Filho lhe está subordinado. Se a vossa pergunta for: o meu banho está pronto?, replicar-vos-ão que o Filho nasceu do nada!»



21. 22. Retratos de Justiniano e Teodora na Igreja de São Vital, em Ravena. Mosaicos.

A paixão dos Gregos pela lógica e pela especulação ressalta largamente das controvérsias teológicas do tempo. Pode até dizer-se que a teologia representou a sublimação crista deste gosto. As actas dos quatro primeiros concílios ecuménicos contêm as conclusões que os teólogos gregos, utilizando a lógica grega, extraíram da doutrina cristã. O esforço despendido nesses concílios para esclarecer o conceito de Cristianismo foi, no entanto, muito importante, quer do ponto de vista político quer religioso, visto, eventualmente, haver provocado o desacordo da Síria, Palestina e Egipto. Assim, quando Constantino afirmou que Deus exigia a unidade e o bem-estar da Igreja, como preço da prosperidade do Império, foi, de certa maneira, profético. Na realidade a existência, no Império Bizantino, de um imperador, de uma administração e de uma Igreja constituiu o elemento aglutinador que manteve as populações multinacionais unidas. A controvérsia sobre a Trindade que o sacerdote alexandrino



Ario desencadeou quando garantiu que Cristo era menos do que Deus, absorveu teólogos e imperadores durante cerca de meio século. O Concílio de Niceia condenou as doutrinas de Ario em 325, mas, como Constando o apoiava, o Governo não renegou a heresia senão em 381, data em que Teodósio I convocou o Concílio ecuménico de Constantinopla. Neste, os teólogos formularam o credo, até à pouco recitado na maioria das igrejas cristãs. Afirmando a divindade indivisa da Trindade, os bispos condenaram um certo Apolinário de Laodiceia, que afirmava não ser Cristo um homem integral, visto, na encarnação, haver tomado apenas a alma sensitiva do homem, mas não a alma intelectual.

O arianismo baixava gradualmente no Oriente, cedo substituído pela controvérsia cristológica. Esta nova disputa, nascida dos ensinamentos diferentes das duas escolas teológicas de Antioquia e de Alexandria, tornou-se mais complicada devido às ambições eclesiásticas dos vários participantes. Cirilo, patriarca de Alexandria, lançou contra Nestório, patriarca de Constantinopla, um violento ataque, que culminou no Concílio de Éfeso (431) por ele presidido e apoiado pelos seus indisciplinados partidários egípcios.

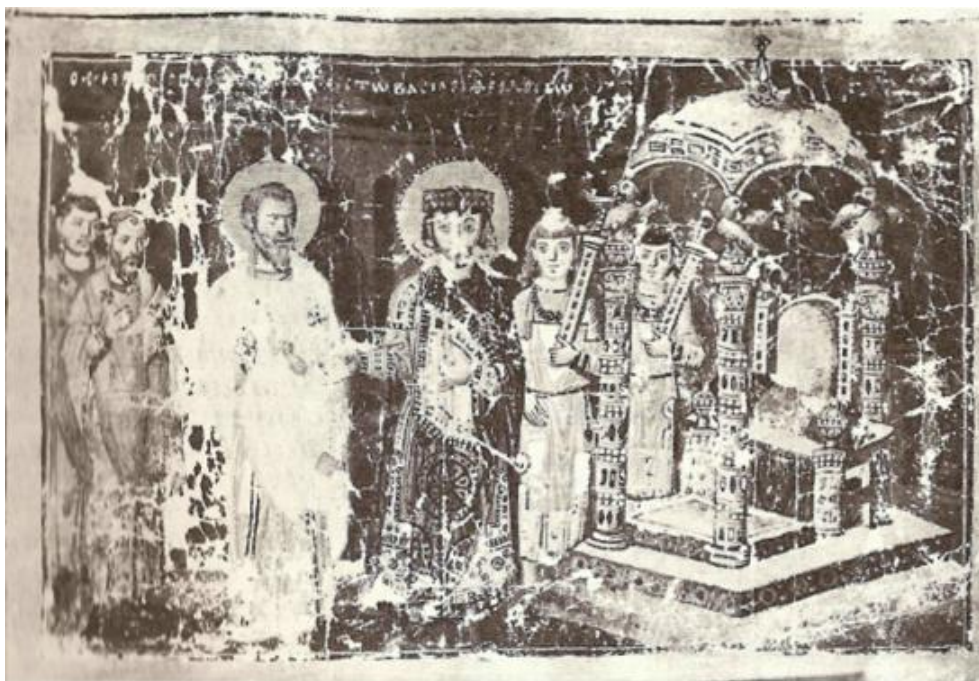


23. *Juliano, o Apóstata, cerca Ctesifonte, capital do Império Sassânida, no decorrer da campanha de 362-363.*

Não é de surpreender que tenha condenado Nestório e, ao fazê-lo, emitir o parecer de que em Cristo se dava a fusão de duas naturezas, a humana e a divina. Embora, evidentemente, Nestório não aceitasse as doutrinas que lhe atribuiu Cirilo, a heresia que tomou o seu nome acentuou o conceito da natureza humana de Cristo, em prejuízo da sua natureza divina. O outro extremo da posição cristã, insistindo no divino a expensas do humano, foi a característica saliente de nova heresia cristológica, o monofisismo. Os sequazes egípcios de Cirilo, distorceram a sua doutrina da união das duas naturezas e declararam que, embora houvesse duas naturezas antes de esta união em Cristo depois passara a haver apenas uma, a divina. O IV Concílio ecuménico de Calcedónia condenou a doutrina monofisista e insistiu na integridade de Cristo do ponto de vista humano e o divino, O concílio censurou Euriques, o propugnador da teoria monofisista, e o seu sustentáculo, o bispo alexandrino Dióscoro. O Concílio de Calcedónia é um dos grandes marcos da história eclesiástica e política do Mundo. Completou a definição de Cristianismo, trabalho começado pelos concílios do século precedente e elevou a Sé de Constantinopla a uma posição que obscurecia a Igreja de Alexandria e a equiparava a Roma.

As decisões de Calcedónia tiveram também consequências políticas muito superiores às que os seus participantes poderiam imaginar. O monofisismo, devido à posição assumida por certos teólogos e bispos, espalhado através do Egipto e da Síria (regiões que haviam resistido a uma helenização completa) contaminou, eventualmente, as populações não gregas. A tolerância que Zenão e Anastásio I concederam ao Monofisismo permitiu que este criasse raízes tão firmes que os imperadores dos séculos VI e VII vacilaram entre a perseguição e o compromisso, numa tentativa frustrada para reconduzirem os monofisistas dessas províncias ao seio da Igreja do Estado. O efeito a longo prazo da controvérsia cristológica foi o surto da oposição e o desenvolvimento de um separatismo cultural dentro do império.

Não obstante o triunfo formal do Cristianismo e a protecção do Estado, a igreja bizantina manteve forte espírito missionário. Os repetidos decretos antipagãos de Constantino e de Teodósio I indicam que o paganismo estava morrendo de morte lenta. A renovada oposição de Juliano e do Senado romano ao Cristianismo prolongaram a sua existência. O paganismo continuou ainda por vários séculos nas áreas mais isoladas, como sucedeu no Peloponeso Meridional,

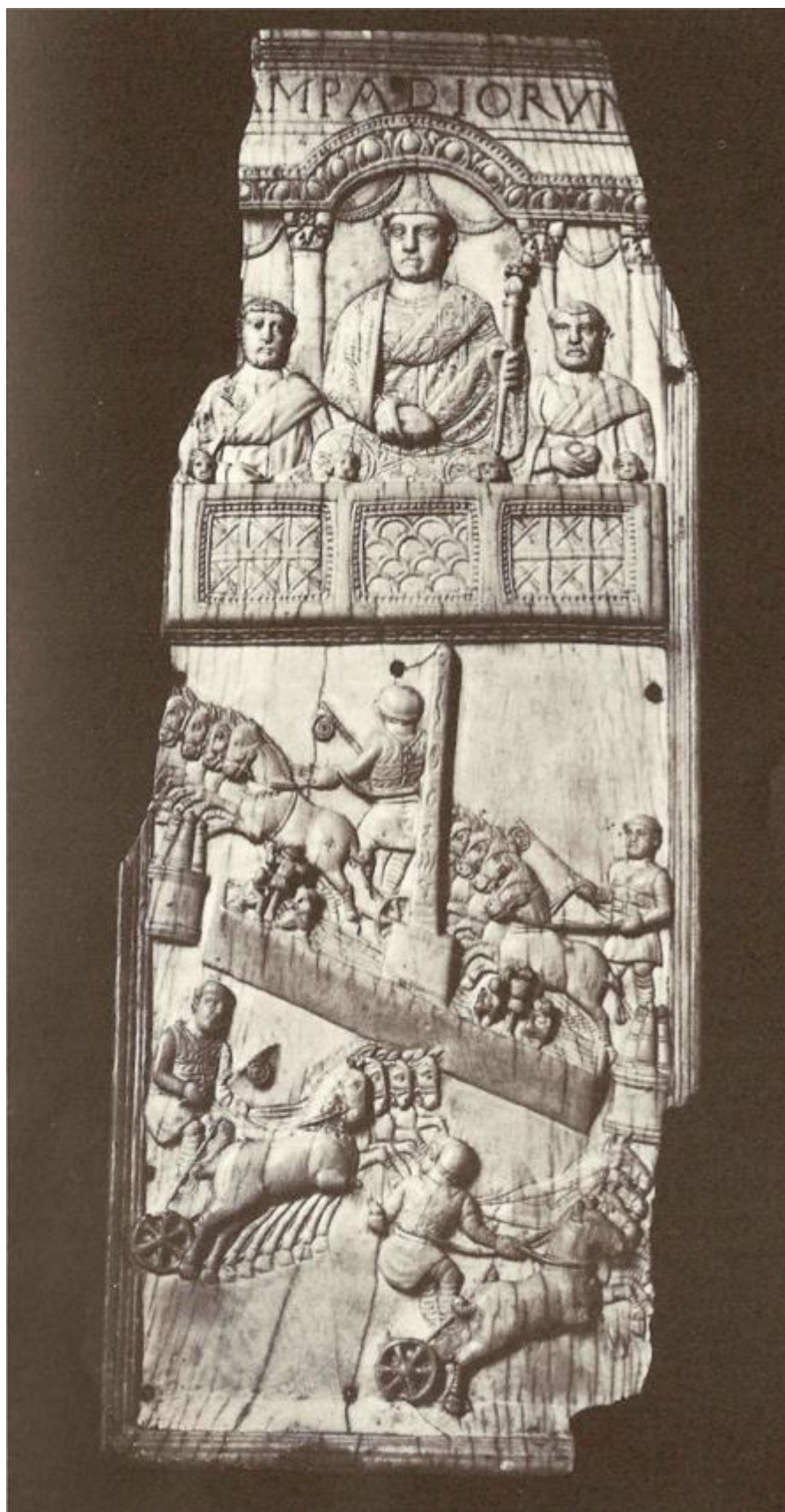


24. *São Gregório Nazianzeno, um dos quatro padres da Igreja Ocidental, com o imperador Teodósio.*

onde os habitantes não receberam o baptismo cristão senão no século IX. Além disto, o paganismo derrotado emergiu com certa frequência no seio da Igreja, trazido pelas heresias. A Igreja não conseguiu desviar o povo das práticas pagãs que haviam estado intimamente associadas à vida diária. As nossas próprias festas de 25 de Dezembro e do Ano Novo, a hagiolatria e outras práticas são provas das concessões que o Cristianismo teve de fazer. Ainda hoje, na Grécia rural, o clero se opõe ao sacrifício de galos, que os camponeses costumam fazer, com fundamento de que se trata de prática pagã.

Foi, contudo, na literatura e na erudição que o paganismo ganhou a sua mais importante vitória. Quando o Cristianismo se espalhou por todo o mundo greco-romano, penetrou num domínio intelectual e literário que era superior ao do Próximo Oriente semítico. Como tinha, neste campo, muito pouco com que substituir as tradições greco-romanas, os intelectuais cristãos viram-se profundamente embaraçados entre os textos cristãos e a literatura clássica.

Mas, querendo competir com o mundo mediterrânico, o Cristianismo teve de se acomodar às tradições intelectuais que aí dominavam. O uso da língua grega no Novo Testamento é uma dessas necessárias acomodações. Adoptando os métodos críticos e filosóficos gregos, os alexandrinos Clemente e Orígenes criaram a Escolástica Cristã, e os padres da Capadócia levaram o processo de aculturação ao seu epílogo lógico. Aceitaram o valor da *paideia* grega, mas declararam-na incompleta. Sustentavam, por outro lado, que os clássicos deviam ser estudados mais pela sua forma literária do que pelo seu contexto. De facto, o Cristianismo revelou novas formas em certos aspectos da história eclesiástica, por exemplo, na hagiografia e na hinoграфия. Os homens da Igreja, por seu lado, desempenharam a função de críticos ao conservar os clássicos, que passaram a copiar, a estudar, a enriquecer de longos comentários. Assim procederam até ao fim do império.



25. *Uma família aristocrática assiste aos jogos no hipódromo de Constantinopla.*

JUSTINIANO, O GRANDE

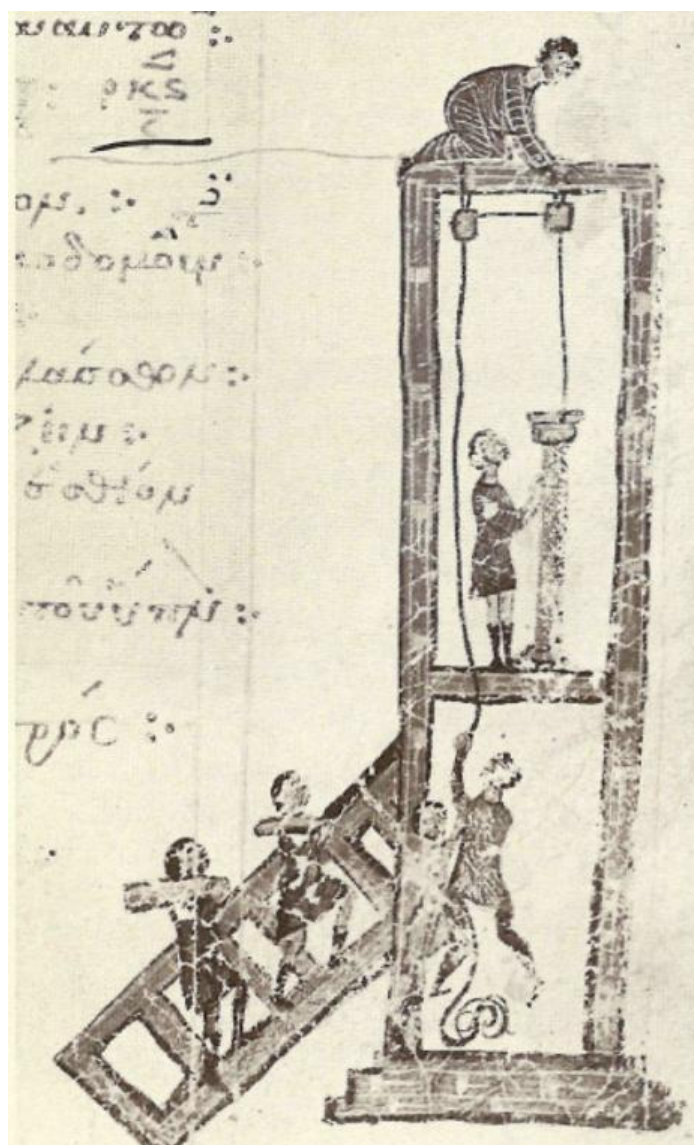
Justiniano (527-565), mais do que qualquer outro governante, foi o responsável pelo estabelecimento das formas definitivas do estilo da sociedade bizantina que Diocleciano e Constantino haviam fundado. A sua personalidade e o seu génio inspiraram e permitiram as grandes realizações levadas a cabo durante o seu longo reinado. Neste ponto de vista, o papel que desempenhou na história do seu tempo foi talvez de maior relevância do que o de Péricles na Atenas do século V a. C. ou do que o de Luiz XIV, em França. De obscura origem camponesa, Justiniano recebeu, no entanto, excelente educação, e talvez seja o mais notável exemplo da elasticidade social que permitia que indivíduos humildes mas competentes pudessem elevar-se espectacularmente no Império Bizantino. Perfeitamente cónscio dos seus deveres, decidiu reconstituir territorialmente o império, unificar as facções que dividiam a Igreja e simplificar o acúmulo de matéria legal dos últimos séculos. Destes elevados ideais, das inesgotáveis energias de Justiniano (os súbditos chamavam-lhe o imperador que não dorme), proveio a reconquista da maior parte do Ocidente, a codificação do Direito e uma extraordinária produção artística. A sua formosa consorte, Teodora, era, talvez, de origem ainda mais modesta (filha de um domador de ursos do hipódromo). Todos afirmam que era senhora de forte personalidade. Apesar dos infelizes conselhos do preconceituoso Procópio, não há dúvida que exercia certa influência sobre o imperador. De facto, a associação de Teodora e Justiniano, faz lembrar a de Péricles e Aspásia. Embora Justiniano haja mantido a sua política pessoal em muitos casos, a pertinaz consorte frequentemente impunha a sua vontade em certos assuntos, tais como a protecção da clerezia monofisita. A sua atitude mais decisiva talvez tenha sido a intervenção no Conselho da corte quando este quis persuadir o imperador a abandonar Constantinopla durante a rebelião de Nika (532). Se Justiniano se tivesse decidido a partir, o seu reinado terminaria antes de concluídas as obras que o tornaram famoso.

As facções dos Azuis e Verdes do circo, que se envolveram em desordem em Janeiro de 532, exerciam uma actividade de longa data familiar aos habitantes das cidades do império. Desde pelo menos o século I que existiam organismos desportivos responsáveis pelos jogos nos hipódromos urbanos. Com o andar do tempo, aumentou o número de jovens associados a uma ou outra destas facções circenses. Nos séculos IV e V a competição das duas mais importantes (Azuis e Verdes) tornou-se tão violenta que era acompanhada de arruaças e guerrilhas urbanas. As facções, porém, tornaram-se muito mais do que irrequietos clubes desportivos, pois, devido às invasões bárbaras que ameaçavam as cidades, o império viu-se na necessidade de armar os habitantes, convertendo assim as facções em milícias urbanas. As milícias dos organismos desportivos tornaram-se, de certa forma, o último refúgio das liberdades das cidades imperiais.

Quando as autoridades bizantinas falavam de *demokratia* tinham normalmente na ideia as rebeliões e violências dos Azuis e dos Verdes. Embora as facções se guerreassem normalmente umas às outras, juntaram forças contra Justiniano e quase o depuseram durante a grande revolta de Nika, em 532. Foi durante estes acontecimentos que Teodora salvou o trono de Justiniano, forçando-o a lutar até ao fim. A rebelião, que destruiu uma grande parte do centro da cidade, foi finalmente afogada num banho de sangue, no qual, de acordo com testemunhas coevas, pereceram 30.000 pessoas.



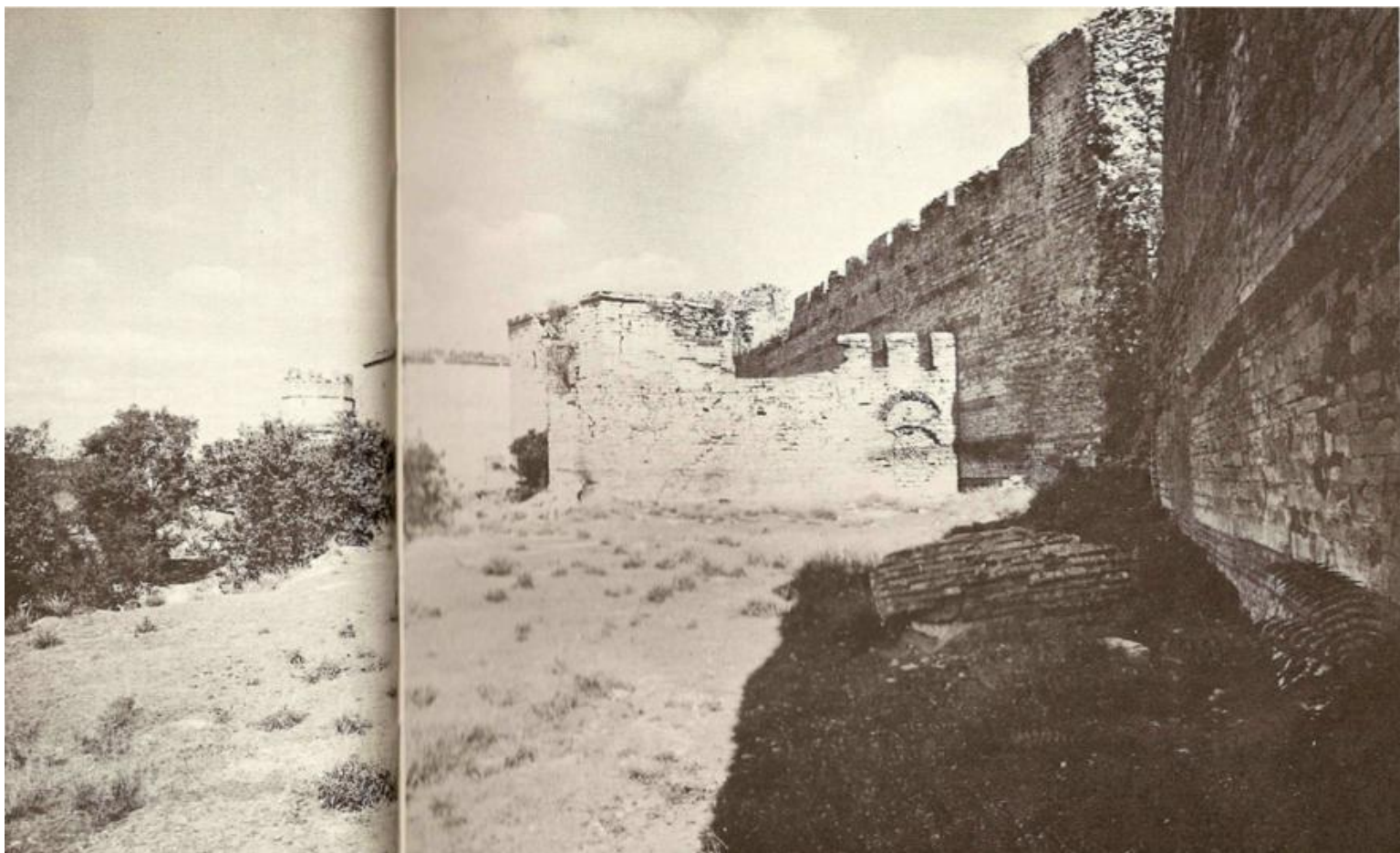
26. Capitéis da Igreja do Santos Sérgio e Baco, do tempo de Justiniano.



27. *Pedreiros bizantinos trabalhando. Miniatura de um saltério.*

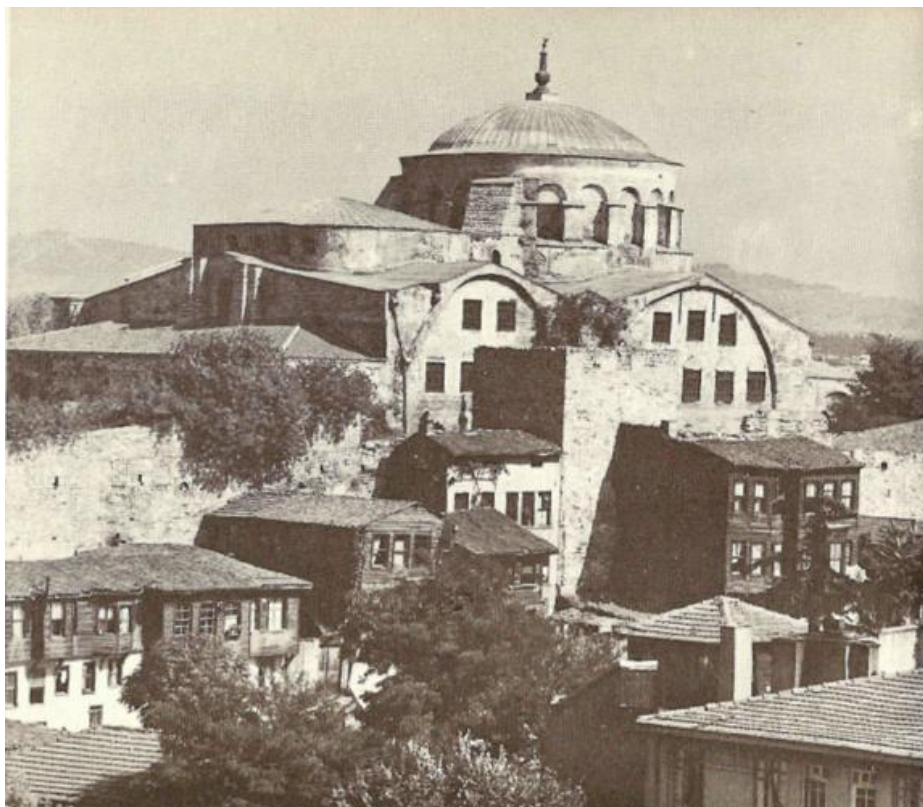
As revoltas de Nika marcam um momento de viragem no reinado de Justiniano. Depois de as haver sufocado, meteu ombros à reconquista do Ocidente, à reconstrução da cidade, ao acabamento da codificação das leis.

Apesar do colapso imperial no Ocidente ter sido completo, existiam certas condições favoráveis à reconquista bizantina. Para as populações aborígenes os Godos e os Vândalos eram hereges arianos enquanto o imperador de Constantinopla representava a personificação das instituições religiosas. O seu estabelecimento na Itália e na África e o contacto com uma sociedade mais avançada haviam começado a transformar muitos dos chefes bárbaros, pelo que os sucessores de Teodorico e de Genserico foram um pouco mais moderados.

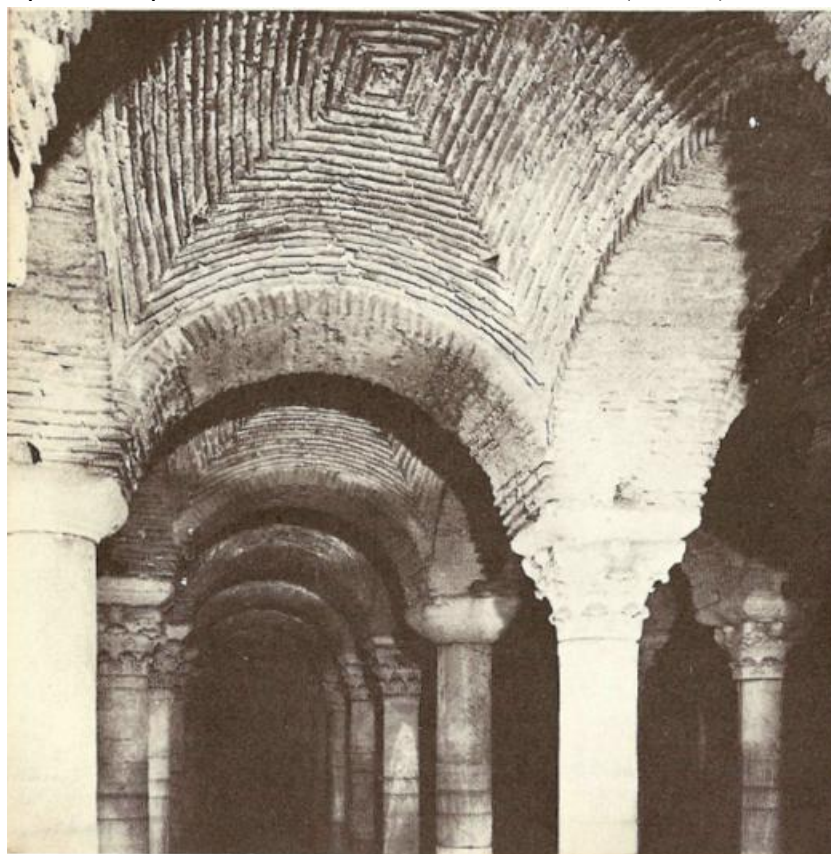


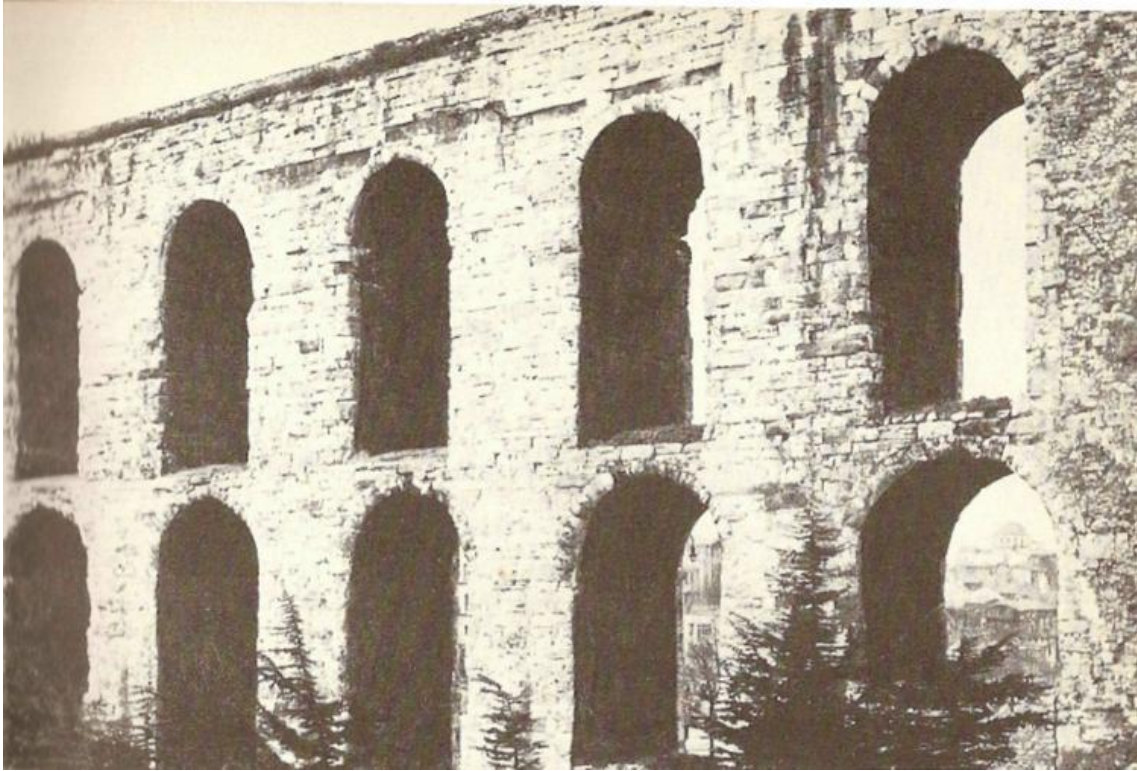
28. *Porta de Ouro e muralhas de Constantinopla.*

Finalmente, o Complexo sistema de alianças matrimoniais que Teodorico estabelecera com os reinos dos Vândalos, dos Turíngios e dos Visigodos ruiu e deixou tanto os Vândalos como os Ostrogodos Isolados do ponto de vista diplomático. Depois de ter concluído um tratado de paz com os Persas, no Oriente, Justiniano enviou Belisário, em 533, para a África do Norte. Este brilhante general, dispondo apenas de 16.000 homens, pôs rapidamente fim ao reino dos Vândalos e, no ano seguinte, regressou a Constantinopla, em cujo hipódromo se celebrou o seu triunfo, abrilhantado pela presença do rei vândalo Golimer e pela exibição dos tesouros que os Vândalos haviam trazido de Roma em 455.



29, 30. Santa Irene (em cima) foi construída no reinado de Justiniano, em 532. A tradição romana da construção civil utilitária foi continuada por Justiniano, durante cujo reinado foram edificadas estas cisternas subterrâneas (abaixo).





31. *O Aqueduto de Valente, Constantinopla, foi construído em 368 para conduzir a água para os palácios imperiais.*

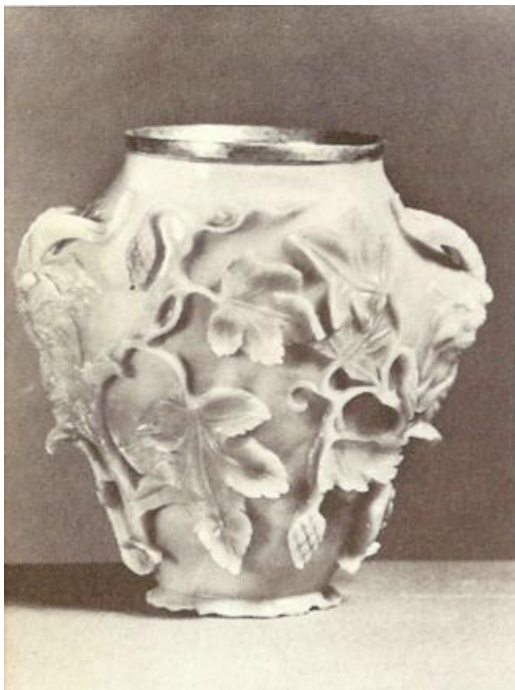
A invasão bizantina da península itálica foi grandemente facilitada pela conjuntura política em que esta se encontrava. De facto, os Ostrogodos e os Vândalos haviam-se virado uns contra os outros. Esta situação levava os Ostrogodos, com inacreditável falta de previsão, a permitirem que a frota bizantina se servisse da Sicília como base para a expedição africana. Por outro lado, a rainha Amalasunta, filha de Teodorico, mantinha estreitas relações com Justiniano. Ao mesmo tempo a diplomacia bizantina ganhara o apoio do papa pela denúncia, em 518-519, do Henóticon (482) do imperador Zenão. O Henóticon, edicto de feição monofisita, havia ofendido a Santa Sé e provocado um cisma entre as Igrejas de Constantinopla e de Roma, o que dera a Teodorico uma considerável vantagem diplomática e política nas suas relações com Bizâncio. Quando o assassinio de Amalasunta, às mãos de uma facção gótica antibizantina, privou Justiniano do seu principal sustentáculo, encarregou Belisário de conseguir pelas armas o que a diplomacia não lograra obter.

A invasão da Sicília em 535 marcou o início da reconquista da Itália, que iria durar mais de duas décadas e devastaria a península. A duração e a dificuldade da campanha foram devidas à escassez dos braços e dos recursos financeiros que Justiniano pusera à disposição de Belisário. A fraqueza das tropas de Belisário (a campanha foi iniciada apenas com 8000 homens) permitiu aos Godos manter uma demorada resistência e, frequentemente, reconquistar terras e cidades aos bizantinos (Roma mudou de mãos cinco vezes). Daqui a razão por que a campanha só veio a ser terminada favoravelmente pelo eunuco Narsés em meados do século, altura em que as armas bizantinas se aproveitaram também das contendas dinásticas dos Visigodos para porem o pé na península hispânica.

Explorando o isolamento diplomático dos seus inimigos no Ocidente, e assumindo uma atitude defensiva no Oriente, Justiniano conseguiu converter, mais uma vez, o Mediterrâneo em lago imperial e dar ao seu nome um brilho temporário, mercê da destruição dos reinos bárbaros. As concepções imperiais e cristãs levaram-no, além da acção política da reconquista, ao enorme embelezamento arquitectónico e artístico do império. A arte bizantina deveu muito ao gosto heleno-oriental da Anatólia, Síria e Egipto, mas a obra resultante destes elementos não foi de modo algum uma imitação servil. Manteve-se fiel ao espírito grego cristianizado e contrasta nitidamente com as artes copta e síria. A centralização política, económica e religiosa do império em Constantinopla foi decisiva para a arte bizantina, e o aparecimento de um monarca inspirado, servido por um punhado de arquitectos e artistas altamente dotados, não só levou à fixação das suas características como, simultaneamente, criou as condições favoráveis ao seu apogeu. De Constantinopla saíam, para



32. Interior de Santa Sofia segundo uma gravura de cerca de 1850, Dá-nos melhor idéia da grandeza da obra do que as fotografias modernas.

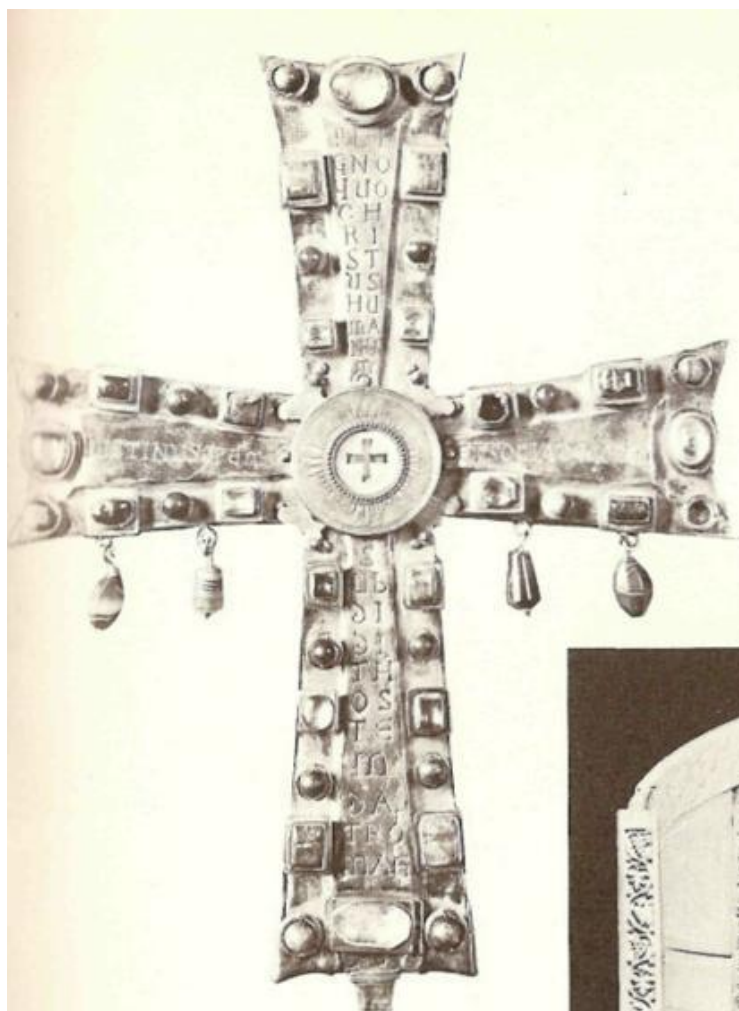


33, 34. *Apogeu do artesanato bizantino. O «Vaso de Rubens» feito em ágata (em tempo propriedade do pintor), c. 400 (em cima); a personificação da Índia (a baixo), salva de prata do século VI.*

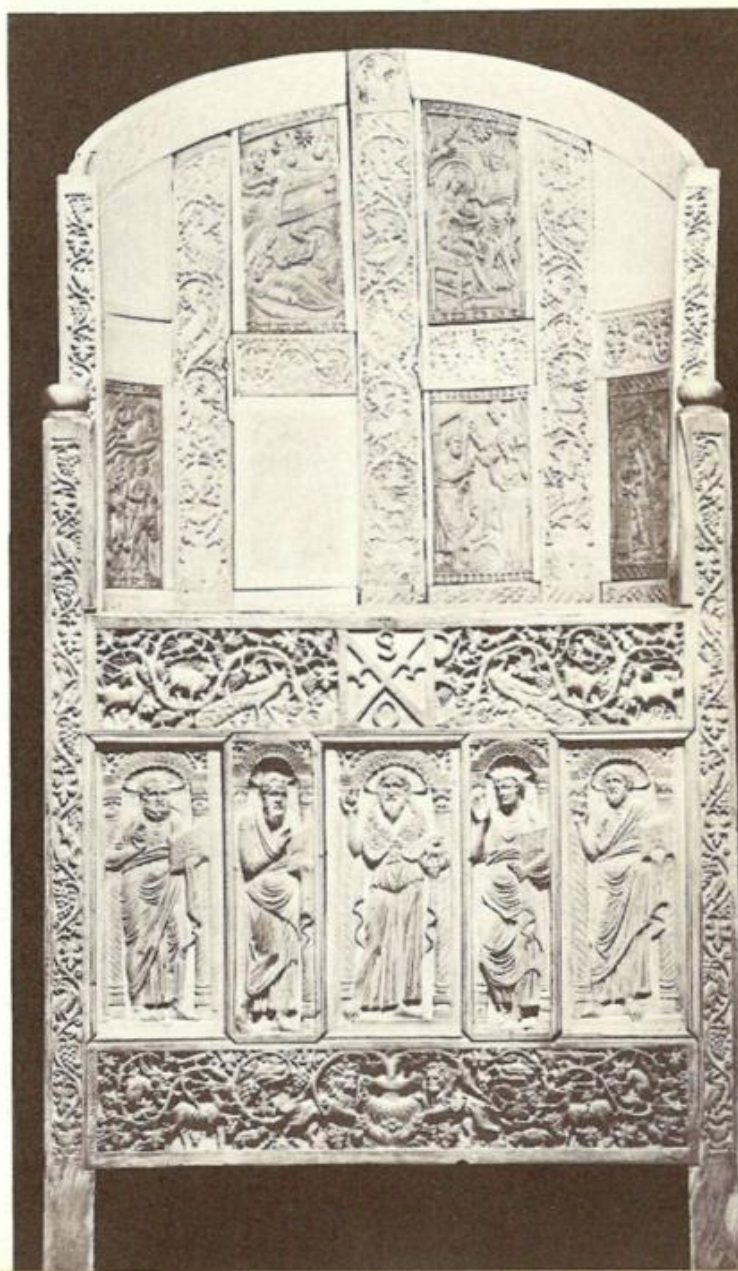
as províncias, não só arquitectos mas também plantas de igrejas, de edifícios civis, de fortificações. A influência de Constantinopla estende-se aos mínimos pormenores. Abrange mesmo os capitéis esculpidos, geralmente de tipo uniforme, e o mármore extraído das pedreiras de Proconesos, vizinhas da capital.

As revoltas de Nika, que causaram grandes destruições na capital, permitiram a Justiniano dar livre curso ao gosto pela construção e enriquecer a cidade de monumentos arquitectónicos dignos da sua qualidade de maior cidade a ocidente da China.

Constantinopla crescera tão rapidamente depois de 330 que, no século V, tiveram de ser construídas novas muralhas do lado da terra para proteger a metrópole, tão grandemente aumentada. Como os distúrbios de 532 haviam devastado grandes sectores do bairro vizinho do palácio, incluindo Santa Sofia e os edifícios do Senado, Justiniano resolveu reconstruir a igreja magnificamente, para o que adquiriu as casas que tinham ficado de pé, para demolição. A nova igreja, o Pártenon e a Catedral



35, 36. Em cima — Esta cruz de prata dourada e pedras preciosas, actualmente já muito restaurada, foi oferecida por Justino II ao Papa c. o ano 570. À direita — Trono esculpido do arcebispo Maximiano de Ravena (c. 550). Considera-se a mais pura peça de marfim, em grande escala, de todo o Mundo. Feito, provavelmente, em Constantinopla por vários artistas.



de S. Pedro, em Roma, são as três construções mais importantes da história da Europa. A primeira (Santa Sofia) é o edifício mais significativo da arquitectura religiosa da Europa Ocidental e do Próximo Oriente. Assim como no domínio militar Justiniano soube servir-se de generais competentes, assim também, nas suas actividades de edificador, dispôs da colaboração de arquitectos talentosos, os mais conhecidos dos quais, Antémio de Trales e Isidoro de Mileto, construíram a Igreja de Santa Sofia. Para ela mandou carrear mármore e pedras dos monumentos pagãos de Atenas, Roma, Éfeso, Balbeque. Das pedreiras da Grécia, Egipto, África e Ásia Menor vieram os mármore novos. O esplendor da pedra é realçado pela pródiga aplicação do ouro, prata, marfim e pedras semipreciosas. Justiniano e os seus arquitectos, à cabeça de milhares de operários, completaram este trabalho hercúleo no período relativamente curto de cinco anos. Na cerimónia inaugural da igreja, completamente acabada (27 de Dezembro de 537), o patriarca recebeu Justiniano à porta do templo e, a partir desse momento, entrou em vigor um novo cerimonial, que se manteria através do Império Bizantino até 1453. O imperador entrou e exclamou, em voz alta: «Glória a Deus, que me achou digno de completar uma tal obra! Ó, Salomão, venci-te!» Do ponto de vista arquitectónico, o grande feito foi a construção da vasta cúpula central (trinta e um metros de diâmetro), obra que os arquitectos levaram a bom termo mediante o emprego de processos que lhes permitiram deslocar, sucessivamente, o enorme peso da cúpula para quatro abóbadas esféricas e, depois, para quatro enormes pilares. Justiniano deu à cidade um novo edifício para o Senado, banhos públicos, cisternas e, naturalmente, outras igrejas. A Igreja dos Santos Apóstolos, segunda em importância depois de Santa Sofia, foi construída em forma de cruz grega, encimada por cinco cúpulas. Nas províncias as suas obras artísticas podem ainda admirar-se, para Ocidente até à Itália, para Oriente até ao Monte Sinai. Além destas construções, os arquitectos imperiais da época estenderam pelas fronteiras uma vasta rede de fortalezas, na esperança vã de sustentar os Bárbaros.

Tão famoso como Santa Sofia, mas mais significativo do ponto de vista histórico, foi o monumento legislativo que Justiniano legou, com a assistência do incansável Triboniano, aos séculos vindouros. Embora se aplicassem os costumes locais e a lei, as relações legais da sociedade bizantina baseavam-se, formalmente, no enorme repositório de leis que séculos de edictos imperiais e de normas jurídicas de famosos legistas haviam acumulado. O imperador fez acompanhar o resumo e codificação das leis de uma reforma dos livros de texto e do ensino do Direito nas escolas.

A influência de Justiniano e o esplendor da época reflectem-se igualmente na vida intelectual da metrópole e das províncias. Procópio, não obstante as suas ocasionais calúnias, é a figura literária dominante. Na sua história das guerras de Justiniano mostra-se digno continuador das antigas tradições historiográficas gregas. A sua descrição da peste que dizimou o império em 542, tão próxima da similar de Tucídides, mostra a influência que este autor, Heródoto e Políbio exerceram na historiografia bizantina, dando-lhe a superioridade de que goza sobre a do Ocidente medieval. Devido a esta continuidade, a historiografia grega apresenta uma longevidade inferior apenas à da historiografia chinesa. Corício de Gaza seguiu também o padrão da retórica clássica, inspirando a sua oratória na de Demóstenes, Contrariando este classicismo arcaizante, Justiniano manda fechar as antigas escolas de filosofia de Atenas. O maior dos hinógrafos bizantinos, Romanus Melodus, dedicou-se à cultura da poesia religiosa, mais de acordo com a língua grega falada do que com a escrita, enquanto o poeta da corte, Paulo Silenciário compunha a descrição de Santa Sofia em hexâmetros clássicos.

A evolução realizada durante os três séculos que decorreram da coroação de Diocleciano à morte de Justiniano suscitou mudanças dramáticas na sociedade mediterrânica, sem causar qualquer quebra drástica ou abrupta com o passado. As instituições nascidas desta evolução conquistaram uniformidade política e económica, mas, apesar dos esforços de Justiniano, não conseguiram alcançar homogeneidade religiosa e cultural.



37. Este multi solidus de ouro (hoje desaparecido) foi cunhado para celebrar a vitória de Belisário sobre os Vândalos. Mostra o imperador Justiniano em glória, ostentando vestes militares.

II ESTABELECIMENTO DE UMA SOCIEDADE HOMOGÉNEA

HERACLIANOS E ISAURIANOS

As lutas

Justiniano realizou a sua espectacular reconquista do Oriente por alto preço: o abandono dos Balcãs e das províncias asiáticas. O exemplo mais saliente desta política foi a campanha da Síria, promovida pelo monarca persa Cósroas que, em 540, saqueou a grande metrópole de Antioquia. Esta incúria, combinada com a crise financeira provocada pelos projectos grandiosos de Justiniano, daria amargos frutos no século VII. Demais, as forças centralizadoras tão presentes no programa legislativo, religioso e político de Justiniano, não conseguiram sobrepor-se às tendências centrífugas do Oriente e, sobretudo, do Ocidente. O modo pelo qual o Oriente se divorciou do helenismo bizantino nos séculos VI e VII pôs termo a um movimento que se arrastara incerto durante um milénio.

Por ironia, as diferenças religiosas que se tornaram ponto dominante da discórdia entre Constantinopla e as províncias orientais, derivaram, ao fim e ao cabo, da posição das escolas teológicas de Antioquia e de Alexandria, ambas representantes das tradições metafísicas gregas. Apesar da condenação do monofisismo no Concílio de Calcedónia (451), a sucessão de dois soberanos monofisitas (Zenão e Anastásio I) e a passividade de Justino I geraram várias décadas de condições favoráveis à expansão da heresia no Egipto e na Síria. O imperador viu-se, desta forma, enfrentado por um corpo de sectários fortemente enraizado, e a sua tarefa de trazer o monofisismo para o seio da Igreja foi ainda complicada, posteriormente, pela necessidade de aplacar o Papado e pelo descarado patrocínio concedido por Teodora ao clero mono-

fisita. A actividade teológica de Justiniano apresenta, conseqüentemente, uma extraordinária variedade e diversidade. Era, simultaneamente, um executor das decisões do Concílio de Calcedónia, um teopasquita e um monofisita da seita aftartodocetista, ao tentar, em vão, agradar a todos.

O monofisismo teve a sorte de contar, no século VI, com dois chefes muito eficientes que articularam a doutrina da seita: Severo, que formulou a teologia monofisita, e Jacob Baradaeus, que concebeu a estrutura eclesiástica dos heréticos. Num período em que os Calcedónios ocupavam a maior parte dos bispados, Jacob ordenou bispos monofisitas para as respectivas sés episcopais. E, embora não tenham tido a possibilidade de ocupar os lugares para que haviam sido nomeados, nem por isso deixaram de afeiçoar o esqueleto de uma hierarquia monofisita, que pôde, em circunstâncias mais propícias, substituir a clerezia Calcedónia. O surto do monofisismo impulsionou o desenvolvimento do copta e do siríaco como línguas litúrgicas e literárias, de modo que, no princípio do século VII, o conflito que levedava entre os gregos calcedónios e os monofisitas egípto-siríacos era, simultaneamente, de natureza étnica e religiosa.

A coroação do incompetente e brutal Focas (602-610) marcou o início do declínio que se seguiu à morte de Justiniano. O quase completo colapso militar no Oriente e nos Balcãs, a sanguinolenta repressão dos sectários levantinos e as lutas suicidas dos Azuis e dos Verdes nas cidades, consumiram e debilitaram rapidamente o império. Apenas o Papado exultava com o governo do sanguinário Focas. Era a recompensa a este concedida por haver seguido a facção do papa Gregório I, que primeiro protestara por o patriarca de Constantinopla ter tomado o título de patriarca ecuménico. A facilidade com que Heraclio, filho do exarca arménio da África do Norte, pôs fim ao reinado do tirano mostra como os Bizantinos estavam fartos de o suportar.

Quando Heraclio chegou a Constantinopla a situação do império parecia irremediável. Os Ávaros com os seus súbditos, os Eslavos e os Búlgaros, assolavam os Balcãs. Os Persas avançavam através das províncias do Oriente e, em 615, ocupavam o

Egipto, a Síria e a Palestina. Tomada Jerusalém, incendiaram a cidade, chacinaram os habitantes e levaram para Ctesifonte a Santa Cruz e o patriarca. No Egipto passou a mandar um governador copta, sob a égide da Pérsia. Com a instalação dos exércitos persas, comandados por Shahen, no Bósforo, Heraclio ficou praticamente separado das principais fontes de mão-de-obra e privado dos recursos de grande parte dos Balcãs e do Próximo Oriente. Constantinopla, protegida por Deus, a Virgem e as suas inexpugnáveis defesas terrestres e marítimas, mantinha-se, no entanto, inviolável. Enquanto o inimigo não tomava este centro nevrálgico, o império possuía uma notável fonte de renascimento. A sabedoria de Constantino, o Magno, em escolher este lugar para sua capital havia de ser confirmada muitas vezes na história de Bizâncio.

Contudo Heraclio, achou a situação tão desesperada que decidiu abandonar Constantinopla e seguir para Cartago, onde sua família gozava de prestígio e oito décadas de governo bizantino haviam restaurado a prosperidade económica. Porém, sobreveio um acidente. O barco que fora carregado com os tesouros do palácio afundou-se durante uma borrasca e o patriarca Sérgio pediu ao imperador para não abandonar a capital e jurou oferecer



38-40. *Efígies imperiais: Solidus de ouro de Focas (emitido, possivelmente; no ano de 603); Solidus de Heraclio (entre 613 e 629), representado com o filho, futuro Constantino III; e um solidus mais recente de Heraclio (entre 629-631), agora representado na companhia do filho já adulto, com grandes barbas e bigode.*

ao Estado os tesouros da Igreja. Heraclio dedicou-se então ao conserto da máquina militar e suspendeu a luta contra os Persas até 622. No dia seguinte à Páscoa deste ano fez-se à vela de Constantinopla para Issos e aqui iniciou uma série de campanhas punitivas, que iriam durar até 628.

A guerra perso-bizantina, animada de fervor religioso, paixões e ódios, é, talvez, a primeira verdadeira cruzada da Idade Média. O poeta-cronista Jorge de Pisídia, apresenta o imperador como piedoso guerreiro pela fé, ao descrever como, na véspera do primeiro recontro entre Heraclio e o persa Shahr Barz, no Anti-Tauro:

Címbalos e músicas variadas encantavam os ouvidos de Shahr Barz, perante o qual mulheres nuas dançavam, enquanto o imperador cristão se deleitava com o canto dos Salmos, acompanhado por místicos instrumentos, que despertavam um eco divino na sua alma.

Em 623, durante a campanha do Azerbaijão, as tropas bizantinas destruíram sistematicamente cidade após cidade e os templos do fogo dos Persas. Assolaram especialmente Tebarmes, suposta terra natal de Zoroastro, como represália pela profanação de Jerusalém pelos Persas.

A grande crise deu-se quando os Ávaros cercaram Constantinopla em 626. Cósroas enviou Shahr Barz com um novo exército destinado a cooperar com os Ávaros no cerco da capital e intimou Shaen, sob pena de morte, a dar caça a Heraclio no Oriente. O imperador, não querendo abandonar a Anatólia e as conquistas que tinha feito durante quatro anos de campanha, partiu para o Azerbaijão, onde o cã Khazar se lhe juntou. No entretanto, o cerco de Constantinopla foi apertado durante o mês de Julho, no fim do qual chegou o cã Avar, que mandou atacar as muralhas terrestres. O seu formidável assalto foi, porém, repellido, diz-se, por interferência de um milagroso ícone da Virgem. Todos os esforços seguintes, quer dos Ávaros quer dos Persas, falharam perante a coragem dos defensores (Constanti-

41. *O imperador Heraclio (610-641), filho do governador da África do Norte. Substituiu o incompetente e brutal Focas. Salvou Bizâncio dos Persas e viu os Árabes varridos das suas possessões do Médio Oriente e da África do Norte.*



nopla era guardada apenas por cerca de 12 000 homens), e o cerco foi, finalmente, levantado, A composição do famoso hino de Acatistos (cantado ainda nas igrejas ortodoxas durante a Páscoa) anda tradicionalmente ligado ao patriarca Sérgio e a esta vitoriosa defesa da cidade.

O fim chegou em 627, quando Heraclio venceu definitivamente as forças persas entre Nínive e Gaugamelos, região onde, mil anos antes, Alexandre destruíra o império dos Aqueménidas. Em 628 os Sassânidas, quebrado o seu poderio, imploraram a paz e abandonaram todas as suas conquistas. Heraclio regressou a Constantinopla, onde foi recebido pelo patriarca Sérgio, e a

Santa Cruz, recentemente restituída, foi entronizada em jubilosa cerimónia. Um ano depois, o imperador, acompanhado da família, jornadaeu até Jerusalém, onde repôs a cruz. Heraclio deve ter visto o ano de 622 como o ponto de viragem não só da sua sorte pessoal como também da do império. Não podia supor que esta mesma data marcava a inversão da sorte na vida de um outro homem, um semita da Arábia, que também abandonara a sua própria cidade de Meca para se lançar numa batalha pelo domínio da alma e do espírito dos homens.

A restauração do poderio bizantino no Oriente foi temporária e o próprio Heraclio viu o princípio do seu colapso. O tremendo esforço que conduziu à sua espectacular vitória sobre os Sassânidas esgotou o império e contribuiu ao mesmo tempo para a mediocridade posterior, relacionada com o pluralismo sectário e cultural. Heraclio e os seus sucessores esforçaram-se continuamente por se entender com os monofisitas, numa tentativa desesperada para manter certa coesão interna nas áreas críticas. De 626 em diante, Sérgio e Heraclio dirigiram-se aos Arménios e Sírios, enunciando a doutrina de que sendo embora Cristo humano e divino possuía apenas uma alma. Quando esta doutrina encontrou a oposição dos Calcedónios, o patriarca e o imperador modificaram os seus argumentos e declaram no Echesis (638) que Cristo tinha uma só vontade (monotelismo). Os resultados, porém, não foram mais satisfatórios. Posteriormente, já em 648, o imperador Constante II tentou unir os litigantes, proibindo as discussões sobre energias ou vontades, no seu Typicon. A sua intervenção não deu resultado. Quando, em 680-681, o sexto concílio ecuménico condenou o Monofisismo e o Monotelismo e formulou a doutrina de duas vontades e duas energias indivisas, inalteráveis, inseparáveis ou inconfundíveis, o Monofisismo deixou de ser um problema político. Os Árabes, ao conquistarem o Egipto, a Síria, a Palestina e a Arménia, baniram os monofisitas do império e relegaram a questão para o terreno da teologia académica. Enquanto os imperadores alimentaram a esperança de salvar as províncias do Oriente, tentaram satisfazer os monofisitas, o que agora já não era necessário.

Ameaça do Islão

As conquistas árabes do século VII, que tanto alteraram o desenvolvimento histórico da Europa e do Médio Oriente, são hoje, para nós, tão inexplicáveis e espantosas como o foram, outrora, para os Bizantinos. A nova religião preparada pelo profeta Maomé transformou a maior parte da sociedade árabe, unida por meio de laços religiosos e dotada de um élan vital até então inexistente. Os Árabes haviam também adquirido vasto conhecimento do mundo exterior, quer como mercenários dos Bizantinos e Persas quer como intermediários do tráfico entre o Mediterrâneo e o oceano Índico. Quando, finalmente, começaram a deixar a península arábica, encontraram os Bizantinos ainda não refeitos das lutas com os Persas e sofrendo de convulsões internas causadas pelas discórdias religiosas. Os Persas, derrotados pelos Bizantinos, foram ainda vítimas de uma estrutura social fossilizada que deu origem à jacquerie e ao comunismo dos Mazdaítas.

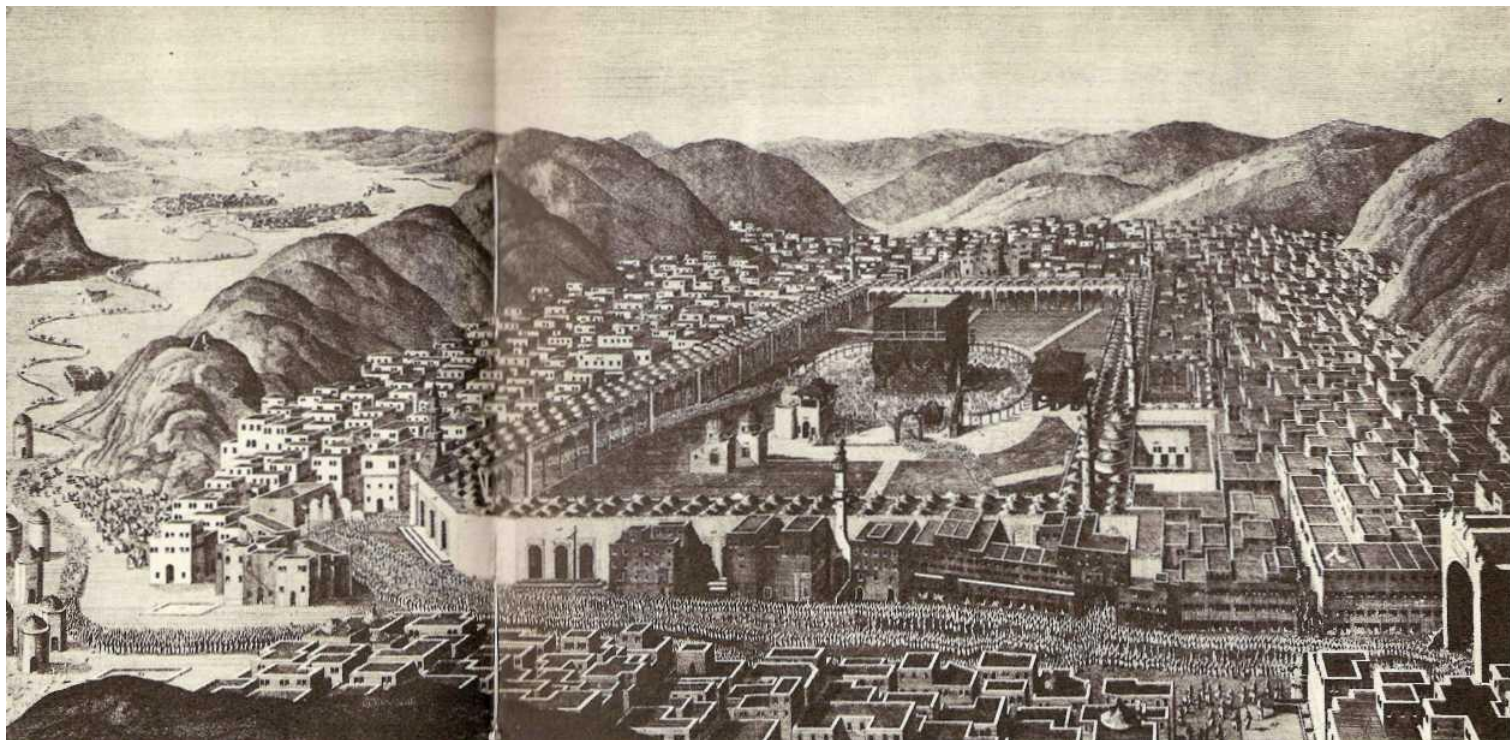
Pouco depois da morte de Maomé (632) os Árabes começaram a assolar, ao Norte, as regiões próximas de ambos os impérios. Os seus ataques ao território dos Bizantinos culminaram na esmagadora derrota por estes sofrida na Batalha de Yarmuk (636), que marcou o destino da Síria e da Palestina, embora os centros helénicos de Jerusalém e de Cesareia não tivessem capitulado senão em 638 e 640. O patriarca calcedónio de Jerusalém, Sofrónio, recebeu o califa Ornar na cidade e serviu-lhe de guia na visita aos principais Lugares Santos. Inflexível opositor da tentativa de Heraclio em conciliar os Monofisitas com o Monotelismo, Sofrónio colheu a recompensa da sua obstinação quando viu Ornar ajoelhado reverentemente no interior da Igreja da Ressurreição. Este espectáculo levou Sofrónio a dizer: «A abominação da desolação de que falou o profeta Daniel está no Lugar Santo.» Em 637, os exércitos árabes derrotaram os Persas em Kadésia, em 640 Amer Ibne al-As invadiu o Egipto e, um ano mais tarde, a anexação da Síria, da Palestina e do Iraque ficou completa com a conquista da Mesopotâmia. Em menos de uma

42. *Esta moeda islâmica (em baixo), com o ajustamento da Cruz de Cristo a uma escadaria, mostra a amplitude da penetração cultural bizantina.*



década, um povo mal conhecido pusera facilmente termo a um milhar de anos de domínio greco-romano no Próximo Oriente e traçara o destino do Estado sassânida.

A fase crítica da luta entre Bizâncio e o novo gigante islâmico teve lugar no reinado de Constantino IV (668-685), quando o ambicioso califa Muaviá pensou em tomar Constantinopla. Os seus exércitos entraram repetidas vezes na Ásia Menor e, revelando raras qualidades de adaptação às exigências do momento, criou uma força naval árabe que, em pouco tempo, ocupou Chipre, Rodes, Quios e Cízico. As suas forças cercaram Constantinopla, pela primeira vez, em 669, mas o maior esforço nesta luta registou-se durante o período de cinco anos que vai de 674 a 678. A frota árabe, com base em Cízico, e os exércitos que haviam marchado através da Anatólia tentaram, baldadamente, assaltar o poderoso bastião. Não conseguiram aproximar-se e sofreram humilhante desastre neste confronto, no qual foi estreado o terrível fogo grego,



43. *Meca em 1800; o edifício sem janelas, ao centro, é a Caaba.*

inventado por um grego da Síria. Constantino IV equipara providencialmente a sua frota com os dispositivos destinados a lançar a arma secreta, pelo que o fogo grego se tornou uma das mais terríveis armas das frotas imperiais. Esta vitória dos Bizantinos foi decisiva tanto para a história da Cristandade como para a do Islão, mais decisiva, mesmo, do que a vitória de Carlos Martel em Poitiers (732). Foi possível ao império superar os maiores esforços militares do Islão e assim conservar o carácter cristão da civilização europeia. A derrota de Muaviá fez voltar o poderio árabe ao Médio Oriente, de onde viera. E, embora os Árabes houvessem conseguido conquistar a península hispânica, a civilização islâmica ficou apenas confinada a áreas não europeias.

Contrastando com a Síria, a Palestina e o Egipto, onde os Árabes encontraram uma população predominantemente monofisita e não grega, a Anatólia e as províncias europeias albergavam uma população na sua maioria de língua grega e ortodoxa. Con-

sequentemente, quando o rápido avanço dos Árabes se deteve nas fronteiras da Anatólia e nas fronteiras marítimas das ilhas do Mediterrâneo, os limites geográficos, políticos e étnicos coincidiram. A Ásia Menor ficou parte integrante do império, intimamente envolvida nos ataques e contra-ataques anuais de ambas as partes, enquanto o avanço marítimo dos Árabes terminara com a conquista de Creta e da Sicília no século IX.

O aparecimento do poderio islâmico, monopolizando os esforços militares do império bizantino, fez com que este houvesse perdido definitivamente o Ocidente. Da invasão árabe resultou, de facto, a quebra da unidade do Velho Mundo mediterrânico. Quando, porém, os Árabes ocuparam os territórios bizantinos adoptaram a civilização urbana de Damasco e de Antioquia, de Jerusalém e de Alexandria. Assim se mantiveram, após a conquista, as instituições sociais, económicas e culturais bizantinas. Mas, do ponto de vista político, era nítida a divisão entre as zonas islâmicas e cristãs do Mediterrâneo. Foram ainda as invasões árabes que levaram o Papado a voltar as costas a Constantinopla e a virar-se para o Nordeste Europeu. Foi o início da política que levou à separação entre o Oriente e o Ocidente.

O novo Império do Ocidente

Menos de meio século depois de Narsés haver estabelecido o domínio bizantino na Itália, os Lombardos conquistaram a maior parte da península. Embora os imperadores não tenham



44. *Constantino V Coprónimo (741-775). No seu reinado a perseguição aos adoradores de ícones atingiu o auge da violência.*



45. *Irene, viúva de Leão III, foi a única mulher que, sozinha, governou o império (797-802). Pouco fez para aumentar o seu poderio ou prosperidade, mas restabeleceu, temporariamente, a adoração dos ícones.*

esquecido a Itália (Constante II fez até uma expedição à Itália em 663, numa tentativa para expulsar os conquistadores), a sua luta de vida e morte com os Árabes e os Búlgaros impediu-os virtualmente de domar os Lombardos. As dissidências entre as Igrejas de Constantinopla e de Roma surgiram cedo em virtude da rápida subida da primeira à posição da mais importante das sées patriarcais do Oriente. No século VIII, a controvérsia iconoclástica exacerbou estas relações. Não obstante, os papas confiavam na protecção dos imperadores contra os irrequietos Lombardos. Porém, a queda de Ravena (751), capital do exarcado bizantino na Itália Central, e a incapacidade de Constantino V de sustentar os Lombardos, devido às suas intensivas campanhas militares contra os Búlgaros e os Árabes, isolaram o Papado.

Esta situação levou, três anos depois, o papa Estêvão II, a dirigir-se para além dos Alpes ao encontro do chefe franco, Pepino — passo que iniciou a famosa aliança entre os Carolíngios e o Papado, e veio a culminar com a coroação de Carlos Magno pelo papa, em Roma, a 25 de Dezembro de 800.

Este acto contristou os Bizantinos, porque violava o princípio do império único, pelo que tentaram opor-se à usurpação de Carlos. Apesar das contendas que se seguiram, Constantinopla foi, porém, forçada a conceder a Carlos Magno, em 812, o título de basileus. Havia agora um império do Oriente e um do Ocidente, uma vez aniquilado o monopólio bizantino. O nascimento do império do Ocidente marca o momento mais saliente do aparecimento de uma nova sociedade na Europa Ocidental. Assim como o génio de Justiniano presidira à génese da civilização bizantina no século VI, assim também a pessoa de Carlos Magno ajuda a moldar a civilização da Europa Ocidental, civilização que começa a tomar forma no seu tempo. A medida que os séculos passavam, as duas sociedades cresciam, separadas do ponto de vista político, social, económico, cultural, espiritual, e os progressos característicos de cada uma moldavam as bases da diferença actual entre a Europa do Ocidente e a Europa do Oriente. Forçando o Papado a procurar o apoio dos Carolíngios, os triunfos dos Árabes no Oriente contribuíram grandemente para o lançamento dos alicerces da cultura europeia do Ocidente. Importante, deste ponto de vista, foi ainda o papel desempenhado por outros povos orientais — os Mongóis e os Turcos, os quais, em período posterior, isolaram praticamente os povos de cultura bizantina da cultura ocidental e tornaram vivas as diferenças que continuamos a observar nos nossos dias. Assim, o impacto do Oriente, islâmico e altaico, foi um dos factores decisivos do desenvolvimento integral do Oriente e do Ocidente na Europa.

A desordem balcânica

Nas regiões balcânicas, o abandono de Justiniano coincidiu com a crescente pressão demográfica de novos povos. As terras a sul do Danúbio, áreas de pilhagem e de incursões desde o

século IV, haviam sido ocupadas pelos Visigodos, Ostrogodos, Hunos, Gépidas e Hérulos, que tinham devastado metade da zona setentrional da península; de modo que se deu uma profunda modificação étnica quando, no século VI, aqui se fixaram os Eslavos e os Búlgaros. As tribos eslavas e búlgaras que, no princípio do século VI, haviam avançado até às margens do Danúbio, aproveitaram a campanha de Justiniano no Ocidente para cruzarem as fronteiras e assolarem o território imperial, praticamente sem oposição. Os Búlgaros invadiram a península balcânica em 540, devastaram a Trácia, a Macedónia, a Ilíria, e avançaram para o Sul até Corinto. Os Eslovenos, por seu lado, penetraram na Ilíria em 548, e terminaram o seu avanço triunfal pelo assalto e saque de Dirráquio, no Adriático. O seu insucesso frente às muralhas de Tessalonica, dois anos mais tarde, foi a primeira da longa série de tentativas, tanto dos Eslavos como dos Búlgaros, para se infiltrarem na região do Egeu, e a perda da cidade afectaria gravemente o domínio bizantino na península grega. A pressão dos Bárbaros foi tão grande durante anos seguidos que os Tessalonicenses atribuíram a sua salvação ao miraculoso amparo de São Demétrio, seu santo patrono.

Os povos altaicos conhecidos por Cotriguros invadiram as províncias bizantinas em 559, e chegaram às Termópilas, na Grécia Central, bem como aos arrabaldes de Constantinopla, no Oriente. Tanto Justiniano como os habitantes foram tomados de pânico, pois não havia exército para defender a cidade. Felizmente, Belisário, que caíra em desgraça devido aos ciúmes do imperador, reuniu apressadamente um grupo de camponeses e de cavaleiros e conseguiu espalhar o pânico entre os inimigos, que bateram em retirada.

Assim, durante a maior parte do reinado de Justiniano, foram os Balcãs teatro da actividade de várias tribos eslavas e altaicas, que assaltavam o país esporadicamente, sem orientação ou comando superior. O aparecimento dos Ávaros no Danúbio em 561 alterou radicalmente a situação. Os Ávaros, à semelhança dos Hunos, seus antecessores, eram um povo altaico que abandonara as estepes da Ásia, forçado pela pressão do jovem império de Oguz.

Desejando terras e tendo-lhes sido recusadas por Justiniano, os recém-chegados resolveram conquistá-las pela força. Assim, como os Hunos haviam reduzido os Germanos a vassalos militares, assim também os Ávaros utilizaram contra Bizâncio os Eslavos e Búlgaros, que haviam subjugado. O imperador Maurício susteve temporariamente a ameaça quando, pela última vez, restabeleceu a fronteira imperial do Danúbio em 599-600. Porém, a revolta do exército perante a perspectiva de uma campanha demorada através do áspero território balcânico, seguida do governo caótico de Focas (602-610) decidiram da sorte dos Balcãs Setentrionais e Centrais. Os Bárbaros infiltraram-se na península, suprimiram a autoridade bizantina e começaram a ocupar a terra em grande número. Senhores dos principais núcleos urbanos do Norte, destruíram os centros eclesiásticos e administrativos dominantes nas províncias anteriormente despovoadas. Deste modo, a invasão não só resultou em drástica transformação étnica, como suprimiu a civilização bizantina e o Cristianismo. Teriam de passar dois séculos e meio para os elementos da cultura bizantina aparecerem de novo na região agora ocupada pelos Eslavos e pelos Búlgaros.

Embora os Ávaros tenham conseguido ocupar a maior parte dos Balcãs e até mesmo tomar as cidades do Norte, os centros urbanos muralhados da Trácia e da Grécia impediram finalmente o seu triunfo. Ajudados pelos Eslavos e Búlgaros conseguiram, no entanto, ameaçar seriamente Tessalônica e Constantinopla no princípio do século VII, altura em que o destino da civilização bizantina ficou, mais uma vez, num dos pratos da balança. Era particularmente grave a sorte de Tessalônica, exposta às hordas invasoras dada a sua posição estratégica, a meio caminho entre Constantinopla e a Grécia Meridional. O aperto em que se encontrava o império é dramaticamente descrito nos Milagres de São Demétrio, o santo patrono da cidade:

Durante o episcopado de João chegaram os Eslavónicos, grande povo composto de Droguvitas, Sagudates, Velegazitas, Vaiunitas, Verzitas e outros... Tendo reunido e armado embarcações feitas de um só tronco devastaram a Tessália,

as ilhas vizinhas e as de Hélades, as Cidades, toda a Acaia, Epiro, a maior parte da Ilíria e parte da Ásia, deixando atrás de si todas as cidades e eparquias desertas.

Também por esta altura, os Ávaros e seus sequazes se esforçaram por submeter Tessalonica, à qual puseram um cerco que durou trinta e três dias. Inundada de refugiados que haviam fugido de vários pontos dos Balcãs, conseguiu resistir aos atacantes graças à energia do seu bispo e à robustez das muralhas.

O insucesso dos Ávaros em Tessalonica e a dramática derrota sofrida junto às muralhas de Constantinopla em 626, fizeram desaparecer a sua ameaça. Os Búlgaros e os Eslavos a custo escaparam da tutela dos Ávaros, e o cã búlgaro Kubrat estabeleceu o seu povo nas regiões do Várdar Setentrional. Durante este período, a retaguarda dos invasores eslavos, formada pelos Croatas e Sérvios, penetrou também nos Balcãs Setentrionais mas os Eslavos também se fixaram em grande número na Grécia. Foram, contudo, os Búlgaros, menos numerosos, que se tornaram, politicamente, o grupo mais poderoso. Constantino IV sofreu uma derrota militar às suas mãos em 679 e foi forçado a ceder ao cã Aspáruco as terras a norte dos montes Hemos.

O império veio, contudo, posteriormente, a beneficiar de tréguas na luta no reinado de Constantino V, por este ter esmagado os Búlgaros em repetidas campanhas. Porém, a temeridade de Nicéforo I, que o levou à morte e à derrota nas gargantas montanhosas da Bulgária Setentrional, permitiu ao chefe búlgaro Krum estabelecer o Estado búlgaro em bases firmes.

Os séculos de invasões bárbaras e a desastrosa política de Justiniano e de alguns dos seus sucessores criaram nos Balcãs um padrão político e étnico completamente novo. O mapa dos Balcãs do século IX mostra como foi completa esta transformação. Havia Croatas a Ocidente; Narentinos, na Dalmácia; Sérvios e Búlgaros ao Norte e Oriente; finalmente, muitos eslavos que, havendo-se fixado na Grécia, foram lentamente absorvidos pela população nativa. Desta maneira, assistimos a uma transformação da fisionomia social do Império.



46. Invasão do território bizantino pelos Búlgaros; ilustrações de um manuscrito eslavónico do século XII. Na metade inferior vê-se Krum, rei dos Búlgaros, insultando o imperador cativo, Nícéforo I.

Reformas administrativas

A pressão a que os golpes repetidos dos povos bárbaros sujeitaram Bizâncio não só provocou danos consideráveis como criou também o clima propício a grandes transformações e reajustamentos internos. A evolução interior mostra que a política bizantina, embora nunca houvesse concebido a possibilidade de alterar a estrutura autocrática, era, no entanto, de grande elasticidade e susceptível de ajustamento institucional. Durante séculos, a máquina administrativa manteve a separação da autoridade militar da civil decretada por Diocleciano, sistema que evitou ao império a rebelião. A nova conjuntura, com o aparecimento de forças exteriores que ameaçam Bizâncio de destruição, exige, no entanto, uma acção militar eficaz. A separação dos poderes militar e civil teve, nestas condições, de ser abandonada, visto paralisar a acção que era necessário desenvolver. A invasão dos Lombardos e os incessantes assaltos dos Berberes levaram o imperador Maurício a confiar em cada área a autoridade militar e política a um único funcionário, o exarca de Ravena e o exarca de Cartago. Assim começou a militarização do governo provincial, sistema que conduziu também a grandes reformas sociais. O processo foi levado mais longe quando, por altura das invasões dos Persas, nos princípios do século VII, Heraclio decidiu militarizar a administração nos distritos anatólicos que ainda eram governados pelo império. Como resultado o *strategos* (general) de uma *theme* (província) ficou sendo o supremo magistrado militar e civil da sua *theme*. Acresce que a criação de uma *theme* implicava a instalação, nessa província, de tropas, às quais eram distribuídas terras. Desde então, o cumprimento do dever militar pelos soldados da *theme* e a posse gratuita das terras tornaram-se inseparáveis.

As conquistas árabes e as invasões dos Eslavos e dos Búlgaros levaram a um maior desenvolvimento e extensão do sistema *thematico*, de tal modo que a militarização do governo pro-



47, 48. *Iconoclastia. Moeda de Justiniano II (a esquerda) conservando ainda a efígie de Cristo. À direita, o imperador Leão III (717-741), que desencadeou o ataque aos ícones.*

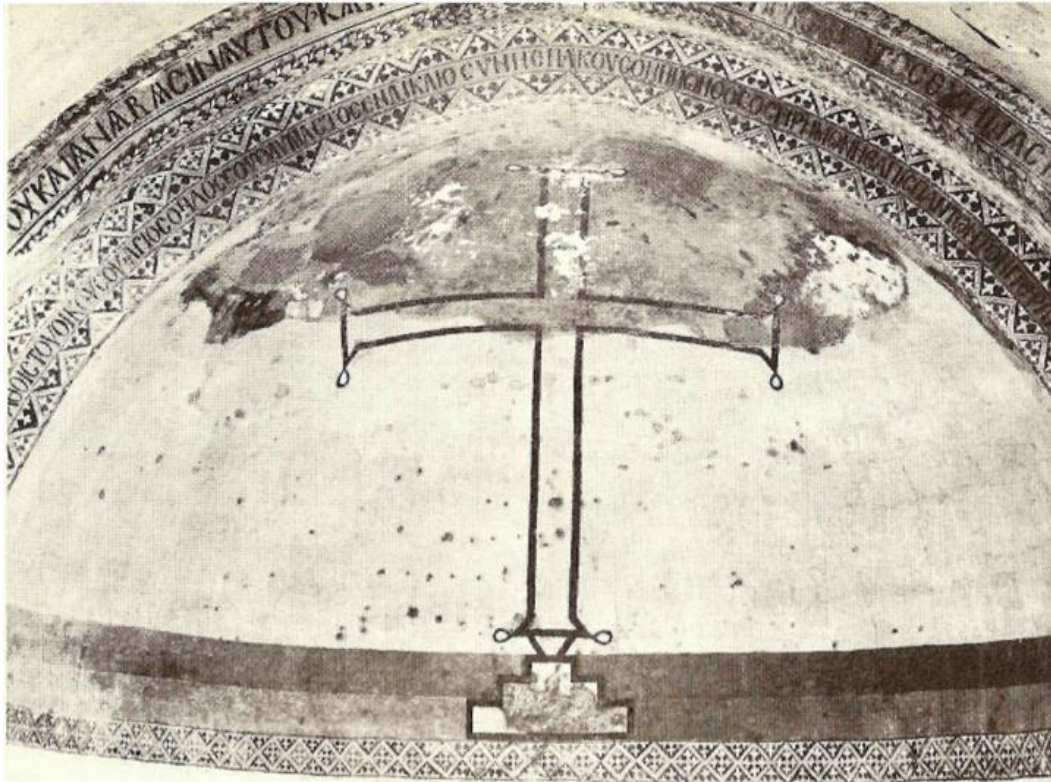
vincial chegou a estender-se, de certa forma, a todo o império. Devido à perda da maior parte dos Balcãs, as *themes* da Anatólia tornaram-se a principal fonte de recrutamento do exército bizantino, e assim continuaram durante os quatro séculos seguintes. Não há dúvida que o novo sistema administrativo foi de grande benefício para o império, visto de facto haver criado um novo exército de camponeses. O soldado camponês, com as suas pequenas terras, de onde extraía os meios com que se equipava, deu a cada província um exército local pronto a todo o momento a enfrentar o adversário. O aparecimento deste novo exército «nacional» foi acompanhado por um correspondente declínio do prestígio dos mercenários estrangeiros, que haviam sido elemento importante dos exércitos bizantinos durante os séculos anteriores. A lealdade destes fora sempre condicionada pelo recebimento do soldo, enquanto a do novo soldado camponês derivava de fontes tanto sentimentais como económicas. Além do mais, a promoção de um sector de rurais a uma classe militar, juntamente com o apoio do Governo ao camponês como proprietário livre, e consequentemente, o fortalecimento da classe rural como um todo, ajudaram grandemente a revitalizar a estrutura social do império. Foi, pois, possível aos imperadores, nos séculos seguintes, reduzir o poderio dos grandes magnates rurais mediante protecção e vantagens concedidas aos camponeses. A melhoria de condições da classe campesina foi também de grande benefício para o fisco imperial.

Iconoclastia

Se a invasão dos Árabes, Eslavos e Lombardos redundou na crise do corpo do império, a controvérsia iconoclasta poderá definir-se como a crise da alma do império. A discussão sobre a admissibilidade de imagens na arte religiosa irrompeu no século VIII. Na altura em que Leão III começou a atacar o uso das imagens como acto de idolatria, a importância dos ícones na piedade e na arte de Bizâncio era quase igual à reverência e dedicação dos greco-romanos pelas estátuas religiosas. A luta entre os iconoclastas e os defensores dos ícones tornou-se tão azeda que envenenou a sociedade durante mais de um século. A admissão das imagens pela Igreja na arte religiosa durante os séculos III e IV foi de grande importância pois, se a Igreja as não houvesse



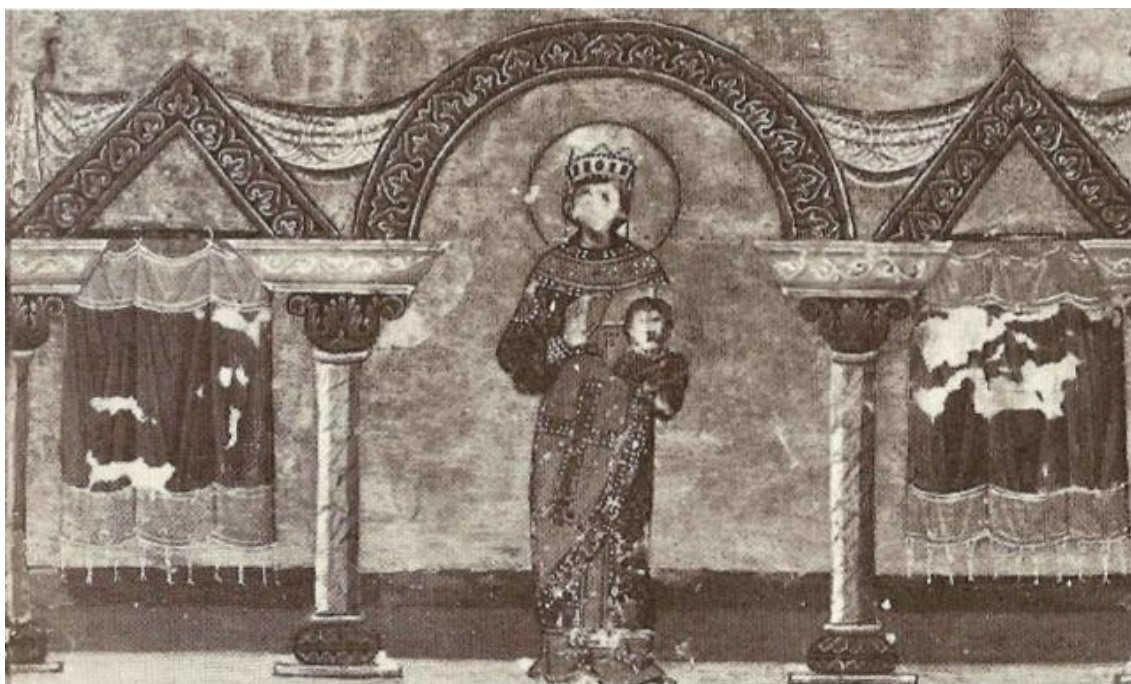
49. *Um iconoclasta borrando, a cal, uma imagem.*



50. *Os iconoclastas trocaram as imagens por símbolos. Esta cruz, que substituiu o mosaico da abside, pode ainda ver-se em Santa Irene,*

permitido, as tradições artísticas greco-romanas ter-se-iam desvanecido e a arte européia, provavelmente, tomado uma feição semelhante à islâmica. Mas, não obstante a aceitação por parte da Igreja destas tradições, apareceu logo de início no seu seio uma voz que condenava as imagens porque, dizia, se relacionavam com práticas pagãs e porque o seu uso contrariava a proibição mosaica da imagem esculpida. Apesar disso, tornou-se perceptível a intensificação do culto dos ícones na última metade do século VI, quando a desintegração dos negócios políticos levou o homem a acreditar em intervenções miraculosas, mágicas e sobre-humanas. Como as mais antigas tendências dos Gregos e dos povos helenizados para associar poderes mágicos a imagens físicas se afirmassem novamente, os dirigentes nada fizeram para as suprimir. Antes promoveram o seu desenvolvimento por actos oficiais, tais como o cânone 82 do concílio de 629 (ordenava que, a partir de então, Cristo não poderia continuar a ser representado como um cordeiro mas somente como um ser humano) e a colocação da imagem de Cristo nas moedas cunhadas no reinado de Justiniano II.

A reacção contra os ícones atingiu o auge em 726 quando Leão III (sírio de origem), a pedido de certos bispos e depois de uma erupção vulcânica que ele pensou ser devido à ira de Deus, proibiu o seu uso, apontado como idolátrico. A remoção e destruição dos ícones provocou violenta cólera contra Leão III em muitos bairros. O Papado interrompeu as relações com o império, a *theme* de Hélade revoltou-se e um sacerdote que vivia a salvo, nas terras distantes do califado, escreveu uma série de tratados teológicos em defesa das imagens. João de Damasco, argumentando que não há razões de natureza teológica que levem a ortodoxia a pôr de lado os ícones, defende com sucesso o seu uso contra as acusações de idolatria. Foi a Encarnação, dizia ele, que justificou a feitura de imagens, pois assim podemos representar o aspecto humano de Cristo. Além disso, o uso de imagens não podia ser condenado com o fundamento de que também os pagãos haviam reproduzido o aspecto físico dos seus deuses, pois semelhante argumento levar-nos-ia a condenar o exorcismo e outras práticas cristãs. Finalmente, o ícone era o registo de acontecimentos passados, uma imitação (tal como o homem fora feito à imagem de Deus) relacionada com o seu protótipo de maneira neoplatónica. A própria atitude do contemplador do ícone era



51. *Teodora, com a qual terminou a dinastia Macedónica, restaura os ícones.*

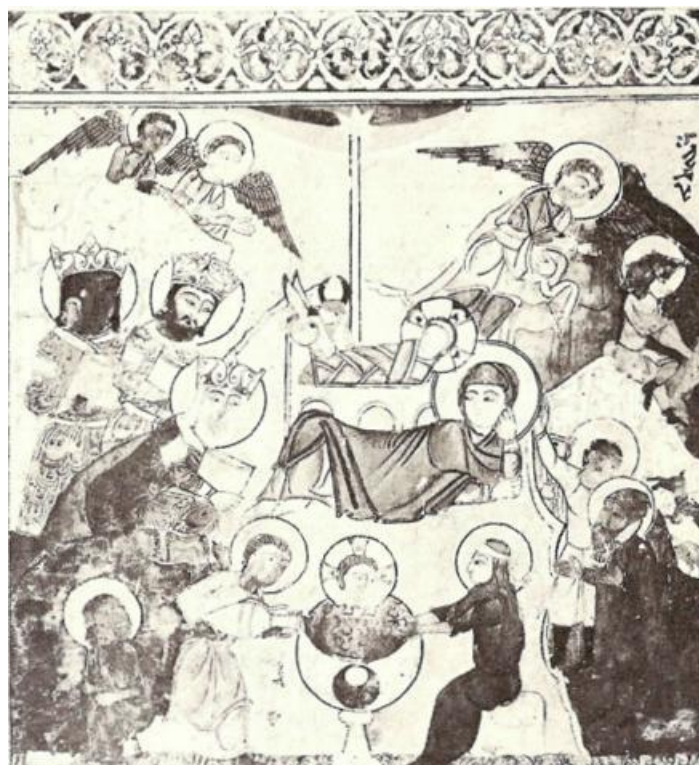


52. Embora os territórios orientais nunca tenham sido totalmente helenizados, as influências bizantinas são, por vezes, evidentes na sua arte, como, por exemplo, nas feições da Virgem deste painel sírio, de marfim, do século VI.

de respeito e não de adoração segundo as acusações dos iconoclastas.

O programa dos iconoclastas atingiu a maior actividade durante o reinado do vigoroso filho de Leão III. Constantino V, caluniosamente chamado Coprónimo (Obsceno) pelos seus raivosos opositores, levou o ataque ao coração da resistência, empreendendo guerra aberta aos estabelecimentos monásticos. Confiscou as suas propriedades, martirizou certos monges, alis-

tou alguns no exército e forçou muitos outros a casarem com freiras. Do ponto de vista teológico, voltou aos argumentos iconoclásticos da natureza idolátrica e levou a controvérsia cristológica ao seio do Concílio de Hiéria, em 753. Todos os que pintavam ou adoravam imagens eram ou nestorianos ou mono-fisitas, visto tanto uns como outros acreditarem que, em Cristo, a natureza humana estava inseparavelmente unida à natureza divina. Todo o que pensava poder representar Cristo em forma humana era nestoriano; se acreditava ser a forma divina, era não só monofisita mas transgredia o princípio da incircunscribibilidade de Deus. A teologia de Constantino era, contudo, ligeiramente monofisita, visto unir tão intimamente a natureza humana de Cristo à sua natureza divina que se tomava impossível representá-lo pictoricamente. As posições básicas de ambos os lados estavam postas nestes termos em meados do século VIII, mas o conflito continuou após o segundo reinado de Constantino embora de maneira menos violenta. O Concílio ecuménico de Niceia repôs, temporariamente, os ícones, em 787, mas a sua reintegração definitiva só teve lugar em 843. A controvérsia, embora de signi-

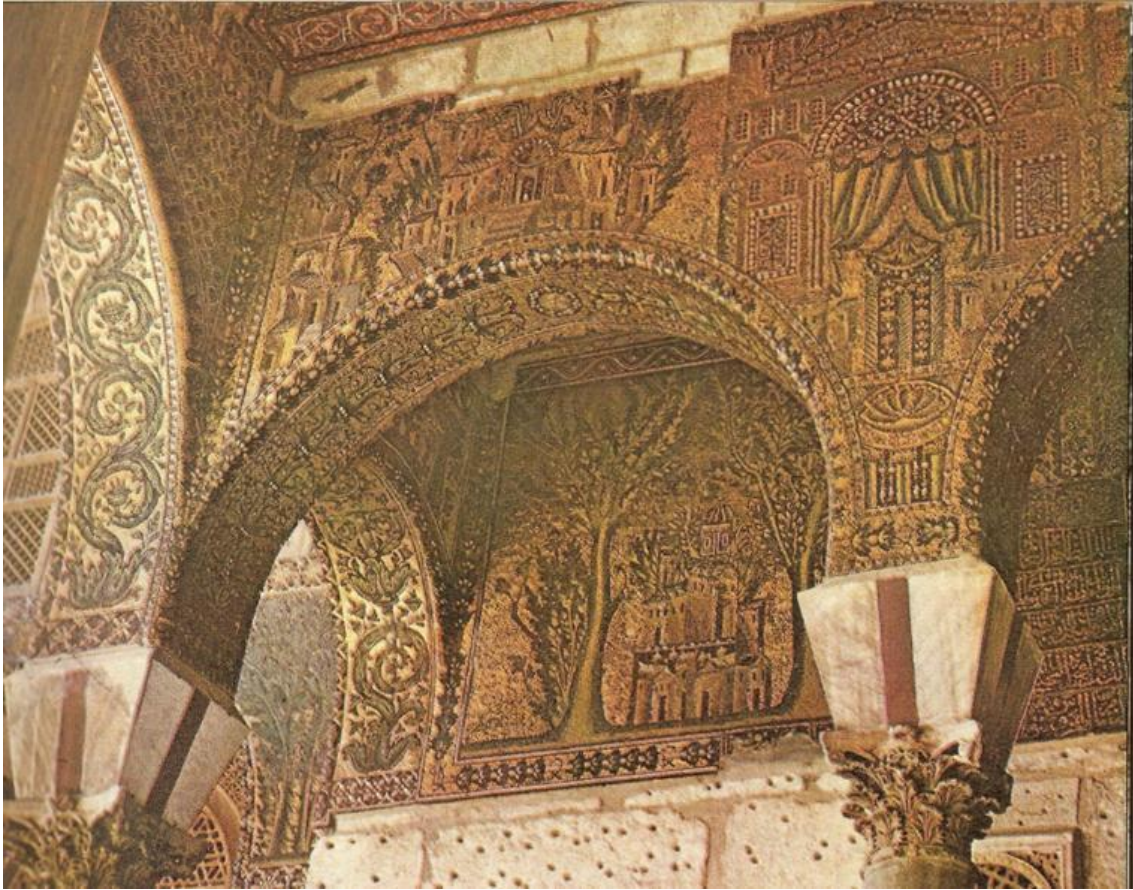


53. A arabização das províncias perdidas por Bizâncio durante o século VII exerceu efeito considerável na arte posterior. Mesmo os assuntos cristãos, como esta cena da Natividade, de um Evangelho siríaco de cerca do ano 1216, mostram a influência do Oriente (provavelmente persa) no tratamento das figuras e roupagens.

ficado cristológico, tinha importância mais vasta, pois, ao assegurar a continuidade da tradição greco-romana na arte bizantina, fazia com que o espírito helénico vencesse as ideias judaicas, que teriam dado à sociedade bizantina um colorido mais oriental. Bizâncio resistiu, pois, aos avanços militares e intelectuais do Oriente.

Inovações culturais

O século VII foi, em muitos aspectos, a «Idade das Trevas» de Bizâncio, não só devido aos grandes desastres então sofridos pelo império, como ainda à falta de documentos do tempo. Os Árabes, por um lado, fizeram-lhe perder o Próximo Oriente e a África do Norte, enquanto, por outro, os Eslavos e os Búlgaros ocupavam a maior parte dos Balcãs. Estes tremendos danos privaram os Bizantinos dos importantes campos de recrutamento militar dos Balcãs e da Arménia, bem como dos produtos da indústria síria e da agricultura egípcia. A perda de grandes cidades, como Antioquia, Damasco, Alexandria e Cartago, alterou o carácter policêntrico do império. Constantinopla ficou a ser o único grande centro urbano e centralizou, desde então, a sociedade bizantina. Isto é nitidamente reflectido pelo desenvolvimento literário e artístico, no qual João de Damasco representa o último lampejo da cultura bizantina nas províncias perdidas. Os gregos, os coptas e os sírios destas províncias foram integrados no califado árabe e submetidos a uma nova cultura. Admira que os cristãos egípcios e siríacos, que haviam resistido à helenização ao rejeitarem as decisões do Concílio de Calcedónia e desenvolvido as suas próprias línguas, se deixassem absorver rapidamente pelos novos senhores do Próximo Oriente. A arabização e islamização destes povos é um dos fenómenos culturais mais verdadeiramente notáveis da História da Humanidade. O aparecimento dos Árabes nas costas orientais e meridionais do Mediterrâneo levou-os a criar uma força marítima que forçou os Bizantinos a partilhar o condomínio das águas orientais. Comercialmente, o rendoso negócio dos transportes entre o Extremo Oriente e o Mediterrâneo caía nas mãos dos Árabes.



54. *A Grande Mesquita de Damasco (715), exemplo das adaptações islâmicas da cultura bizantina.*

Por maiores que fossem estas perdas, houve, no entanto, factores compensatórios. A ocupação árabe das províncias bizantinas no Levante libertou o império dos distritos turbulentos que alimentavam tendências separatistas. Constantinopla deixou de se preocupar com a imposição de decisões eclesiásticas impopulares na Síria e no Egipto bem como com a fidelidade política das populações monofisitas. As fronteiras imperiais retrocederam e a sua diminuição redundou num comparativo fortalecimento do Estado. Isto devia-se ao facto de as novas fronteiras políticas coincidirem mais de perto com as fronteiras étnicas e religiosas, pois os habitantes do império eram agora, em grande maioria, de língua grega e ortodoxos. Cessou o domínio político efectivo dos Árabes, Eslavos e Lombardos na Anatólia Oriental, Trácia,

Grécia, Itália Meridional e Sicília, precisamente as áreas onde os grupos de língua grega eram mais fortes e haviam resistido à arabização ou eslavização linguística. A ameaça islâmica amainou grandemente devido às lutas tribais que levaram à derrota dos Omíadas e à deslocação para Oriente da capital, transferida de Damasco para as regiões do Tigre e Eufrates. Estas grandes perdas territoriais deram, finalmente, ao Império Bizantino a homogeneidade cultural que as reformas de Diocleciano e de Constantino, bem como as magníficas realizações de Justiniano, não haviam conseguido. O esforço despendido no trabalho de absorção das províncias mais afastadas do Oriente consumiu energias assimilatórias muito superiores à capacidade criadora do império. Nos Balcãs Meridionais e na Anatólia, a cultura bizantina mostrou-se, porém, tão irresistivelmente vigorosa que, no século VI, podiam considerar-se mortas ou moribundas as línguas não gregas. As línguas lídia, frigia, céltica, lícia, gótica, capadócia e isauriana foram, primeiro, reduzidas a *patois* rurais e, finalmente, extintas perante a língua usada na administração, comércio e religião.

Os numerosos agrupamentos estrangeiros que os imperadores periodicamente instalavam na Anatólia também sucumbiram. A grande colónia de eslavos na Grécia levou o historiador alemão Jacob Fallmerayer a notar que «nem uma simples gota de sangue grego puro corre nas veias dos gregos modernos». Alguns historiadores dos nossos dias, influenciados pelas teorias sociais do século XIX, que associaram génio criador e realizações culturais com «pureza de sangue», continua a aceitar as suas conclusões. Tanto os gregos micénicos como os clássicos eram já produtos de uma mistura étnica, pelo que, mesmo na Antiguidade, os Gregos não eram já de «sangue puro», seja qual for o significado que a este conceito se possa atribuir. Quando as tribos eslavas vieram para a Grécia acomodaram-se a uma sociedade que estava muito mais desenvolvida e pela qual, no decurso dos séculos, foram largamente absorvidos, cristianizados e helenizados. No Peloponeso deixaram apenas os seus topónimos eslavos e uns escassos e dispersos vestígios nas fontes como

testemunho da sua primitiva existência como entidade étnica separada. Culturalmente, parece terem tido influência insignificante, facto confirmado pelas investigações do filólogo eslavo Miklosich, que encontrou apenas 129 palavras de origem eslava na língua grega. Apesar do grande número de eslavos que se estabeleceram na Grécia o estudo dos esqueletos dos Gregos antigos e modernos revelou uma forte continuidade do tipo físico. O antropologista C. Coon ficou tão admirado com esta evidência que escreveu, no seu livro *The races of Europe*:

É incorrecto dizer-se que os Gregos modernos são, fisicamente, diferentes dos antigos. Semelhante afirmação baseia-se na ignorância das características étnicas dos Gregos. Nos tempos clássicos, os Gregos englobavam vários tipos de povos que viviam em lugares diferentes, como hoje sucede. Se tivermos em vista os habitantes da Ática durante o século VI ou os Espartanos de Leónidas, então as mudanças nestas localidades não devem, provavelmente, ter sido de perto tão grandes como as que se observam entre os germanos de Tácito e os actuais alemães do Sul, para citar um exemplo... O elemento nórdico é fraco como o terá provavelmente sido desde os dias de Homero. O tipo rácico a que Sócrates pertenceu é hoje o mais importante... Perante os Gregos modernos a minha reacção pessoal é à sua continuidade com os antepassados do mundo antigo, continuidade notável, não descontinuidade...

Em última análise, contudo, trata-se menos de continuidade do tipo do que continuidade cultural, factor crítico nem quebrado nem alterado pelos Eslavos. A homogeneidade agora atingida pelo império reflecte-se na transformação cultural dos arménios e dos eslavos entrados no serviço imperial, bem como no aparecimento dos novos exércitos indígenas da *theme*.

A sociedade e a vida económica dos Bizantinos foram indubitavelmente afectadas pela perda dos centros urbanos do Levante bem como pela violenta destruição da vida da cidade, pelos Eslavos,

em grande parte dos Balcãs. O completo desaparecimento das cidades no império teria de significar, sem dúvida, o fim das tradições greco-romanas da civilização bizantina. A vida citadina manteve-se, contudo, nos centros urbanos da Grécia e da Trácia, onde Espana, Patras, Corinto, Atenas, Tebas, Castória, Tessalonica, Andrinopla e Constantinopla sobreviveram ao holocausto eslavo. Foi, porém, na Ásia Menor que as cidades greco-romanas, relativamente falando, se mantiveram protegidas contra as migrações étnicas. Caravanas muçulmanas e cristãs atravessavam as cidades do planalto e navios mercantes visitavam os portos, de modo que as cidades da Anatólia serviam não só de centros administrativos e eclesiásticos como também de grandes mercados comerciais. As comunidades aldeãs estavam estreitamente ligadas aos centros metropolitanos, onde compareciam os lavradores para vender os seus produtos, comprar mercadorias, implorar a protecção do santo patrono no templo e apresentar-se no tribunal, ante o juiz. Elos comerciais, burocráticos e religiosos uniam as cidades provinciais a Constantinopla. Acompanhava a existência desta sociedade urbana uma economia monetária para a qual as despesas do Governo foram sempre contribuindo. Os encargos governamentais com os gastos militares da Anatólia devem ter subido, anualmente, a um milhão de *solidi*, ouro. Os agricultores pagavam parte das contribuições neste metal. O carácter urbano e económico do Império diferia do Ocidente, onde a vida rural se sobrepunha à vida da cidade.

A sobrevivência de Bizâncio em condições tão difíceis não constitui prova única da sua vitalidade pois, por meados do século IX, o império recomeçou a impor a sua cultura sobre a maior parte das regiões povoadas pelos Eslavos. Por esta altura os príncipes morávios e búlgaros pediam ao imperador para lhes enviar missionários, destinados a introduzir o Cristianismo nos seus reinos. Daqui se seguiu uma amarga competição entre Roma e Constantinopla sobre as almas dos Eslavos, e embora Constantinopla houvesse sido obrigada a abandonar a Morávia, conseguiu, no entanto, converter os Búlgaros à concepção bizantina do Cristianismo. Cirilo e Metódio, conhecidos como os



55. Os irmãos tessalónicos Cirilo e Metódio, (Apóstolos dos Eslavos», são representados neste fresco do século XI ajoelhados perante Cristo, junto de Santo André, São Clemente e anjos.

«Apóstolos dos Eslavos», lançaram as bases do cristianismo eslavo ortodoxo e criaram o alfabeto eslavónico, destinado à tradução da liturgia e das Escrituras do Grego para um dialecto eslavo. Foi o começo do processo que disseminaria a cultura bizantina entre os eslavos do Sul, os Romenos e os Russos. O papel da igreja grega na civilização eslava assemelha-se ao papel do Papado na civilização da Europa Ocidental.

OS MACEDÓNIOS

A reconquista bizantina

Debelada a crise do século VII e conseguida a consolidação no século VIII, o império fortalecido conquistou novos triunfos durante a dinastia macedónica (867-1056). Graças ao patrocínio

e orientação dos Macedónios, não só alcançou retumbantes êxitos militares e sociais como experimentou um novo florescimento literário e artístico.

Deste ponto de vista, a iniciativa não se deve, em verdade, exclusivamente à dinastia macedónica, visto Miguel III e os seus conselheiros haverem já fixado muitas das directrizes seguidas pelos Macedónios. Nos dois séculos posteriores à ascensão de Basílio I, o alargamento das fronteiras imperiais marca um novo e glorioso capítulo nas páginas dos anais militares bizantinos. A reconquista dos Macedónios não foi tão extensa como a de Justiniano, mas teve a virtude de ser realista. As acções bélicas na fronteira oriental estabilizaram e, no século IX, passaram a consistir em ataques e contra-ataques, frequentemente vantajosos do lado dos Árabes. O desenvolvimento deste tipo de actividade fronteiriça criou o *milieu* que inspirou o grego Digenes Akritas, poeta épico medieval. Tanto na epopeia como na guerra contra o Islão somos postos perante a existência e a ascensão das grandes famílias militares da Anatólia, isto é, das famílias dos Árgiros, Focas, Escleros, Ducas, Maleinos e outros. O poderio destas dinastias provinciais nasceu da combinação de altos postos no exército com a posse de latifúndios nos distritos anatólios.

O avanço bizantino na frente oriental começou quando Basílio I decidiu pôr termo ao principado fronteiriço dos Paulicianos. Seita herética de origem arménia, que rejeitava o Velho Testamento e parte do Novo, negava a eficácia da Cruz, das relíquias e dos ícones, detestava o sacerdócio, não aceitava nem o ceptismo nem a eucaristia. Os Paulicianos haviam conseguido formar um Estado independente, auxiliados pelos Árabes. Erradicada a seita do território bizantino pela imperatriz Teodora, refugiaram-se entre os Árabes e estabeleceram-se eventualmente na cidade de Tefrique, de onde partiram, em assaltos frequentes, contra o território do império bizantino. O seu chefe mais eficiente foi um antigo oficial do império Chrysocheir, que hesitara entre a lealdade ao império e a defecção a favor dos heréticos. O patriarca Fócio, que vigiava cuidadosamente Chrysocheir, aconselhava-o a manter-se fiel, mas ele optou finalmente pela

vida de herético e de pirata. As suas campanhas militares foram muito mais perigosas do que as dos seus antecessores. Levaram-no, para Ocidente., até à Bitínia e a Éfeso, onde meteu o cavalo na Igreja de S. João (867-868). A sua impudência era tanta que, dirigindo-se a uma embaixada imperial que chegara a Tefrique em 689, ousou dizer que Basílio se devia cingir às províncias europeias e deixar a Anatólia aos Paulicianos. Uns anos mais tarde, Basílio conseguiu destruir algumas aldeias paulicianas. Sofreu, porém, uma derrota frente a Tefrique, e teria perdido a própria vida se não fosse a valentia de um militar arménio, Teofilato, o Turbulento, pai do futuro imperador Romano I Lecapeno. O acontecimento perturbou a mente de Basílio que, a partir de então, pedia diariamente a Deus, na sua capela, para que pudesse só viver o suficiente para ver a morte de Chrysocheir, e também para poder cravar três setas no crânio do herege. Dois anos mais tarde Chrysocheir foi derrotado e morto. Os Paulicianos fugiram para Oriente, Tefrique foi ocupada pelos exércitos do imperador e, um século depois, quando o avanço das suas tropas lhe permitiu mais uma vez estabelecer contacto com eles, João Tzimiskis transferiu-os, em grande parte, para a região de Filipópolis, que, desde então, se tornou o centro destes belicosos sectários.

A guerra contra os Árabes seguir-se-ia às campanhas paulicianas se eles não cercassem o império na Sicília, Itália e Bulgária. A localização geográfica e a extensão das possessões bizantinas obrigavam o Estado a bater-se em duas fronteiras bastante distanciadas (cerca de mil e seiscentos quilómetros uma da outra). Em 904 os Árabes alcançaram o seu último grande sucesso militar sobre Bizâncio, quando o renegado Leão de Trípoli saqueou Tessalonica e levou como escravos 22 000 dos seus habitantes.

Com a ascensão ao trono de Romano I Lecapeno, foi retomada a ofensiva na fronteira do Oriente, que fora suspensa ao findar a campanha paulicianas. O arquitecto da nova ofensiva na Anatólia foi um general bizantino de origem arménia, Joo Curcuas, visto, nos documentos, como um segundo Belisário ou Trajano. Os seus talentos e feitos militares inspiraram uma

biografia em oito volumes que, infelizmente, não chegou até nós. Curcuas assumiu a direcção das operações na Anatólia Oriental em 923 e, durante os vinte anos seguintes, foi sistematicamente fazendo recuar os Árabes. A sua vitória mais significativa foi a recaptura da cidade de Mitilene, que cristianizou, oferecendo aos seus habitantes maometanos a escolha entre a conversão ou o exílio. Mais espectacular ainda, na opinião de Curcuas e dos seus contemporâneos, teria sido a recuperação da imagem do Cristo estampada numa toalha de seda que se diz ter ele próprio enviado a Abgar, rei lendário de Edessa. Os maometanos de Edessa libertaram a cidade do cerco posto por Curcuas em troca desta célebre imagem.

O impulso da contra-ofensiva ganhou força às ordens de Nicéforo Focas e João Tzimiskis. Focas, conhecido pela alcunha de «Morte Branca dos Sarracenos», conseguiu a primeira das suas vitórias espectaculares com a reconquista de Creta em 960-961. Enquanto ocupada pelos Árabes, foi um covil de corsários.



56. *Leão VI, o Sábio, ajoelhado perante Cristo, mosaico de Santa Sofia.*



57. Basílio II, o Carniceiro Búlgaro, em cujo reinado o Estado Bizantino alcançou o seu último período de grandeza.

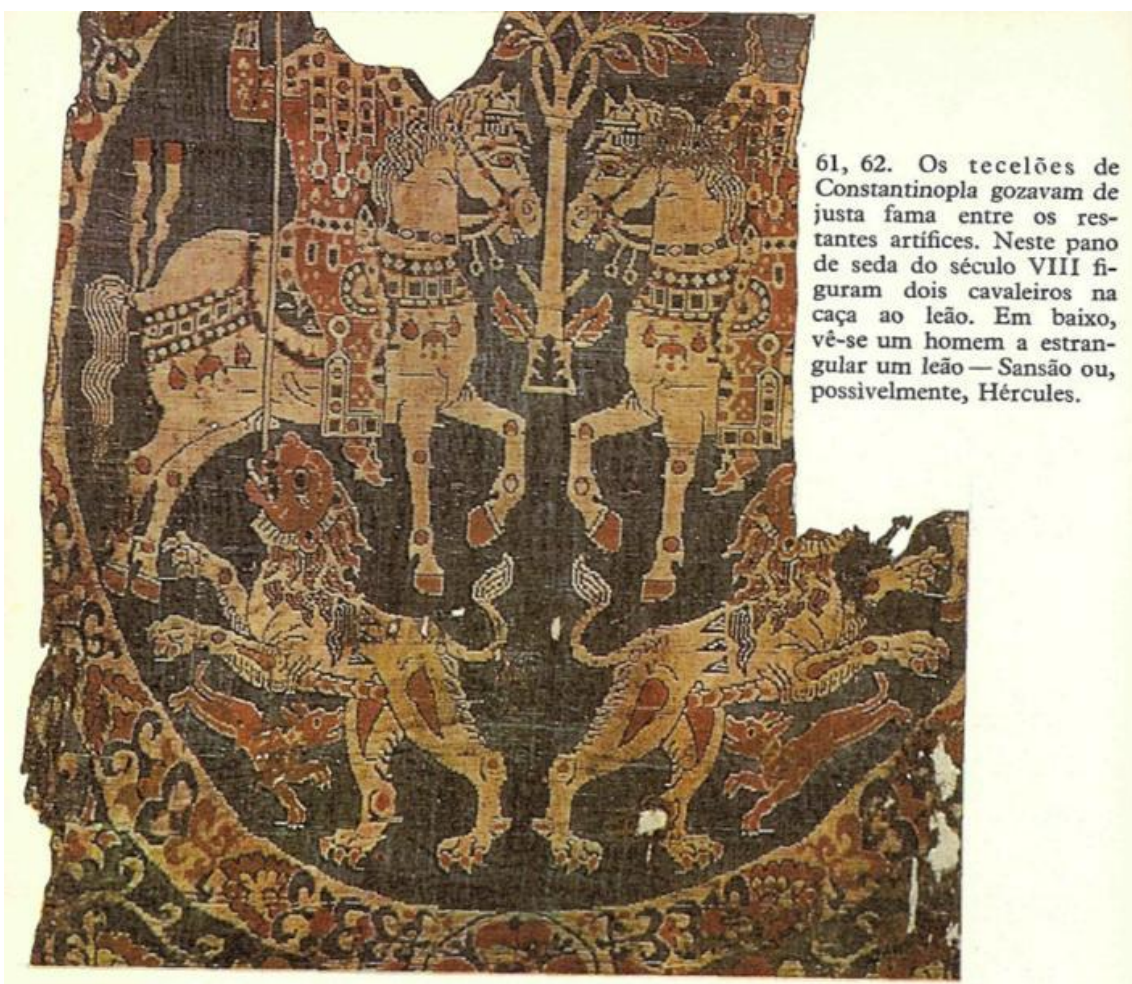
Daqui partiram os assaltos às costas e ilhas do Egeu, assaltos que levaram, como vimos, à acção sobre Tessalonica em 904. A reconquista foi seguida da acção missionária do monge anatólio São Nícon que, depois de converter os maometanos cretenses, se dirigiu à Lacedomónia, para levar a fé aos indisciplinados eslavos, estabelecidos próximo de Esparta. A expulsão dos árabes de Creta e a ocupação de Chipre, em 965, afastaram o perigo dos ataques navais muçulmanos às costas do Egeu e da Anatólia. O poderio naval de Bizâncio impunha, mais uma vez, a sua força decisiva no Mediterrâneo Oriental. Na Anatólia, Sayf ed-Duala fez porfiados esforços para evitar a catástrofe final que ameaçava a dinastia Hamdanid na Cilícia e na Síria Setentrional. Porém, Alepo, capital de Sayf ed-Duala, rendeu-se um ano depois da queda de Creta e ele próprio viveu o suficiente para ouvir a notícia da queda de Tarso, em 965. Quando as tropas imperiais entraram nesta importante cidade da Cilícia rapidamente a transformaram em metrópole cristã, oferecendo, mais uma vez, aos habitantes árabes a escolha entre o exílio e a conversão, ao mesmo tempo que facilitavam a vinda de colonos gregos e arménios.

A última grande vitória dos exércitos de Focas foi a captura de Antioquia, em 969. O regresso desta sede patriarcal e centro de negócios ao império cristão, após séculos de domínio infiel, foi o mais belo feito do reinado de Focas. As paixões religiosas dos combatentes foram a característica mais saliente desta amarga luta. Para os Muçulmanos o *hihad*, ou guerra santa, era um dever imposto pelo Islamismo. Focas, de grande piedade ascética, queria que todos os soldados mortos nas guerras fossem considerados mártires da fé, o que não conseguiu devido à oposição do patriarca. A belicosidade de Focas ressalta vivamente de uma carta que enviou ao califa em 964:

Nas lutas travadas nas gargantas das montanhas os vossos homens de armas foram perseguidos como um bando de animais. Reduzimos à impotência os vossos camponeses e suas mulheres. Os altos edifícios foram destruídos e as suas ruínas, outrora centros florescentes, tornaram-se num



58-60. O significado religioso da função imperial exprimia-se de várias maneiras. O ascético Nicéforo Focas (em cima) considerava a sua função como uma cruzada, e combateu os Árabes. João Tzimiskis é coroado pela Virgem (em cima). À direita, Constantino VII Porfirogeneta, grande patrono das artes depois da reposição das imagens, é coroado por Cristo.



61, 62. Os tecelões de Constantinopla gozavam de justa fama entre os restantes artífices. Neste pano de seda do século VIII figuram dois cavaleiros na caça ao leão. Em baixo, vê-se um homem a estrangular um leão — Sansão ou, possivelmente, Hércules.



deserto inabitável. Apenas o piar do mocho e o seu eco nas colunas enchem a solidão.

Antioquia desapareceu... cedo ali chegarei com numeroso exército... Ó tu que habitas os desertos de areia, que as maldições recaiam sobre ti. Volta para o teu país de Sana, terra da tua origem. Em breve conquistarei o Egito com a minha espada e as suas riquezas serão saqueadas... Tomarei todo o Oriente e Ocidente e farei reinar nos mais diversos lugares a religião da Cruz. Jesus tem um trono que se eleva acima de todos os céus... enquanto o teu profeta desceu ao seio da terra. Que os seus ossos se desfaçam em pó... e que os seus filhos sejam atormentados pela morte, o cativo e desonra.

A morte de Focas às mãos de Tzimiskis, amante da imperatriz, não interrompeu a guerra. Tzimiskis completou a reconquista em 975 com a sua triunfal cavalgada através da Síria e a rendição das cidades de Damasco, Sídon e Beirute. Mas uma vez senhores da Síria Setentrional, os imperadores voltaram-se agora para os principados arménios e georgianos do Noroeste da Anatólia. Estes territórios foram grandemente assimilados devido à política de Basílio II e dos seus sucessores, graças à qual o poderio militar bizantino voltou, em meados do século XI, a mostrar-se todo-poderoso no Oriente.

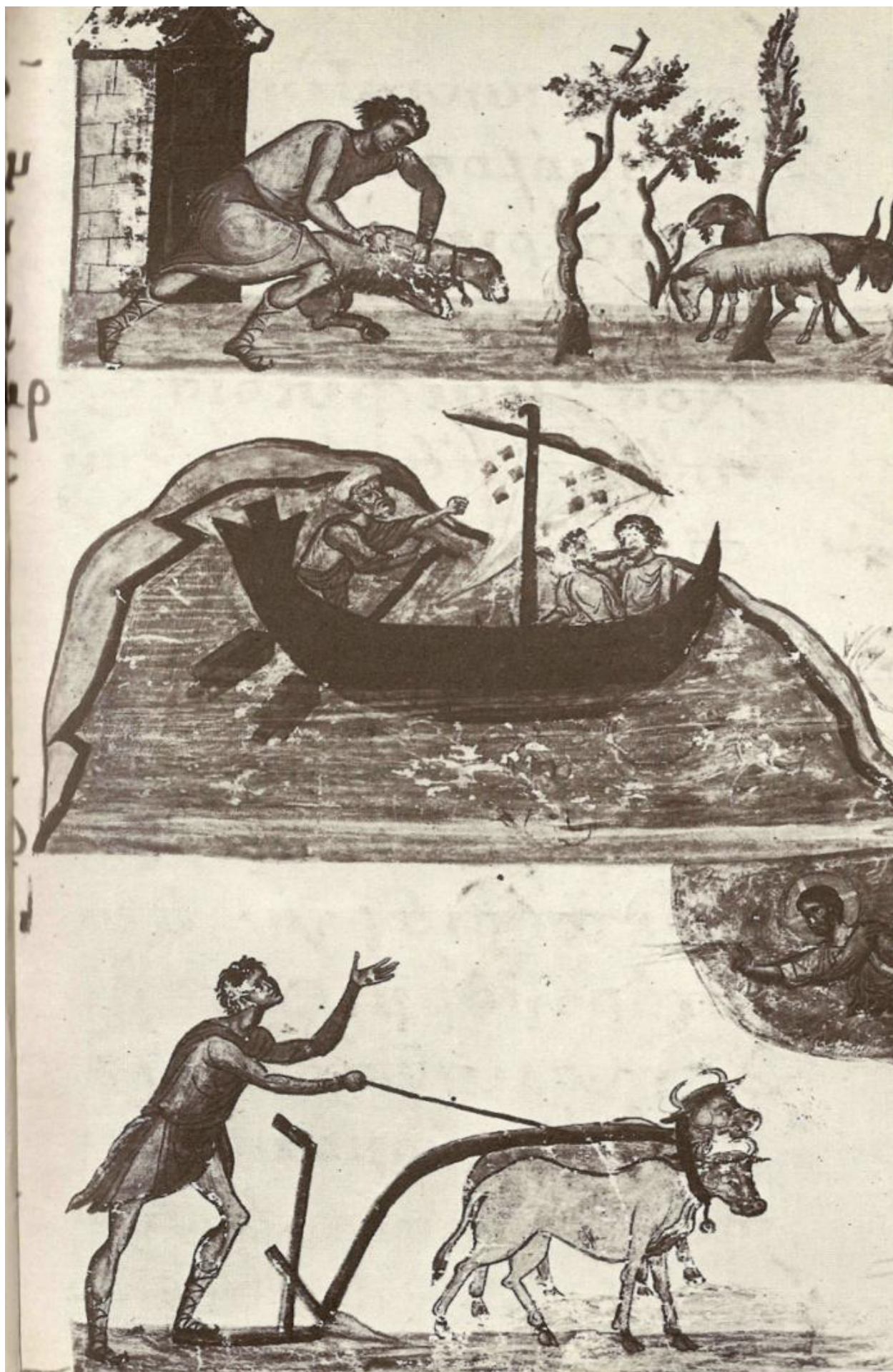
Às vitórias do Oriente correspondem, no Ocidente, as dos Balcãs, marcadas pela viragem levada a efeito durante o reinado de Romano I Lecapeno. Ao princípio estava-se longe de prever que as armas bizantinas pudessem triunfar, visto Simeão, que sucedera ao pai no trono da Bulgária em 893, haver vencido e aterrado o império até à sua morte, em 927. Não só forçou o governo imperial a pagar-lhe tributo, como ele próprio, à frente dos seus exércitos, avançou até às muralhas de Constantinopla, quando o imperador suspendeu os pagamentos. A fraqueza do governo bizantino, nessa altura, era tal que Simeão obteve o título de imperador, foi coroado pelo patriarca e consertou os esponsais de sua filha com o jovem Constantino VII. A revolução

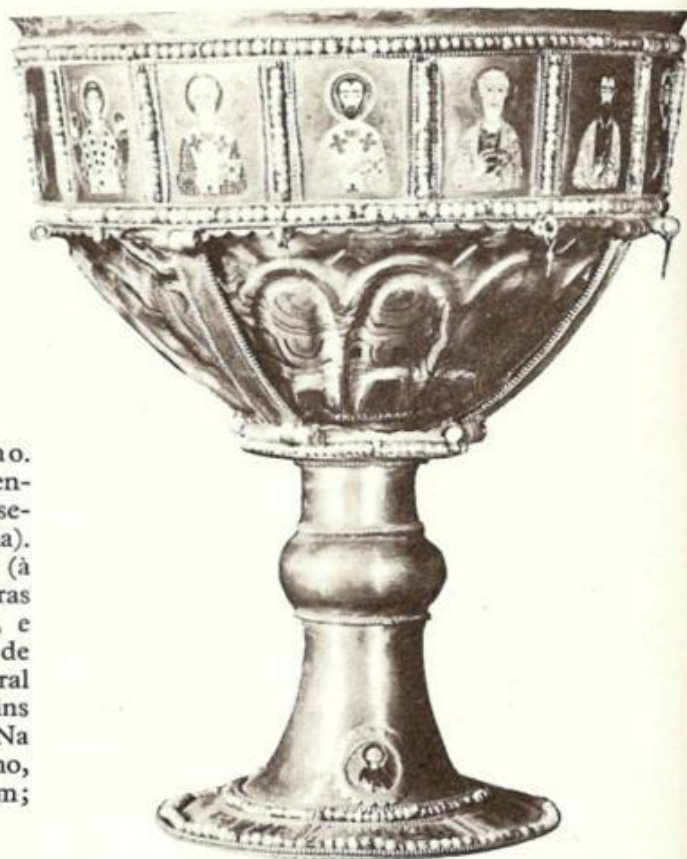


63, 64. *A vida do homem vulgar. Trabalho na vinha (em cima). Tosquia das ovelhas, navegação e lavra (na página oposta). Cenas de manuscritos do século XI.*

que em Constantinopla levou Romano Lecapeno a tomar a direcção dos negócios públicos foi desastrosa para Simeão, que aspirava a substituir o Império Bizantino por um Império Búlgaro. A promessa de casamento com sua filha foi anulada. Sucedeu o mesmo com a coroação. As ambições que alimentava acabaram por cair por terra quando Romano tomou o título de imperador, em 919, e preparou o casamento de Constantino VII com a sua própria filha. Não obstante, um compromisso era tomado, cinco anos mais tarde, quando, havendo-se encontrado com Simeão, Romano lhe outorgou o título de imperador, à semelhança do que Miguel I fizera com Carlos Magno, em 812, embora tenha ficado esclarecido que não se aplicaria ao Império Bizantino. Simeão envolveu-se, nesta altura, em guerra com os Sérvios e os Croatas, e quando morreu, em 927, seu filho Pedro, de índole mais dócil, tornou-se genro obediente de Romano I. Daí em diante, a influência bizantina alastrou através do reino búlgaro, acompanhada, embora, pelo crescimento da heresia dualista dos Bogomilos.

No reinado de Focas as relações entre Bizâncio e a Bulgária mais uma vez se deterioraram e, como o imperador andava empenhado contra os Muçulmanos, pediu auxílio ao príncipe russo Svyatoslav. Este derrotou os Búlgaros nas margens do Danúbio, e em 969 fez-se senhor do país. Esta viragem nos aconteci-

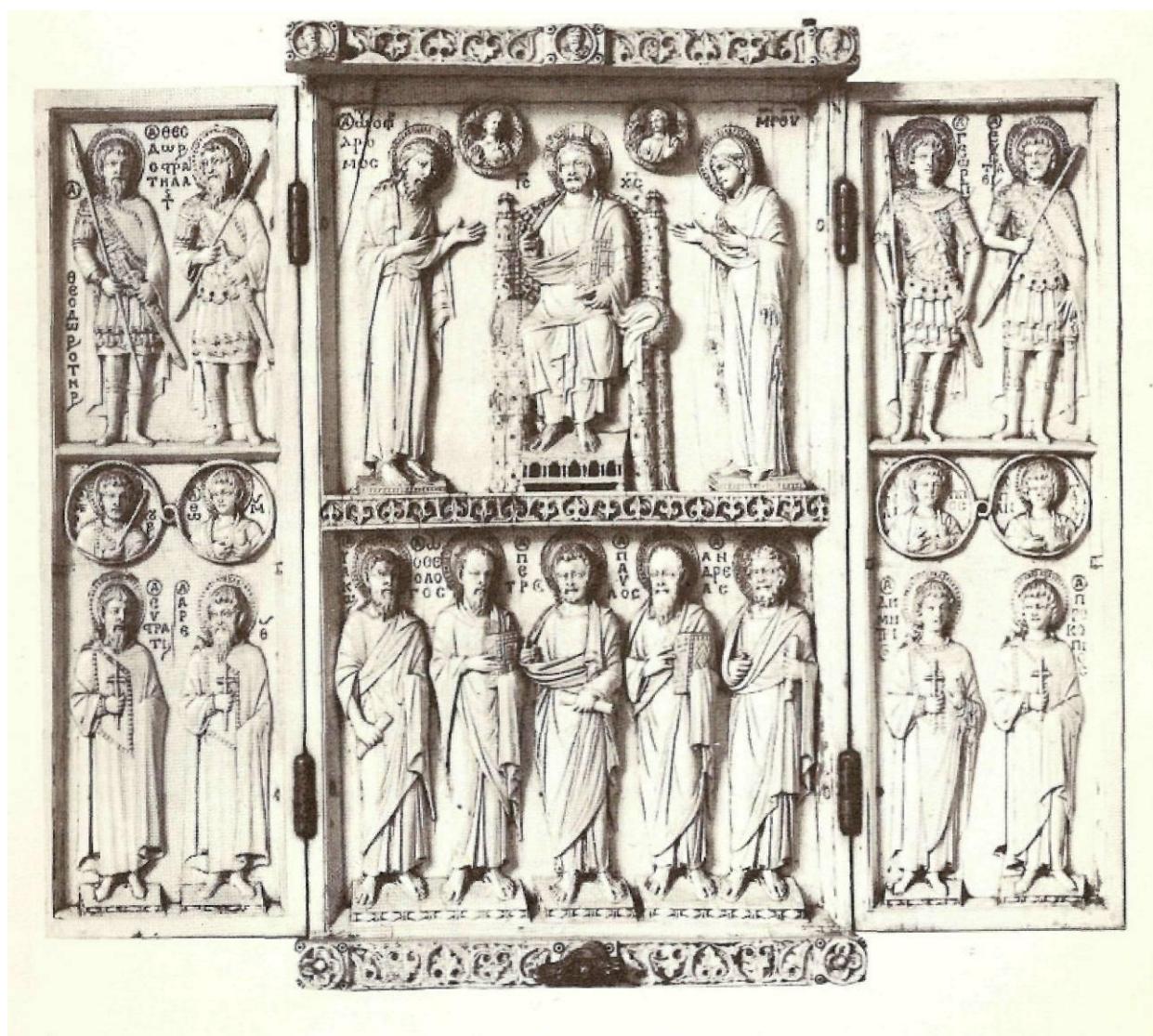




65-67. Artesanato bizantino. Salva de prata (610-629) representando Sileno correndo em perseguição de uma ménade (em cima). Cálice de cerca do ano 1070 (à direita); no corpo figuraram pedras semipreciosas; o pé é de ouro, e o bordo decorado com chapas de esmalte *cloisonné*. Painel central do tríptico de Harbaville dos fins do século X (página oposta). Na parte superior vê-se Cristo no trono, ladeado por São João e a Virgem; em baixo, figuram os santos.

mentos forçou João Tzimiskis a empreender a grande expedição de 971, durante a qual os exércitos bizantinos tomaram a capital búlgara (Grã-Preslav). Svyatoslav foi forçado a render-se, na Silístria. Tzimisces anexou a Bulgária e extinguiu o patriarcado búlgaro.

Iniciado o reinado de Basílio II, os Búlgaros revoltaram-se, venceram, e formaram um reino, embora de vida curta, chefiados pelo czar Samuel. Os esforços de Basílio para submeter Samuel e evitar a expansão búlgara foram seriamente comprometidos pelas guerras contra o Islamismo, mas, mais ainda, pela revolta (987) das duas famílias mais poderosas da Anatólia. Por momentos,



pareceu que os exércitos de Bardas Focas e de Bardas Scleros conseguiriam destruir a dinastia macedónica e dividir o império em dois estados, um europeu e outro asiático. Inesperadamente, porém, Basílio, pôs, vitoriosamente, termo à guerra civil, embora à custa de uma luta exaustiva e do auxílio das tropas russas. Sufocou a seguir a resistência búlgara, esmagando as forças inimigas junto do rio Struma, em 1014. Conta a lenda que cegou 14 000 soldados búlgaros após a batalha, e que ao completar este horroroso espectáculo Samuel caiu fulminado. Dentro de poucos anos, a península balcânica estava ou totalmente sob domínio bizantino ou reconhecia a soberania imperial.

A restauração do poder e a auto-confiança de Bizâncio e dos seus chefes levaram a uma nova colisão com o Império do Ocidente, governado por Otão I. Coroado em Roma, no ano de 962, a dignidade imperial que este assumiu foi considerada, em Constantinopla, como uma usurpação. As suas empresas militares em direcção à Itália Meridional irritaram ainda os chefes bizantinos. Foi neste ambiente que Otão enviou o seu emissário, Liutprando de Cremona, a Constantinopla com a missão de contratar uma aliança matrimonial, com um dote que traria as possessões bizantinas da Itália ao domínio dos Otónidas. O conceito de propriedade imperial de Focas sentiu-se menos ultrajado com a proposta do que com as susceptibilidades do embaixador de Otão, que nos legou uma acerba mas preciosa narrativa da sua embaixada a Constantinopla. A memória de Liutprando é, porém, um pouco mais do que mera notícia, visto nos pintar, a traços arrojados, o retrato das duas sociedades que, através dos séculos, se desenvolveram, sob todos os aspectos, de modo diferente. Nicéforo Focas repetidamente escarnecia de Liutprando fazendo-lhe notar que o seu senhor era um rei e não um imperador, um bárbaro e não um romano. A isto respondia Liutprando, baseado na língua, que o título de romano era mais próprio dos habitantes da Itália, ou que os Romanos, como descendentes dos escravos e assassinos que com Rómulo haviam fundado Roma, eram inferiores aos Lombardos e aos Saxões. O seu retrato de Focas é uma caricatura divertida e tendenciosa:

É um homem monstruoso, anão, de cabeça enorme e minúsculos olhos de toupeira; desfigurado por uma barba curta, muito espessa, meio grisalha; desfavorecido por um pescoço de menos de uma polegada; as cerdas compridas e espessas que tem na cabeça dão-lhe um ar de suíno; na cor, um etíope e, como o poeta diz, «nada agradável de encontrar de noite».

Liutprando aponta a antiga opinião dos Romanos acerca dos Gregos e cita a opinião de Virgílio: «as línguas são presunçosas, mas frias as suas mãos na guerra». Os Gregos não eram apenas cobardes mas, também, bajuladores e dados à ganância e à mentira. Nicéforo, vencedor dos Árabes, tinha igual desprezo pelas qualidades pessoais e guerreiras dos Ocidentais. Dizia que o peso das armas e do equipamento os enfraquecia militarmente. Os cabelos compridos e as requintadas vestes dos Gregos, tão diferentes das modas do Ocidente, associou-os Liutprando à efeminação helénica. É colérica a sua reacção à cozinha grega. Foi-lhe bastante penoso frequentar salões atravessados por correntes de ar e não aquecidos. Não suporta, nos banquetes imperiais, beber vinhos resinosos e comer iguarias fortemente temperadas com horríveis molhos de peixe e de alho. As ácidas anotações de Liutprando, importante comentário sobre as diferenças entre as sociedades e as culturas do Oriente e do Ocidente, apresentam-nos uma antevisão das relações entre Gregos e Latinos travadas durante o período final da história bizantina.

Vida económica

Os felizes progressos políticos e militares do período macedónico fomentaram grandemente a prosperidade económica. O alargamento das fronteiras trouxe novas terras à agricultura, novas fontes de mão-de-obra e de réditos. A paragem das incursões árabes, bem como o estabelecimento da segurança, permitiram que a população rural cultivasse as suas terras em paz. Os aglomerados de camponeses livres continuaram a ser fonte importante de produção agrícola, paralelamente com os domínios dos

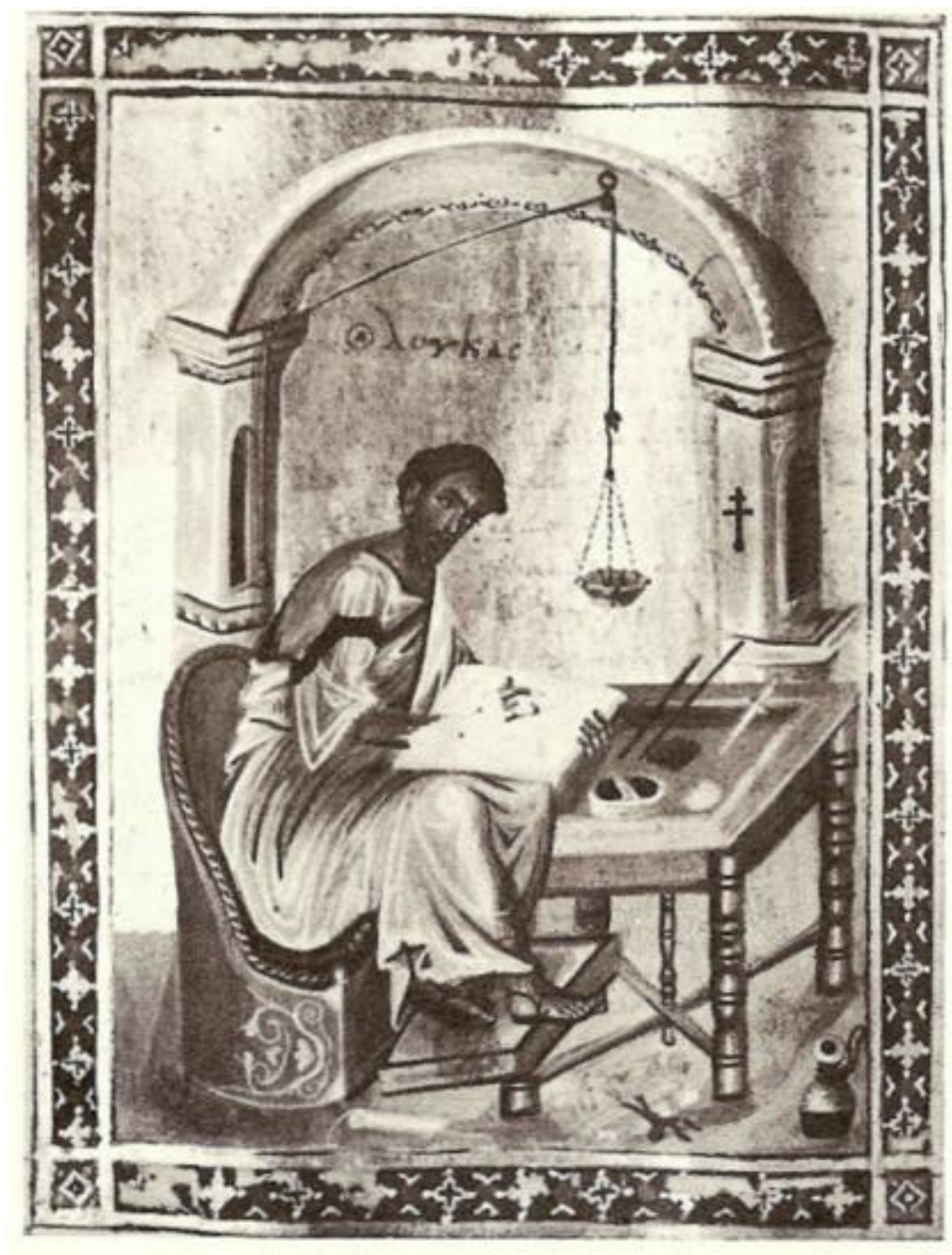
grandes magnates. A tecnologia agrícola pouco teria evoluído desde os fins da Antiguidade (em contraste com os progressos que se observavam na Europa Ocidental), embora tenham sido introduzidas algumas novidades como o arroz e certas árvores de frutos. Os métodos agrícolas e as próprias colheitas mantiveram-se notoriamente constantes até ao começo do período moderno. É interessante notar que esta persistência das tradições agrícolas bizantinas se reflecte ainda nas palavras contratuais da língua turca falada da Anatólia. Os principais produtos das áreas rurais eram, certamente, os cereais, vegetais, frutas, nozes, gado, peixe fresco e madeira. Os vales fluviais da Ásia Menor Ocidental, o Ponto e as regiões costeiras do Sul e a Mesopotâmia produziam abundantes colheitas de trigo, enquanto a cevada era o primeiro cereal de muitas regiões do planalto. Nos Balcãs, os centros cerealíferos eram a Trácia e a Tessália. A Grécia e a Anatólia eram então, tal como hoje, fornecedores de grande variedade de frutos, a maior parte dos quais se conheciam na época clássica. Alguns, como a banana, parece terem sido introduzidos na Anatólia durante o período bizantino. A Capadócia era famosa na Idade Média pelos seus vinhos. Liutprando, como vimos, comentou o costume de adicionarem resina aos vinhos gregos, prática usada tanto na Grécia clássica como na moderna. A sobrevivência dos centros urbanos greco-romanos deu ao império um vasto reservatório de hábeis artesãos, facto que, combinado com os recursos físicos das províncias, imprimiu à indústria bizantina qualidades raras de eficiência e perfeição. Os escritores árabes acharam tão perfeitas as produções dos artífices bizantinos que só ousaram compará-las com os fabricados pelos Chineses. Um autor latino do século XII legou-nos um livro sobre arte industrial, no qual figura um certo número de processos tecnológicos de origem bizantina. A mentalidade ordenadora do Estado bizantino no campo oficial estendeu-se à organização da indústria, e foi, sem dúvida, parcialmente responsável pela alta qualidade dos produtos, embora recorresse à regulamentação destinada não só a verificar a qualidade como também os preços e a eficácia das matérias-primas.

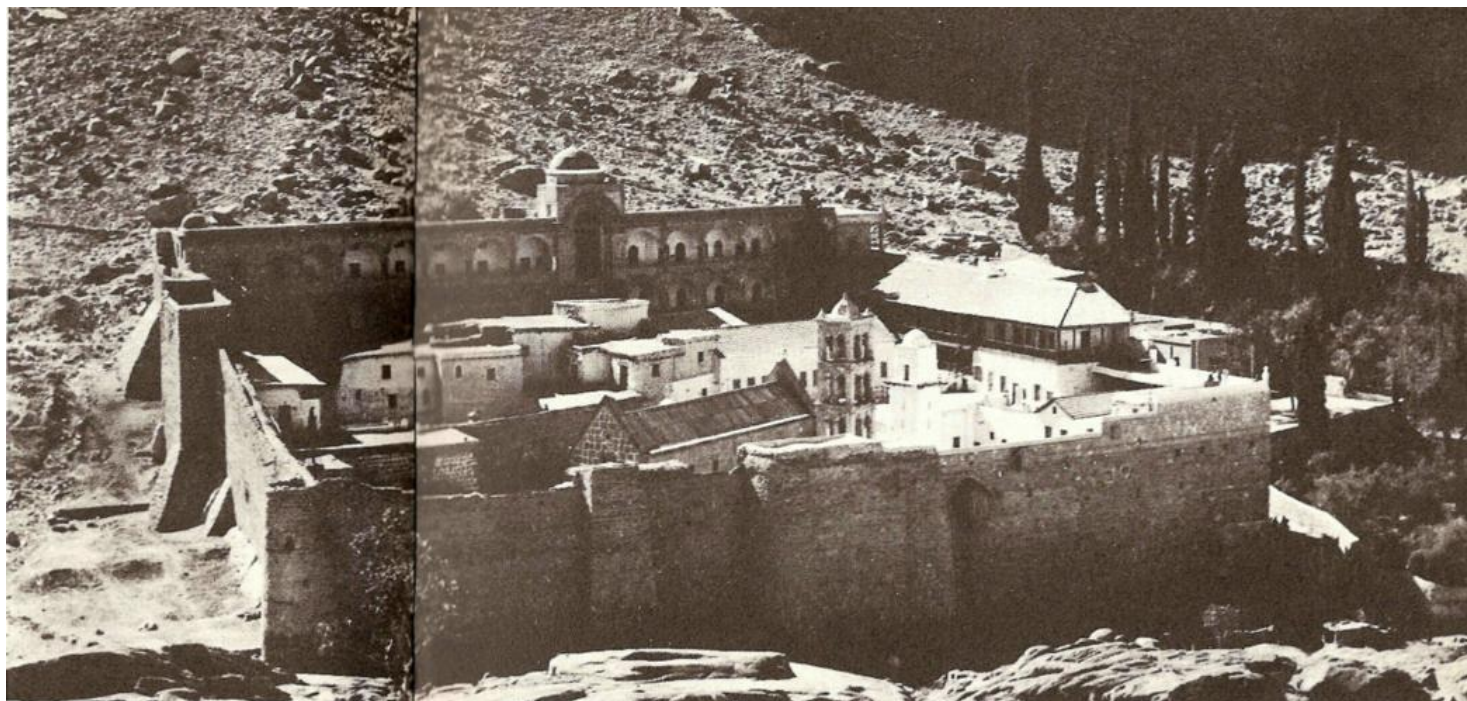
O Estado, através dos seus funcionários urbanos, exercia a supervisão dos ofícios organizados em corporações. As corporações, directamente descendentes das do mundo greco-romano, tinham um número limitado de membros, a maioria dos quais conseguiram acumular considerável fortuna e conquistar proeminência social. Nos últimos anos do período macedónico as corporações desempenhavam na vida política da cidade o papel antes desempenhado pelas facções circenses. Organizavam revoltas, destituíram monarcas e funcionários impopulares. Os produtos mais famosos da indústria bizantina eram os artigos de luxo, fabricados pelos ourives e tecelões imperiais nas oficinas do palácio. Estes belos tecidos e jóias eram reservados à família imperial e a ofertas oficiais a cortes estrangeiras.

A indústria parece ter sido importante não só em Constantinopla como também nas províncias onde as matérias-primas estavam convenientemente à mão. As minas da Calcídia, Eubeia, Láurio e Anatólia forneciam os metais necessários, as pedras e o alumínio. A tradição do fabrico de relógios era antiga nos centros urbanos da Grécia, da Ásia Menor e das ilhas do Egeu. Na época bizantina notabilizaram-se, pela produção dos seus teares, Corinto, Patras, Tebas, Laudiceia, Cerasunte e Niceia.

Constantinopla foi, durante a dinastia macedónica, o maior empório do mundo cristão. Atraía mercadores e artigos da Europa, das terras islâmicas, da Índia e da China. Foi também a metrópole económica do império. Para ela corria, das províncias, o necessário para sustento dos cidadãos e das forças armadas. Cada cidade provincial constituía o centro de negócios da vizinhança, o mercado onde os aldeões vendiam os seus produtos agrícolas e compravam os artigos da indústria local. As feiras (*panegyreis*), normalmente associadas ao santo patrono da localidade, atraíam mercadores bizantinos e estrangeiros. Nas grandes feiras de Trebizonda os traficantes do Oriente vendiam perfumes e especiarias e compravam tapetes e brocados bizantinos. Como estes negociantes percorriam as estradas da Anatólia a caminho de Constantinopla, as cidades das províncias lucravam tanto com o comércio internacional como com o local. A combinação do

68, 69, Depois da crise iconoclasta, deu-se um aumento de fervor na vida monacal. Tornou-se mais mística e emotiva, menos intelectual. Em baixo — a cela de um monge do século X, na qual figura São Lucas (iluminura de um Evangelho). À direita — O Convento de Santa Catarina do Monte Sinai. Sobreviveu à invasão muçulmana do Próximo Oriente e da África do Norte, que deu origem ao vasto êxodo dos monges levantinos.





alargamento do território com a prosperidade comercial deu tais lucros ao Estado, que Basílio II suspendeu os impostos durante um período de dois anos.

Acção da Igreja

Numa sociedade e numa época em que Governo e religião eram inseparáveis, a expansão das fronteiras do Estado levou ao correspondente alargamento do poder da Igreja. Em todas as províncias reconquistadas no Oriente, os bispos ortodoxos voltaram a ocupar os tronos episcopais que haviam sido obrigados a abandonar. Renasceu a glória pré-islâmica, mas Bizâncio teve de enfrentar novamente o problema monofisita. Os cristãos da Síria Setentrional, dos distritos de *Mitilene* e da Arménia eram predominantemente monofisitas. Os imperadores tentaram gradualmente conseguir a união eclesiástica, mas os Arménios e Sírios tornaram-se extraordinariamente irrequietos durante o século XI. O aumento da população e da prosperidade do império levou à criação de novos bispados e províncias

metropolitanas. Convertidos os Búlgaros no reinado de Miguel III, o Cristianismo e a cultura bizantina espalharam-se entre eles (séculos IX e X). A vitalidade da Igreja alastra através do império com a cristianização dos eslavos no Peloponeso e na Anatólia, dos muçulmanos em Creta, método seguro de unificar a sociedade provincial.

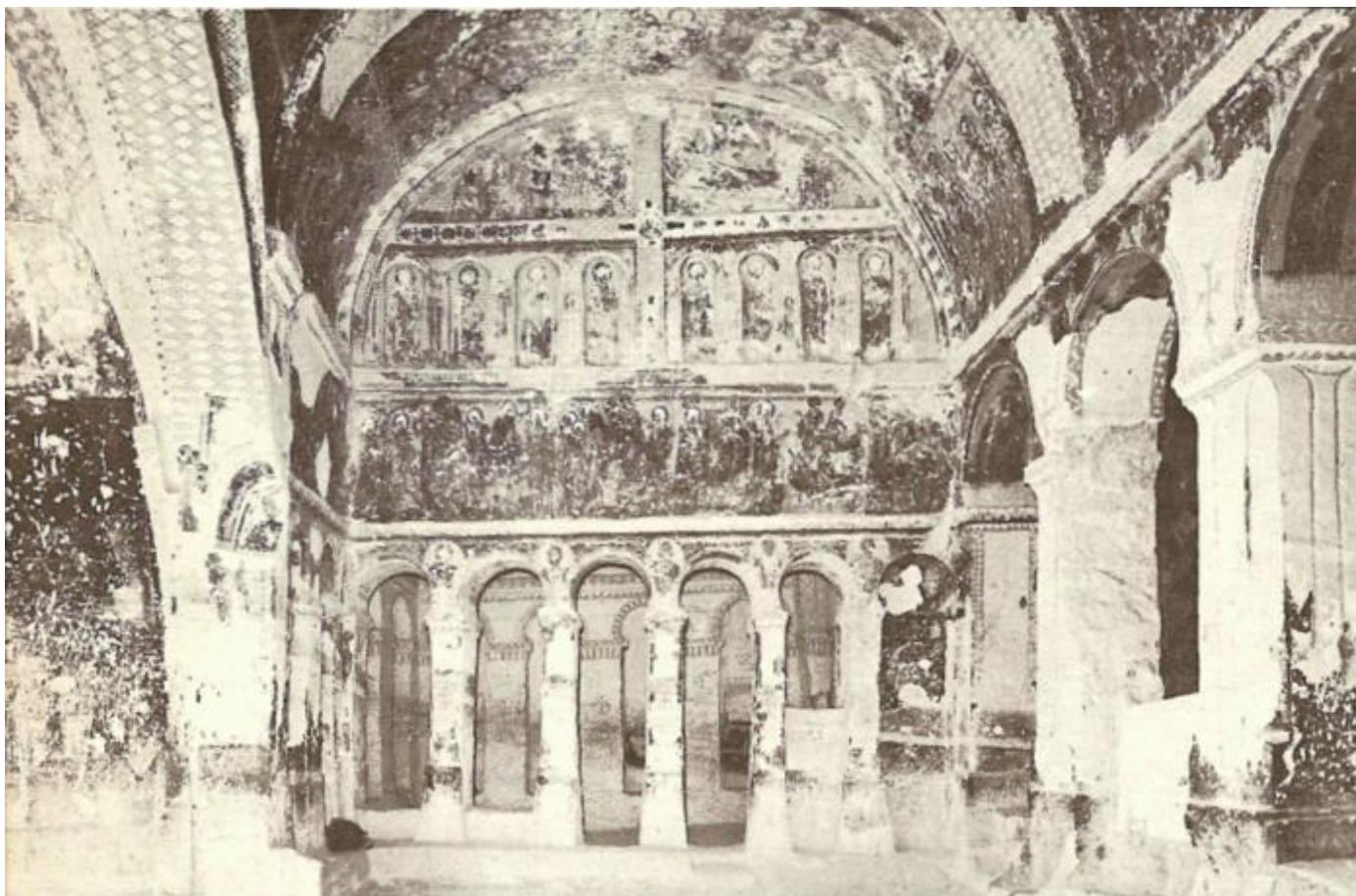
A maior vitória da igreja grega foi, contudo, a conversão da zona russa de Kiev, no reinado de Basílio II. Tendo o imperador recebido importantes reforços militares do príncipe Vladimiro para combater a séria rebelião de Bardas Focas na Ásia Menor, prometeu dar-lhe a sua própria irmã, Ana, em casamento, desde que ele e o seu povo se convertessem ao Cristianismo. O auxílio russo foi decisivo na vitória de Basílio sobre os rebeldes da Anatólia, mas a ideia de dar uma filha da casa imperial a um chefe bárbaro era tão estranha que o imperador hesitou em cumprir esta parte do acordo. Quando, porém, Vladimiro atacou as possessões bizantinas da Crimcia, Basílio cedeu. Daqui o facto de os Russos caírem sob forte influência bizantina na altura em que começavam a civilizar-se. A conversão destes povos representa a maior expansão territorial da actividade missionária grega. Os colonos russos iriam, por sua Vez, levar a fé ortodoxa através da Sibéria, Alasca e Califórnia.

A controvérsia iconoclasta, que afectara tão severamente a Igreja, veio, afinal, a despertar o interesse pela teologia especulativa na contenda cristológica. De então em diante, a primitiva vitalidade teológica da Igreja ortodoxa cedeu o lugar à ideia de preservação da fé, reduzida a forma inalterável. Do ponto de vista da teologia, estas actividades não sofriam comparação com as anteriores. Por outro lado, o movimento monástico, que havia suportado o impacto da luta com os imperadores iconoclastas, alcançou enorme desenvolvimento e expansão durante o período macedónico. O misticismo, intimamente ligado à vida monástica, continuou a ser elemento importante da religiosidade bizantina. O aparecimento do grande místico Simeão, o Novo Teólogo, simboliza a intensificação da experiência religiosa, de natureza pessoal, numa altura em que tinha desaparecido a originalidade

teológica. A vida religiosa tornou-se mais emotiva do que intelectual.

A tradicional simpatia e inclinação dos Bizantinos pela vida contemplativa aumentaram fortemente após o martírio infligido por Constantino Coprónimo e seus agentes aos monges e freiras. Homens e mulheres, em número cada vez maior, procuravam a salvação das almas nos mosteiros fundados por piedosos imperadores, comerciantes e camponeses. O rápido crescimento das fundações monásticas significava não só numerosos homens abandonarem o mundo mas também que as propriedades monásticas se tornavam uma ameaça para o fisco imperial. Este facto levou os imperadores dos séculos X e XI a adoptarem medidas de confisco e providências legais destinadas a restringir os efeitos nocivos da expansão monástica. A conquista do Próximo Oriente pelos Árabes desviou profundamente o centro geográfico do monaquismo bizantino, pois inúmeros monges abandonaram o Levante e instalaram-se novamente nas terras que ainda pertenciam ao império.

Este êxodo fez perder a uns centros monásticos bizantinos *do* Levante Grande parte da importância de que gozavam. Os mosteiros da Palestina haviam substituído os mosteiros egípcios, devido principalmente ao facto de ficarem na Terra Santa. Os mosteiros da Síria Setentrional, vizinhos das terras cristãs e um tanto afastados dos Muçulmanos, alcandorados nas montanhas, mantiveram uma existência mais activa, impulsionada ainda pela reconquista bizantina desta região. O mais célebre mosteiro nas terras islâmicas era o de Santa Catarina, no Monte Sinai. Os monges começaram a fixar-se à volta do Monte Sinai no ano 400, mas só dois séculos mais tarde é que Justiniano construiu a igreja actual e as muralhas que a cercam. O isolamento geográfico e a protecção dos Muçulmanos explicam a conservação da importante colecção de manuscritos e de ícones do mosteiro, mas tornam difícil qualquer explicação da importância de Santa Catarina na história das peregrinações. A sua localização em terras muçulmanas libertou, felizmente, o mosteiro das medidas iconoclastas, que fizeram

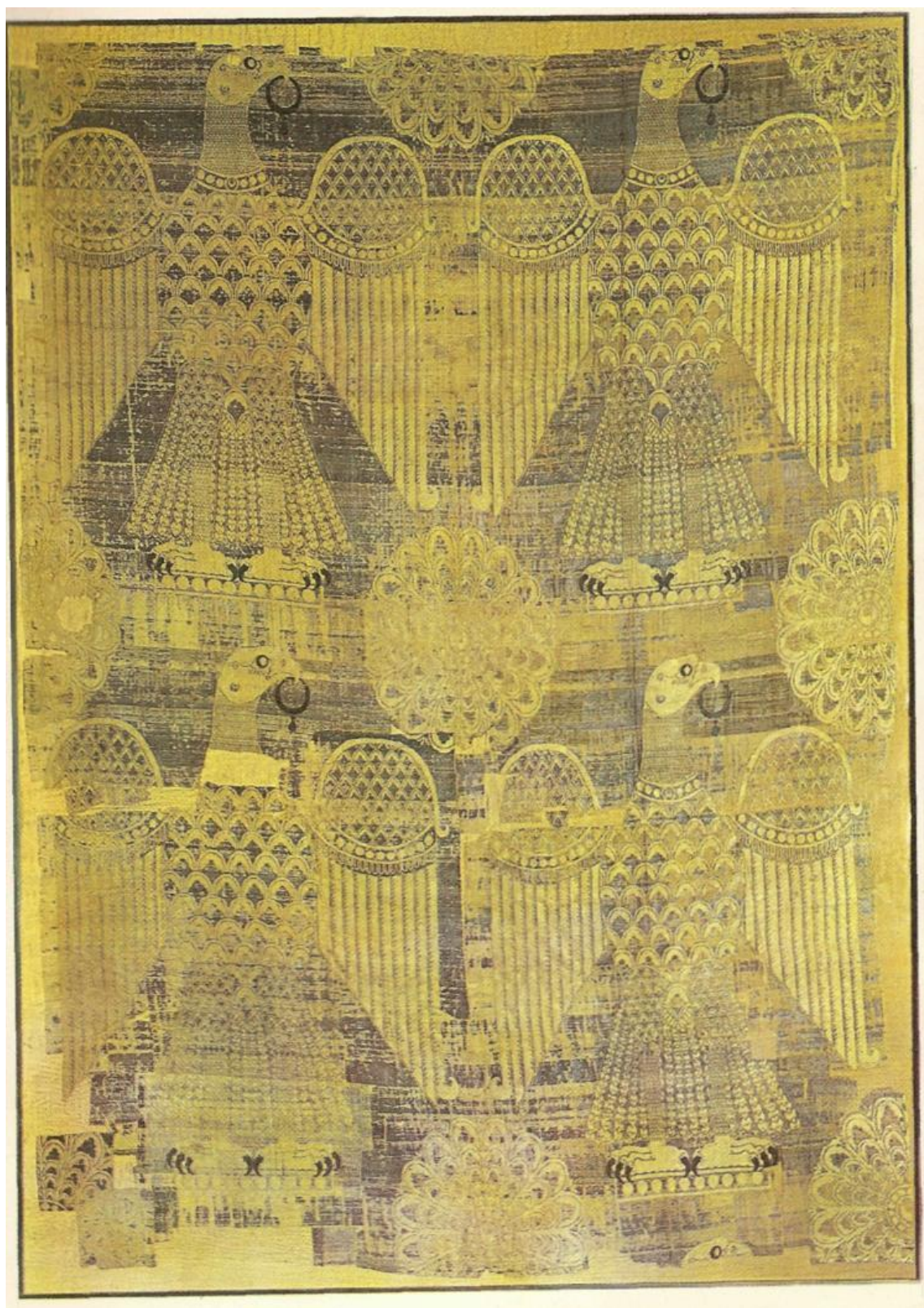


70. Interior da Igreja, aberta na rocha, cie Tokale Kilise, Capadócia. Uma das muitas construídas na região depois das invasões árabes.

desaparecer os ícones em todo o império. A este facto deve o mosteiro a boa sorte de possuir hoje a única grande colecção que permite aos eruditos o estudo das tradições da pintura bizantina desde o período pré-iconoclasta até aos tempos modernos.

Terminadas as invasões árabes do século VII, a Anatólia tornou-se, depois de Constantinopla, a região mais importante, do ponto de vista da actividade monástica, e assim se manteve até às investidas dos Seldjucidas. Os estabelecimentos monásticos contavam-se por centenas, O monte Olimpo, próximo de Prusa, e a Anatólia de nordeste possuíam milhares de monges. O panorama era o mesmo por toda a Anatólia Ocidental e nas regiões

71. Mortalha de seda dos fins do século X.

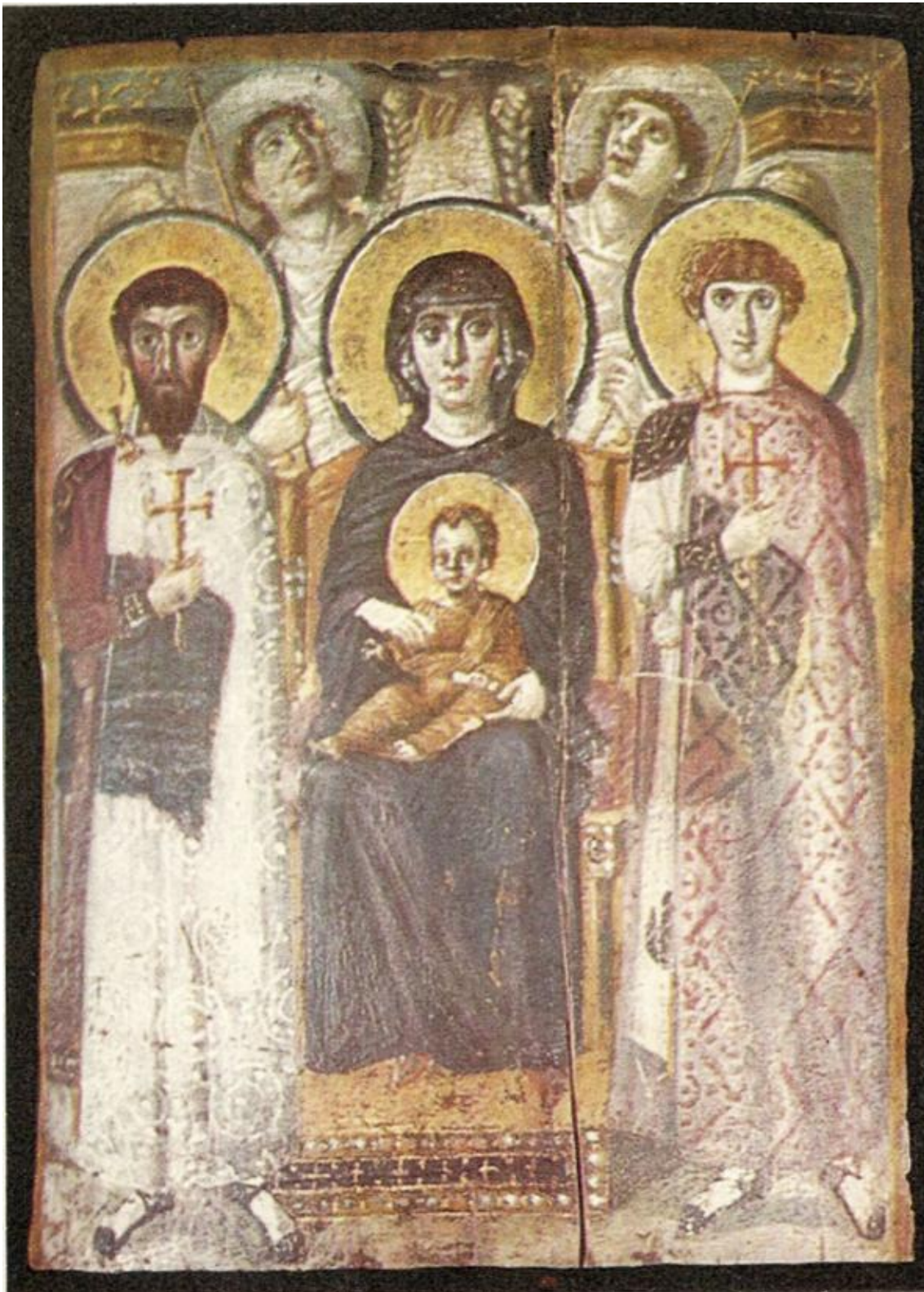




72. Igreja de São João de Studium. Parte do grande mosteiro de Constantinopla que chegou a desempenhar papel importantíssimo na vida de Bizâncio.

de Apameia, Éfeso e Mileto. Os mais interessantes testemunhos arqueológicos desta vibrante vida monástica são os troglodíticos mosteiros cónicos da Capadócia, cerca de 100 quilómetros a sudoeste de Cesareia. Santo Atanásio, o verdadeiro fundador do monaquismo atónico, era de Trebizonda. São Simeão, o Novo Teólogo, era da Paflagónia. Estes factos bastam para comprovar a importância da Anatólia monástica.

Constantinopla tinha-se tornado também centro significativo de vida monástica desde que, no século VI, os Egípcios, Sírios, Cilicianos e Licaoneus haviam fundado na cidade casas religiosas para os seus compatriotas. O mosteiro de Studium conquistou posição de relevo no tempo do abade Teodoro (século IX), e a sua regra exerceu influência importante na história da vida monástica bizantina. A vitalidade desta Ordem é comprovada

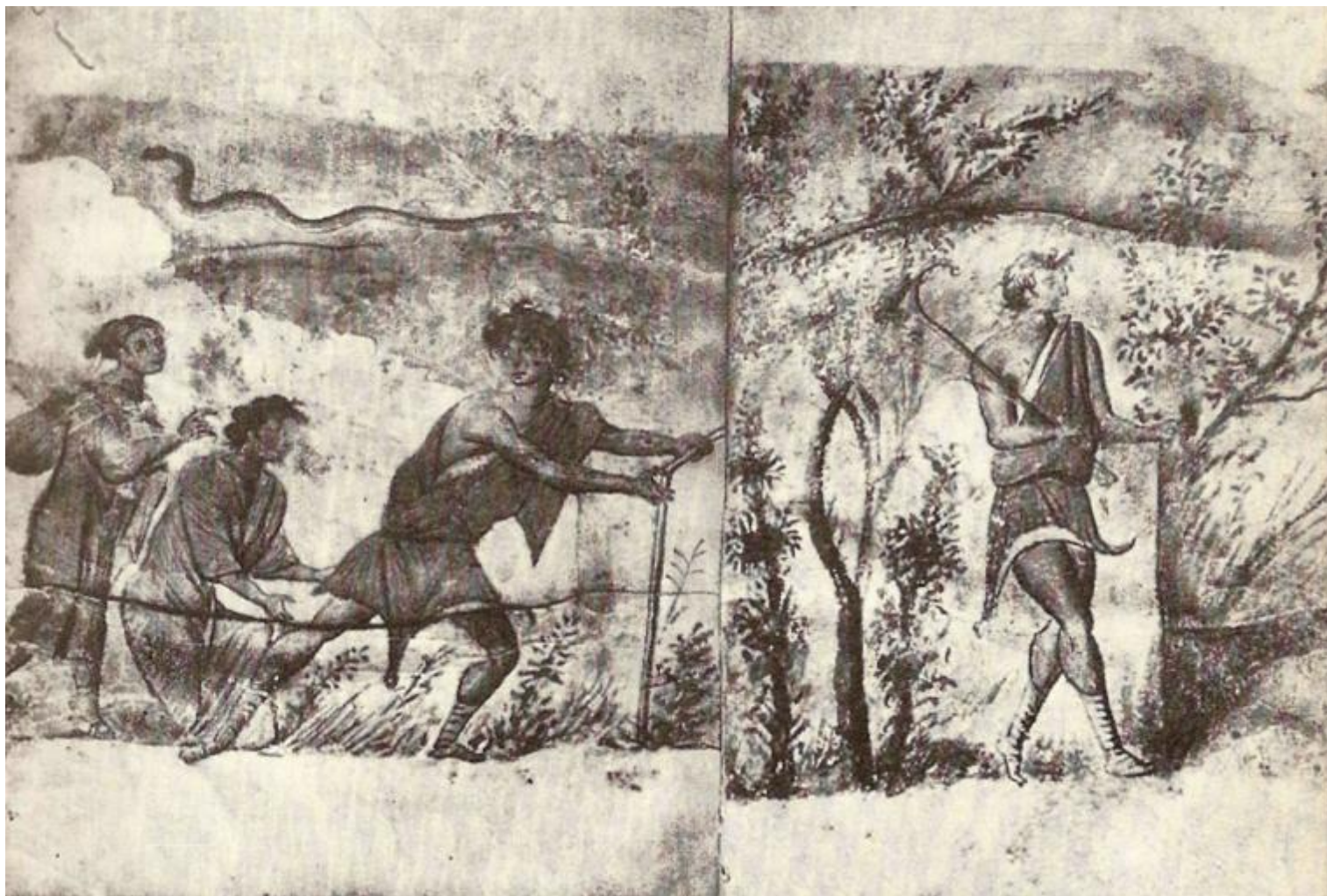


73. O Mosteiro de Santa Catarina, construído por Justiniano, possui a única grande colecção de imagens bizantinas do período pré-iconodasta. A essa colecção pertence esta Virgem entronizada (século VI).

pelo papel que os seus abades desempenharam na política da Igreja e pela importância do seu *scriptorium*. A fundação de novos mosteiros foi acelerada durante o século XI. Constantinopla bizantina chegou a possuir cerca de trezentos mosteiros, identificados, sem a mínima lacuna, por um investigador moderno.

O principal acontecimento da história monástica grega durante este período foi a formação da nova região monástica do monte Atos. Homens piedosos haviam-se já entregado à vida ascética na santa montanha durante o século IX. Em 870 chegou mesmo a tentar-se fundar ali um cenóbio. Os assaltos navais dos piratas muçulmanos de Creta prejudicaram o crescimento deste monaquismo. Dois anos após a reconquista de Creta por Focas, o seu amigo Atanásio fundou, em Atos, a Grande Laura. Na altura em que Tzimiskis publicou o primeiro documento regulando a vida na montanha já ali havia cinquenta e oito estabelecimentos monacais. Dentro de um século este número elevou-se a 180, e aumentou ainda, devido ao aparecimento de grande número de estrangeiros, no século XII. Monges russos fundaram o mosteiro de Xilurgu (1142). Savas organizou uma comunidade servia em Chilandar (1198). O mosteiro georgiano de Ivion tornou-se célebre em data mais recuada. Os Búlgaros ocuparam o mosteiro de Zografu. Um descendente cristão de um sultão seljúcida fundou a casa de Kutlumişli, no século XII.

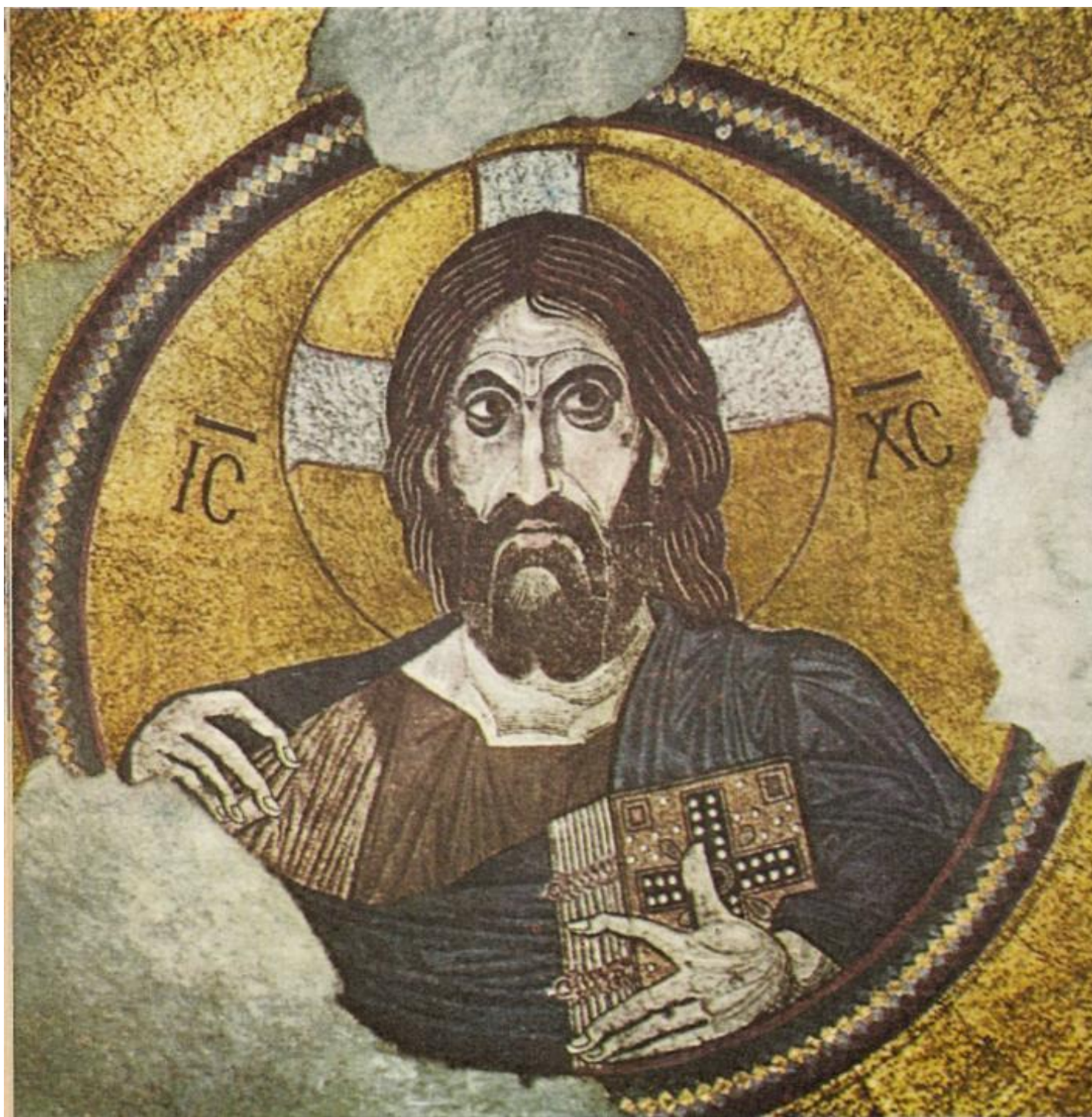
O progresso do monte Atos coincidiu com o declínio da Anatólia, dominada pelos Turcos, e a crescente cristianização dos Eslavos. Os monges do monte Atos mantiveram certa inde-



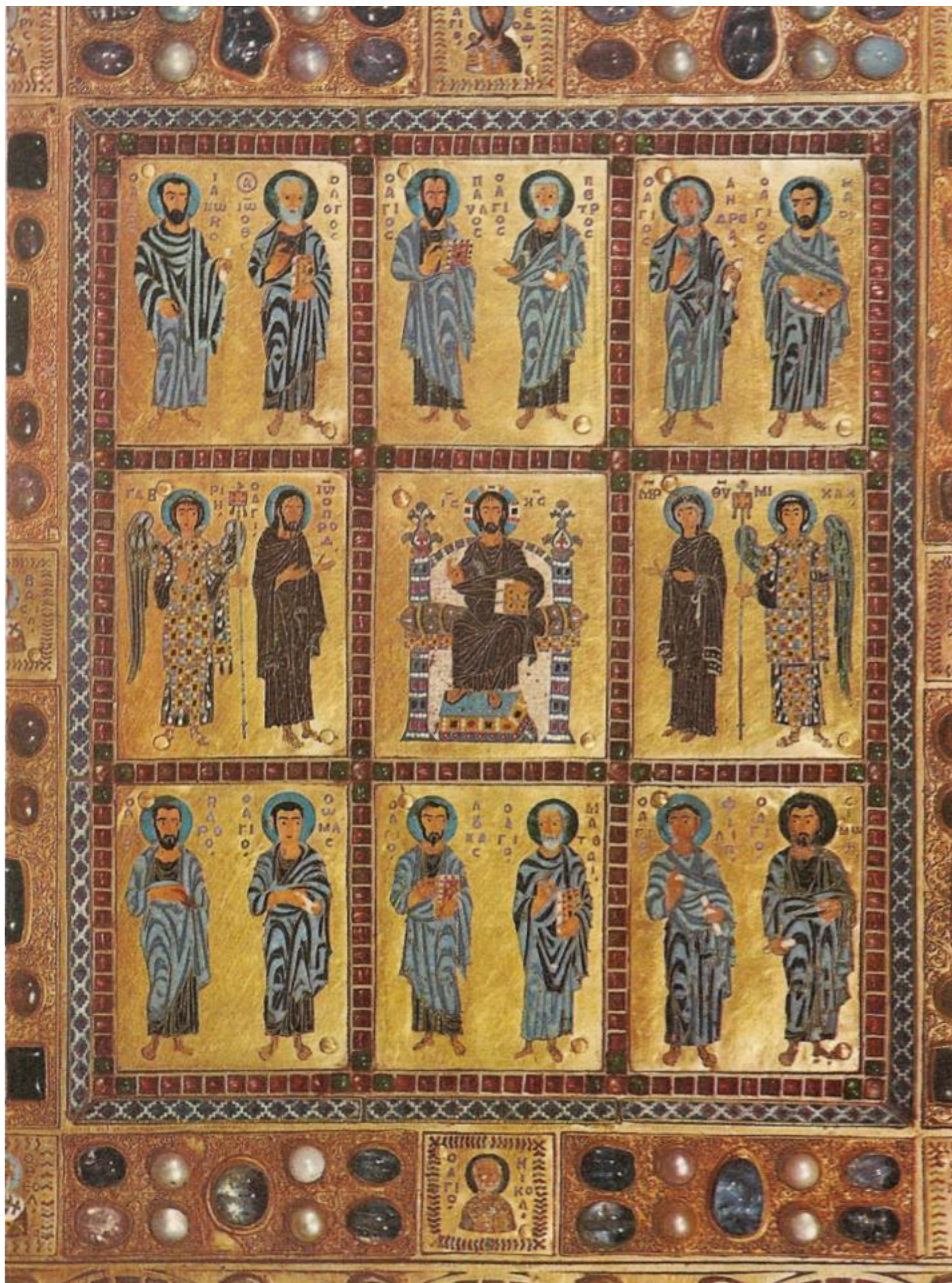
74. Da controvérsia iconoclasta resultou, do ponto de vista artístico, a revivescência do classicismo, É o que mostra esta iluminura da *Theriaca* de Nicander.



75. Tapa da caixa de marfim, para jóias, de Veroli (século X ou XI). O trabalho é deliberadamente clássico no assunto e na técnica, embora Europa, cavalcando o touro, esteja estranhamente enquadrada numa violenta cena de apedrejamento.



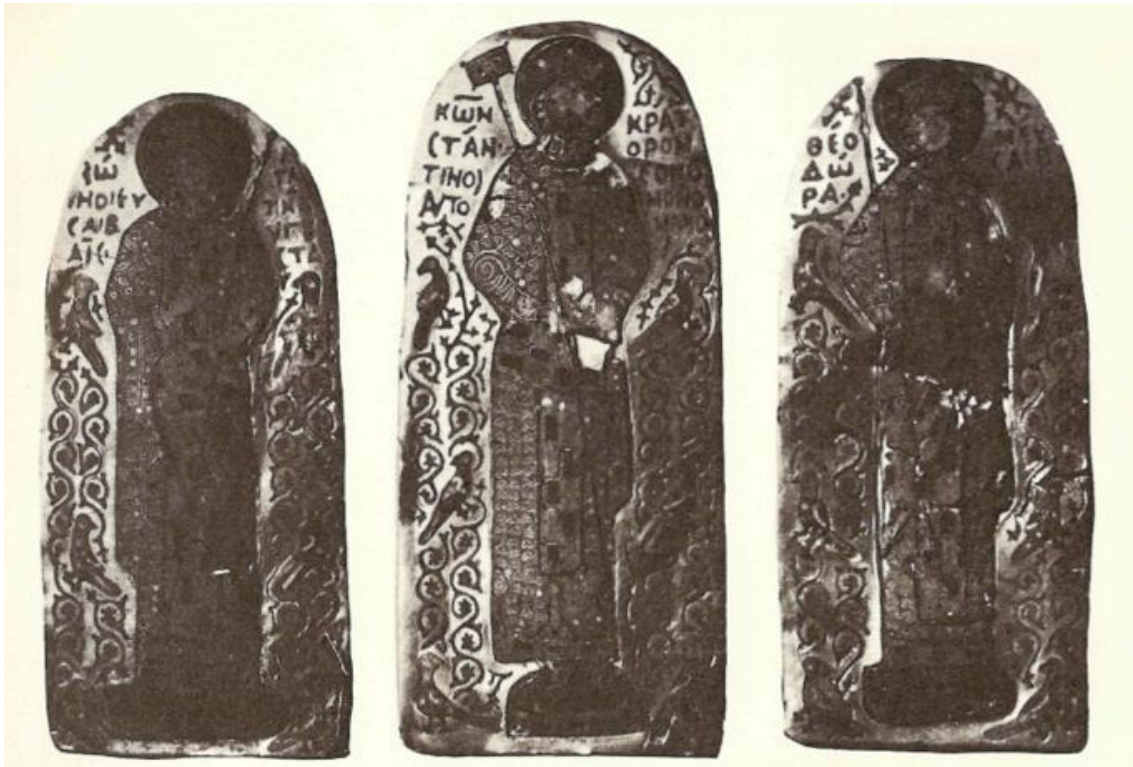
76, 77. Cristo Pantocrator, rei e juiz severo. Mosaico da cúpula, em Dafne, próximo de Atenas. Cerca de 1100. Este relicário de esmalte, feito para conter uma relíquia do Santo Lenho, decorado com jóias e cloisonné, foi executado c. o ano 960.



pendência eclesiástica face aos patriarcas de Constantinopla até ao período dos Paleólogos, autonomia que foi respeitada pelos Turcos e ainda hoje existe. Atos foi, na realidade, até princípios do século XII, o centro espiritual de todo o monaquismo ortodoxo. Nos seus mosteiros, os monges cultivaram e guardaram vivas as tradições místicas e ascéticas dos padres bizantinos, copiaram e conservaram as suas composições literárias, mantiveram, na pintura, o estilo bizantino. Mais tarde (século XVIII), inspiraram-se na comunidade atónica dos membros do clero da Rússia, Roménia, Eslávia do Sul e Grécia. O clérigo russo Velichkovsky, reagindo contra a influência latina nos seminários do seu país, procurou e descobriu nas bibliotecas de Atos as fontes bizantinas da piedade. Estes textos e o *Manual do Pintor*, traduzidos para diversas línguas de fé ortodoxa, levaram à renovação temporária das tradições artísticas e espirituais de Bizâncio.

As igrejas dos mosteiros da Grécia e do mar Egeu, Hosius Lucas (Fócis), Dafne e Nea Mone (Quios) são bem conhecidas pelos seus célebres mosaicos, e o Mosteiro de São João de Patmos (fins do século XI), pelos seus manuscritos. Os estabelecimentos monásticos gregos da Sicília e da Itália Meridional foram, no entanto, mais notáveis. O seu desenvolvimento coincidiu, aparentemente, com a instalação de monges fugidos aos Árabes, no século VII, o que de certo modo se assemelha à experiência do monaquismo anatólico. Estes estabelecimentos — eram centenas — desenvolveram a sua hagiografia, criaram a sua arte original e ajudaram a espalhar a civilização bizantina pelo território circunvizinho. O mais famoso destes mosteiros, inspirado por São Neilus (m. 1004), foi o de Grottaferrata. Outros existiram, para o Norte, até Roma.

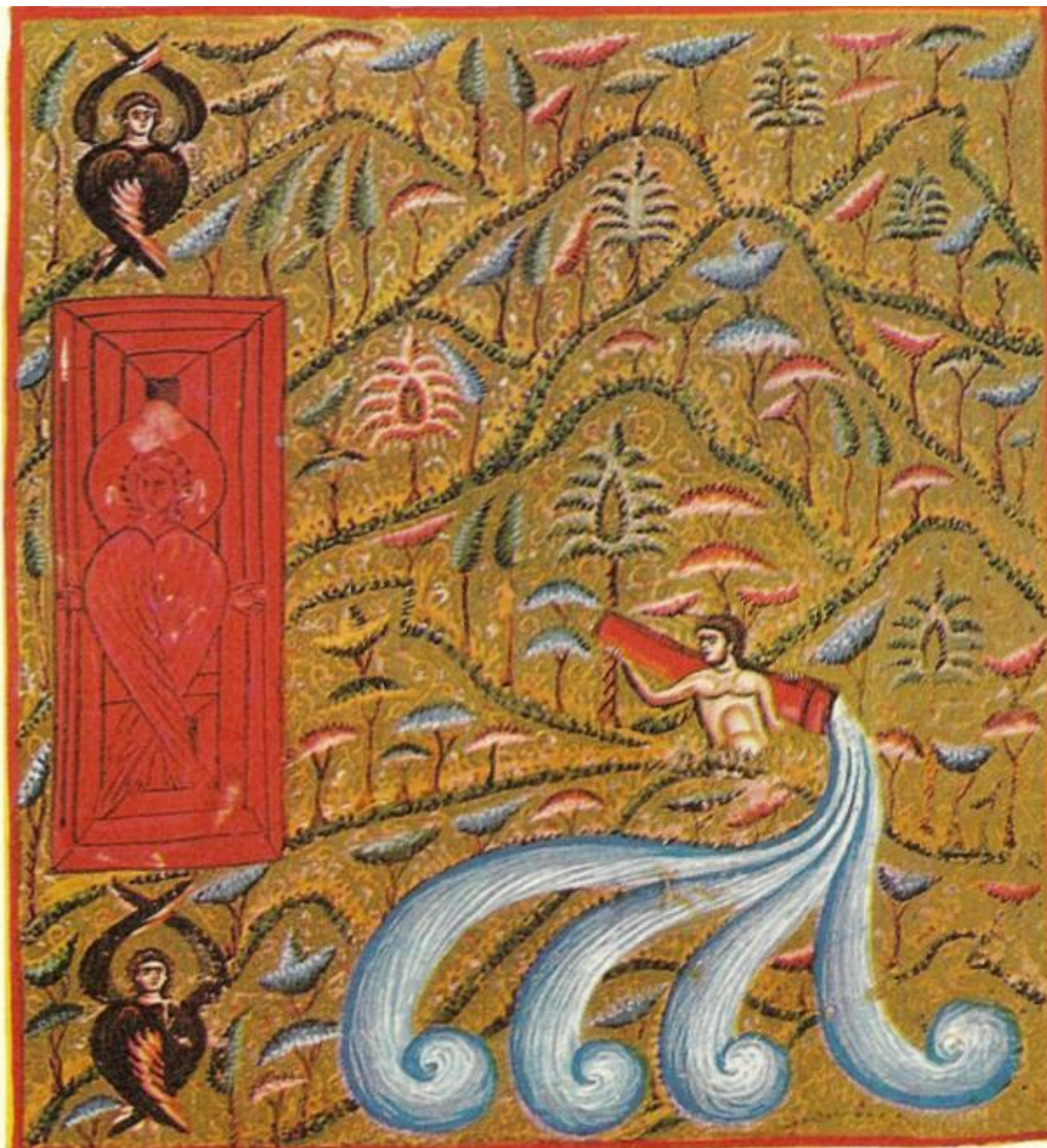
Embora o monaquismo apresentasse defeitos sociais evidentes e fosse, do ponto de vista intelectual, obscurantista, teve também o seu lado meritório, visto os mosteiros praticarem largamente a caridade e cuidarem da educação dos cristãos. A *typika*, que regulava a vida dos monges nas diversas casas regista com frequência as somas destinadas ao cuidado dos pobres, órfãos,



78. Chapas da coroa de Constantino IX Monómaco (1042-1055) com os retratos da imperatriz Zoé, do próprio Constantino e da irmã de Zoé, Teodora.

doentes, viandantes, etc. Igualmente descreve o conteúdo da biblioteca do mosteiro, em grande parte, mas não exclusivamente, de natureza religiosa. Os monges, nos seus cartórios, estavam permanentemente ocupados na cópia de manuscritos. Há quem julgue que os copistas do Studium foram os responsáveis pela introdução de uma profunda reforma da escrita bizantina do século IX. Este papel conservador dos monges na guarda das obras literárias foi de importância fundamental na educação bizantina. A eles se deve o terem salvo do esquecimento a maior parte dos escritos bizantinos.

Assim como as necessidades espirituais levaram os monges à cópia dos manuscritos, assim também as exigências do culto os levaram ao desenvolvimento da pintura. A razão fundamental do monasticismo parece estar, para o cristão bizantino, no desejo de abandono do mundo e na busca da salvação na companhia de homens piedosos. Tem-se sugerido que a fuga dos homens



79. *Reacção monástica contra o helenismo secular — o Paraíso e os quatro rios. Das Homílias de Jacob Kokinobaphos (século XII).*

para os mosteiros era, muitas vezes, motivada por considerações de humildade, mas isto, só por si, não justificaria a grande expansão da vida monástica através de todo o império. O misticismo, iluminado pelos escritos e pela vida de Simeão, o Novo Teólogo, representa a perfeição do modo de viver, a perfeição que leva o homem piedoso a conquistar a salvação.



80. *Influência helenística na arte secular — David compondo os Salmos. Do Saltério de Paris (século IX).*

Contribuição da Macedónia para a cultura bizantina

O período macedónico constituiu uma espécie de renascença marcada por significativo aumento da produção literária e da actividade educacional, bem como por um retorno aos autores clássicos. É verdade que o interesse por esta literatura nunca desaparecera completamente, mas foi do século IX ao fim do



81. Nícéforo III Botaniates (1078-1081) entre São João Crisóstomo e o arcanjo Miguel.

império que os letrados mantiveram cada vez mais íntimo contacto com o material clássico. As novas tendências deviam-se, em parte, ao patrocínio imperial e às preocupações intelectuais de certos homens excepcionais. O regresso à tradição antiga reflectia-se, porém, igualmente, em outros campos. O classicismo literário era apenas parte de uma vasta corrente arcaizante. Na era macedónica, lado a lado com o renascimento clássico na literatura e na educação, os tradicionais hábitos religiosos mantiveram-se em ambos os campos, devido principalmente ao esforço dos monges.

É obscura a história da Universidade fundada em Constantinopla no século V e reformada, no século IX, pelo César Bardas, que escolheu para reitor Leo, o Filósofo. O renascimento dos interesses intelectuais na corte de Bizâncio coincidiu com as grandes traduções das obras gregas para árabe na corte de Mamun. Em certa anedota histórica afirma-se mesmo que a promoção de Leo, primeiro a arcebispo de Tessalónica, depois a reitor da Universidade, foi motivada por uma proposta do califa a este sábio para entrar ao seu serviço. Informa um contemporâneo que o imperador Teólilo considerava a ciência «como um segredo a guardar, tal como o fabrico do figo grego, e pensava ser má política elucidar os Bárbaros».

O século X é dominado pela figura de Constantino VII Porfirogeneta, que não só protegeu como também tomou parte diligente na actividade intelectual do tempo. Ao círculo intelectual que formou na corte deve-se um grande número de obras, geralmente compilações, destinadas principalmente ao arquivo de conhecimentos utilitários. O próprio imperador compôs um manual *Sobre a Administração do Império*, obra de diplomacia, destinada ao filho, para poder saber como lidar com as diferentes nações estrangeiras. A idêntica intenção didáctica obedeceu o seu tratado *As Cerimónias da Corte Bizantina*, destinado a fixar a complicada etiqueta cortesanesca e a contribuir assim para o poderio e glória do império. Funcionários do Estado escreveram histórias destinadas a preencher as lacunas das narrativas referentes à vida do império. Em obras de carácter enciclopédico

do século X figuram o *Léxico dos Suídas*, a *Vidas de Santos*, da autoria de Simeão Metafrastes, e, ainda, uma antiga colecção de epigramas, denominada *Antologia Palatina* pelos classicistas. São importantes como fontes históricas e como prova de uma continuidade erudita e literária de nível relativamente elevado.

Depois da morte de Constantino e de seu filho Romano, ascenderam ao trono homens de temperamento bastante diferente. Nicéforo Focas e João Tzimiskis eram descendentes de grandes famílias rurais das províncias da Anatólia, pouco dadas a trabalhos intelectuais, mas apaixonadas pelos feitos de guerra contra os inimigos do império. Procuravam a diversão e o aperfeiçoamento literário, não junto de homens embebidos de cultura clássica, mas antes junto dos ascetas monásticos, herdeiros intelectuais de Santo António e de São Pacómio. Basílio II, ao defender a sua posição contra duros soldados deste tipo, adoptou a atitude dos ascetas. Daqui a pausa de um século no interesse imperial pelos assuntos educativos e intelectuais. A educação secular prosseguiu, no entanto, embora a título particular e individual. Foi suficiente, contudo, para produzir um dos maiores polímatas de toda a Idade Média, Miguel Pselo.

O interlúdio burocrático do século XI, posterior à morte de Basílio II (1025), aumentou a necessidade de funcionários públicos instruídos. Esta exigência levou à reabertura da Universidade em 1045, acontecimento para o qual contribuíram também não só a ascensão de três intelectuais (Pselo, Xifilino e Leichudes) a importantes lugares burocráticos, como ainda a forte personalidade de Constantino IX. A principal função da Universidade consistia em preparar funcionários bem instruídos, destinados à burocracia, um pouco à semelhança do exame sobre os seus clássicos usado pelos Chineses no recrutamento dos funcionários civis. Os estatutos da Escola de Leis da Universidade de Constantinopla especificavam que nenhum estudante podia cultivar a jurisprudência sem ter completado o curso e haver recebido dos mestres testemunho oral e escrito da sua competência. Não se conservaram, infelizmente, os estatutos da segunda das duas Faculdades, a de Filosofia. Conhe-

ceмос, no entanto, pane da sua organização. O director, intitulado «cônsul dos filósofos», era Pselo; a direcção da Universidade estava inteiramente em poder dos burocratas, visto Xifilino ser o director da Escola de Leis. Na Escola de Filosofia os candidatos estudavam primeiro Gramática, depois Retórica, sob a direcção de Nicetas e João Mauropo. Terminavam os estudos com a cadeira de Filosofia, da qual era mestre Pselo, que, com a sua característica falta de modéstia, afirmava, atingido o auge da carreira, que Celtas, Árabes, Persas e Etíopes vinham a Constantinopla ouvir as suas lições. Foi ele que reavivou o interesse pelas obras de Platão, de aí em diante notável característica da vida escolar bizantina. Autor prolífico, os seus escritos, tanto em verso como em prosa, abrangem todo o panorama da literatura bizantina: uma história do século XI; uma rica colecção de cartas referentes a todos os indivíduos importantes da sociedade dos seus dias; divagações filosóficas; críticas; comentários (sobre a lei, a ciência, a magia, provérbios); e, até, uma descrição topográfica da Ática clássica. Embora Pselo, Xifilino e Mauropo tenham caído no desagrado de Constantino IX e a Universidade possa ter sofrido um atraso temporário, recompôs-se em breve. Na última metade do século XI já ali encontramos João ítalo, como «cônsul dos filósofos», a leccionar Platão e Aristóteles. A educação secular, baseada no estudo dos clássicos pagãos, surge como uma força vital na formação intelectual da sociedade bizantina. Pselo, quando ainda rapaz, conseguia recitar de cor toda a *Ilíada*. O conhecimento de Homero estava suficientemente divulgado para que o homem da rua descrevesse, em versos seus, a beleza da amante de Constantino Monómaco. Tanto a educação como a literatura bizantinas ocupavam, no entanto, uma posição, de justa medida entre o classicismo e a religião. A actividade de Pselo era equilibrada pela vida do seu oponente monástico, Simeão, o Novo Teólogo. Pselo considerava a Filosofia mais do que mera auxiliar da Teologia. Era a senhora do conhecimento integral, enquanto a Teologia não passava de um ramo do conhecimento. Sendo, embora, um homem altamente inteligente, Simeão pôs de lado a literatura pagã no decurso da

sua educação (ponto em que o seu biógrafo insiste) e realçou mais a importância da experiência emotiva do homem do que o exercício das suas faculdades do raciocínio. Para os monges piedosos os Padres da Igreja e a vida dos Santos eram os modelos apropriados à formação do espírito. Desta diferença de vistas resultou o ataque dirigido contra o curso secular professado na Universidade por Leo, o Filósofo, durante o século IX. Razões idênticas levaram Xifilino, depois de patriarca, a atacar a paixão de Pselo pela Filosofia. Daqui o facto da ambivalência do espírito dos Bizantinos perante a herança clássica se haver tornado uma das características da sua vida, característica que nunca desapareceu não obstante a síntese dos Capadócijs.

A prosperidade e o patrocínio dos Macedónios serviram de poderosos estímulos aos Bizantinos, que deram vida a uma segunda idade de ouro da sua arte. Os progressos artísticos e literários foram espantosamente paralelos, pois ambos se caracterizaram por uma redescoberta e inspiração dos modelos antigos bem como pela oposição entre o gosto secular e a sensibilidade religiosa. Embora a Iconoclastia tenha imposto restrições à expressão artística religiosa, levou-a a regressar às tradições alexandrinas. A arte bizantina voltou-se, pois, para os temas histórico-profanos ao mesmo tempo que procurava a ornamentação perfeita no Oriente árabe. O gosto dos governantes macedónicos deu origem a uma arte imperial fortemente influenciada pelos modelos antigos e de carácter largamente secular. Quando Basílio I construiu o novo palácio (Kainrugião), as salas foram decoradas com mosaicos que representavam o imperador sentado no trono, rodeado pelos generais vitoriosos, que lhe ofereciam de presente as cidades que haviam reconquistado. Nas cercaduras figuravam os valorosos feitos pessoais do imperador. No dormitório imperial havia mosaicos que representavam Basílio e sua mulher entronizados, bem assim decorações com motivos florais.

O estilo imperial estendeu-se aos aristocratas influentes que procuravam decorar os seus palácios de modo semelhante. A descrição do palácio do herói épico Digenes Akritas é, sem dúvida, típica. O poeta fala de pinturas ilustrativas dos feitos de Aquiles

e de Belerofonte, da derrota de Dario, das vitórias de Alexandre. As cenas mitológicas e profanas predominam nos marfins do século XI. As iluminuras dos manuscritos de autores pagãos, como Nicander, Opiano e Apolônio, constituem novas provas do gosto pelos temas seculares.

As obras de arte das igrejas e mosteiros deram expressão a uma tendência, oposta na altura em que o monaquismo se expandia de maneira prodigiosa. O concílio ecuménico de 787 sujeitou a arte religiosa das igrejas a imposições de ordem dogmática. Daqui o desenvolvimento de uma poderosa tradição iconográfica durante a época macedónica. No entanto, o regresso aos temas antigos era animado de força tão poderosa que fez com



82. *Romano IV e Eudóxia coroados por Cristo. Relevo em marfim dos meados do século X.*

que a arte religiosa sofresse a sua influência de maneira não inferior à da arte imperial. Esta influência é visível sobretudo nas miniaturas de manuscritos religiosos, nas quais o artista, por vezes, se inspira em temas antigos, cenas mitológicas e alegorias. Observa-se um sério esforço realista, através do emprego do pitoresco, e o uso de pormenores arquitectónicos e paisagísticos. No século XII, porém, a tendência teológica do elemento monástico consegue vencer a tendência clássica e profana na arte religiosa. Comparando o Saltério de Paris (século XI) com o manuscrito das Homilias do monge Jacob de Kakinobafos (século XII) vê-se claramente a rejeição do secular pelo religioso. No Saltério de Paris, David é representado de tal jeito que lembra Orfeu rodeado de paisagens, arquitectura, animais, plantas e personificações, elementos todos de carácter helenístico. No manuscrito do século XII, o artista volta as costas aos modelos antigos e regressa a uma composição mais teológica.

Nada há de surpreendente na força do elemento monástico-religioso nas tradições literárias e artísticas dos Bizantinos, pois o mesmo se observa no Ocidente europeu. O que é notável é que a tradição se tenha mantido tão vigorosa. Embora esta rica herança clássica haja asfixiado a criação literária, os seus efeitos no campo da arte foram mais positivos e o trabalho que inspirou verdadeiramente original. De qualquer forma a herança clássica está na base da superioridade bizantina sobre os modelos literários e artísticos que o Ocidente então lhe apresentava.

III DECLÍNIO (1057-1204)

À data da morte de Basílio II (1025) o poderio e glória de Bizâncio pareciam estar firmemente estabelecidos, pois que, nunca mais, desde as reconquistas de Heracliano, o império experimentara semelhante expansão. As fronteiras do Estado estendiam-se do Danúbio a Creta e do Sul da Itália à Síria. As águas do Oriente eram, mais uma vez, um lago bizantino através do qual as frotas gregas navegavam livremente a partir das bases avançadas de Creta e Chipre. As brilhantes vitórias dos fins do século X e princípios do século XI trouxeram a paz ao império e contribuíram grandemente para o florescimento cultural do século XI. A conversão da Rússia foi acompanhada pela simultânea expansão da Igreja, que veio a ser formidável rival do Papado. As grandes conquistas haviam aumentado a riqueza do Estado e feito transbordar o seu tesouro. O aumento das receitas e as pilhagens recentes obrigaram Basílio II a construir enormes galerias subterrâneas, de forma a poder armazenar todas as receitas do erário. A paz e a fartura que se seguiram à morte de Basílio serviram de poderoso estímulo à arte e à literatura, tanto na capital como fora dela. A actividade de Psello e do seu círculo em Constantinopla coincidiu com grande actividade arquitectónica nas províncias.

PROBLEMAS INTERNOS

Dentro de meio século após a morte de Basílio, desaparece a dinastia macedónica e, com ela, a prosperidade que criara. Nos primeiros anos do reinado de Aleixo I Comneno (1081-1118) o império decai, reduzido a uma pálida sombra da sua primitiva glória e apertado o seu território entre Andrinopla, ao Ocidente, e o Bósforo, ao Oriente. Tão completo foi o declínio

que é quase incompreensível para o historiador. Deu-se uma notável confluência de males internos que desgastaram o corpo do império, ao mesmo tempo que era atacado, de fora, por novas e vigorosas forças. A mais virulenta destas doenças foi a luta entre os burocratas civis e os generais das províncias.

Desde a fundação do império por Diocleciano e Constantino houve sempre uma nítida divisão entre os homens da pena e os da espada, tensão existente noutros impérios altamente desenvolvidos, como o islâmico e o chinês. A separação do poder civil do militar decretada por Diocleciano tendia a enfraquecer a classe militar. O sistema das *themes* e a subordinação de ambos os poderes aos generais fizeram com que a classe militar voltasse a tornar-se poderosa. O seu domínio sobre a sociedade foi ainda reforçada devido à fusão dos *strategoí* com os grandes proprietários rurais, nas províncias. Os sucessos das armas bizantinas nos séculos X e XI deram à classe militar grande arrogância e um forte desejo de neutralizar a hegemonia dos burocratas governamentais. Graças à sua energia cruel, Basílio II conseguiu refrear estas ambições mediante enérgicas providências militares e inexoráveis perseguições. As terras confiscadas aos magnates constituíram importante fonte de receita para o fisco imperial durante o seu reinado. Porém, a Basílio sucedeu o seu incompetente irmão Constantino. E, quando este morreu, deixando três filhas como herdeiras, deu-se o desastre, devido à falta de um sucessor masculino competente, que pudesse dominar os militares e a sua rivalidade com os burocratas.

A princípio, o círculo burocrático da capital, formado, entre outros, por eunucos, professores universitários e famílias aristocráticas de Constantinopla, tomou conta dos órgãos do Governo e frustrou as ambições dos generais. As diferenças de tendências dos dois grupos manifestou-se em rebeliões dos generais e em vingativas perseguições dos funcionários civis. Morto Constantino VIII, a sucessão recaiu em Zoe, sua filha solteira, e a rivalidade dos burocratas e soldados concentrou-se na escolha de marido para a imperatriz. O mito legal da sucessão dinástica, embora mantido, foi grotescamente adulterado pelas conspirações

dos dois partidos, envolvidos em luta pela apresentação dos respectivos candidatos a príncipes-consortes. Até 1057 os generais foram repetidamente batidos. No decorrer destes trinta anos, houve, pelo menos, uma grande revolução, anualmente.

Enquanto viveram representantes da dinastia, os burocratas mantiveram a hegemonia devido ao facto de os sentimentos dinásticos haverem criado profundas raízes no povo de Constantinopla. Estes sentimentos manifestaram-se claramente quando Miguel V tentou, em vão, pôr fim à linhagem macedónica. Sobrinho de um obscuro eunuco chamado João Orfonotrofos, que conseguira o que aos generais fora impossível (promovendo sucessivos encontros amorosos entre Zoe e os seus sobrinhos), Miguel V tentou expulsar Zoe do palácio. A ira dos homens das corporações pôs fim violento à sua tentativa de usurpação. O poderio que a posse da capital dava aos funcionários administrativos foi dramaticamente exposto pelo general Cecameno, ao advertir seu filho a nunca se revoltar contra o imperador, pois quem quer que possuísse Constantinopla haveria sempre de triunfar.

VITÓRIA DOS MILITARES

O primeiro sucesso dos generais teve lugar em 1057 quando subiu ao trono Isac Comneno. Nesta emergência, desempenharam papel importante os primeiros aristocratas da Anatólia, que aderiram às forças revolucionárias da Ásia Menor. Apesar da formidável coligação militar formada, o elemento civil poderia ter continuado senhor da situação em Constantinopla, se não houvessem surgido na cidade acontecimentos inesperados. O chefe da aristocracia civil na capital, Constantino Ducas, sentia-se descontente com a influência que os eunucos e os funcionários da corte exerciam sobre Miguel VI. Aderiu, por isso, à conspiração de Comneno e, como casara com a sobrinha do patriarca Cerulário, esta ajudou, sem dúvida, o tio a apoiar o partido dos anatólios. Pselo, chefe do Senado e dos intelectuais burocratas, estivera estreitamente ligado a Ducas em anos anteriores. Não surpreende, nestas condições, que tenha atraído Miguel VI perante os

exércitos

em avanço. Quando Isac Comneno se aproximou de Constantinopla, o patriarca arrastou os homens das corporações a uma revolta, que levou ao afastamento de Miguel VI e à ascensão de um general ao trono. Isac I podia gabar-se de ter tomado o império com a espada, o que confirmou mandando cunhar uma moeda de ouro com a sua figura de espada em punho. A vitória não fora, porém, propriamente dos militares, pois havia sido o apoio do chefe burocrata Constantino Ducas que a tornara possível. Quando Isac deixou o trono (1059), sucedeu-lhe Ducas, e os burocratas, chefiados por Pselo, perseguiram impiedosamente o elemento militar. A sorte da luta vacilou entre as duas facções até à vitória final da aristocracia militar, no reinado de Aleixo I (1081). A prolongada contenda entre os generais e os funcionários civis agitou o império num período crítico. Os generais, prejudicados pelos funcionários da capital, recorriam aos exércitos que comandavam e, repetidamente, desguarneciam as fronteiras para atacarem os seus inimigos da cidade. Fizeram-no na altura em que a pressão dos Seldjúcidas, Ptzinaques e Normandos ameaçava cada vez mais as fronteiras do império. A utilização dos exércitos na luta política não só diminuiu o seu número e eficiência como conduziu, finalmente, a um sistemático licenciamento dos recrutas nativos pelos burocratas, que tinham todas



83. Moeda de Isac Comneno com a espada na mão. Queria significar que a coroa lhe pertencia por direito de conquista.

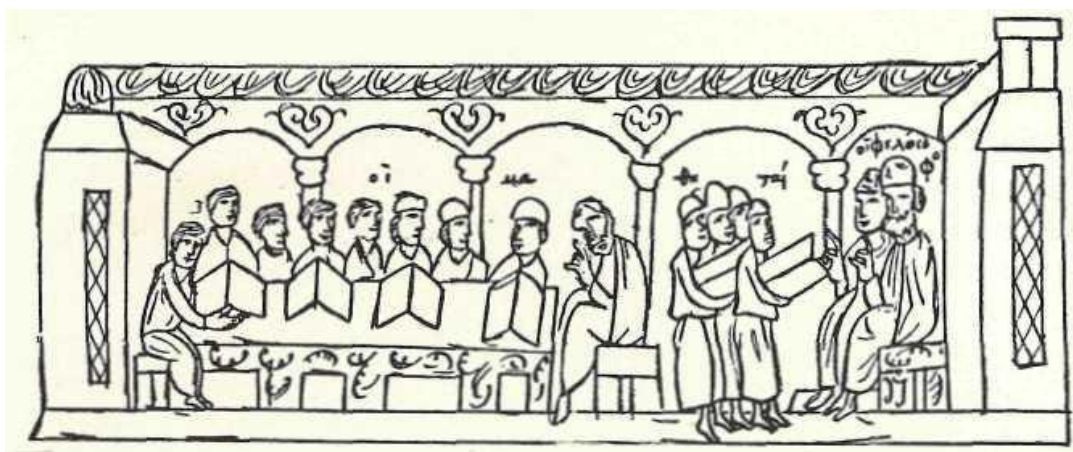


84. Coroa com o retrato de Miguel VII Ducas. Durante o seu reinado (1071-1078) perdeu-se Bari, última possessão bizantina na Itália. Os Seldjúcidas avançaram através da Ásia Menor.

as razões para os recuar. O serviço militar dos habitantes das regiões fronteiriças passou a ser resgatável com dinheiro. Recusava-se frequentemente o pagamento dos vencimentos ao exército, que se pode dizer efectivamente destruído no reinado de Constantino X Ducas e substituído por mercenários normandos, germanos, Ptzinaques e arménios.

O regresso aos exércitos mercenários representa uma séria fraqueza, uma fraqueza que desempenhou papel importante no colapso do Estado. A lealdade dos mercenários media-se pelo dinheiro que recebiam. Chegaram os tempos difíceis do império e os pagamentos começaram a falhar com frequência. As tropas estrangeiras passaram então a atacar o império que os havia contratado para o defender, a saquear os habitantes e, até, a tentar constituir estados seus. A hostilidade entre os burocratas e os soldados é registada pela literatura do tempo.

Cecameno, militar duro e astuto, que preferiu o vernáculo à língua culta



85. *Estudantes e professores. Iluminura do Códice de Skylitzes (século XIV).*

de um Pselo, escreve, dirigindo-se ao filho: «Não queiras ser um burocrata, pois não é possível ser-se, ao mesmo tempo, general e comediante.» Outro cronista, ao tratar do reinado de Miguel VII e do seu professor Pselo, tem este comentário sarcástico:

[Miguel Ducas] dedicou-se sempre ao estudo inútil e interminável da eloquência e à composição de jâmbicos e anapestos: não era, no entanto, hábil nesta arte, mas tendo sido iludido e enganado pelo Cônsul dos Filósofos (Pselo), destruiu o mundo inteiro.

O desequilíbrio entre a espada e a pena, isto é, entre os militares e os burocratas, é a primeira causa do colapso do Império Bizantino.

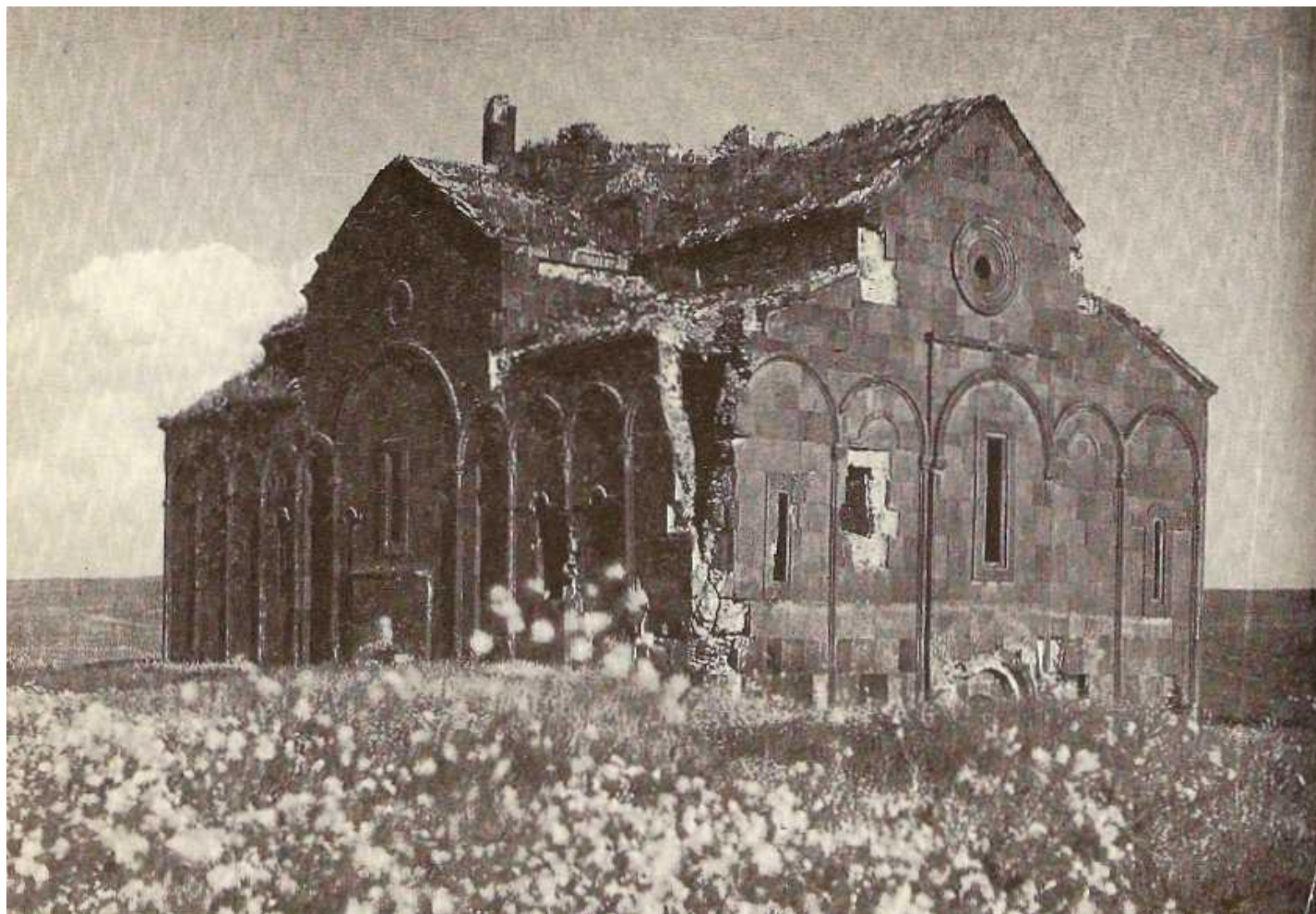
METAMORFOSES SOCIAIS E ECONÓMICAS

A ascensão dos generais foi acompanhada de uma certa feudalização da sociedade, visto serem, ao mesmo tempo, senhores de vastas propriedades rurais e de forças armadas destinadas à sua defesa. A fusão do magnate territorial com o *strategos* completou-se no começo do século X. O generalato de uma província da Anatólia tornou-se virtualmente hereditário em famílias como as de Scleros, Focas e Árgiros. O alargamento das propriedades destas famílias e o acréscimo da população provincial provocaram uma grande fome de terras no século X,

fome que pôs em perigo

as courelas dos pequenos proprietários livres. Embora a economia de Bizâncio tivesse por base a moeda corrente e os homens enriquecessem com frequência na indústria e na navegação, a fôrma principal de investir capitais era a compra de terras. No caso dos aristocratas, o gosto pela terra foi ainda estimulado por certas medidas do Governo que impediam as classes superiores de se entregarem a determinados empreendimentos comerciais. O alastramento da grande propriedade ameaçava devorar os camponeses livres. Esta situação levou os imperadores à publicação de uma série de leis rigorosas, destinadas a sustentar as operações desta natureza e a estabilizar as relações agrárias entre as duas classes. Romano I Lecapeno, que promulgou o primeiro destes decretos, viu que o desaparecimento dos camponeses livres levaria à ruína do império, do ponto de vista fiscal, militar e social. Ordenou, por isso, a devolução das terras aos camponeses. O mesmo fizeram os imperadores que se lhe seguiram. A frequência destas leis mostra a sua ineficácia. Não podia ser de outro modo, visto a sua execução estar, por vezes, confiada à própria classe contra a qual haviam sido promulgadas. O perigo representado pela aristocracia latifundiária tornou-se patente na revolta de Focas e Scleros contra Basílio II. A extensão das propriedades dos magnates era tão considerável que Eustácio Maleino, por exemplo, pôde fazer frente, com o seu exército, a Basílio II durante muito tempo.

Morto Basílio desapareceram as últimas pressões sobre os magnates que, durante o século XI, conseguiram, se não completamente pelo menos efectivamente, eliminar os camponeses livres. Foram eles que apoiaram o governo do general-imperador Aleixo Comneno, proclamado em 1081, e passaram, desde então, a dominar o exército. Já em meados do século XI os imperadores haviam começado a conceder o usufruto de propriedades do Estado aos que se distinguiam pelos seus relevantes serviços. Estas concessões, denominadas *pronoia*, tornaram-se o maior estímulo do serviço militar no reinado de Aleixo. A transformação da *pronoia* numa espécie de feudo do Ocidente deu origem, em Bizâncio, a uma sociedade latifundiária militar, que diferia



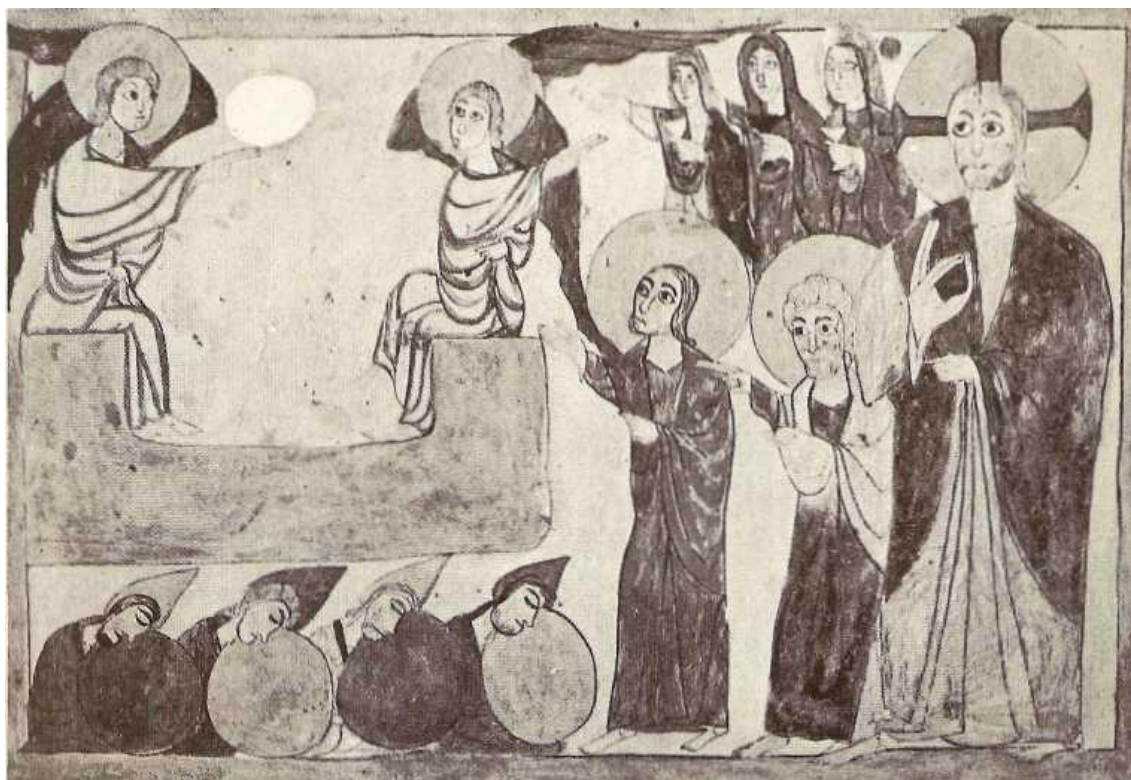
86. *Arquitectura arménia. Catedral de Ani, desenhada pelo arquitecto arménio Tradt. Foi construída entre os anos de 989 e 1001.*

da do Ocidente latino apenas por desconhecer tanto a homenagem como o subenfeudamento, É certo que os imperadores impuseram a sua autoridade ao sistema de *pronoia* durante muito tempo. O regime acabou, porém, por se descentralizar. E, quando os Latinos conquistaram o império em 1204, a aristocracia grega recebeu, em muitos lugares, os barões e senhores feudais latinos como se fossem *archontes* e *pronoiai* bizantinos.

A expansão macedónica introduzira, mais uma vez, no império enormes grupos que não conseguira absorver do ponto de vista cultural. A conquista da Bulgária por Basílio terminou pela posse da terra, facto que não evitou a revolta dos naturais no decorrer do século XI. Durante o reinado de Constantino X deu-se, para o Sul, na Tessália, o levantamento frustrado dos Valáquios, que parece não ter sido provocado por motivos de ordem étnica. Mais graves foram os problemas rácicos que os

imperadores tiveram de enfrentar na Anatólia Ocidental devido ao grande número de armênios e de sírios que habitavam as regiões conquistadas pela dinastia macedônica. Para mais, os imperadores colonizaram as áreas que os Muçulmanos haviam abandonado, tais como *Mitilene* e Cilícia, com armênios, sírios e gregos. Os assaltos turcos do século XI impeliram grandes massas de armênios para o território bizantino. Daqui resultou a instalação na Capadócia de vasto número de armênios.

A presença destes novos elementos levantou problemas ao Governo, não só porque os armênios mantinham as suas instituições militares e políticas, formando um Estado dentro do Estado, como também porque tanto os armênios como os sírios eram monofisitas. O Estado tentou absorvê-los mediante a união eclesiástica. Esta política, que falhara quando empregada em relação aos povos não gregos do Oriente (séculos VI e VII), voltou agora a falhar, e de maneira trágica. A principal tentativa de união teve lugar no reinado de Constantino X Ducas (1059-1067). Primeiro foram os sírios chamados a Constantinopla, onde lhes foi proposta a união. Os seus chefes eclesiásticos recusa-



87. Arte arménia: as Santas Mulheres junto do Santo Sepulcro, Miniatura do século XI.

ram, pelo que se viram condenados ao exílio. Em 1065 chegou a vez dos príncipes e sacerdotes armênios. Embora, por momentos, parecesse que as negociações chegariam a bom termo, por fim, Kakig Bagratuni, antigo rei de Ani, negou-se a dar o seu consentimento. Os armênios, contrariamente ao que sucedera com os sírios, foram autorizados a regressar à Anatólia Oriental. Kakig, porém, declarou guerra à população grega, perseguiu o seu clero e assassinou o arcebispo de Cesareia. Era intenção sua passar-se para os Turcos, mas foi morto pelos gregos antes de o ter podido fazer.

Alguns anos mais tarde, os gregos de Sebástia queixaram-se a Romano IV de que haviam sido mais mal tratados pelos armênios do que pelos Turcos, e o imperador teve de usar de grande prudência nestas áreas para que os seus exércitos não fossem atacados. O velho problema monofisita surgiu novamente, tal como no século VII, para ameaçar a segurança do império. O concílio de 1065, que tanto exarcebara as relações entre monofisitas e ortodoxos, exerceu influência muito mais imediata e importante sobre a sorte política de Bizâncio do que a que tivera o cisma de 1054 entre Gregos e Latinos. O primeiro desempenhou papel de relevo na conquista turca da Anatólia; o segundo só teve importância no século XII e, mesmo assim, apenas parcialmente, como resultado da perda da Anatólia.

Uma enfermidade económica crescente cuja causa fundamental se desconhece, complicou enormemente as dificuldades do império. É difícil averiguar até que ponto o aumento dos bens eclesiásticos e particulares reduziu os rendimentos do Estado no século XI, mas é fora de dúvida que desempenhou papel cada vez mais importante. Parece ter havido má administração das finanças do Estado depois da morte de Basílio II, devido à prodigalidade dos imperadores e imperatrizes, enquanto por outro lado o aumento de unidades mercenárias no exército mais exauria a bolsa imperial. O mais sério declínio das receitas talvez se tivesse dado quando os Ptzinaques e os Seldjúcidas assolaram as províncias e as tornaram improdutivas. Se as causas do declínio económico não são claras o seu reflexo na cunhagem da moeda é

bastante evidente. Desde a sua instituição por Constantino I até aos princípios do século XI, o *solidus* de ouro bizantino sofreu poucas modificações, mantendo-se estável durante setecentos anos. Na primeira metade do século XI sofreu uma desvalorização crescente, até que em 1080 passou a ter uma pequeníssima percentagem de ouro. Num governo centralizado que confiava no dinheiro para manter as suas estruturas militares e civis, o colapso financeiro era, sem dúvida, coisa bastante séria.

AMEAÇA EXTERNA

À medida que estes acontecimentos minavam o império, novos povos apareciam nas suas extensas fronteiras, e avançavam; enquanto ele enfraquecia progressivamente. Basílio II pensou em reconquistar a Sicília aos Árabes, mas não viveu o suficiente para levar a cabo esta empresa. As campanhas vitoriosas de Jorge Maniaces, que reconduziram temporariamente Siracusa e a Sicília Oriental ao domínio bizantino, teriam finalmente resultado, se a perseguição dos militares pelos burocratas, em Constantinopla, não houvesse provocado a revolta de Maniaces em 1043. Este general bizantino havia empregado mercenários durante as suas campanhas na Sicília. Dezasseis anos mais tarde, os aventureiros normandos, chefiados por Roberto Guiscard, começaram a estabelecer-se, como força independente, em terras bizantinas da Itália Meridional. Os instintos políticos dos Escandinavos, que já se haviam imiscuído na Rússia, França e Inglaterra, fizeram dos Normandos perigosíssimos mercenários. Na última metade do século, começam a representar séria ameaça para o Império Bizantino, tanto do ponto de vista interno como externo. No Norte, os povos nómadas do Altai, mais uma vez projectaram a sua sombra sobre as províncias balcânicas, quando os Ptzinaques, povo turco, que desempenhava parte importante na diplomacia bizantina, cruzaram o Danúbio (1048) e começaram a assolar o império. Constantino Monómaco deu-lhes terras nos Balcãs, onde deveriam exercer as funções de tropas fronteiriças e, para desgosto dos burocratas, elevou os seus chefes à

categoria de senadores. As perturbações que causaram aumentaram grandemente quando outro povo turco, os Uzoz, invadiram os Balcãs, ao procurar fugir dos Cumanos. As suas depredações espalharam a morte e a destruição a tal ponto que os habitantes pensaram seriamente em evacuar a península balcânica. Nestes povos nómadas os mais importantes eram os turcos seldjúcidas, que começaram a assediar a Anatólia na primeira metade do século XI. Os Seldjúcidas, que haviam tomado este nome de um antepassado epónimo, descendiam dos turcos uzoz que tinham fundado um grande império na Mongólia durante os séculos VI, VII e VIII. Destruído este Estado, várias tribos turcas deslocaram-se para Ocidente, ao longo da estepe russa, em direcção dos Balcãs ou do Cáspio Meridional, fronteiro do mundo islâmico. Os Ptzinaques e os Uzoz são os representantes dos povos turcos que seguiram a rota mais setentrional; os Seldjúcidas, dos que tomaram o caminho das terras muçulmanas. Convertidos ao islamismo no século X, os Seldjúcidas penetraram nas terras orientais dos povos islâmicos como mercenários de Estados em guerra. Chefiados por Toghril, fundaram um grande reino na Pérsia e restauraram o califado na altura em que este estava bastante enfraquecido. O poderio dos sultões seldjúcidas veio-lhes das tribos nómadas turcas, mas, logo que se tornaram senhores da maior parte do Médio Oriente, viram-se em grandes dificuldades para dominar os recalcitrantes. Foram, desta forma, impelidos para as fronteiras com o Império Bizantino, onde a sua natureza belicosa e sede de pilhagem podiam satisfazer-se à custa do inimigo cristão. Autores muçulmanos dão amplo testemunho do medo que estes nómadas inspiravam. Um oficial persa aconselha que sejam cortados os polegares aos turcos para que os seus cavaleiros nómadas não possam manejar os terríveis arcos de flechas.

A CRISE DE 1071

A grave situação interna e externa do império levou-o à beira da ruína em 1071. Bari, sua última dependência italiana, perdeu-se neste ano. Com a sua perda, desapareceram os séculos de domínio



88. *Exército bizantino derrotado pelos Turcos. Miniatura do Códice de Skylitzes.*

bizantino na Itália Meridional, enquanto no outro extremo do império os Seldjúcidas derrotavam Romano IV na Batalha de Manzikerte e começaram a conquista e povoamento da Anatólia. Este prélio, que iria durar quatrocentos anos, foi um dos grandes acontecimentos da História do Mundo, visto representar a transição do Império Bizantino para o Otomano. Após uma conjura vitoriosa, Romano IV (1068-1091), chefe dos generais da Anatólia, ocupou o trono, desejoso de salvar o império da situação desesperada a que o levara Constantino Ducas. As suas vigorosas campanhas militares contra os Turcos na Anatólia foram o último lampejo das tradições guerreiras de Basílio II; chegara, porém, atrasado. Os exércitos que o serviam eram, na sua maior parte, compostos de mercenários pouco dignos de confiança, e as conspirações de Pselo com a família Ducas frustraram os seus empreendimentos.

Quando, em 1071, Romano iniciou a sua terceira campanha na Anatólia, o progresso do seu avanço foi perturbado por maus agiões de toda a natureza. Primeiro, a tenda imperial caiu; a seguir, um incêndio destruiu os estábulos reais; os gregos de Sebástia queixaram-se-lhe da traição dos arménios; a certa altura foi atacado pelos mercenários estrangeiros que levava; finalmente, a sua hoste contornou um campo de batalha através do qual alvejavam os ossos calcinados de forças bizantinas anteriormente derrotadas. Dividiu as tropas em três grupos, com um dos quais acampou junto da cidade de Manzikerte, em cuja

vizinhança estavam, sem que ele soubesse, as forças do sultão seldjúcida KiJij Arslan. A batalha que se travou foi um desastre militar. Nenhum dos chefes sabia da presença do outro, e Romano tivera a pouca sorte de dividir as suas forças. Mesmo depois de as patrulhas exploradoras de ambos os lados haverem informado os chefes da situação, a batalha poderia ter sido evitada, pois, Kiliğ Arslan pedira a paz ao imperador. Romano decidira, porém, que tinha de arrumar a questão turca de uma vez para sempre, porque os Turcos eram ardilosos, sendo difícil chegar a compromissos com eles.

Os incidentes da batalha reflectem bem nitidamente os males que atingiam o império. Os soldados arménios, devido a ódios religiosos, desertaram em massa do campo da luta. O mesmo sucedeu com um pequeno grupo de Ptzinagues. A causa mais importante da derrota bizantina foi, porém, a deserção premeditada do general Andronico Ducas, sobrinho de Constantino X Ducas, pessoa de grande prestígio do partido burocrático. Decidira assegurar o futuro da família (Romano tinha-lhe exilado o pai) e, comandante da retaguarda, depois de haver espalhado o falso boato de que o imperador fora derrotado, retirou com as suas forças. A partida do general espalhou o pânico nas fileiras do exército bizantino. Prisioneiro, o imperador foi levado à presença do jubiloso sultão, que o tratou com honra.

Andronico regressou a Constantinopla com a notícia da derrota, e o partido burocrático procedeu à coroação de Miguel VII Ducas. Kiliğ Arslan libertou, no entanto, Romano. A existência de dois imperadores rivais mergulhou o império na guerra civil, precisamente no momento em que tribos turqueménias começavam a invadir a Anatólia, sem qualquer resistência. Durante os dez anos seguintes, os burocratas e os generais, que continuavam a digladiar-se, disputaram entre si os serviços dos chefes turqueménios na guerra civil. Muitas cidades entregaram-se aos Turcos, facilitando assim a sua ocupação do território. A perda da Anatólia a favor dos Turcos viria a ser fatal para o império. Destituída das províncias ricas, Constantinopla tornou-se uma cabeça desmesurada sem corpo para a sustentar.

89. O Grande imperador Aleixo Comneno. Explorou os Cruzados, em proveito próprio, e manteve a distância dos Normandos os Ptzinaques e os Turcos, quer por meios diplomáticos quer guerreiros.





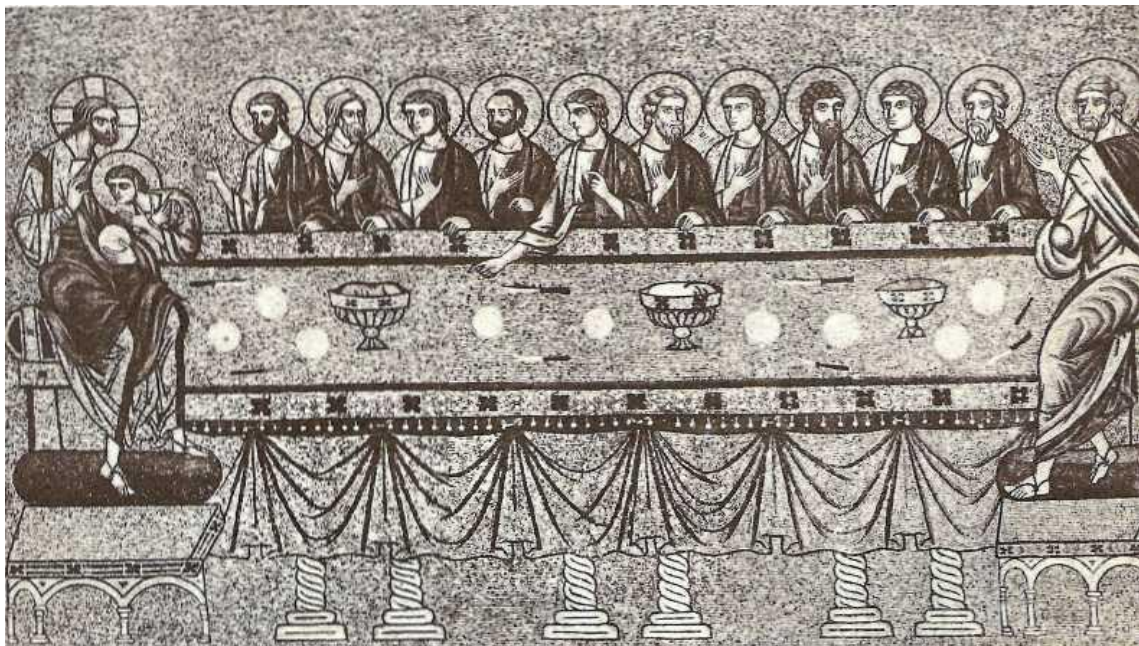
90. Na Catedral normanda de Cefalu (século XII) encontra-se este mosaico de Cristo, feito por artistas bizantinos.

ALEIXO I COMNENO — A REGENERAÇÃO

Quando Aleixo Comneno ascendeu ao trono possuía um império dilacerado por dificuldades tão graves que parecia ter os dias contados. A salvação do império e o prolongamento da sua vida por mais três séculos e meio testemunham, de maneira notável, as qualidades deste imperador-soldado. Os Comnenos não só salvaram o império, dando-lhe um último vislumbre de grandeza, como o conseguiram com recursos em grande parte contingentes, visto a Anatólia estar quase totalmente na posse dos Turcos- Mal envergara a púrpura imperial, viu-se logo Aleixo a braços com a invasão normanda, que bem poderia ter-lhe sido fatal. Nesta altura, Roberto Guiscard, que consolidara a sua posição na Itália Meridional, resolveu conquistar Constantinopla. Os normandos haviam experimentado certo grau de bizantinização após a tomada daquela província do Império do Oriente, Adoptaram o estilo bizantino na arquitectura, nas efígies



91, 92. Em Veneza foi dominante a influência da cultura bizantina. São testemunho desta influência, no século XII, as cenas do Novo Testamento, em marfim (à direita), e o mosaico da Última Ceia, em São Marcos (em baixo).



das moedas, etc. A sociedade normanda na Itália Meridional era, porém, bastante complexa, visto incluir elementos gregos, lombardos e árabes. Daqui o trilinguismo na cunhagem da moeda. Este pluralismo cultural estendia-se, na prática, a todas as actividades sociais.

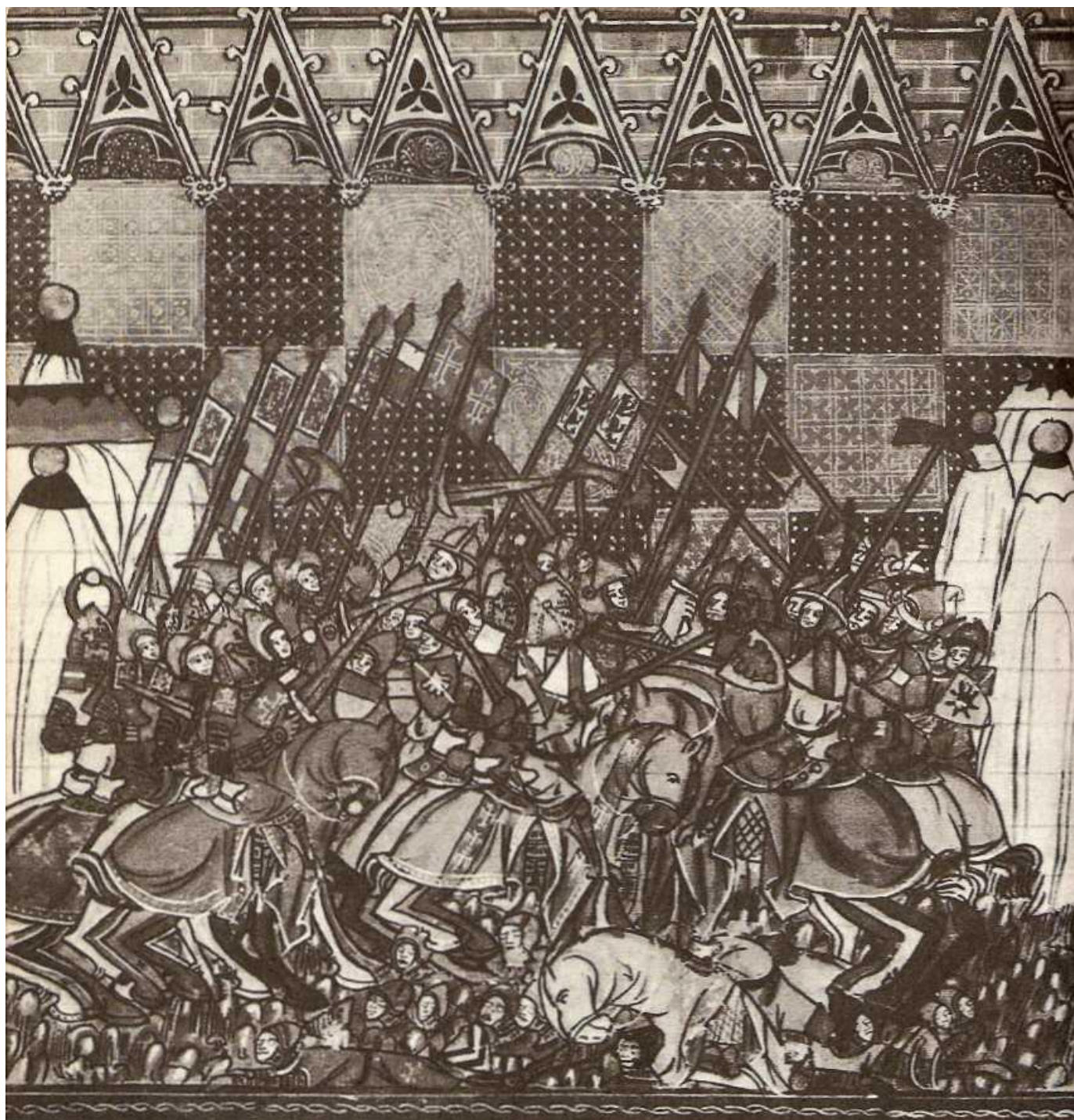
O aparecimento dos normandos na Itália e a tentativa de Guiscard de dominar ambas as margens da entrada do Adriático alarmaram Veneza, que via assim ameaçado o seu crescente poderio marítimo. Foi por isso com prazer que os Venezianos aceitaram a proposta de Aleixo para se lhe aliarem contra os Normandos. A sua desesperada necessidade de auxílio naval levou-o a conceder aos traficantes venezianos excepcionais privilégios económicos, privilégios que constituíram os alicerces do seu império comercial no Oriente. Não obstante, a cidade marítima de Dirráquio, lugar de partida da Via Egnácia, rendeu-se a Guiscard em 1081, apesar do auxílio de Veneza. O avanço dos normandos parecia irresistível. Uma sedição, animada por Bizâncio, forçou, porém, Guiscard a regressar a Itália em 1082. Esta diversão permitiu às forças imperiais a retomada da Tessália, enquanto Dirráquio se rendia aos venezianos. A morte de Guiscard (1085) deu a Aleixo uma pausa providencial, pois, em 1090-1091, os Ptzinaques, aliados ao emir turco de Esmirna, atacavam Constantinopla por mar e por terra. A crise era grave mas, felizmente, Aleixo, que obtivera a aliança dos Cumanos, infligiu aos Ptzinaques, no monte Livónio, uma derrota tão esmagadora que deixou estes nómadas quase exterminados por completo. O imperador dominara o pior da tempestade. Podia agora fazer uma pausa a fim de pôr em ordem as suas forças para a reconquista da Anatólia, onde os vários chefes turcos andavam em disputas uns com os outros.

Os planos do imperador foram subitamente perturbados quando os componentes da Primeira Cruzada se dirigiram para Constantinopla através das províncias bizantinas. Aleixo pedira anteriormente o auxílio do Ocidente mas, em vez das formidáveis hostes de cruzados, postos em marcha à voz do papa Urbano no Concílio de Clermont, só um pequeno número de mercenários

aparecera. Nesta nova confrontação entre o Ocidente e o Oriente as diferenças a que Liutprando anteriormente se referira cedo se tornaram penosamente evidentes. Constantinopla e Roma, herdeiras de Gregos e Latinos, desenvolveram-se a partir de duas culturas diferentes, e estas diferenças fundamentais e forças históricas foram-se acentuando pelos séculos fora. Na falta de um Estado centralizado e fortemente constituído, o Papado adquirira mais liberdade de acção e influência política do que o patriarcado grego, inibido pelo forte poder secular em Constantinopla de desempenhar papel idêntico.

A fricção entre as duas igrejas existia desde o século IV e, à medida que os séculos passaram, mais se acentuaram as divergências. O problema monofisita levou ao cisma acaciano, entre papa e patriarca, no século V. Mais tarde, na altura da controvérsia iconoclasta, Leão III não só perdeu a simpatia do Papado devido à abolição das imagens, como à transferência da Ilíria e da Itália Meridional da jurisdição papal para a patriarcal. A isto juntaram-se as pressões dos Lombardos — passo fatal — destinadas a desviar os papas dos Bizantinos para os Carolíngios.

A conversão dos eslavos do Sul, começada no tempo do patriarca Fócio, levou, mais uma vez, a uma quebra temporária das relações entre Roma e Constantinopla. Cerca de 1024, parece ter havido um acordo entre os chefes das duas igrejas no sentido de cada um ser supremo dentro da sua respectiva esfera de acção. O movimento de Cheni veio, no entretanto, rejuvenescer o Papado e dar-lhe um novo *élan*. A partir do tempo do papa Leão IX este novo movimento renovador espalhou-se rapidamente. A onde chegavam os seus representantes chegava um reforço da vida espiritual e de rigorosa obediência ao Papado. A influência papal começou a deparar com a resistência da igreja grega à medida que foi avançando através das regiões bizantinas da Itália Meridional. A presença de sacerdotes ambiciosos nos tronos de Roma e de Constantinopla foi a faísca que fez deflagrar as divergências explosivas que separavam a igreja católica da ortodoxa. O papa Leão IX enviou o altivo cardeal Humberto como chefe de uma legação encarregada de apresentar o ponto de vista papal



93. *A Batalha de Dorileia, na qual os Bizantinos e os Cruzados derrotaram os Seldjúcidas. Esta vitória permitiu-lhes invadir a Cilícia (1104).*

ao patriarca Cerulário, que era um dos homens mais poderosos que jamais ascendera ao patriarcado. Cerulário possuía temperamento impulsivo, como mostrara quer no tratamento com os imperadores quer com os papas, e a controvérsia entre as duas

igrejas depressa chegou ao ponto culminante. Incidiu sobre minúcias de dogma e de ritual: celibato do clero; uso de pão não levedado na comunhão; jejum sabático e a famosa cláusula *filioque* — tudo questões concretas que o espírito popular podia facilmente alcançar. A intransigência de ambos atingiu o auge em 1054, quando Humberto, arrogante, lançou, do altar de Santa Sofia, a excomunhão sobre Cerulário que, por seu turno, excomungou Humberto e a sua comitiva. Embora as consequências imediatas fossem nulas, o cisma das duas igrejas concretizou as divergências entre o Oriente e o Ocidente e as complicações políticas do século XII, emergentes das Cruzadas, cedo revelaram a sua gravidade. Foi só na actual geração que a igreja católica e a ortodoxa concordaram em retirar as maldições que haviam lançado uma sobre a outra há mais de novecentos anos.

No espírito das Cruzadas, influenciado por estas divergências religiosas e culturais, mesmo na primeira que, de todas, foi a que melhor obedeceu a uma intenção «pura», são relevantes as considerações de natureza mundana. As cidades italianas observavam o movimento através dos olhos gananciosos dos seus comerciantes, enquanto os Normandos se propunham aproveitar a Cruzada para adquirir novas terras e vitórias à custa de Bizâncio. Aleixo, posto ante os poderosos exércitos ocidentais, resolveu servir-se deles para reconquistar o que fosse possível na Anatólia. Em 1096-1097, os chefes cruzados juntaram-se em Constantinopla, onde o imperador conseguiu finalmente convencê-los a jurarem que todas as terras anteriormente pertencentes ao império que viessem a conquistar lhe seriam devolvidas. Em compensação, o imperador comprometia-se a auxiliar os ocidentais na sua marcha.

O negócio que o imperador fizera frutificou, quando os turcos derrotados entregaram Niceia aos Bizantinos. Pouco depois, as forças bizantinas escorraçaram os turcos de toda a região ocidental da Anatólia. A aparente harmonia entre Gregos e Cruzados desapareceu, porém, quando Boemundo reclamou para si, em 1098, a cidade de Antioquia. A reconquista bizantina da Cilícia (1104) levou, mais uma vez, ao auge a divergência



94. A Virgem e o Menino entre o imperador João II Comneno e a imperatriz Irene. Mosaico de c. 1118, em Santa Sofia.

greco-normanda. Boemundo, jogando com os antagonismos religiosos, fez espalhar o boato de que os Gregos haviam atraído a Cruzada e se preparavam para invadir o império por Ocidente. Desta vez, contudo, Aleixo encontrava-se em situação completamente diferente daquela em que Guiscard o encontrara em 1081.

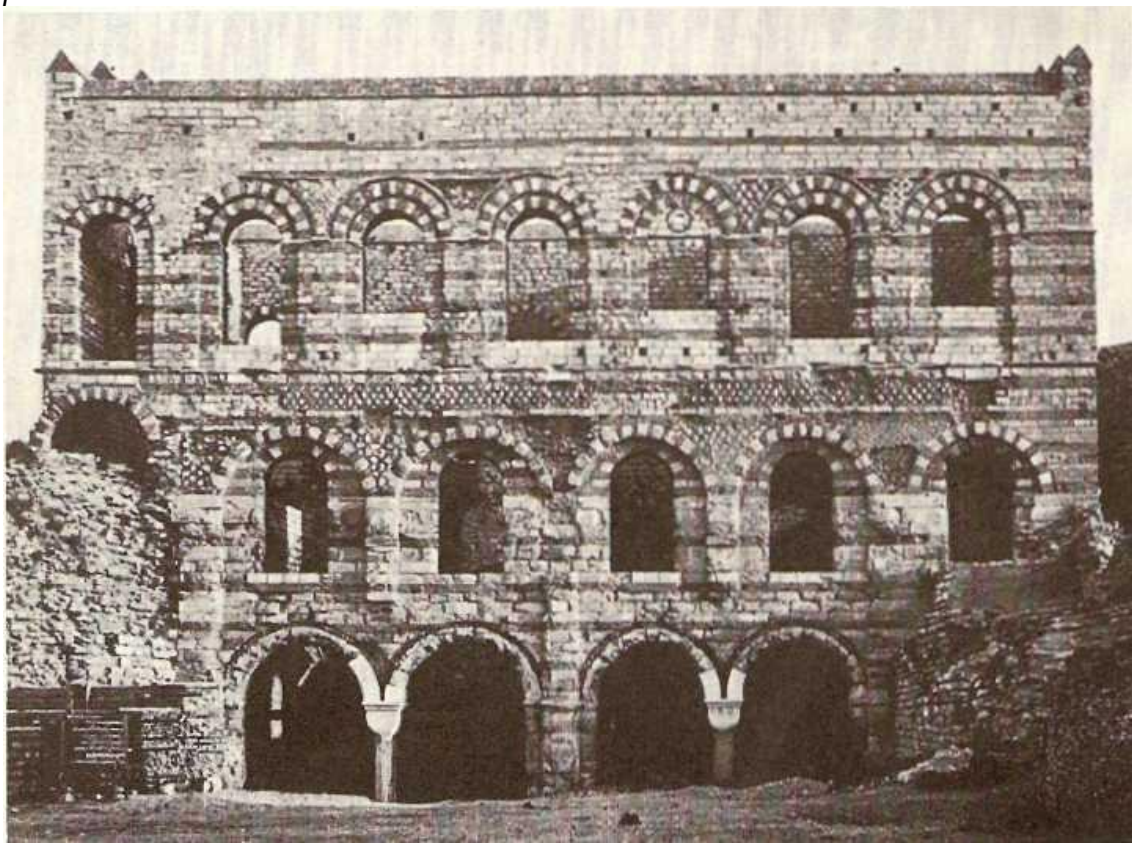
Boemundo, derrotado na Grécia Ocidental e forçado a render-se, concordou vergonhosamente em receber Antioquia como feudo, doado pelo imperador. Aleixo teve a boa sorte de impedir os Normandos de destruírem o império. Chegado o século XII voltaram as suas graves arremetidas, que os levaram a saquear Corinto, Tebas e Tessalônica.

OS SUCESSORES DE ALEIXO

Tendo encontrado Bizâncio virtualmente destruída, despojada das suas províncias mais ricas e com os inimigos à porta, Aleixo conseguiu, após trinta e sete difíceis anos de reinado, fortalecer grandemente o império e restaurar a sua glória. Com habilidade subtil, derrotou os normandos, destruiu os Ptzinaques, explorou os Cruzados e forçou os turcos a retirar.



95. Manuel Comneno. Durante o seu reinado a Anatólia foi, de facto, perdida a favor do Islão.



96. Palácio de Tekfur Saray, em Constantinopla. Construído, possivelmente, por Manuel Comneno.

A situação do império não era, porém, à data da sua morte, a que se verificara um século antes, porque, infelizmente, a reconquista da Anatólia fora incompleta. Deixara o planalto central nas mãos dos Seldjúcidas. A derrota de Guiscard não se teria dado se não fossem as imunidades comerciais concedidas aos Venezianos, para obter a sua ajuda. A herança de João II e de Manuel I Comneno era ingrata, composta de vã glória e de dura realidade. Sendo embora certo que Veneza organizara, no século XI, uma notável empresa marítima, não é menos verdade que foram as concessões obtidas em 1082 que lhe permitiram lançar as bases do seu império comercial e iniciar a sua intromissão na vida económica do império. Os imperadores fizeram repetidos esforços para se livrar deste estrangulamento. Empresa vã. Os mercadores ocidentais eram como parasitas devorando as energias do império.

Aleixo concedeu aos Venezianos o direito de comerciarem livremente nos portos do império. Esta concessão libertou-os da concorrência dos mercadores bizantinos, obrigados ao pagamento de formidáveis impostos comerciais. Medida funesta, pois não só o comércio de transportes transitou das mãos dos Gregos para as dos Venezianos, como passou a deixar de cair nos cofres do Estado o produto de uma rica fonte de receitas. Aleixo concedeu ainda aos Venezianos um bairro em Constantinopla, bem como no Corno de Ouro, três cais e armazéns destinados aos seus navios e mercadorias. Aos numerosos mercenários ocidentais vindos anteriormente para Bizâncio juntou-se assim um novo afluxo de mercadores latinos, cujo número subiu a dezenas de milhares em Constantinopla durante o século XII. A feroz competição dos rivais de Veneza e o receio de Bizâncio em ver instalado no império o monopólio exclusivo da famosa cidade do Adriático levaram à concessão de privilégios idênticos a Pisa e a Génova, à medida que os imperadores tentavam lançar as cidades italianas umas contra as outras.

João Comneno tentou equilibrar os negócios turcos na Anatólia com os negócios do Ocidente, e não só consolidou as reconquistas ali realizadas por seu pai como as estendeu à custa dos Seldjúcidas. A subida ao trono do extravagante Manuel desfez

este equilíbrio, em grande parte por estar hipnotizado pelo Ocidente. Rodeou-se de latinos, adotou costumes latinos (gostava de participar em torneios e justas à moda do Ocidente) e tomou como segunda esposa uma princesa latina. Interessou-se tanto pela política latina e germânica que desprezou a defesa das províncias anatólias de Bizâncio. Esta atitude permitiu a Kilij Arslan eliminar os seus rivais dinamarqueses e tornar, mais uma vez, muito séria a ameaça Seldjúcida. Só no fim, ao ver as profundas transformações da Anatólia, resolveu pôr-se a caminho com os seus exércitos (1176), resolvido a atacar a capital seldjúcida de Cónia, (antiga Icónio).

Na sua deslocação da Anatólia Ocidental para as gargantas montanhosas que levam ao planalto, os exércitos bizantinos foram constantemente atacados pelas numerosas tribos turcas que viviam nas fronteiras, entre Seldjúcidas e Gregos. Ao chegarem à passagem de Myriophalon, na Frigia, as forças de Manuel viram-se subitamente cercadas. A batalha que se seguiu foi um novo Manzikert para a soldadesca bizantina, que sofreu sério desastre. Uma tempestade de areia que obscurecera o céu deu lugar a uma desgraçada peleja, na qual não era possível distinguir o amigo do inimigo. Terminada a luta, o imperador derrotado aceitou as condições de rendição de Kilij Arslan, que, apesar de vitorioso, sofrera também pesadíssimas baixas. Quando os bizantinos retiraram viram grandes quantidades de mortos. Os turcos haviam arrancado a pele da face e os órgãos genitais a todos os combatentes caídos, para que os gregos não pudessem calcular a extensão das suas perdas. Não obstante, após esta derrota, os bizantinos renunciaram a qualquer esperança de expulsar os Turcos da Ásia Menor. Durante o resto do século XII, as tribos turcas, seguindo os rios da nascente, na montanha, até à foz, no Egeu, devastaram impiedosamente as regiões que os Comnenos haviam recolonizados com tanto esmero.

No Ocidente, os Sérvios e os Búlgaros, aproveitaram o caos da política bizantina no último quartel do século XII para conquistarem a independência. Frederico Barba Roxa pôde contar com o auxílio dos Anatólios e Balcânicos, inimigos do



97. *Este mosaico de São Marcos, Veneza, revela o aspecto da igreja original, baseado na dos Santos Apóstolos, de Constantinopla.*

império, quando atravessou estas regiões, a caminho da Terra Santa. O mau estado das relações do império com o Ocidente reflectia-se nas relações entre latinos e gregos de Constantinopla. Depois de haver concluído alianças com Pisa e Génova, Manuel decidiu expulsar os Venezianos dos seus estados. Em 12 de Março de 1171, todos os que residiam no império foram presos, sendo-lhes confiscados os navios e mercadorias.

A afluência dos Venezianos a Bizâncio criou uma situação intolerável, e levou, por fim, ao rompimento entre o império e a República. Tão opressiva era a hegemonia económica dos Latinos em Constantinopla que os habitantes se puseram ao lado de Andronico, quando ele marchou sobre a cidade, em 1183, para tirar o poder a Aleixo II e à mãe, de origem latina. As arruaças



98. A arte bizantina exerceu profunda influência sobre a arte russa de Kiev, particularmente por meio deste ícone, a Virgem de Vladimiro. Pintado em Constantinopla à volta de 1125, foi, posteriormente, levado para a Rússia.

que rebentaram culminaram com o brutal ataque às vidas e haveres dos latinos. É fora de dúvida que os acontecimentos de 1171 e 1183 constituem importante ponto de partida do movimento que levou à conquista latina da cidade, em 1204. Aos Venezianos, que haviam conseguido o máximo, do ponto de vista das concessões oficiais destinadas a proteger e aumentar os seus proventos, só restava a conquista militar de Constantinopla. Pareceu, por momentos, que os Normandos se antecipariam aos Venezianos, neste ponto, porque, em 1185, tomaram de chofre a cidade de Tessalonica e submeteram os habitantes a impiedosas provações. Embora o seu avanço sobre Constantinopla fosse sustido, a sorte de Tessalonica representava a vingança da chacina dos latinos em 1183. Era, ao mesmo tempo, uma antecipação do que sucederia aos gregos em 1204.

MOVIMENTO ARTÍSTICO

A era dos Comnenos e dos Anjos, sendo de declínio político, foi, no entanto, a era do florescimento das artes, especialmente da literatura. Embora a actividade artística, motivada por factores económicos e políticos rnenos favoráveis, não tivesse sido tão extensa como nos reinados dos Macedónios, pôde, no entanto, alastrar até Kiev, na Rússia, Veneza, Sicília normanda e Terra Santa. Não será talvez o menos notável dos fenómenos do último império ter a sua degenerescência política sido acompanhada de crescente produção literária e de uma riqueza artística de alta qualidade, embora pouco abundante. Este facto desmente a suposta inter-relação entre os sucessos políticos e o florescimento cultural que os historiadores frequentemente pressupõem.

Contrastando com a fortuna política, a vida literária do império no tempo dos Comnenos e dos Anjos representa, ao mesmo tempo, a continuidade da intensificação da vida literária desenvolvida no século XI. Mais ainda do que os seus antecessores macedónios, os eruditos e escritores do século XII estudaram e imitaram os autores clássicos, embora a literatura religiosa tradicional se tenha igualmente mantido como elemento

constante do panorama cultural bizantino. É facto que a Igreja condenou João ítalo por ousar equiparar a Filosofia à Teologia. Por outro lado, a verdade é que os dois maiores autores clássicos da época foram arcebispos. A erudição de Eustácio de Tessalonica, revelada nos seus vastos comentários dos textos homéricos e pindáricos, constitui um monumento na história da erudição grega. A reacção estética destes eruditos sacerdotes à poesia grega é claramente perceptível logo na primeira linha do comentário homérico de Eustácio: «Se alguém pretende escapar ao poder das sereias de Homero será bom que tape os ouvidos com cera para evitar o enfeitiçamento.»

A casa de Eustácio, em Constantinopla, tornou-se uma escola, na qual iniciava os jovens nos estudos clássicos. O seu aluno mais culto foi o futuro arcebispo de Atenas, Miguel Acominato. Esta paixão pelo rico espólio literário dos Gregos foi o elemento dominante do sentimento de superioridade cultural dos Bizantinos sobre o resto do mundo. Ana Comneno pede repetidamente desculpa por macular a sua história com nomes e palavras de origem bárbara, enquanto Miguel Acominato é um antepassado medieval daqueles classicistas modernos que, nas suas peregrinações à Acrópole, censuram acremente os Atenienses actuais por não possuírem as qualidades físicas e intelectuais de Apoio e Platão. Miguel, discípulo anatólio do helenismo cultural nascido na Frigia, deslocou-se a Atenas para receber a investidura episcopal e aqui observou sagazmente os descendentes de Péricles. Cedo verificou, porém, durante as pregações feitas ao público no Pártenon (então igreja dedicada à Virgem), que os atenienses de Péricles já não existiam. A sua vida foi-lhe, não obstante, agradável, em contraste com a de outro arcebispo, igualmente culto, Teofilacto, que estudara com Pselo, e sofreu um verdadeiro exílio quando foi nomeado para o arcebispado de Ócrida, nas montanhas dos Balcãs Ocidentais. Para que servia a cultura literária quando se via condenado a ter uma audiência de rãs coaxantes e de camponeses tacanhos?

Tanto a língua vernácula como o grego clássico tiveram os seus mestres e ambos foram empregados para relatar o triste

estado da sociedade bizantina. Não obstante a influência da língua e do espírito dos grandes cronistas pagãos, os historiadores bizantinos do século XII eram totalmente indiferentes às realidades políticas e militares do seu tempo. Longe do espírito arcaico que a preocupação pela Antiguidade Clássica tão frequentemente inspira, Ana Comneno descreve, em traços claros, a bravura militar dos Normandos e dos Latinos, ao mesmo tempo que faz observações pormenorizadas sobre a superioridade da tecnologia militar dos Ocidentais. O historiador Choniato afirma, sem reboço, que o caos dos fins do século XII em determinadas áreas da Anatólia bizantina era de tal natureza que muitos gregos preferiram viver nas terras do sultão.

Estes historiadores traçam, com clareza e objectividade, o panorama das desgraças do império. Os poetas de Constantinopla, dependentes embora dos seus ciosos patronos, podiam escrever sátiras sociais tão facilmente como apologias sensaboronas, e faziam-no com grande prazer. Exemplo típico foi o de João Tzetzes, o mais saboroso cronista da vida de Constantinopla do século XII. Para ele, talvez devido ao seu carácter cosmopolita, era a cidade do vício na qual se canonizavam santos os ladrões e corruptos. Gaba-se de poder cumprimentar, nas ruas e nas suas próprias línguas, citas, latinos, persas, alanos, árabes, russos e judeus. Um dos poetas mais notáveis, Teodoro Ptocoprodromo, empregou a língua vernácula nos seus acerados remoques às condições sociais.

A mesma língua fora usada, um século antes, por Catacolon Cecameno (ele próprio informa que havia sido criticado pelo seu grego inculto) nos conselhos que dirigira ao seu próprio filho e ao imperador. O filho, observara, deveria manter a mulher resguardada, caso contrário ela e a honra da família seriam vítimas das artes astuciosas do sedutor. Se queria longa vida, não devia andar em companhia de médicos. O poeta avisava o imperador, entre outras coisas, de que o emprego de oficiais bárbaros traria desgraças ao império. A língua vernácula recebeu tratamento mais artístico por parte de Ptocoprodromo, que a empregou para se queixar da inversão dos valores sociais. No seu poema

Anátema das Letras, por exemplo, conta como, não obstante os longos anos despendidos no estudo, se encontra em estado perpétuo de fome. Em contraste com ele, os operários sem educação são bem pagos, têm as despensas recheadas, as mesas repletas de peixe, assados, grelhados, tripas, vinhos, pão de trigo puro e queijo valáquio, enquanto na sua despesa só há papéis. A isto respondiam os artesãos que o poeta, que era também sacerdote, devia saciar a fome com os versos ou então despojar-se das vestes e executar, como eles, qualquer verdadeiro trabalho. A queixa contida nesta figura literária de que o operário auferia mais dinheiro é familiarmente moderna, como também o é o anticlericalismo dos trabalhadores.

A QUEDA DE CONSTANTINOPLA

Os males de Bizâncio, evidentes através desta literatura, enfraqueceram tanto o império que, pelos fins do século XII, a sua queda era virtualmente inevitável. Os projectos de Manuel haviam destruído as forças que Aleixo I e João tinham tão arduamente reunido. Os Anjos terão sido os sucessores nominais dos Comnenos, mas faltava-lhes as capacidades que a extraordinária situação do império exigia.

Henrique VI, duplamente odiado pelos Bizantinos (era da família dos Hohenstaufen que haviam tomado a Sicília normanda), preparara uma expedição contra o império, a qual ficou suspensa apenas devido à sua morte prematura em 1197, no momento preciso em que a frota estava prestes a largar de Messina. Dois anos depois, num torneio organizado no senhorio do conde Tibaldo de Champagne, um pregador eloquente exortou os nobres a tomarem a Cruz, pedido que não visava Constantinopla e nada tinha de extraordinário, se pensarmos nas cruzadas anteriores. Os cavaleiros obtiveram o apoio do papa Inocêncio III e começaram a organizar o plano de invasão do Egipto. No entretanto, correram os dias, e a orientação da cruzada caiu progressivamente sob a influência de poderosas forças antibizantinas.

Morto Tibaldo em 1201, a direcção do movimento passou para Bonifácio de Montferrat, homem com interesses pessoais tanto na Terra Santa como em Bizâncio e individualidade forte, que conseguiu libertar a cruzada da direcção efectiva do Papado. Amigo do rei germânico Filipe da Suábia, visitou a sua corte e entendeu-se com ele, supomos, visto Filipe ser casado com Irene, filha do bizantino Isac II, que fora destronado, e hospedar também um filho deste, o jovem Aleixo. Uma vez reunidas em Veneza, as Cruzadas não conseguiram juntar os 85 000 marcos de prata que os Venezianos exigiam para os levar ao seu destino. O astuto doge Dândolo, fez-lhes então uma interessante proposta, mediante a qual o pagamento dos 85 000 marcos poderia ser protelado. Bastaria que os Cruzados auxiliassem os Venezianos a retomar a cidade dálmata do Zara aos Húngaros, para estes os conduzirem ao Egipto. Amarrados desde o início aos interesses egoístas dos Venezianos, os Cruzados viram-se na contingência de atacar uma cidade cristã, enquanto eles, um pouco antes, entravam com o rei do Egipto em negociações destinadas a proteger o país do ataque dos Cruzados. Tomada Zara, Aleixo e os Cruzados concluíram um negócio fatal. O primeiro pagaria o dinheiro devido aos Venezianos, mas impunha a condição de o ajudarem a repor no trono de Constantinopla seu pai, Isac.

A combinação da política dinástica bizantina com os planos germânicos e as ambições dos Cruzados caiu nas mãos de Dândolo, que os explorou, astutamente e ao máximo, em favor dos interesses venezianos em Bizâncio. Os Cruzados e os venezianos entraram em Constantinopla no Verão de 1203. Isac reascendeu ao trono e Aleixo foi coroado co-imperador. Mas Aleixo não conseguiu cumprir as promessas que fizera aos Cruzados, porque não dispunha de dinheiro, e o povo resistiu à união eclesiástica com os Latinos. As relações entre Latinos e Gregos tornaram-se bastante tensas. Os primeiros pilharam as aldeias gregas das cercanias e incendiaram, inclusivamente, uma parte da própria cidade. Os Cruzados e os venezianos, resolveram abandonar a luta contra os Muçulmanos e entender-se quanto à esperada partilha do Império Bizantino. O futuro imperador,

que elegeriam do seu grupo, receberia os dois palácios de Constantinopla e um quarto da cidade e do império. Os restantes três quartos seriam divididos por igual entre Venezianos e Cruzados. Em Abril de 1204, depois de Aleixo V ter destituído Isac e Aleixo IV, os Latinos atacaram a cidade e desta vez a sua vitória foi completa. O imperador, o patriarca e Teodoro Láscaris, juntamente com outros gregos, fugiram para a Ásia Menor e para os Balcãs, onde pensavam organizar a resistência, enquanto a soldadesca latina sujeitava a maior cidade da Europa a um saque indescritível. Durante três dias assassinaram, violaram, depredaram e destruíram a uma escala que até mesmo os antigos Vândalos e Godos teriam considerado inacreditável. Constantinopla tinha-se tornado num verdadeiro museu de arte antiga e bizantina, um empório de tão inacreditável riqueza que os Latinos ficaram assombrados com o que encontraram. Embora os venezianos apreciassem a arte que descobriram (eles próprios eram semibizantinos) e de que salvaram grande parte, os franceses e os outros destruíram indiscriminadamente. Só pararam para se refrescarem com vinhos, violar freiras e matar sacerdotes ortodoxos. Os Cruzados mostraram o seu ódio contra os Gregos na maneira espectacular como profanaram a maior cidade da Cristandade. Fundiram os iconostases de prata, queimaram os ícones e os livros sagrados de Santa Sofia. Sentaram no trono do patriarca uma prostituta, que cantava canções grosseiras, enquanto eles bebiam vinho pelos vasos sagrados do templo.

O desacordo entre o Oriente e o Ocidente, que continuara através dos séculos, culminou com a horrível chacina que acompanhou a conquista de Constantinopla. Os Gregos estavam convencidos que nem os Turcos, se houvessem sido eles os conquistadores da cidade, teriam sido tão cruéis como o foram os cristãos latinos. A derrota de Bizâncio, já em estado de declínio, acelerou a sua degenerescência política a tal ponto que os Bizantinos se tornaram, eventualmente, presa fácil para os Turcos. O movimento cruzadista resultou, assim, em última análise, na vitória do Islão, facto sem dúvida exactamente oposto à sua intenção original.



99. Mosaico do século IX (destruído). Igreja da Assunção, Niceia.

IV ENFRAQUECIMENTO E COLAPSO

DISPERSÃO DO HELENISMO

As consequências do movimento das Cruzadas na vitória final do Islamismo sobre o império grego foram grandes, mas os efeitos imediatos também tiveram significado considerável. A perda da *A Cidade* (**η πόλη**) como os Gregos denominavam Constantinopla nessa altura, e ainda hoje, desfez a unidade da sociedade grega medieval. Os Gregos não podiam já considerar Constantinopla, a cuja vida religiosa e política presidiam agora um imperador e um patriarca católico, o ponto de convergência da sua lealdade, embora o desejo e a esperança da sua restituição constituíssem nota dominante no mundo ortodoxo. Constantinopla estava perdida, mas o império sobrevivia. Enquanto os Latinos ocupavam a rainha das cidades e muitas das províncias, os nobres gregos, a clerezia e os soldados fugiam, em grande número, para os distritos que ainda se encontravam livres de ocidentais. Nestas áreas, vedadas ao acesso fácil dos Latinos por barreiras montanhosas ou marítimas, as entidades políticas gregas cristalizaram em volta das cidades de Niceia, Trebizonda e Arta (no Epiro). Os reinos recém-formados rivalizaram entre si na sua lealdade para com os Gregos, e a sua competição na reconquista de Constantinopla aos Latinos facilitou de certo modo a pressão sobre estes. Os fundadores das dinastias que criaram raízes no Epiro, Bitínia e Caldeia eram todos aparentados com famílias imperiais. As ligações dinásticas intensificaram grandemente as suas exigências de obediência dos gregos das províncias. A pulverização política do mundo bizantino resultante da conquista latina não só retardou a reconquista grega de Constantinopla como contribuiu para o colapso final, visto ter per-



100. *Santa Sofia, Trebizonda.*

durado muito para além de 1261. A existência de estados independentes no Ponto, Ásia Menor Ocidental e Grécia Ocidental, serviu, no entanto, para revitalizar o helenismo dessas áreas, cujos governantes muito fizeram para impulsionar a vida económica, religiosa e cultural dos seus súbditos.

Miguel Anjo Comneno Ducas, fundador do despotado do Epiro, decidiu fazer a sua fortuna política juntando-se aos conquistadores latinos da Grécia. Este aventureiro bizantino verificou, porém, dentro em pouco, que não seriam muitas as esperanças de ver realizadas as suas ambições como soldado dos exércitos latinos, pelo que encarou outras possibilidades. Apoiado pelas suas relações familiares na Grécia Central e Ocidental, conseguiu tomar Arta, onde forçou o deposto mas itinerante Aleixo II a coroá-lo déspota. Assim coonestou o seu oportunismo com uma pseudo legitimidade. Político astuto e vigoroso guerreiro, que sabia como lidar com Latinos e Búlgaros, cedo aumentou os limites do despotado, para ocidente até Dirráquio, e para o Oriente até à Tessália.

Trebizonda dispunha ainda de maior protecção contra a expansão latina do que o Epiro, visto se encontrar a vários milhares de quilómetros de distância dos Latinos e gozar de muitas outras vantagens. A sua situação geográfico-estratégica tornara-a um dos grandes empórios comerciais do Ocidente. Lugar de encontro dos navios gregos e latinos com caravanas muçulmanas, os lucros dos negócios enriqueciam os seus habitantes. Embora os territórios do interior, limítrofes da cidade, não fossem muito extensos (os Turcos dominavam o planalto vizinho das montanhas meridionais), eram bem irrigados e férteis. A conquista do planalto pelos Turcos isolara bastante Trebizonda, em fins do século XI, e dera a muitos dos seus habitantes sentimentos separatistas. A família mais poderosa da região, a dos Gabras, levantou muitas dificuldades aos Comnenos, pois mostrava às claras a sua independência. A história deste clã aristocrático,



101. Pintura mural de Santa Sofia, Trebizonda. Representa a expulsão do diabo do corpo da filha da mulher de Canaã.

durante o século XII, é bastante curiosa, em verdade. Um dos Gabras, principal defensor de Trebizonda contra os Turcos, foi por eles condenado à morte, por ter recusado a apostasia. Em sua honra cantou-se um serviço especial até ao século XIX. Paradoxalmente, um outro ramo da família deu três vizires à corte seldjúcida de Cónia.

A individualidade da cidade reflecte-se também no orgulho dos seus panegiristas, que citavam sempre a sua colonização pelos Atenenses na Antiguidade (via Sinope e Mileto). Tal como no caso do fundador do despotado epirota, Aleixo e David Comneno não eram só, aparentados com o imperador, tinham também fortes ligações familiares locais. O seu avô, Andronico I, reinara em Sinope, e sua tia, a rainha Tamar, na Geórgia. Os dois príncipes escaparam à chacina da família de Andronico, que acompanhou a sua queda em 1185, e haviam sido criados na corte da Geórgia. Tamar aproveitou-se da pressão latina sobre Constantinopla, em 1204, para ocupar Trebizonda com tropas georgianas e entregar o governo da cidade aos sobrinhos. David, o mais ousado dos irmãos, estendeu em breve a sua influência à zona litoral, de Trebizonda a Heracleia, no Ocidente.

Foi ao terceiro destes estados de sucessão grega, o império de Niceia, que coube a sorte de restaurar a honra bizantina em Constantinopla. Ao contrário de Trebizonda (que estava muito longe) e do Epiro (que era economicamente pobre), Niceia gozava, ao mesmo tempo, de uma situação geográfica favorável e do domínio de um território interior extenso e fértil. Os ricos vales da Anatólia Ocidental, regados pelos rios que descem das montanhas, alimentavam uma vida agrícola próspera e uma população densa, enquanto as importantes cidades de Esmirna, Éfeso, Magnésia, Pérgamo, Prusa, Nicomedia e Niceia, imprimiam à região um forte carácter comercial e urbano. A cidade de Niceia, mais próxima de Constantinopla do que Trebizonda ou Arta, era, praticamente, inexpugnável, dada a sua situação junto do lago Ascânia e as suas fortes muralhas. Gozava, além disto, do prestígio de ter sido a sede do primeiro e do último dos concílios ecuménicos reconhecidos pela igreja grega.



102. *Muralhas de Niceia.*

O déspota Teodoro Láscaris era um dos oficiais bizantinos que deixara a capital para ir lutar na Anatólia Ocidental. A situação nestas regiões tornou-se extremamente confusa quando outros gregos começaram a estabelecer aqui principados rivais e, mais importante ainda, na altura em que os Latinos, os Seldjúcidas e os Trebizondinos passaram a atacá-la por todos os lados. Quando o Império Latino sofreu a desastrosa derrota que lhe infligiu o monarca búlgaro Joanitsa, em 1205, Teodoro aproveitou a pausa para reorganizar as suas forças. Três anos mais tarde, a Igreja elegeu um novo patriarca e Teodoro foi coroado imperador. Assim se enraizaram as tradições imperiais na comunidade bizantina de Niceia. Kaikusrau, sultão de Cónia e hóspede de Aleixo III, decidiu, em 1211, invadir os domínios de Niceia a pretexto de repor Aleixo no trono, mas, de facto, com a ideia de conquistar a terra. Numa batalha ardentemente disputada, que se travou junto do rio Meandro, Teodoro matou o sultão e a vitória que se seguiu fixou os limites orientais do Estado. A paz com os Latinos foi assinada no ano de 1214, depois de Teodoro haver reconquistado aos Comnenos a costa do mar Negro, para Oriente, até Sinope.



103. O imperador Teodoro Láscaris.
Começou a reconquista grega do desarticulado Império Bizantino.

A ADMINISTRAÇÃO LATINA

O estabelecimento dos Latinos nas terras que haviam sido tiradas aos Gregos foi difícil. O doge Dândolo, que receava as ambições de Bonifácio, manobrou para que fosse eleito imperador um homem mais fraco, Balduíno da Flandres, enquanto o veneziano Tomás Morosini era escolhido para patriarca. A divisão da conquista fez-se de harmonia com as linhas gerais previamente determinadas. Balduíno recebeu a Trácia, cinco oitavos de Constantinopla, o noroeste da Ásia Menor e algumas ilhas. O seu frustrado competidor, Bonifácio, ficou com a importante cidade de Tessalonica e terras adjacentes na Macedónia e na Tessália, mas deu a Ática e a Beócia ao seu vassalo Otto de la Roche. Os Venezianos, políticos realistas como eram, reclamaram apenas as regiões que não prejudicavam os seus interesses comerciais. A mais importante comportava três oitavos de Constantinopla, que receberam. Adicionalmente, obtiveram ainda Dirráquio, Ragusa (na costa dálmata), Corone, Modon (no Sul do Peloponeso), certos portos do Helesponto e de Mármara e a cidade de



104. Coroação de Balduino de Flandres, imperador dos Estados Latinos com o apoio de Veneza.

Andrinopla. Pertenciam-lhe, ainda, as Jónias, Creta e as ilhas do Egeu.

O Peloponeso, ou Moreia, como era denominada, rendeu-se a Guilherme de Champlitte e a Godofredo de Vilhardouin. Apesar de espectacular a vitória dos Latinos, a união de estados por eles formados representava um pálido e fraco sistema político cuja existência foi apenas possível devido à tripla divisão dos Gregos. Os Cruzados impuseram às suas novas terras, um pouco mais desenvolvidas, o sistema feudal do Ocidente, sistema que levou a uma fatal descentralização do poder. Embora todos os nobres houvessem recebido terras doadas pelo imperador de Constantinopla, os interesses dos Latinos nas províncias divergiam frequentemente dos do doador. Por outro lado os Venezianos haviam tido o cuidado de estipular que não eram obrigados a jurar fidelidade ao imperador, facto que ajudou a enfraquecer o Império Latino.

A maior fraqueza dos novos estados latinos estava no facto da população que os integrava ser grandemente de origem grega, pelo que a lealdade à classe reinante era quase nula. Divergên-

cias eclesiásticas aumentaram o ódio dos gregos aos seus senhores, pois uma das bases fundamentais da política dos Latinos consistia precisamente no estabelecimento da supremacia da igreja católica. O papa Inocêncio III, entusiasmado pela hipótese de trazer a igreja grega para a zona de influência da católica, sentiu-se humilhado pela chacina e saque que acompanharam a entrada dos Latinos em Constantinopla. Aconselhando repetidas vezes a clerezia e os senhores a tratarem os gregos de maneira mais cristã, nem sempre foi ouvido.

Certos bispos gregos, incluídos o patriarca de Constantinopla e o famoso arcebispo de Atenas, Miguel Acominato, haviam abandonado as terras ocupadas pelos Latinos e procurado refúgio no Epiro, Niceia, Bulgária, Trebizonda. Outros mantiveram-se nas suas sés, procuraram ignorar as exigências eclesiásticas latinas e mantiveram contacto frequente com a clerezia de territórios não latinos. Os católicos decidiram que a clerezia grega devia conservar as igrejas das regiões habitadas exclusivamente por gregos. Nas áreas mistas, os bispos deveriam ser latinos. Nas áreas conquistadas, a hierarquia da Igreja passou, desta maneira, para as mãos dos católicos, ao passo que nas aldeias eram mantidos os sacerdotes gregos. Com raras exceções, os bispados latinos foram preenchidos por aventureiros pouco exemplares do ponto de vista religioso, os quais tratavam os diocesanos gregos como cismáticos. Não era raro ver a clerezia grega que se conformava com as ordens do Papado e que, por isso, tinha o apoio de Inocêncio, ser destituída por bispos latinos fanáticos, que ambicionavam ocupar todos os bispados.

Também os bispos gregos se mostravam, com frequência, irreconciliáveis. O arcebispo de Corfu, por exemplo, disse redondamente aos Cruzados que aqui haviam parado, a caminho de Constantinopla, em 1203, que não podia compreender os seus argumentos em favor da primazia papal, a não ser que se referissem ao facto de terem sido romanos os soldados que crucificaram Cristo. A agravar a animosidade política, os gregos de Niceia e os latinos envolveram-se em discussões religiosas, as mais importantes das quais tiveram lugar em Constantinopla (1206, 1214-1215).

O aparecimento de Nicolas Mesarite, metropolitano de Éfeso, como representante dos gregos, ajudou, sem dúvida, a fortalecer a resistência destes em Constantinopla, mas pouco fez para melhorar as relações entre as duas igrejas. O desacordo entre católicos e ortodoxos chegou a estender-se a pormenores de protocolo e de procedimento. Uma destas questões teve lugar entre um cardeal e Mesarite sobre uma mera formalidade de precedência. Quando Mesarite entrou em Santa Sofia, o cardeal não se levantou para o saudar. Alegava que, calçando chinelas de púrpura, levantar-se seria indigno da dignidade imperial, ligada ao uso desta cor. O metropolitano de Éfeso não se deu por vencido. Descalçou uma das chinelas e mostrou que o forro também era de púrpura. Sendo mais humilde do que o seu antagonista latino, dizia, tinha querido evitar uma exibição mais ostentosa da púrpura.

INTERACÇÃO DAS CULTURAS GREGA E LATINA

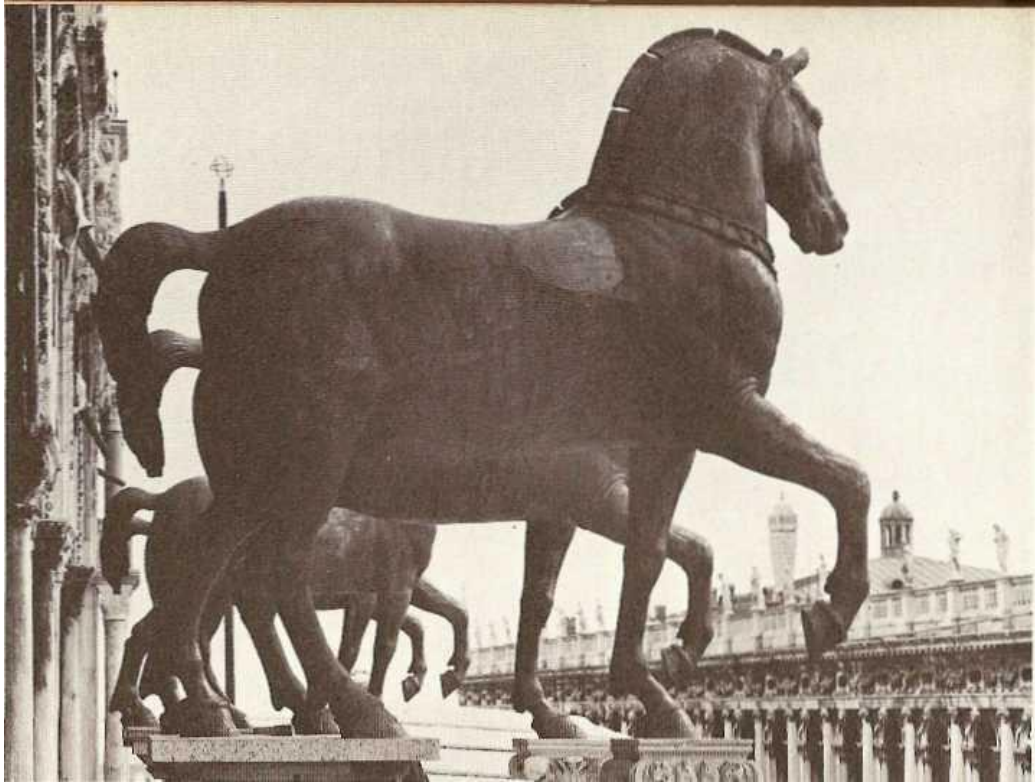
Fora do campo religioso as relações entre latinos e gregos não se revestiram de aspecto comparável. A aliança dos bizantinos e francos no Peloponeso é visível através da chamada «Crónica Moreia», cujo texto existe em Grego, Francês, Aragonês e Italiano. Os magnates gregos da península juntaram-se aos cavaleiros latinos e formaram com eles uma sociedade feudal. A *pronoia* bizantina foi equiparada ao feudo franco. Os dois termos têm significado idêntico na Crónica.

O feudalismo latino foi, assim, enxertado no sistema bizantino da posse de terras, e palavras latinas como *liege* (já conhecida das relações entre Comnenos e os senhores da Cruzada) e *homage* passaram para o Grego por transliteração (*lizios*) e tradução (*anthropea*).

A mesma espécie de adaptação parece ter ocorrido na literatura. A literatura romanesca, grega e francesa, seguiu evolução semelhante. E assim como o desenvolvimento paralelo do feudalismo bizantino e latino prepararam a fusão dos dois, assim também se deu uma fusão neste domínio da literatura. Houve

ainda influência directa do romance francês no bizantino à medida que o último se desenvolvia, no século XII e seguintes. A preponderância da vida económica do Ocidente, tão notável no século XII, acabou agora por triunfar em absoluto. A influência dos traficantes tornou-se tão grande que os vocábulos marítimos, de natureza comercial, empregados não só pelos Gregos, como, mais tarde, também pelos Turcos, eram, em grande parte, italianos. Os efeitos desta dominação latina foram mais fortes nas possessões insulares venezianas, que se mantiveram sob governo ocidental até aos fins do século XVIII. Embora o proselitismo da igreja católica não tenha atingido, nas ilhas Jónias, sucesso idêntico ao de certas ilhas do Egeu, a cultura das Jónias não deixou de alastrar. A simbiose mais feliz dos dois movimentos pode ver-se na grande escola da pintura cretense, que se manteve nas ilhas Jónias depois de a conquista turca de Creta, no século XVII, haver provocado a dispersão dos pintores. Também a literatura dos Jónios experimentou novo florescimento sob a inspiração dos modelos italianos. A influência italiana nas ilhas Jónias foi tão profunda que os seus habitantes apresentavam características diferentes dos seus outros compatriotas do continente, aspecto que se manteve até ao século XIX.

Os exemplos mais característicos dos ((empréstimos» pedidos aos Gregos consistem em objectos de arte clássica e bizantina, que vieram para a Europa depois de 1204. Famosíssimos, a este respeito, são os gigantescos cavalos de bronze que hoje figuram na entrada da Igreja de São Marcos, em Veneza. Constantinopla, o grande repositório de relíquias sagradas, torna-se então o armazém de onde se fornece toda a Europa. Mais extraordinário ainda foi o caso de Guilherme de Moerbeke, arcebispo de Corinto (1277-1281), que traduziu muitas das obras de Aristóteles para latim. Enquanto o interesse pela reunião das duas igrejas dominava o Ocidente, o desejo de aprender Grego era motivado mais por considerações de ordem religiosa do que por quaisquer outras.



106. *Os grandes cavalos de bronze de São Marcos, trazidos de Constantinopla para Veneza.*

RECONQUISTA DE CONSTANTINOPLA

Na competição entre gregos asiáticos e balcânicos para reconquistar Constantinopla, a fortuna favoreceu, ao princípio, o déspota do Epiro. Teodoro Anjo, sucessor de Miguel Anjo, tomou Tessalonica aos Latinos em 1224 e fez-se coroar imperador, pouco depois, pelo arcebispo de Ócrida. A sua derrota pelo czar búlgaro Asen II nos campos de Klokotinitza em 1230 pôs fim inesperado às pretensões imperiais do epirota. Asen gozou, até morrer (1241), de certa proeminência nos assuntos balcânicos. Foi, porém, Niceu quem, por fim, começou a estender o seu domínio sobre a Trácia e a Macedónia.

Chefiado por João III Ducas Vatatzes (1222-1254), o império de Niceia tornou-se o mais poderoso dos Estados gregos e desempenhou papel que não foi apenas local. Vatatzes concluiu uma aliança matrimonial com a família de Frederico II, tratou da união com o papa e fez um acordo com os Seldjúcidas, frente à tempestade mongólica. Internamente conseguiu dar grande prosperidade

ao reino anatólio. Uma política de tarifas protectora dos fabricantes locais contra a concorrência italiana fez reviver a velha indústria têxtil bizantina, enquanto os armazéns dos portos se enchiam de mercadorias de todas as partes do Mundo. Prestou particular atenção às cidades, atulhou os silos de produtos agrícolas e confiou o fabrico das armas a operários especializados, pagos pelo Estado. Protegeu a educação. Fundou bibliotecas em várias cidades. O seu reinado descobre o lado vantajoso da dispersão causada pela conquista latina de 1204. Antes desta data, a capital bizantina desprezara a melhor das suas províncias. Além do mais, a extensão do poderio de Niceia nos Balcãs, coroado pela ocupação da Tessalonica em 1246, isolou os Latinos em Constantinopla e fez da conquista final uma mera questão de tempo.

Por ironia, o triunfo final não foi obra da dinastia Lascárida porque, em 1258, Miguel Paleólogo, descendente de uma velha família aristocrática, tomou o poder efectivo e fundou a mais longeva das dinastias imperiais bizantinas. Nesta altura, o rápido progresso dos gregos da Anatólia levou os seus inimigos a juntarem-se num último esforço para sustentar o seu avanço. Manfredo, filho de Frederico II, pôs-se à cabeça de uma coligação, que incluía também o despotado do Epiro e o principado latino da Moreia. A Batalha, decisiva, de Pelagónia, na Grécia Ocidental (1259), esmagadora vitória de Miguel Paleólogo, deixou-o livre não só para convergir em direcção a Constantinopla como para avançar sobre a Moreia. O apoio de Génova, conseguido pelo Tratado de Ninfes, que dava aos mercadores genoveses grandes vantagens económicas, beneficiou também o império, e permitiu a Miguel neutralizar a marinha veneziana, única força ainda capaz de lhe opor resistência. O auxílio genovês não foi, porém, necessário. Ao fazer um reconhecimento nos arrabaldes de Constantinopla, um diminuto corpo de tropas de Niceia encontrou a cidade sem defesa e tomou-a com facilidade, em 25 de Junho de 1261. Nas alegres celebrações que se seguiram, Miguel fez-se de novo coroar pelo patriarca, desta vez em Santa Sofia. Assim se renovou a tradição de Constantinopla como cabeça da igreja e do Império Grego.

A expulsão dos odiados Francos, grande vitória para Bizâncio, foi, sob outros aspectos, uma fonte de infortúnios. Uma vez de posse da cidade, Miguel achou-se envolvido em dificuldades não só com os vários Estados balcânicos mas, principalmente, com os Cruzados, que esperavam restaurar o império latino de Constantinopla. Além disto, ao mudar a capital para a Europa, voltava as costas à Anatólia Ocidental e desprezava as províncias que, de facto, haviam tornado possível a reconquista. O abandono destas regiões, no momento exacto em que a pressão turca estava mais uma vez a aumentar, provaria ser fatal. O perigo mais imediato, contudo, veio do Ocidente, onde o ambicioso Carlos de Anjou, irmão do rei francês Luís IX, tomara a Manfred o reino da Sicília. Pelo Tratado de Viterbo (1267) com Balduíno II, Carlos, imperador deposto de Constantinopla, começou a reunir aliados para uma expedição contra a cidade. Obteve, devido à sua diplomacia, ligações com a Moreia latina, o Epiro, os Búlgaros, os Sérvios e fez com que Miguel VIII vivesse durante quinze anos sob a ameaça de uma cruzada latina. Felizmente a diplomacia bizantina conseguiu evitar a cruzada de Carlos. O primeiro passo consistiria na união eclesiástica com a igreja latina, realizada em Lião em 1274. Miguel aceitava a supremacia do papa e este obrigava Carlos a desistir da empresa. A sucessão de um papa francês, Martinho IV, deu a Carlos nova oportunidade. Preparava-se para pôr em movimento as suas forças quando a rebelião das Vésperas Sicilianas (1282) veio pôr fim aos seus projectos. O ouro bizantino foi empregado para provocar o descontentamento na Sicília e trouxe depois à ilha as forças de Pedro III de Aragão.

UMA VITÓRIA TEMPORÁRIA

Miguel VIII conseguira, mais uma vez, elevar Bizâncio a uma posição de proeminência mundial devido às suas vitórias espectaculares sobre os Latinos. O efeito foi efémero, pois a posse de Constantinopla provou ser fardo superior às possibilidades de um governo que abandonara a Ásia Menor, ponto vital da sua força, para se entregar a uma decepcionante política

de glória nos Balcãs. Embora as consequências da política de Miguel não se houvessem manifestado por completo durante a sua vida, o facto é que, tendo mergulhado no mundo político dos Balcãs e do Ocidente, o estado bizantino não podia voltar atrás, embora fosse fisicamente incapaz de cumprir a tarefa. Para maior confusão, a política dinástica, militar e económica de Miguel reduzira a Anatólia bizantina a uma província rebelde, na qual a soldadesca nativa perdera a disciplina, a vida agrícola fora deslocada e a hierarquia eclesiástica alienada.

Andronico II (1282-1328) colheu os frutos amargos da gestão de Miguel, pois, tendo, embora, ascendido ao trono em Constantinopla e não em Niceia, encontrou o Estado exausto devido à política do seu antecessor. A história do império, após a morte de Miguel VIII, toma-se uma narrativa de desastres militares, declínio económico e catástrofes políticas, que entristece ler. As pretensões de Miguel haviam sujeitado o império a exigências crescentes, numa altura em que os seus recursos diminuía. Quando usurpou o poder imperial procurou recompensar os seus auxiliares militares e aristocráticos tornando hereditários os seus *pronoia* e feudos. Aberto este precedente, seguiu-se, durante os dois séculos seguintes, o aumento constante do número

107. Torre de Gálata, cidadela da comunidade dos mercadores genoveses, construída em Constantinopla como parte do pagamento pela ajuda na luta contra os Estados Latinos.





108, 109. Miguel VIII Paleólogo (à esquerda). Reavivou as últimas energias do Império Bizantino. À direita, o seu infeliz sucessor, Andronico II.

de *pronoias* hereditárias, por vezes acompanhadas da isenção de serviço militar. Isenções fiscais, concedidas em vasta escala pelos Paleólogos aos possuidores de terras não militares fizeram baixar os réditos do Estado e tornaram difícil o recrutamento do pessoal militar. Baixou o rendimento das alfândegas, como consequência do estrangulamento exercido pelos Genoveses e Venezianos sobre a vida económica do império. Por alturas do século XIV, enquanto o rendimento anual da alfândega dos Genoveses em Gálata atingia a soma de 200 000 *hyperpera*, no Corno de Ouro, em Constantinopla, o dos Gregos não passava de 30 000 *hyperpera*. No fim do século XIII, o rendimento do Estado, supõe-se, representava apenas um oitavo do que fora durante a dinastia isauriana. Este empobrecimento chegou a afectar mesmo o sumptuoso cerimonial da corte, como sucedeu nas festas de coroação de João VI Cantacuzeno, durante as quais a baixela de ouro e prata foi substituída por uma de estanho e barro.



110. O imperador João VI Cantacuzeno no trono. Está ladeado de bispos e monges no concílio que convocou em 1351.

As rivalidades dinásticas, as lutas sociais, as contendas religiosas destruíram, durante o século XIV, qualquer sombra de força que o império pudesse ter, o que redundou em favor dos Sérvios e turcos otomanos. Em 1321, Andronico III, neto de Andronico II, reavivou o espectro da rebelião dinástica marchando sobre a capital, onde forçou seu avô a ceder-lhe parte da Macedónia e da Trácia, Renovada a luta familiar, os dois imperadores procuraram o apoio dos Sérvios e dos Búlgaros. Os pecados de Andronico III caíram sobre o seu próprio filho mais novo, João V, que, depois de subir ao trono, viu João Cantacuzeno declarar-se imperador. No decorrer dos catorze anos seguintes sofreu o império os horrores de uma intensa guerra civil, durante a qual os partidos rivais, pondo, mais uma vez, os seus próprios interesses políticos acima da prosperidade do Estado, rivalizaram na demanda dos serviços de Sérvios, Turcos e Venezianos. A controvérsia religiosa sobre o Quietismo paralisou ainda mais a sociedade em

meados do século XIV, pois os partidários da doutrina puseram-se ao lado de Cantacuzeno e os oponentes ao lado de João V. A controvérsia surgiu quando o ocidental Barlaão atacou as práticas místicas dos monges do monte Atos e Gregório Palamas veio em sua defesa. O quietista atingia o êxtase místico sentando-se sobre as próprias pernas, a cabeça caída sobre o peito, os olhos postos no umbigo, invocando o nome de Jesus, enquanto sustinha a respiração. Este exercício levava-o a ver a luz irreal que cercara Jesus na transfiguração do monte Tabor. O conflito não era apenas de natureza teológica. Representava também uma outra fase na discórdia contínua entre o monaquismo bizantino e as tradições humanistas. O quietismo manteve-se devido ao apoio que recebeu de Cantacuzeno, mas restringiu-se, na verdade, a um número diminuto de ascetas.

Apesar de tudo, esta última grande controvérsia teológica da Igreja Ocidental teve a sua importância, tanto mais que contribuiu para a anarquia e confusão da sociedade bizantina que as guerras civis tinham gerado. No decurso da controvérsia, a regência de João V fomentou também a luta de classes, a expensas de Cantacuzeno, que representava a aristocracia da sociedade bizantina. A guerra civil e os declínios político e económico haviam alargado a brecha que separava os ricos dos pobres. Aguilhoadas pelo governo de João V, as classes mais baixas (os zelotes políticos) revoltaram-se nas cidades da Trácia e da Macedónia, estabeleceram os seus governos municipais próprios em Tessalonica e expulsaram os aristocratas.

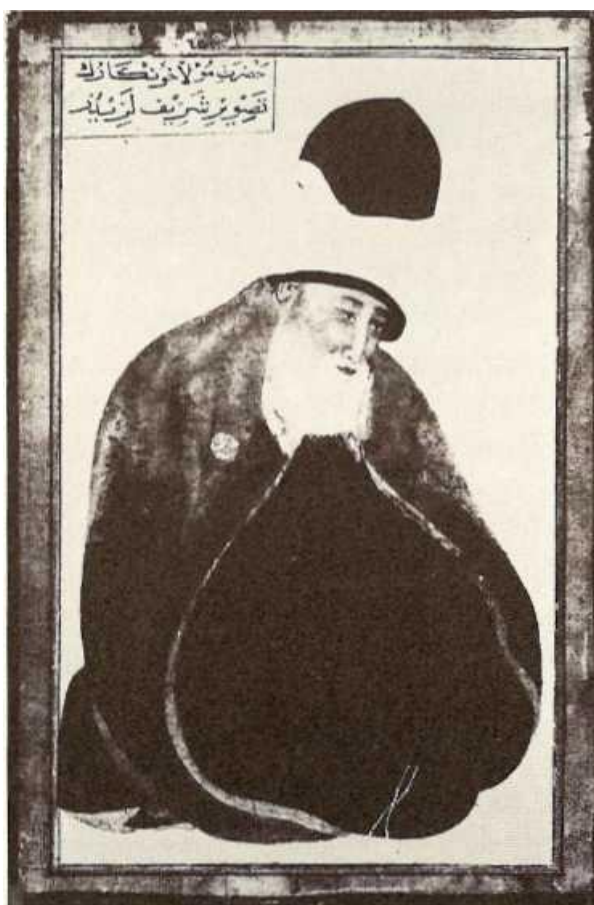
Quando, por fim, João Cantacuzeno foi derrubado do Poder em 1354 e se retirou para um mosteiro, para escrever a sua famosa história, deixou o império transformado num campo de batalha. A sociedade encontrava-se dividida em facções dinásticas, sociais e religiosas, enquanto os Sérvios e os Turcos não eram já autorizados a expandir-se à custa de Bizâncio, mas somente admitidos como mercenários. Anos seguidos de guerras civis haviam desorganizado seriamente a sociedade bizantina, arruinado a agricultura, destruído as forças produtivas das províncias.

Explorando esta fraqueza, o chefe sérvio Milutino (1282--1321) tinha, pelos fins do século XIII, levado a conquista da Macedónia até ao sul de Skoplie. As guerras civis do século XIV trouxeram os Sérvios para sul, até à Tessália e Etólia, depois de haverem eliminado os seus vizinhos Búlgaros na Batalha de Velbuzd (1330). A intromissão servia nos assuntos bizantinos, que começara durante a guerra civil de Andronico II e Andronico III, atingiu o ponto culminante durante o remado do grande chefe sérvio Stephan Dusan (1331-1355). Dusan começou por concluir uma aliança com Cantacuzeno em 1342-1343, mas depressa o trocou por João V, a fim de favorecer os seus próprios interesses. Quando Cantacuzeno se voltou para Constantinopla e abandonou a Macedónia, Dusan ocupou a maior parte da Albânia, da Grécia Central e Setentrional e, em 1346, o patriarca sérvio coroou-o imperador dos Sérvios e dos Gregos. Como sucedera ao chefe búlgaro, Simeão, no século X, também Dusan tentou fundar um império segundo o modelo bizantino. Foram, porém, de curta vida os seus esforços. Morto ele (1355), o Império Sérvio desfez-se e foi substituído por vários estados insignificantes.

ASCENSÃO DOS TURCOS

O verdadeiro perigo para o império bizantino não estava nos Balcãs mas sim na Ásia Menor. Aqui se haviam fixado os belicosos Turcos que, tendo herdado a doutrina da guerra santa dos hesitantes Árabes, deveriam levar a termo o conflito, o ancestral conflito entre a Cristandade bizantina e o Islão. A conquista dos Turcos, velha de trezentos anos, na maior parte da Anatólia, seguida do seu domínio, haviam dado lugar a grandes modificações na península. Antes da Batalha de Manzikert a população da Ásia Menor era formada, em grande parte, de gregos e de arménios, os quais, até meados do século XIII, excediam em número os seus vizinhos Turcos. Com o estabelecimento dos turcos muçulmanos na península, os cristãos da Ásia Menor viram-se sujeitos a implacáveis pressões culturais, porque, como observou o historiador árabe Ibne Cádune, «Uma nação derrotada morre depressa quando cai sob o governo de outra.»

As conquistas e estabelecimento dos Turcos na Anatólia provocaram consideráveis levantamentos, deslocações e ruínas entre os cristãos até à última metade do século XV, altura em que a península foi finalmente pacificada. A maior vítima foi a Igreja, verdadeiramente esmagada quando perdeu as suas propriedades, templos, rendimentos, e ficou sujeita ao pagamento de pesadas taxas no período anterior à unificação da Anatólia por Maomé II. Os cristãos ortodoxos, separados do coração da sua sociedade e sem uma autêntica direcção cristã (os bispos mantiveram-se, durante muito tempo, retirados das suas sés nas terras turcas) viam-se expostos à pressão das fortes correntes proselitistas na nova sociedade islâmica. As transformações sofridas pela sociedade cristã convenceram as ordens dos dervixes (as mais importantes eram as dos Mevlevis e dos Bektaxis) que os Cristãos estavam psicologicamente preparados para as suas pregações religiosas. Foram estas irmandades sufis que converteram a maioria dos cristãos arménios e gregos em muçulmanos turcos. Ao fazê-lo, efectuaram uma revolução cultural equivalente, em



111, 112. *Jalal al-din Rumi (à esquerda). Sufi e asceta do século XIV, foi o fundador espiritual da ordem Mevlive dos Dervixes, que se vêem à direita na sua dança ritual («sema»). O liberal Mevlvis desempenhou papel importante na islamização dos cristãos da Anatólia.*

و فرمود انت که مرغی که از زمین بالا پرواز کرد چه با پسمان نرسد تا اینکه بر باشد که از دام
دور تر باشد و بر بد و همچنین اگر کسی درویش شود و بکمال درویشی نرسد تا اینکه بر باشد



که از مرده خلق و اهل بازار متنازع باشد و از رحمتی نیاید و پس بکبار کرد که نخی المتفقون
و ملک المتقون یکی از بنای دنیا پیش حضرت مولوی عذر خواسته میکرد که در خدمت

grandeza, à que os Árabes haviam levado a cabo, séculos antes, na Síria bizantina, no Egipto e na Palestina.

A vida política da Anatólia estabilizou-se temporariamente, na primeira metade do século XIII, com a fundação do império de Niceia e o aparecimento do forte sultanato de Cónia. O afastamento de Miguel VIII para Constantinopla em 1261 levou, mais uma vez, a Anatólia Ocidental ao caos administrativo e ao declínio económico. Do lado islâmico, a prosperidade dos Seldjúcidas desapareceu quando a rebelião das tribos turqueménias enfraqueceu de tal maneira o sultanato que este caiu, vítima dos Mongóis, em 1243. O desaparecimento destas duas forças estabilizadoras transformou a Anatólia no campo de batalha dos chefes turcos que, à frente de várias coligações de tribos, organizavam insignificantes principados à medida que assolavam os domínios seldjúcidas e bizantinos. O mais importante destes emiratos, o de Osmã, ficava na Anatólia do Noroeste, na fronteira da Bitínia bizantina. No dealbar do século XIV, Osmã podia explorar o declínio do domínio bizantino, conquistando a maior parte desta região. O seu filho Orhan completou a conquista com a tomada de Prusa (1326), Niceia (1331) e Nicomedia (1337).

Após algumas décadas de consolidação, durante as quais se organizou a primitiva sociedade otomana, proveniente da fusão de elementos cristãos e muçulmanos com as instituições da Bitínia, os turcos otomanos atravessaram os Dardanelos para a Europa, à semelhança do que os gregos de Niceia haviam feito no século XIII. Cantacuzeno obteve, em 1344-1345, o auxílio dos Turcos na guerra civil, dando em casamento sua filha ao sultão Orhan, os quais se introduziram na Trácia, onde pilharam impiedosamente a população. Dez anos mais tarde, depois de um terrível terramoto ter destruído as muralhas de Galipoli, Orhan pôs cerco a esta cidade-chave pelo lado europeu do Estreito. Assim começou a conquista turca dos Balcãs. O colapso do império de Dusan, juntamente com a fraqueza da Bulgária e de Bizâncio, criaram um enorme vácuo, que arrastou verdadeiramente os Turcos para a Europa. Em 1365 transferem a capital de Prusa para a cidade europeia de Andrinopla, simboli-

113. *Esboço de Gentile Bellini representando um janízaro. Os janízaros formavam a tropa de escol dos Otomanos, recrutados entre as crianças cristãs, que convertiam ao islamismo, e mantinham como exército profissional permanente.*



zando deste modo a orientação pró-ocidental do seu programa político. Ultrapassada a cidade de Constantinopla devido ao seu poder defensivo, continuam o avanço, submetem os Búlgaros e lançam os Sérvios a seus pés na Batalha de Kossovo (1389). Os sultões venciam graças à fraqueza dos seus adversários e também porque haviam construído a mais formidável máquina militar de toda a Europa e do Próximo Oriente. A maior parte da sua vitalidade militar e administrativa devia-se ao sistema adoptado para com a nata da juventude cristã convertida ao islamismo e depois treinada no manejo da espada e da pena. As tropas de choque, os janízaros e, por vezes, os vizires, eram recrutados entre os jovens cristãos convertidos, os *devshirmes*. Quando Bajazeto I Yildirim, isto é, o «Raio», sucedeu ao pai, Murad I, e se infiltrou profundamente nos Balcãs e na Anatólia, os dias do império podiam dizer-se contados. As suas conquistas na Europa foram submetidas a uma dura experiência



114. Manuel II Paleólogo, imperador e autor. Viajou pe]o Ocidente, tentando, em vão, obter ajuda contra os Turcos.

devido ao aparecimento de uma expedição de Cruzados, dirigidos por Segismundo da Hungria. Embora o choque inicial dos cavaleiros ocidentais na Batalha de Nicópolis (1396) alarmasse as fileiras otomanas, as forças do sultão aniquilaram os Cruzados. Esta vitória mostra que a posição de Bajazeto nos Balcãs estava firmemente segura, e Manuel II Paleólogo, receando que o fim estivesse à vista, deixou a sua capital em 1339 e dirigiu-se a Veneza, Londres e Paris em demanda de auxílio. Só um milagre poderia agora salvar Constantinopla, alagada como estava por um mar otomano. Mais uma vez se deu o milagre que prolongou a vida da gloriosa cidade por mais meio século.

Em 1402, Bajazeto enfrenta o seu senhor na Batalha de Angora, onde este último grande conquistador mundial na tra-

dição da estepe, Timur (Tamerlão), esmaga os Otomanos e quase destrói o seu império. Bizâncio estava salva, mas demasiadamente enfraquecida para tirar vantagem desta oportunidade, enquanto o Ocidente sofria ainda a dor pungente da derrota de Nicópolis. Passada a tormenta, sultões otomanos eficientes restauraram a unidade e o vigor do jovem Estado. O mais que o império podia fazer era negociar, mais uma vez, a união eclesiástica com Roma. Foi o que fez (1438-1439), porém sem qualquer resultado prático. A união foi bastante mal recebida em todo o império. Na longínqua Kiev o chefe eslavo aprisionou o metropolita da cidade por ter assinado o documento da união, atraíndo a causa ortodoxa. A nova política religiosa dividiu mais profundamente o mundo bizantino na hora em que precisava de estar perfeitamente unido, e não resultou em qualquer ajuda material do Ocidente em favor do Oriente.

115, 116. André Paleólogo, déspota da Moreia. Fresco de Pinturicchio (em baixo, à esquerda). João VIII Paleólogo, Retrato do famoso fresco de Benozzo Gozzoli, no Palácio dos Médicis, Florença.





117. Mistra, cidade montanhosa do Peloponeso) quase no estado em que se encontrava no século XIV.

A LITERATURA DO DECLÍNIO

Não obstante as guerras civis e os desastres militares que destruíram o império, tanto a arte como a literatura floresceram no período paleólogo. Embora persistisse o obscurantismo monástico hostil aos clássicos, estes passaram agora a ser mais estudados no conteúdo do que na forma pelos intelectuais bizantinos. Os humanistas estudavam Platão e Homero, não só pela riqueza da linguagem como também pelo seu carácter edificante. Em resumo, mostram simpatia intelectual pelas qualidades e virtudes tratadas pelos escritores antigos. A Universidade de Constantinopla foi mais uma vez reconstituída e, quando Manuel II Paleólogo regressou da sua viagem ao Ocidente, reformou-a à luz do que vira na Sorbona.

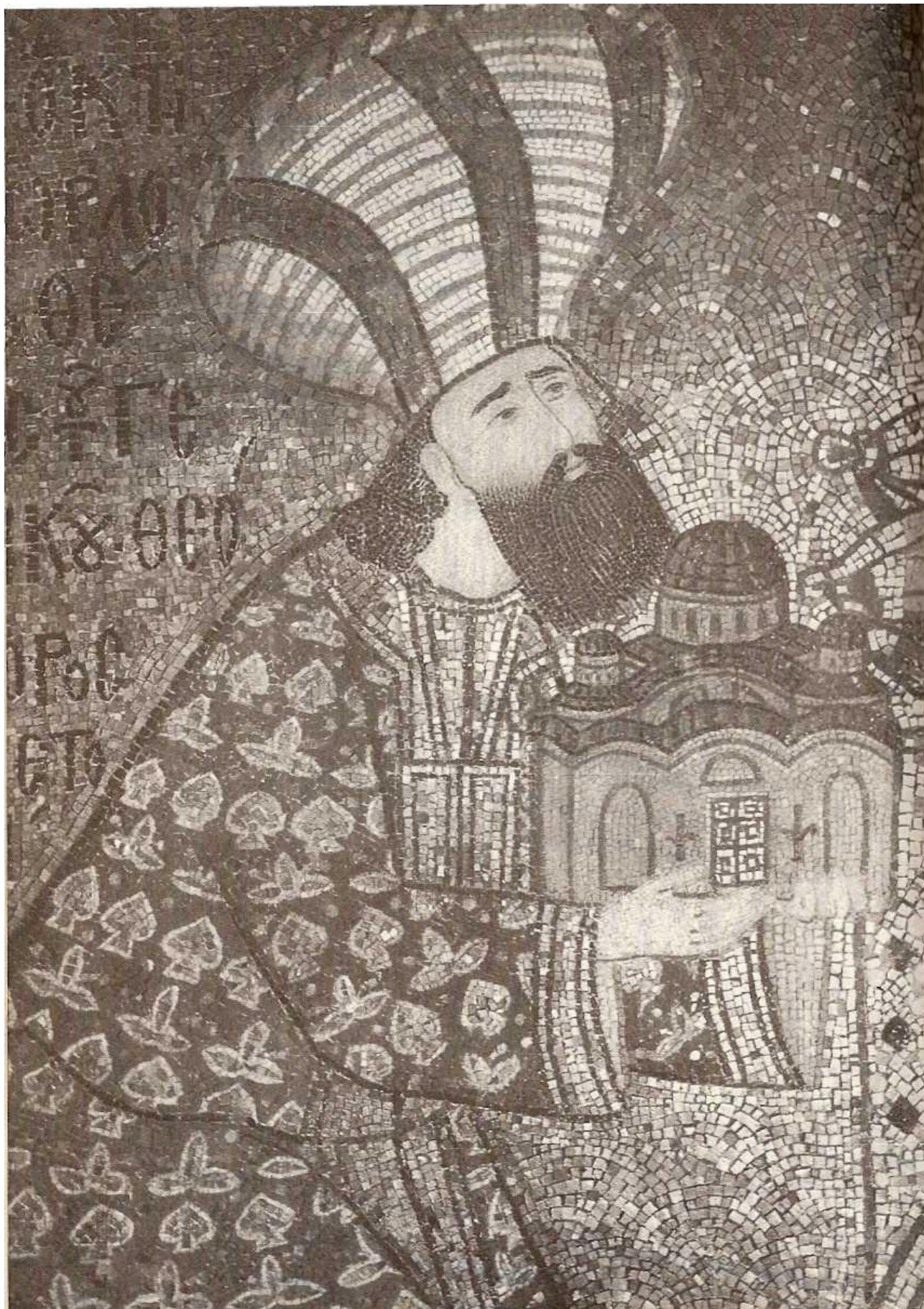
Tessalonica, célebre meio de estudos clássicos já no século XII, e Mistra tornaram-se importantes centros de cultura, devido às suas escolas e interesses intelectuais. Mistra, capital bizantina da Moreia, foi a animadora do renascimento cultural e nacional grego, sustentada politicamente pelos príncipes Paleólogos e intelectualmente pela actividade literária de Jorge Gemisto



118. *Entrada em Jerusalém. Pormenor de uma pintura mural (c. 1380) da Igreja de Peribleptos, Mistra.*

Pleto. É interessante notar como a consciência e a vida cultural dos Gregos mais uma vez desabrocharam ao calor da pátria de origem, depois de se haverem deslocado para Oriente durante as eras helenístico-romana e bizantina. As conquistas de Alexandre e a orientação dos Césares converteram Alexandria e Antioquia em metrópoles do helenismo. Constantino, posteriormente, deu a Constantinopla a categoria de rainha do mundo de língua grega. Após as invasões árabes, a Anatólia passou a ser a pátria da sociedade ortodoxa. Por fim, apareceram os Turcos, que, havendo revigorado o poderio militar do Islão, apagaram o carácter grego da Ásia Menor.

O aspecto mais espectacular da vida intelectual do tempo dos Paleólogos foi o contacto e o intercâmbio entre os humanistas gregos e italianos dos séculos XIV e XV. Embora as relações entre a Itália e Bizâncio se tenham tornado mais estreitas desde o século XI, eram mais propriamente de carácter político e económico. Graças ao renascimento da actividade humanística no Ocidente e no Oriente, os estudiosos de ambos os mundos começaram a interessar-se pelas literaturas uns dos outros. Os Gregos iniciaram a tradução de obras latinas para a sua própria língua,



119. Teodoro Metochita, escritor humanista e burocrata, representado segurando a Igreja de Kariye Jami, que foi decorada sob o seu patrocínio.

e é significativo haverem escolhido tanto trabalhos religiosos como profanos. Máximo Planude, erudito embaixador em Veneza, traduziu obras de Catão, Ovídio, Cícero, César. Demétrio Cydones verteu para o grego importantes tratados de teologia, tomo a *Summa Theologica* de São Tomás, e o panfleto anti-islâmico de Ricoldo da Monte Croce. Esta obra foi, para os Bizantinos, a principal fonte de conhecimento da doutrina islâmica.

Mas a Itália de Petrarca e Boccaccio era mais sedenta de literatura grega do que os Gregos eram de literatura latina. Quando o humanista grego Manuel Chrysolorus aceitou o convite para ensinar em Florença língua e literatura gregas, foi recebido com entusiasmo. Regressado a Constantinopla, no começo do século XV, foram ali juntar-se-lhe muitos estudantes italianos. O interesse dos Italianos pela aprendizagem do Grego não era motivado apenas por puro humanismo. Havia também a escaldante contenda da união religiosa e bem assim o problema económico e político do Oriente. As motivações escolares e religiosas fundiram-se, momentaneamente, quando o imperador bizantino, acompanhado de escolares e de clero grego, veio a Florença para concluir a união eclesiástica de 1439. Os humanistas italianos ficaram encantados com a chegada de classicistas tão eruditos como Bessárion e Pleto, e a sua presença na Itália deu um impulso considerável ao progresso dos estudos gregos.

Os literatos gregos deste período tiveram a consciência nítida do declínio do império e isto reflecte-se nos seus escritos. Um dos humanistas mais brilhantes, o burocrata Teodoro Metochitas, falecido em 1332, assistiu à luta civil de Andronico II e de Andronico III e acompanhou de perto a conquista otomana de Bitínia. Observou claramente a crescente disparidade entre a afectada etiqueta da corte de Constantinopla e a triste realidade da situação do império. O único remédio para a melancolia que esta situação lhe causa, escreve ele, seria manter-se ignorante do passado grandioso do império. Mas, uma vez que os monumentos históricos da grandeza passada não podem ser esquecidos,

procura consolar-se especulando sobre o papel da Sorte (*Tyche*). As vidas dos homens e dos povos, diz, são governadas por incertezas e oscilações.

As nações que, uma vez, dominaram outras, foram, depois, por sua vez escravizadas. Assim sucedeu com os Assírios, que se tornaram súbditos dos Persas, com os Persas e seus súbditos, que se tornaram súbditos dos Macedónios, com os Macedónios, finalmente, súbditos dos Romanos. E estes acontecimentos sucedem-se de modo alternado, de acordo com a marcha do tempo e Tyche. Nada é constante nas coisas do mundo nem imutavelmente eterno. Tal como cada homem ou animal nasce, cresce, sofre decadência, destruição e morte, assim também sucede nos assuntos humanos, nos Governos e dinastias. Mudam a todos os momentos. Não param um instante. Nascem, progridem e, depois, gradualmente, decaem, passam ao estado oposto, chegam ao fim e morrem.

Fora o reverso da sorte, comum a todos os Estados, que, segundo Metochitas, caíra sobre Bizâncio.

Estas tristes condições inspiraram em língua vernácula sátiras literárias, que ridicularizavam muito mais cruelmente do que Metochitas o tom irreal da maior parte do tradicionalismo bizantino. No século XV o império tinha-se tornado tão insignificante que historiadores como Chalcocondiles e Cristoboules tomavam para assunto dos seus trabalhos, não Bizâncio mas os turcos otomanos. Certos homens de letras, preocupados com o fim que se avizinhava, recomendavam programas de acção positiva. O latinófilo Bessáron propôs o que os historiadores de hoje chamariam «ocidentalização», pois recomendava que se enviassem jovens gregos a estudar a tecnologia ocidental. Pleto imaginou um novo Estado grego, de essência pagã, baseado em moldes platónicos, o qual deveria ser fundado no Peloponeso. Não obstante estas exposições e propostas «seculares», a sociedade bizantina manteve-se essencialmente religiosa até ao fim. Os pregadores diziam

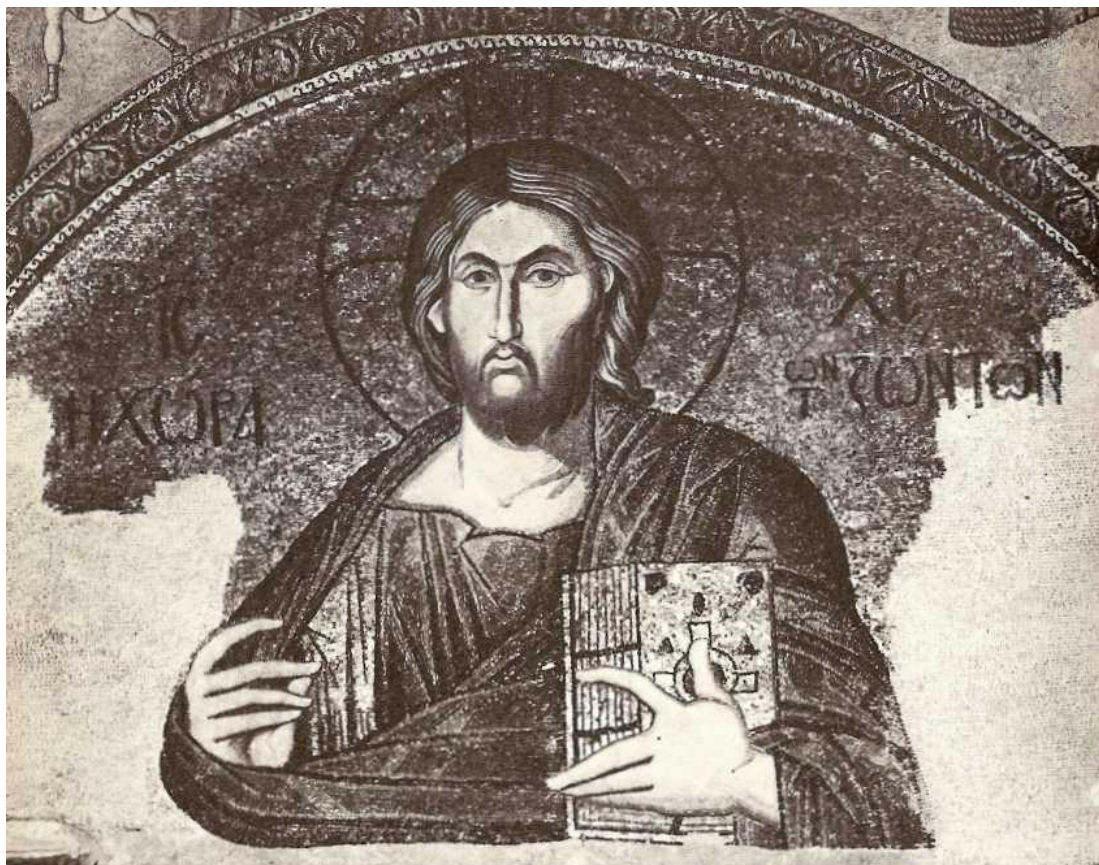
aos fiéis que Deus enviara os Turcos para castigo dos pecadores cristãos. O mais famoso e contundente destes pregadores bizantinos foi José Brynnius, cujos sermões tinham violência idêntica à da conquista turca.

Os nossos governantes são injustos, os que dirigem os nossos negócios são rapaces, os juizes deixam-se subornar, os intermediários são mentirosos, os habitantes da cidade são impostores, os camponeses incompreensíveis e toda a gente inútil. As nossas virgens têm menos vergonha do que as prostitutas, as viúvas são mais curiosas do que deviam, as casadas desdenhosas e infiéis, os jovens licenciosos, os mais velhos bebedores. As freiras insultaram a sua vocação, os sacerdotes esqueceram-se de Deus, os monges afastaram-se do caminho recto... Muitos de nós vivemos na glotonaria, na embriaguez, na fornicção, no adultério, na desonestidade, na licenciosidade, no ódio, no ciúme, na inveja e no roubo. Tornamo-nos arrogantes, fanfarrões, avarentos, egoístas, ingratos, desobedientes, desertores, ladrões, traidores, profanos, injustos, impenitentes, irreconciliáveis... São estas e outras coisas semelhantes que atraem sobre nós os castigos de Deus.

Fossem quais fossem as causas do declínio, a instabilidade dos assuntos humanos, as virtudes dos Turcos ou os pecados dos Gregos, o que admira é que, até esta altura, a sociedade não se mostra fatalista. Estava implícita, no esclarecimento do declínio bizantino, a possibilidade de reversão do estado da sociedade cristã. A *Tyche* não era constante, os pecados podiam ser esconjurados e as virtudes retomadas.

Mesmo o folclore grego exprime a crença comum de que os Turcos podiam ser eventualmente afastados.

Embora a actividade literária num período de tensão possa ser explicada pelo efeito estimulante das crises políticas e militares, estas mesmas condições exercem, por vezes, efeito deletério na produção artística e no progresso. É que nos períodos de desastre,



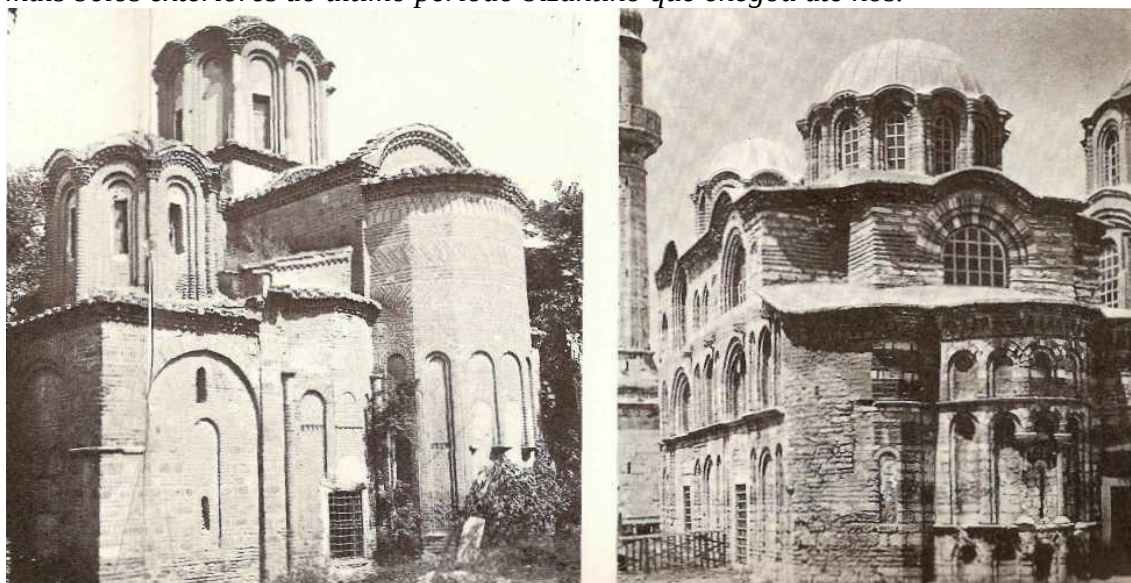
120, 121. Durante a época dos Paleólogos deu-se um grande florescimento da arte bizantina. Os mosaicos da Igreja de Kariye Jami, nas quais figura este Cristo Pantocrator (em cima), são particularmente notáveis. A nova tendência humanística é visível neste retrato (à esquerda) de um manuscrito de Hipócrates. c. de 1342.





122, 123. *Representação naturalista de pastores (à esquerda). Parte de um mosaico (c. 1312) da Igreja dos Santos Apóstolos de Salônica, centro cultural importante (em baixo, à esquerda).*

124. *Santa Maria Pammakaristos, Constantinopla (em baixo, à direita) é um dos mais belos exteriores do último período bizantino que chegou até nós.*





125. *Anastásis: Cristo desce ao Inferno e retira Adão e Eva de entre os mortos. Pormenor de uma pintura mural de Kariye Jami, c. 1310.*

a sobrevivência torna-se a preocupação principal da sociedade, e as energias, o tempo e o dinheiro que a arte exige não existem. É, por isso, extraordinário que a arte paleóloga seja um dos mais grandiosos empreendimentos da sociedade bizantina. A alta qualidade desta arte pode observar-se na majestosa Igreja de Chora (Kariye Jami), enriquecida, sob o patrocínio de Teodoro Metochitas, com os preciosos mosaicos e delicados frescos, o que, aliás, também se observa nos monumentos de Tessalonica, Mistra e Sérvia.

O FIM DE BIZÂNCIO

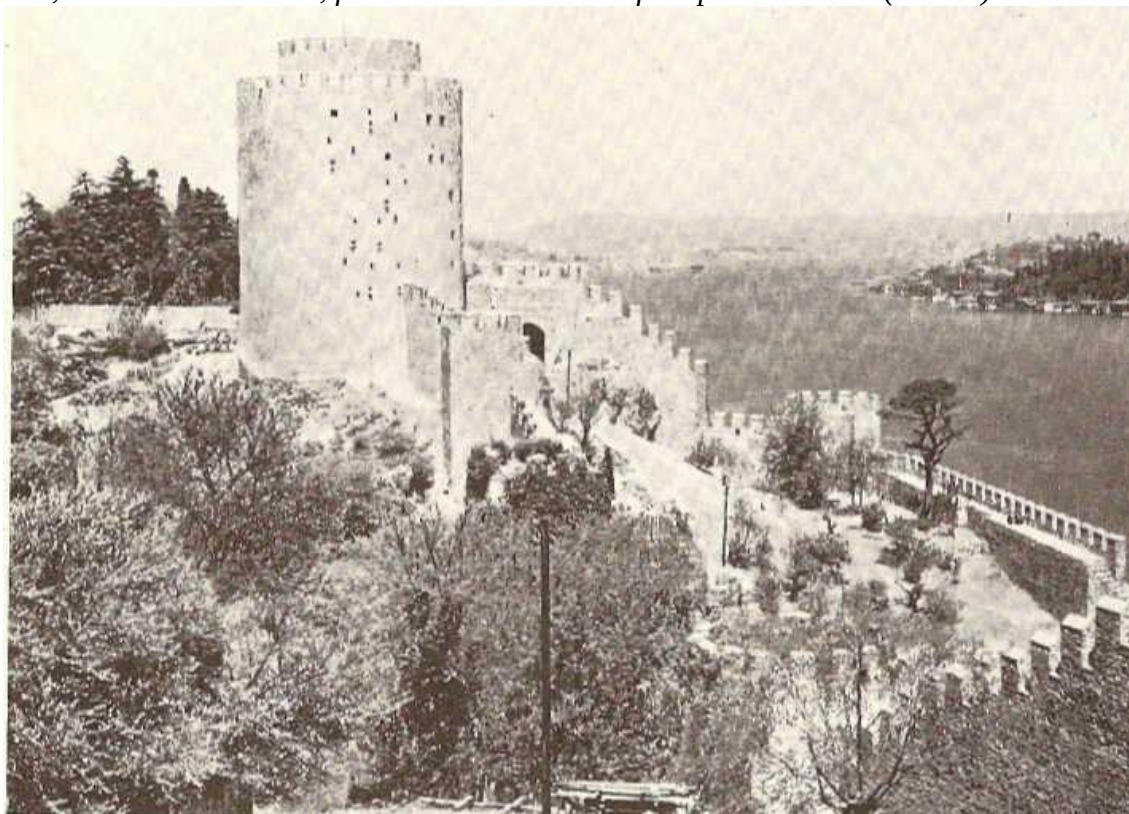
O final do drama que se aproximava não podia ser retardado por mais tempo. Graças à chefia do enérgico Murad II (1421-1451), o Império Otomano estava, mais uma vez, firmemente estabelecido nos Balcãs e na Anatólia. Restava apenas dar-lhes a capital lógica, Constantinopla. Não obstante o seu completo isolamento, a cidade apresentava ainda obstáculos formidáveis a Maomé, que sabia não poder tomá-la facilmente. Construiu, por isso, a fortaleza de Rumeli Hisar, na ponta estreita do Bósforo, de modo a poder bloquear os navios de cereais que se dirigissem para Constantinopla. Preocupava-o também o modo como poderia romper as fortes muralhas terrestres que impediam a entrada na cidade. Foi deveras desastroso para o imperador bizantino, perder os serviços de Urbano, o fabricante transilvano de canhões, que desertou para o lado de Maomé, onde moldou algumas peças extraordinárias tanto para Rumeli Hisar como para o próximo cerco de Constantinopla.

Constantino XI pouco podia fazer com os magros recursos de que dispunha. Pediu o auxílio do papa Nicolau V e o resultado foi a última e temporária união eclesiástica das duas igrejas em 1452. O *megadux* Lucas Notaras e os antiunionistas denunciaram o acto e declararam que preferiam ver o turbante turco do que a tiara latina em Constantinopla. A maioria das pessoas da cidade discordaram, dizendo que preferiam ver a cidade nas mãos dos Latinos que, ao menos, professavam uma crença em

Cristo. A união das igrejas dividira os Gregos, nesta hora crítica, sem lhes trazer o necessário auxílio do Ocidente.

Maomé estendeu as suas tropas frente às muralhas terrestres de Constantinopla na sexta-feira, 6 de Abril de 1453. Assim começou o último cerco da cidade por exércitos bárbaros. A luta foi desigual, porque as tropas otomanas, a que cautelosas estimativas atribuem um efectivo de 80 000 homens, ultrapassavam de longe o número total das forças do imperador (uns escassos 9000 homens) e a população da cidade (provavelmente inferior a 50 000 almas). O primeiro bombardeamento começou em 11 de Abril e o ataque da frota otomana em 19 do mesmo mês, este sustido pelo *megadux* Notaras por meio de correntes de ferro que impediam a entrada do Corno de Ouro. A impossibilidade dos otomanos de forçarem as correntes e levarem a frota para o Corno de Ouro foi séria, pois significava que os gregos

126, 127. *Rumeli Hisar, forte construído no Bósforo por Maomé II (abaixo).*





e os genoveses podiam concentrar-se no grosso das tropas otomanas. A dificuldade foi vencida na noite de 22 de Abril, aproveitada pelos otomanos para transportarem os seus navios, através do monte de Gálata, do Bósforo para o Corno de Ouro, cujas águas sulcaram, ao rufar dos tambores e do clamor das trombetas.

Agora também as muralhas marítimas se encontravam, expostas ao ataque muçulmano, e o imperador teve de desviar soldados das muralhas terrestres para acudir às extensas muralhas ao longo da costa norte da cidade. Embora este feito representasse um retumbante sucesso para os turcos, o cerco arrastou-se pelo mês de Maio. Maomé ofereceu a Constantinopla condições mediante as quais o imperador podia abandonar a cidade e dirigir-se para a Moreia. Constantino escolheu o caminho da honra e informou o sultão que preferia morrer na defesa da cidade. Em vista disto, Maomé preparou o assalto final. Em 27 de Maio passou em revista as suas tropas e indicou pessoalmente a posição que cada unidade devia ocupar. Na manhã do dia seguinte, os Bizantinos trabalhavam febrilmente na reparação das brechas das muralhas. As ruas eram percorridas por procissões, cantando litanias. Nas muralhas colocavam-se ícones miraculosos. O imperador, rodeado de gregos e latinos, dirigiu-se para Santa Sofia, onde todos assistiram à última missa cristã do Império Bizantino, voltando depois aos seus postos nas muralhas,

O primeiro assalto turco, que começou na tarde de 28 de Maio, foi repellido. Seguiu-se imediatamente um segundo assalto mais decidido dos soldados anatólios. Repellido também, Maomé ordenou um terceiro e último ataque dos janízaros, na manhã de 29 de Maio. Durante este ataque, o general genovês Giustiniani Longo foi mortalmente ferido, e logo os estandartes do sultão foram vistos a flutuar num ponto dentro das muralhas. O imperador e as suas tropas continuaram a resistir na porta de São Romano, onde Constantino foi chacinado pelos turcos.

Os turcos estavam finalmente senhores da cidadela da cristandade oriental. Repetiram-se as cenas de 1204. Homens, mulhe-

res e crianças foram chacinados, sem discriminação nem piedade. Após a primeira orgia de sangue, veio o assalto sistemático das igrejas, mosteiros, palácios e residências. Os prisioneiros, muito numerosos, foram escravizados. O produto do saque reunido pela soldadesca otomana era formidável. Nunca se vira igual. O historiador Ducas descreve pormenorizadamente o acontecimento:

Três dias após a queda da cidade, ele (Maomé) desmobilizou os navios, de modo a poderem regressar às próprias províncias e cidades de origem. Levavam cargas tamanhas que parecia que se afundavam. E que cargas? — Tecidos e vestes luxuosas; objectos e vasos de ouro, prata, bronze e latão; livros sem conta e número; prisioneiros, incluindo sacerdotes, leigos, freiras e monges. Todos os navios iam peçados, e as tendas dos acampamentos militares regurgitavam de cativos bem como de objectos e artigos como os acima enumerados. Entre os bárbaros, via-se um vestido de arcebispo, outro exibindo um símbolo de ouro de sacerdote, outro servindo-se, para conduzir cães, de trelas feitas de estolas de ouro e brocado, em vez das trelas usuais. Muitos banqueteavam-se em frente de patenas de ouro repletas de fruta e alimentos variados, devoravam com sofreguidão e bebiam vinho por cálices sagrados. Encheram numerosas carroças de livros, que vieram a espalhar pelo Ocidente e Oriente. Por um nomisma podiam comprar dez livros (e que livros!) aristotélicos, platónicos, teológicos e outros. Havia evangeliários sem número, belamente iluminados. A uns tiraram o ouro e a prata. Venderam ou deitaram fora outros. Todos os ícones foram lançados ao fogo a que cozinhavam.

Depois de três dias de horrível pilhagem, Maomé entrou em Santa Sofia, subiu ao púlpito acompanhado de um imã e foi recitada a oração de sexta-feira. Penetrou em seguida no santuário cristão, onde destruiu pessoalmente o altar, acto que simbolizava o fim de mil anos de História.

EPÍLOGO

Por deplorável que haja sido o seu fim, a história de Bizâncio representa, no entanto, uma grande epopeia. Os Bizantinos mantiveram viva a chama da civilização, numa altura em que as tribos bárbaras, germânicas e eslavas, tinham reduzido a maior parte da Europa quase ao caos, e conservaram este elevado grau de civilização até que a Europa Ocidental pôde gradualmente erguer-se e começou a tomar forma. Não é exagero afirmar-se que ao império se deve a salvaguarda da civilização europeia contra o Islão nos séculos VII e VIII. Se o império houvesse soçobrado perante os ataques dos Árabes, o Islamismo ter-se-ia espalhado pela maior parte da Europa, com consequências imprevisíveis, numa altura em que se encontrava ainda em estado amorfo. O Oriente eslavo teria, sem dúvida, recebido a fé muçulmana, como sucederia à maior parte da Europa Central. A Itália, isolada entre a Espanha muçulmana e um Islão estabelecido nos Balcãs e na Europa Central, teria sido seriamente ameaçada, e de igual modo o seria o Papado. Na verdade, invasões provindas da Sicília árabe poderiam muito bem espalhar a influência islâmica através (ia península itálica).

O império deu vida a uma arte extraordinária e original, arte que foi decisiva em grande parte do mundo eslavo e cuja influência é visível na arquitectura veneziana e otomana, bem como em algumas das primitivas escolas de pintura da Itália. A sua civilização desempenhou papel importante na evolução de fenómenos tão largamente divergentes como a música religiosa, o monaquismo e o humanismo do Ocidente. Um dos seus maiores serviços foi, certamente, a conservação de uma enorme parte do património literário clássico grego, herança que é a verdadeira base do humanismo ocidental. Criou, finalmente, a teologia cristã, o monumento intelectual mais impressionante da Idade Média.

Qual é a relação entre Bizâncio e os «modernos derivados bizantinos» (isto é, os Balcãs e a Rússia) e a Europa? Do ponto de vista geográfico, naturalmente, estes derivados bizantinos são parte da Europa. Historicamente falando, porém, a resposta não é tão fácil, pois a Europa Oriental apresenta fortes diferenças da Ocidental, diferenças que eram já visíveis no tempo da embaixada de Lutprando à corte de Nicéforo Focas. A civilização histórica europeia de que usualmente se fala é a do Ocidente latino-germânico, a qual, surgindo da época feudal, criou e viveu a Renascença, a Reforma, o Iluminismo e o moderno Industrialismo.

A área cultural bizantina (especialmente Bizâncio e os Balcãs) começou a sentir a pressão do Ocidente em fins da Idade Média e a sofrer muitas das suas influências na vida comercial, nas artes militares, na tecnologia, na literatura e na arte. As vitórias militares dos povos altaicos (os Mongóis na Rússia, e os Turcos nos Balcãs) sustiveram este movimento, reorientando estas sociedades para o oriente muçulmano. Consequentemente, o encontro entre Bizâncio e o ocidente latino, que começara tão desastrosamente para o Oriente, mas que parecera tão promissor, foi adiado por quatrocentos anos (até ao século XIX), altura em que os povos balcânicos se viram frente à tarefa impossível de preencher o vazio entre a Renascença e a Revolução Industrial em breve espaço de tempo. A Rússia, que se antecipara a sacudir o jugo mongólico, iniciou o *rapprochement* com o Ocidente mais cedo.

Mas, se Bizâncio diferia do Ocidente e possuía muito do que para os ocidentais tem o sabor do Oriente exótico, a sociedade bizantina, por sua vez, era tão diferente e distinta da islâmica como o era da sociedade ocidental. Isto apresenta-se ainda notório ao viajante que deixa a Europa Central e, atravessando os Balcãs, entra nos países muçulmanos, pois, à medida que se desloca para oriente, aumenta o grau de «estranheza». Os Balcãs constituem a área de transição entre a Europa e o Próximo Oriente muçulmano. Assim aconteceu também na Idade Média. O Ocidente, Bizâncio

129. Grupo de freiras de Constantinopla. De um manuscrito de c. 1400.



e o Islão desenvolveram-se em áreas que, em parte, haviam pertencido ao Império Romano. Todas as três sociedades compartilham) pois, da tradição greco-romana. Este facto dá-lhes uma vaga unidade, no período medieval, em contraste com as sociedades chinesa, indiana e altaica.

No Ocidente esta tradição foi alterada pelo desaparecimento do elemento grego substituído pela influência germânica, enquanto no Próximo Oriente o elemento grego se revelou bastante fraco. Embora os primitivos conquistadores árabes fossem afectados pela vizinhança de Bizâncio e tivessem herdado muito da cultura literária grega e das instituições bizantinas, foram a Pérsia e a Arábia que, ao fim e ao cabo, predominaram. Assim, à medida que o Ocidente e o Islão se desenvolviam, gradualmente, a seu modo mais se afastavam da civilização bizantina. Bizâncio manteve-se mais agarrado à cultura tradicional. Embora isto, por um lado, haja dado à sua sociedade grande requinte, forjou, por outro, as algemas que impediram um desenvolvimento mais vigoroso. Bizâncio representa uma sociedade e uma cultura a meio caminho entre as do Islão e do Ocidente latino, mais aparentada com ambas do que o Ocidente com o Islão ou o Islão com o Ocidente. Foi em resultado desta posição intermédia que os povos ortodoxos se encontraram psicologicamente preparados para aceitar a ocidentalização pelo menos um século antes dos Muçulmanos e se sentiram menos constrangidos do que os Muçulmanos perante os problemas que uma tal adaptação exigia.

BIBLIOGRAFIA

HISTÓRIA

- G. Ostrogorsky Histoire de L'État Byzantin (Paris, 196?)
L. Bréhier Vie et Mort de Byzance (Paris, 1969)
Ch. Diehl Histoire de L'Empire Byzantin (Paris, 1969)
Cl. Dietrich Die bizantinische Stadt im. 6. Jahrhundert (Munique, 1969)
Granville-Dawney The Late Roman Empire (Nova Iorque, 1969)
Charles M. Brand Byzantium Confronts the West, 1180-1204 (Cambridge, Mass, 1968)

D. Franz e
J. Karayannopoulos Byzantinische Urkundenlehre (Munique, 1968)
A. Vasiliev Histoire de L'Empire Byzantin (Paris, 1932)
R. Jenkins Byzantium — The Imperial Centuries, D. D. 610-1071 (Nova Iorque, 1966)
A. N. Stratos Byzantium in the Seventh Century, 2 vols. (Atenas, 1965-1966)
D. T. Rice The Byzantines (Londres, 1964)
P. Lemerle Histoire de Bizance (Paris, 1943)
J. M. Hussey The Byzantine World (Londres, 1957)
K. Roth Historia del Imperio Bizantino (Barcelona, 1928)
N. Baynes The Byzantine Empire (Londres, 1946)
J B Bury History of the Later Roman Empires 2 vols. (Londres, 1923)
A History of the Eastern Roman Empire (802-867) (Londres, 1912)
A. H. M. Jones The Later Roman Empire (Oxford, 1964)
E. Stein Histoire du Bas-Empire (Paris, 1949)
Ch. Diehl, R. Guillard e
R. Grousset L'Empire Occidentale de 1081 à 1453 (Paris, 1945)
Ch. Diehl e G. Marçais Le Monde Oriental de 395 à 1081 (Paris, 1936)
E. Demangeot De l'unité à la division de l'Empire Romain (Paris, 1951)
V. Grumel Traité d'études byzantines — La chronologie (Paris, 1958)
J. Longmon L'empire latin de Constantinople et la principauté de Morée (Paris, 1949)
E. Gerland Geschichte des lateinischen Kaiserreiches von Konstantinopel (Homburg, 1905)
P. Goubert Byzance avant l'Islam, 3 vols. (Paris, 1951-1965)
Gautefroy-Demombynes e
Platanov Le monde musulman et byzantin jusqu'aux croisades, (Paris, 1933)
D. M. Nicol The Despotate of Epiros (Oxford, 1957)
D. A. Zakythinos Le despotat grec de Morée, 2 vols. (Paris, 1932)
W. Miller Trebizond, the Last Greek Empire (Londres, 1926)

- J. Bidez.....La vie de l'empereur Julien (Paris, 1930)
A. PiganiolL'empereur Constans (Paris, 1932)
A. VasilievJustin the First (Cambridge, Mass., 1950) P. Neville Ure
Justiniano y su época (Madrid, 1963)
W. G. HolmesThe Age of Justinian and Theodora, 2 vols. (Londres, 1903)
N. Volie.....Origine et race de l'empereur Justinien (Belgrade, 1935)
Ch. Diehl.....Théodora, impératrice de Byzance (Paris, 1904)
H. LambThéodora and the Emperor (Londres, 1954)
W. Schubart.....Justinian and Théodora (Munich, 1943)
B. Rubin.....Das Zeitalter Justinians (Berlin, 1960)
F. Chalandon.....Essai sur le règne d'Alexis Comnène (Paris, 1900) Les
Comnènes, 2-Jean II et Maurice Comnène (Paris, 1912)
J. HigginsThe Persian War of the Emperor Maurice I, (Washington, 1939)
J. B. Pappadopoulos.....Théodore II Lascaris, empereur de Nicée (Paris, 1908) Versuch
einer Genealogie der Palaiologen (1259-1453) (Munich, 1938)
A. Pernice.....L'imperatrice Eudokia (Florence, 1905)
S. Runciman.....The emperor Romanus Lecapenus (Cambridge, 1929)
G. SchlumbergerUn empereur byzantin au Xe. siècle (Nicéphore Phocas)
(Paris, 1923) A. VogtBasile I et la civilisation byzantine à la fin du IXe. siècle (Paris,
1908)
P. GoubertL'empereur Maurice et son temps (Paris, 1948)
G. DennisThe Reign of Manuel II in Thessalonica (Roma, 1960)
D. J. Geanakoplos.....Emperor Michael Paleologus and the West (Cambridge, Mass.,
1959)
D. M. NicolThe Byzantine Family of Kantakouzenos (Harvard, 1968)
G. Villehardouin.....La Conquête de Constantinople, ed. Faral, 2 vols, (Paris, 1938-
1939)
S. Runciman.....The Fall of Constantinople, 1453 (Cambridge, Mass., 1969)

POVOS ESTRANGEIROS

- L. MussetLes Invasions, 2 vols, (Paris, 1965)
R. Grousset.....L'empire des steppes (Paris, 1939)
F. MastroyeL'Océant à l'époque Byzantine-Gothe et Vandales (Paris,
1904)
A. VasilievThe Goths in the Crimea (Cambridge, Mass., 1936)
Byzance et les Arabes (Bruxelles, 1968)
S. GuterbockByzanz und Persien (Berlin, 1906)
G. PatronoBizantini i Persiani alla fine del VI secolo (Florence, 1907)
I. Dujcev.....Medioevo bizantino-slavo (Roma, 1965-1968)
F. Dvornik.....Les Slaves, Byzance et Rome au IXe. siècle (Paris, 1926)
B. LeibRoum de Kiev et Byzance à la fin du IXe. siècle (Paris, 1924)
I. Dujcev.....Les Slaves et Byzance (Sofia, 1960)
N. IorgaHistoire des Romains et de leur civilisation (Paris, 1922)
E. Eckhardt.....Histoire de la Hongrie (Paris, 1932)
S. Runciman.....A History of the First Bulgarian Empire (Londres, 1930)
V. ZlatarskiGeschichte der Bulgaren (Munich, 1918)
K. JirecekGeschichte der Serben 2 vols. (Gotha, 1911-1918)

- M. de Voinovitch Histoire de la Dalmatie, 2 vols. (Paris, 1934)
- G. Downey A History of Antioch in Syria (Princeton, 1961)
- J. Laurent L'Arménie entre Byzance et l'Islam (Paris, 1919)
- S. der Nersessian Arménia and Byzantine Empire (Cambridge, Mass., 1935)
- Peter Charanis The Armenians in the Byzantine Empire (Lisboa, 1963)
- F. Chalandon Histoire de la domination normande en Italie, 2 vols. (Paris, 1907)
- Ch. Diehl L'Égypte chrétienne et byzantine, em Hanotaux (Histoire de la Nation Egyptienne, III (Paris, 1933)
- A. Ch. Johnson e
- L. Clwet Byzantine Egypt (Princeton, 1949)
- Ch. Diehl L'Afrique Byzantine (Paris, 1959)
- G. Starr The Jesus in the Byzantine Empire (Nova Iorque, 1967)
- F. Chalandon Histoire de la première croisade (Paris, 1925)
- G. Schlumberger Byzance et les croisades (Paris, 1927)
- A. Frolov Recherches sur la déviation de la IVe. croisade vers Constantinople (Paris, 1955)
- E. Bradford The Sundered Cross — The Story of the Fourth Crusade (New Jersey, 1967)
- S. Runciman A History of the Crusades, 3 vols. (Cambridge, 1951-1954)
- A. S. Atiya The Crusade of Nicopolis (Londres, 1934)
- O. Halecki The Crusade of Varna (Nova Iorque, 1943)
- J. Gay L'Italie méridionale et l'empire byzantin (Paris, 1904)
- D. de Guildenerone L'Italie Byzantine (Paris, 1914)
- D. C. de longh Byzantin Aspects of Italy (Nova Iorque, 1967)
- F. Thiried Histoire de Venise (Paris, 1952)
- P. Goubert L'Espagne Byzantine, (Paris, 1947)
- J. C. Estopanân Byzancio y Espana (Barcelona, 1952)
- E. Pears The Destruction of Greek Empire (Nova Iorque, 1903)
- W. Miller *The Latins in the Levant* (Cambridge, 1964)
- Claude Cahen Pre-Ottoman Turkey (Nova Iorque, 1968)
- H. A. Gibbons The Foundantion of the Ottoman Empire (Londres, 1916)
- J. Laurent Byzancet et les Turcs Seldjoudides (Nacy, 1919)
- P. Wittek The Rise of the Ottoman Empire (Londres, 1938)
- F. Babinger Mahomet II le conquérant et son temps (Paris, 1954)
- R. Mantran L'expansion musulmane (VHe.-XIe. siècles) (Paris, 1969)
- M. Spinka A History of the Balkans (Chicago, 1933)
- G. Stadrmüller Geschichte Südostenropas (Munique, 1950)

IGREJA E RELIGIÃO

- F. Dvornik Byzance et la primauté romaine (Paris, 1964)
- B. Sartorius L'Église Orthodoxe (Paris, 1968)
- C. Olivier L'essor du christianisme oriental (Paris, 1964)
- M. J. Le Guillou L'esprit de l'ortodoxie grecque et russe (Paris, 1961)
- A. Schmemmann The Historical Road of Eastern Orthodoxy (Londres, 1963)
- A. Fortescue The Orthodox Eastern Church (Londres, 1928)
- S. Runciman The Great Church in Captivity (Cambridge, Mass., 1968)
- J. Pargoire L'église byzantine de 527 à 847 (Paris, 1923)
- G. Zananiri Histoire de l'église byzantine (Paris, 1954)
- R. Janin Les églises orientales a les rites orientaux (Paris, 1955)
- C. Olivier Byzance et le Christianisme (Paris, 1964)

- H. J. SchulzKultsymbolik der byzantinischen Kirche (Estugarda, 1962)
- D. J. GeanakoplosByzantine East and Latin West-Studies in Ecclesiastical and Cultural History (Nova Iorque, 1966)
- S. RuncimanThe Eastern Schism (Oxford, 1955)
- F. DvornikLe Schisme Photien (Paris, 1950)
- M. JugieLe Schisme Byzantin (Paris, 1941)
- W. Norden.....Das Papsttum Byzanz (Berlin, 1958)
- J. GayLe pape Clément VI et les affaires d'Orient (Paris, 1904)
- A. LuchaireInnocent III et la question d'Orient (Paris, 1907)
- A. Fliche et V. MartinHistoire de l'Église, IV-IX (Paris, 1937-1944)
- L. BréhierLa querelle des images (Paris, 1904)
- E. A. MartinA History of the Iconoclast Controversy (Londres, 1930)
- A. GrabarL'iconoclasme byzantin (Paris, 1957)
- D. ObolenskyThe Bogomils (Cambridge, 1948)
- Jean MasperoHistoire des patriarches d'Alexandrie (518-610) (Paris, 1923)
- Mgr. R. DevresseLe patriarchat d'Antioche (Paris, 1945)
- P. J. AlexanderThe Patriarch Nicephorus of Constantinople (Oxford, 1958)
- G. EveryThe Byzantine Patriarchate (401-1204) (Londres, 1962)
- R. Irmeler.....Geheimnisvoller Athos (Basileia, 1965)
- V. EckensteinA History of Sinai (Londres, 1921)
- D. M. Nicol Meteora — The Rock Monasteries of Thessaly (Londres, 1963)
- V. Chiaroni.....Lo scisma greco e il concilio di Firenze (Florença, 1938)
- J. Gill.....The Concil of Florence (Cambridge, 1959)
- A. Grillmeiser et
- H. RachetDas Konzil von Chalkedon, 3 vols. (Warzburg, 1951-1954)
- F. Dvornik.....Early Christian and Byzantine Political Philosophy (Harvard, 1966)
- P. CharanisThe religious policy of Anastasius the First (Madison, 1939)
- H. Hunger.....Reich der neuen Mitte: Der christliche Geist der Byzantinischen Kultur (Graz, 1965)
- R. JaninGeographie ecclésiastique de l'empire byzantin (Paris, 1968)
- E. HonigsmannEvêques et évêchés monophysites d'Asie Antérieure au VI^e siècle (Louvain, 1951)
- J. Calderone.....Costantino e il Cattolicesimo (Florença, 1962)
- P. BadtL'empereur Justinien et le siège apostolique (Paris, 1926)
- O. HaleckiUn empereur de Byzance à Rome (Varsóvia, 1930)
- St. GietLes idées et l'action sociale de St. Basil (Paris, 1941)
- J. Oeconomus.....La vie religieuse dans l'Empire Byzantin au temps des Comnènes et des Ange; (Paris, 1918)
- H. G. Beck.....Kirche und theologische Literatur im byzantinischen Reich (Munich, 1959)

SOCIEDADE

- S. Runciman.....La civilisation byzantine (Paris, 1934)
- H. Gelzer.....Byzantinische Kulturgeschichte (Tubinga, 1909)
- D. Hesseling.....Essai sur la civilisation byzantine (Paris, 1907)

- N. Iorga Histoire de la vie byzantine, 3 vols, (Bucarest, 1935)
- A. Ducellier Les Bizantins (Paris, 1963)
- Ch. Dihel Études Byzantines, 2 vols (Paris, 1906)
 Byzance — Grandeur et décadence (Paris, 1919)
 Choses et gens de Byzance (Paris, 1926)
 La société byzantine à l'époque des Comnènes (Paris, 1929)
 Les grands problèmes de l'histoire de Bizance (Paris, 1943)
- Ch. Diehl Justinien et la civilisation Byzantine au VI siècle, 2 vols. (Paris, 1959)
- C. M. Franzero The Life and Times of Theodora (Londres, 1961)
- G. Walter A vida quotidiana em Bizâncio no século dos Comnenos (Lisboa, 1970)
- W. Turchi La civiltà byzantina (Turim, 1915)
- L. Brehier La civilisation byzantine (Paris, 1950)
 Les institutions de l'empire byzantin (Paris, 1950)
- J. M. Hussey Le monde byzantin (Paris, 1958)
- H. W. Haussig Kulturgeschichte von Byzanz (Eutawarda, 1957)
- N. H. Baynes e
 L. B. Moss Byzantium — An introduction to East Roman Civilization (Oxford, 1948)
- F. Cognasso Partiti politici e lotte dinastiche in Bizanzio alla morte di Manuele Comneno (Turim, 1913)
- G. Ostrogorsky Quelques problèmes d'histoire de la paysannerie byzantine, (Bruxelles, 1925)
 Pour l'histoire de la féodalité byzantine (Bruxelles, 1954)
- J. e P. Zepos Jus graecoromanum (Atenas, 1951)
- E. H. Freshfield Roman Law in the Later Roman Empire (Cambridge, 1938)
- A. E. R. Boak The master of the Offices (Nova Iorque, 1924)
- H. G. Goodacre A handbook of the coinage of the Byzantine Empire (Londres, 1957)
- J. B. Bury The imperial administration system in the ninth century (Londres, 1911)
- G. Glykatzis-Ahrweiler Recherches sur l'administration de l'empire byzantin au IX e. siècle (Paris, 1960)
- J. Ebersolt Orient et Occident, 2 vols. (Paris, 1928)
- G. Rouillard La vie rurale dans l'empire byzantin (Paris, 1953)
- L.- H. Parias Histoire Générale du Travail, II (Paris, 1962)
- Y. Manojlovic Le peuple de Constantinople de 400 à 800 (Paris, 1936)
- R. Janin Constantinople byzantine (Paris, 1964)
- F. de Beylie l'habitation byzantine (Paris, 1902)
- N. A. Constantinescu Histoire des classes rurales dans l'Empire Byzantin (Paris 1953)
- A. Hadjinioklan-Marava Recherches sur la vie des esclaves dans le monde byzantin (Paris, 1950)
- L. Brentano Die byzantinische Volkswirtschaft (Munich, 1917)
- D. A. Zakynthinos Crise monétaire et crise économique à Byzance du XIIe. au XVe. siècle (Atenas, 1948)
- H. Antniadis-Bibicou Etudes d'histoire monétaire de Byzance (Paris, 1966)
 Recherches sur les douanes à Byzance (Paris, 1943)
- W. Heyd Histoire du Commerce du Levant au Moyen Âge, 2 vols. (Leipzig, 1923)

- G. BratianuRecherches sur le commerce genoais dans la mer Noire au XIIIe. siècle (Paris, 1929)
Études byzantines d'histoire économique et sociale (Paris, 1938)
- H. AhrweilerByzance et la mer — La marine de guerre, la politique et les institutions maritimes de Byzance aux VIIe.-XVe. Siècles (Paris, 1961)
- A. R. LewisNaval Power and Trade in the Middle Ages (Princeton, 1951)
- R. A. Lopez e
I. W. Raymond.....Medieval Trade in the Mediterranean World (Nova Iorque, 1955)
- J. LindsayByzantium into Europa (Londres, 1952)
- G. Luzzatto.....Storia Economica di Italia: Il Medioevo (Florença, 1923)

ARTE, LITERATURA e CONHECIMENTO

- Wladimir Sas-ZalocieckyBizâncio (Lisboa, 1969)
- J. Beckwith.....The Art of Constantinople — An Introduction to Byzantine Art 330-1453 (Londres, 1965)
- G. Mathew.....Byzantine Aesthetics (Nova Iorque, 1964)
- P. A. MichelisEsthétique de l'Art Byzantin (Paris, 1959)
- H. Pierre e R. Tylerl'Art Byzantin, 2 vols. (Paris, 1934)
- A. GrabarL'Art Byzantin (Paris, 1938)
- D. T. Rice.....Art of the Byzantine Era (Londres, 1963)
- Ch. Dihel.....Manuel d'Art Byzantin, 2 vols. (Paris, 1925)
- D. T. Rice.....The Twelfth — Century Renaissance in Byzantine Arts (Hull, 1965).
- D. Gürlitt.....Die Baukunst Konstantinopels (Berlim, 1907)
- P. Sherrard.....Constantinople — Iconography of a sacred city (Oxford, 1965)
- D. T. Rice.....Byzantine Painting (Londres, 1948)
Byzantine Painting — The Last Phase (Nova Iorque, 1968)
- L. BréhierLa sculpture et les arts mineurs byzantins (Paris, 1936)
- Ch. M. Brand.....Icon and Minaret — Sources of Byzantine and Islam Civilization (New Jersey, 1969)
- J. A. HamiltonByzantine Architecture and Decoration (Londres, 1956)
- P. Meyer.....Byzantine Mosaics (Londres, 1952)
- V. KlausByzantine Enamels from the 5th. to the 13th century (Nova Iorque, 1968)
- J. Ebersolt.....La miniature byzantine (Paris, 1926)
Les arts somptueux de Byzance (Paris, 1923)
- O. TibyLa musica byzantina (Milão, 1938)
- E. WelleszA History of Byzantine Music and Hymnography (Oxford, 1949)
- R. GuilandMosaics byzantins d'Italie (Paris, 1952)
- G. CarnesByzance et la peinture romane de Germanie (Paris, 1966)
- T. OpenskyL'art byzantin chez les Slaves 2 vols. (Paris, 1930)
- G. Bovini.....Ravenna mosaics (Londres, 1952)
- R. T. HodkinsonEarly Byzantine Churches in Macedonia and Southern Serbia (Londres, 1963)

- Const. CavamosByzantine Thought and Art (Belmond, Mass, 1968)
- André Mirambel«Littérature Byzantine», em Histoire des Litteratures, I
Enciclopédie de la Pléiade (Paris, 1956)
- F. MasaiPléshon et le platonisme de Mistra (Paris, 1956)
- Ch, Zervos.....Un phihsophe neoplatonicien au Xle. siècle — Michel Pselos
(Paris, 1919)
- J. Meyendorff.....Introduction à l'étude de Grégoire Palamas (Paris, 1959)
- B. TatakisLa philosophie byzantine (Paris, 1949)
- R. CantarellaPoeti Byzantini 2 vols. (Milão, 1938)
- S. Impellizeri.....Il Digenis Akritas, l'Epopée di Bizanzio (Florença, 1940)
- G. BuckerAnna Comnena (Oxford, 1928)
- G. La Piana.....La rappresentazione sacre nelle Letteratura Byzantina (Gretta-
Ferrato, 1912)
- J. Bury.....Romances of Chivalry in Greek Soil (Oxford, 1911)
- V. CottasLe théâtre byzantin (Paris, 1931)
- J. Theorides«La Scienze Byzantine, em R. Taton, em Histoire Générale des
Sciences, I (Paris, 1949)
- M. Stephanides.....«Les savants byzantins et la science moderne», em Archeion,
XIV (Paris, 1932)
- P. TannerySciences exactes chez les Byzantins (Paris, 1920)
Symposium on the History of Byzantine Science (Washington,
1961)
- Lynn White JrTechnologie Médiévale et Transformations Sociales (Paris,
1969)
- M. MercierLe feu grégeois (Paris, 1952)
- J. Theorides«Les Techniques Byzantines, em N. Dumas, em Histoire
Générale des Techniques, I (Paris, 1962)
- D. J. GeanakoplosBizanzio e il Rinascimento, (Roma, 1967)
Greek Scholars in Venice — Studies in the Dissemination o
Grek Learning from Byzantium to Western Europe,
(Cambridge, Mass., 1962)

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

1. Cabeça do imperador Diocleciano. Mármore. Parte de uma estátua em tamanho maior que o natural. Museu Arqueológico de Constantinopla. Fotografia Hirmer.
2. Vitória de Sapor I sobre Valeriano. Camafeu sassânida. Século IV. Cabinet des Médailles, Paris.
3. Cabeça de Constantino, o Grande. Mármore. Basílica Nova, Palazzo dei Conservatori, Roma. Fotografia Hirmer.
- 4,5. Aureus, moeda de ouro de Diocleciano. Museu Britânico. Londres. Fotografia Peter Clayton,
- 6,7. Solidus de ouro de Constantino. Museu Britânico, Londres. Fotografia Peter Clayton.
8. Constantino presta homenagem à Virgem. Pormenor de um mosaico. Século X. Santa Sofia, Constantinopla. Fotografia Hirmer.
9. Constantino I na Ponte Milvius. Pormenor de uma miniatura dos Sermões de S. Gregório Nazianzeno, c. 880. Ms. gr. Bibliothèque Nationale, Paris.
10. Ponte Milvius, Roma. Fotografia Mansell-Anderson.
11. Constantinopla: a cidade vista do ar. Séculos IX a XI. Reconstituição de Alam Sorrell.
12. Teodósio presidindo aos jogos. Base de mármore de um obelisco egípcio de c. 390. O hipódromo de Constantinopla. Fotografia Hirmer.
13. Navios no porto de Classis. Mosaico. Princípios do século VI. Igreja de Santo Apolinário Novo, Ravena. Fotografia Marzari.
14. Estilicão. Relevo do painel direito de um díptico de marfim, c. 400. Tesouro da Catedral de Monza. Fotografia Hirmer.
15. Cabeça de Arcádio. Mármore Pentélico. 395-400. Museu Arqueológico de Constantinopla. Fotografia Martin
- Hürlimann.
16. Moeda de ouro com a efígie de Teodorico, o Grande. 493-526. Museo delle Terme, Roma. Fotografia Deutsches Archäologisches Institut, Roma.
17. Dançarina e um pequeno animal. Parte de um bordado de lã. Séculos V ou VI. Museum of Fine Arts, Boston,
18. A Virgem e o Menino. Pormenor de uma pintura mural. Séculos VI ou VII. Mosteiro de Baxit. Fotografia Museu Copta, Cairo.
19. O Palácio de Teodorico. Pormenor de um mosaico. Princípios do século VI. Santo Apolinário Novo, Ravena, Fotografia Marzari.
20. São Menas em um nicho. Caixa de marfim. Provavelmente alexandrino. Século VI. Museu Britânico, Londres. Fotografia Hirmer.
21. Cabeça de Justiniano. Pormenor de um mosaico. Século VI. São Vitale, Ravena. Arquivos Thames & Hudson.
22. Cabeça da imperatriz Teodora. Pormenor de um mosaico. Século VI. São Vitale, Ravena. Arquivos Thames & Hudson.
23. Juliano, o Apóstata, põe cerco a Ctesifonte. Ms. gr. 510, f, 409 v. Bibliothèque Nationale, Paris.
24. São Gregório Nazianzeno e Teodósio. Ms. gr. 510 f, 239. Bibliothèque Nationale, Paris.
25. Parte do díptico de marfim de Lampadii, representando provavelmente o hipódromo de Constantinopla, c. 355. Museo Cristiano, Bréscia.
26. Igreja de São Sérgio e São Baco, Constantinopla. Pormenor de cornija e capitel, 527-536. Fotografia Joaephine Powell.
27. Pedreiros no trabalho. Miniatura de um saltério. 1066, Museu Britânico. Londres, fotografia gentilmente cedida pelos conservadores do Museu.

28. Porta de Ouro e muralhas de Constantinopla», lado sul, c. 400. Fotografia Hirmer.
29. Santa Irene, Constantinopla. Exterior c.532 fotografia Hirmer.
30. Yeribatan-Saray. Cisternas subterrâneas construídas por Justiniano. Fotografia Hirmer.
31. O aqueduto de Valente, Constantinopla. Construído em 368. Fotografia Hirmer.
32. Santa Sofia, Constantinopla. Interior. Construída em 532-537. Gravura segundo Fossati: Aya Sophia, Constantinopla, tal como foi restaurada recentemente por ordem de S. M. o Sultão Abdul Medjil. Londres, 1852.
33. «Vaso de Rubens». Ágata, c. 400 d. C. Walters Art Gallery, Baltimore.
34. Personificação da Índia. Salva de prata. Século VI, Museu Arqueológico de Constantinopla. Fotografia Hirmer.
35. Cruz de Justino II. Prata dourada, c. 575. Capella delle Reliquie, Basílica do Vaticano, Roma. Fotografia Mansell-Alinari.
36. Trono do arcebispo Maximiano. São João Baptista e os quatro Evangelistas. Marfim. Século VI. Museo dell' Arcivescovado, Ravena. Fotografia Hirmer.
37. Multi solidus, peça de ouro de Justiniano, 534-538. Electrótipo do original de ouro que existiu no Cabinet des Médailles, Paris. Museu Britânico, Londres. Fotografia Peter Clayton.
38. Solidus de ouro de Focas. Emitido provavelmente em 603. Colecção P. D. Whitting. Fotografia Peter Clayton.
39. Solidus de ouro de Heraclio e Constantino. 613-629. Colecção P. D. Witting. Fotografia Peter Clayton.
40. Solidus de ouro de Heraclio e Constantino 629-631. Colecção P. D. Whitting. Fotografia Peter Clayton.
41. Estátua de Heraclio. Bronze. 610-641. Barletta. Fotografia Hirmer.
42. Reverso típico de uma moeda de bronze de Abd al Malik. Colecção de Constantinopla. Fotografia Martin Hürlimann.

43. Meca. Gravura de Hunglinger mostrando a Caaba, 1803. Museu Britânico, Londres. Fotografia R. B. Fleming & Co. Ltd.
44. Solidus de ouro de Constantino V (anverso). 741-775. Colecção P. D. Witting. Fotografia Peter Clayton.
45. Solidus de ouro com a efígie da imperatriz Irene. 797-802. Museu Britânico, Londres. Fotografia John Webb.
46. As guerras de Nicéforo I contra Krum e a captura de Nicéforo. Iluminuras de uma cópia eslavónica do Códice de Minasses. 1345. Biblioteca do Vaticano, Roma.
47. Solidus de ouro de Justiniano II, mostrando, no reverso, Cristo, Rei dos Reis. 685-695. Colecção P. D. Whitting. Fotografia Peter Clayton.
48. Solidus de ouro de Leão III, 717-741. Colecção P. D. Whitting. Fotografia Peter Clayton.
49. Iconolasta borrando uma imagem. Miniatura do Saltério Chludov. Século IX. Biblioteca Pública, Moscovo. Fotografia. Colecção da École des Hautes Études, Paris.
50. Cruz de mosaico na abside de Santa Irene, Constantinopla, Entre os séculos VIII e IX. Fotografia amavelmente cedida pelo Instituto Bizantino.
51. Teodora restaura os ícones. Ms. gr. 1613, fl. 392. Biblioteca do Vaticano, Roma.
52. Adoração e Natividade. Díptico de marfim. Século VI. Museu Britânico, Londres. Fotografia Hirmer.
53. A Natividade, Manuscrito com texto siríaco. 1216-1220. Museu Britânico, Londres. Fotografia amavelmente cedida pelos Curadores do Museu.
54. A Grande Mesquita de Damasco. Cena arquitectónica por cima da entrada do pátio. Mosaico. 715. Fotografia J. E. Dayton.
55. São Cirilo e São Metódio ajoelhados perante Cristo. Fresco em São Clemente, Roma. Século XI. Segundo J. Wilpert, *Die Römischen Mosaiken und Malereien*.

56. Leão VI recebe a investidura da Santa Sabedoria. Pormenor de um mosaico. Santa Sofia, Constantinopla Fins do século IX. Fotografia. Arquivos Thames & Hudson.
57. Retrato do Imperador Basílio II Bulgaróctono. Do Saltério de Basílio II. 876-1025. (Cod. gr. 17). Biblioteca Marciana, Veneza. Fotografia Hirmer.
58. Peso representando Nicéforo Focas, morto em 610 d. C. Museu Britânico. Fotografia cedida pelos Curadores do Museu.
59. *Solidus* de ouro. João I Tzimiskis coroado pela Virgem. Coleção P. D. Whitting. Fotografia Peter Clayton.
60. Epifania do Imperador Constantino VII Porfirogeneta. Relevo de marfim, c. 944. Museu das Belas-Artes, Moscovo. Fotografia Hirmer.
61. Caçada ao leão, a cavalo. Fragmento de um pano de seda. Meados do século VIII. Musée Historique des Tissus, Lião. Fotografia Giraudon.
62. Homem estrangulando um leão. Pano de seda. Século VIII. Victoria and Albert Museum, Londres. Fotografia Hirmer.
63. Trabalho na vinha. Miniatura de uma cópia dos Evangelhos. Século XI. Bibliothèque Nationale, Paris.
64. Tosquia das ovelhas, navegação, lavra. Miniatura de uma cópia dos Sermões de São Gregório Nazianzeno. Século XI. Bibliothèque Nationale. Paris.
65. Sileno e ménade dançando. Salva de prata e prata dourada 510-629, Museu Hermitage, Leninegrado. Fotografia. Biblioteca S. C. R.
66. Cálice com o nome do imperador Romano, Ouro, pedras preciosas e esmalte *cloisonné*, c. 1070. Tesouro de São Marcos, Veneza. Fotografia Osvaldo Böhm.
67. Triplico de Harbaville. Paineis central. Marfim. Fins do século X. Museu do Louvre, Paris. Fotografia Hirmer.
68. São Lucas. De um Evangelho do do século XI. Ad. Ms. 28 815, fl. 76 v. Museu Britânico, Londres. Fotografia

- cedida pelos Curadores do Museu.
69. Mosteiro de Santa Catarina. Monte Sinai, Fotografia Beno Rothenberg.
70. Tokalc Kilise, Capadócia. Pintura mural. Vêem-se camadas antigas e posteriores. Fotografia Josephine Powell.
71. Águias. Pormenor de uma mortalha de Saint Germain l'Auxerrois. Seda. Fins do século X. Igreja de Santo Eusébio, Auxerre. Fotografia Giraudon.
72. Igreja de São João de Studium, Constantinopla. Interior, lado oriental, c. 463. Fotografia Hirmer.
73. A Virgem e o Menino com santos e águias. Ícone da Igreja de Santa Catarina do Monte Sinai. Século VI. Fotografia Instituto Francês de Atenas.
74. Iluminura da *Theriaca* de Nicander. Século X. Suppl. gr. 247 fl. 47 v. Bibliothèque Nationale, Paris.
75. Rapto de Europa. Pormenor da tampa da caixa para jóias de Veroli. Marfim. Séculos X e XI. Victoria and Albert Museum, Londres.
76. Cristo Pantocrator. Mosaico, c. 1100. Cúpula, Dafne, Grécia. Fotografia. David Talbot Rice.
77. Relicário do Santo Lenho, Esmaltes do centro do envoltório exterior, c. 955. Tesouro da Catedral, Limburgo-sobre-o-Lahn. Fotografia Hirmer.
78. Constantino, Zoé, Teodora. Chapas de esmalte da coroa de Constantino Monómaco. 1042-1055. Museu Nacional de Budapeste. Fotografia Hirmer.
79. Os quatro rios do Paraíso. Das *Homilias* de Jabo de Kokinobafos, Século XII. Ms. gr. 1208. Bibliothèque Nationale, Paris.
80. David compondo os Salmos. Do Saltério de Paris. Século IX. Ms. gr. 139, Bibliothèque Nationale, Paris. Fotografia Hirmer.
81. O Imperador Nicéforo Botaniates, São João Crisóstomo e um anjo. Miniatura das *Homilias* de São João Crisóstomo, c. 1078. Ms. Coinslin 79, fl. 2 v. Bibliothèque Nationale, Paris. Fotografia Hirmer.

82. Coroação de Romano IV e de Eudóxia. Marfim, c. 950. Cabinet des Medailles, Paris. Fotografia Hirmer.
83. *Solidus* de ouro de Isac I Comneno. 969-976. Coleção P. D. Whitting. Fotografia Peter Clayton,
84. Santa Coroa da Hungria. Ouro e esmalte. 1074-1077. Tesouro de Budapeste. Fotografia Marburg.
85. Professores e discípulos. Desenho segundo o Códice Skylitzes. Entre os séculos XIII e XIV. Biblioteca Nacional, Madrid.
86. Catedral de Ani, Arménia do noroeste. 989-1001. Fotografia Ara Guler.
87. As Santas Mulheres no Sepulcro. Miniatura do Evangelho de 1038. Matenadaran 6201, Erevan, Arménia. Fotografia Edições Cercle d'Art.
88. Exército bizantino derrotado pelos Turcos. Miniatura do Códice Skylitzes. Séculos XIII a XIV. Biblioteca Nacional, Madrid.
89. Aleixo I Comneno. Ms. gr. 666, fl. 20. Biblioteca do Vaticano, Roma.
90. Catedral de Cefalu. Mosaico da abside, c. 1155. Fotografia Mansell-Alinari.
91. Cenas do Novo Testamento. Marfim. Século XII. Victoria and Albert Museum, Londres.
92. A Última Ceia. Mosaico. Último quartel do século XII. São Marcos, Veneza. Fotografia Martin Hürlimann.
93. Batalha de Dorileia. Miniatura medieval, Bibliothèque Nationale, Paris.
94. A Virgem e o Menino entre o Imperador João Comneno e a Imperatriz Irene. Mosaico, c. 1118. Santa Sofia, Constantinopla. Fotografia Hirmer.
95. Manuel Comneno. Ms. gr. 1176. fl. 11. Biblioteca do Vaticano, Roma.
96. Tekfur Saray, Constantinopla. Construída provavelmente por Manuel II Comneno c. 1150. Fotografia Hirmer.
97. São Marcos, Veneza, Mosaico mostrando o aspecto original da igreja. 1260-1270. Fotografia Martin Hürlimann.
98. A Virgem de Vladimiro. Painel, c. 1130, Galeria Tretiakov, Moscovo.
99. A Virgem. Mosaico (destruído). Século

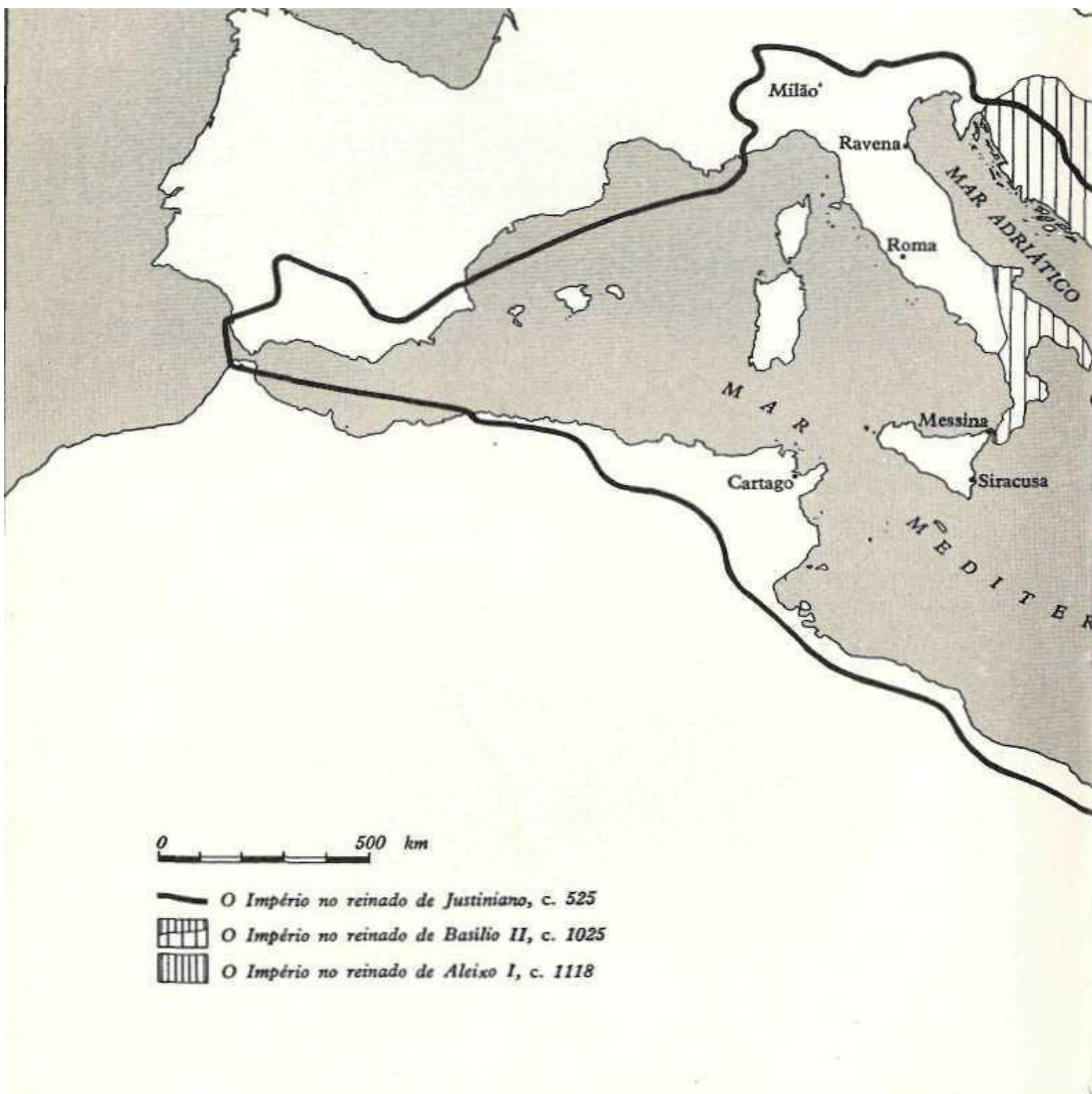
- IX. Igreja da Assunção. Niceia. Fotografia Klougé.
100. Santa Sofia, Trebizonda. Gravura de C. Texier, *Asie Mineure*, Paris. 1835. Fotografia John R. Freeman.
101. Expulsão do diabo do corpo da filha da mulher de Canaã. Pintura mural. Século XIII. Santa Sofia. Trebizonda. Fotografia Russel Trust.
102. As muralhas de Niceia. Gravura extraída de C. Texier, *Asie Mineure*, Paris 1835. Fotografia John Freeman.
103. Teodoro Láscaris. Do Códice Monacense. Ms. gr. 442. Staatsbibliothek, Munique.
104. Coroação de Balduino de Flandres. Ms. gr. 9081, fl. 99 v. Bibliothèque Nationale, Paris.
105. São Lucas e São Tiago. De uma cópia dos *Actas e Epístolas*. Primeira metade do século XIII. Ms. gr. 1208, fl. IV. Biblioteca do Vaticano, Roma.
106. Cavalos. Bronze. Provavelmente helenísticos. Basílica de São Marcos, Veneza. Fotografia Mansell-Alinari.
107. Torre de Gálata. Constantinopla. De J. H. S. Pardoe, *Beauties of The Bosphorus*, 1838. Museu Britânico, Londres. Fotografia John R. Freeman.
108. Miguel VIII Paleólogo. Do Códice Monacense. Ms. gr. 442. Staatsbibliothek, Munique.
109. Andronico II Paleólogo. De um manuscrito do século XIV (?) Ms. 1293. Museu Bizantino, Atenas. Fotografia Giraudon.
110. O Imperador João VI Cantacuzeno no trono. De um manuscrito dos Cantacuzenos. 1370-1375. Ms. gr. 1242, fl. 5 v, Bibliothèque Nationale, Paris. Fotografia Hirmer.
111. Jalal al-din Rumi. Miniatura turca. Século XVI. Biblioteca Topkapı, Constantinopla.
112. Dervixes dançando. 1792-1793, Ms. 474, fl. 248 b. Coleção Chester Beatty, Dublin.
113. Um janizaro. Desenho de Gentile Bellini, c. 1480. Museu Britânico, Londres.

114. Manuel II Psicólogo. Segundo uma cópia da oração fúnebre proferida pelo Imperador Manuel por ocasião da morte de seu irmão Teodoro, déspota da Moreia (m. 1407), Supl. gr. 309, fl. VI. Bibliothèque Nationale, Paris.
115. André Paleólogo. Fresco de Bernardino Pinturicchio. Sala Bórgia. Vaticano, Roma. Fotografia Mansell-Alinari.
116. João VIII Paleólogo. Fresco de Benozzo Gozzoli. Palácio dos Médicis, Florença. Fotografia Mansell-Alinari.
117. A cidade de Mistra. Na sua maioria pertence ao século XIV. Fotografia Josephine Powell.
118. A Entrada em Jerusalém. Pormenor de uma pintura mural, c. 1380. Igreja dos Peribleptos, Mistra. Fotografia Josephine Powell.
119. Teodoro Metochita. Pormenor de um mosaico. 1320-1330. Tímpano de Kariye Jami, Constantinopla. Fotografia Instituto Bizantino, Washington.
120. Cristo Pantocrator. Mosaico 1300-1320. Kariye Jami, Constantinopla. Fotografia Hirmer.
121. Retrato de Hipócrates. De um manuscrito de Hipócrates, c. 1342. Ms. gr. 2144, fl. 10. Bibliothèque Nationale, Paris. Fotografia Hirmer.

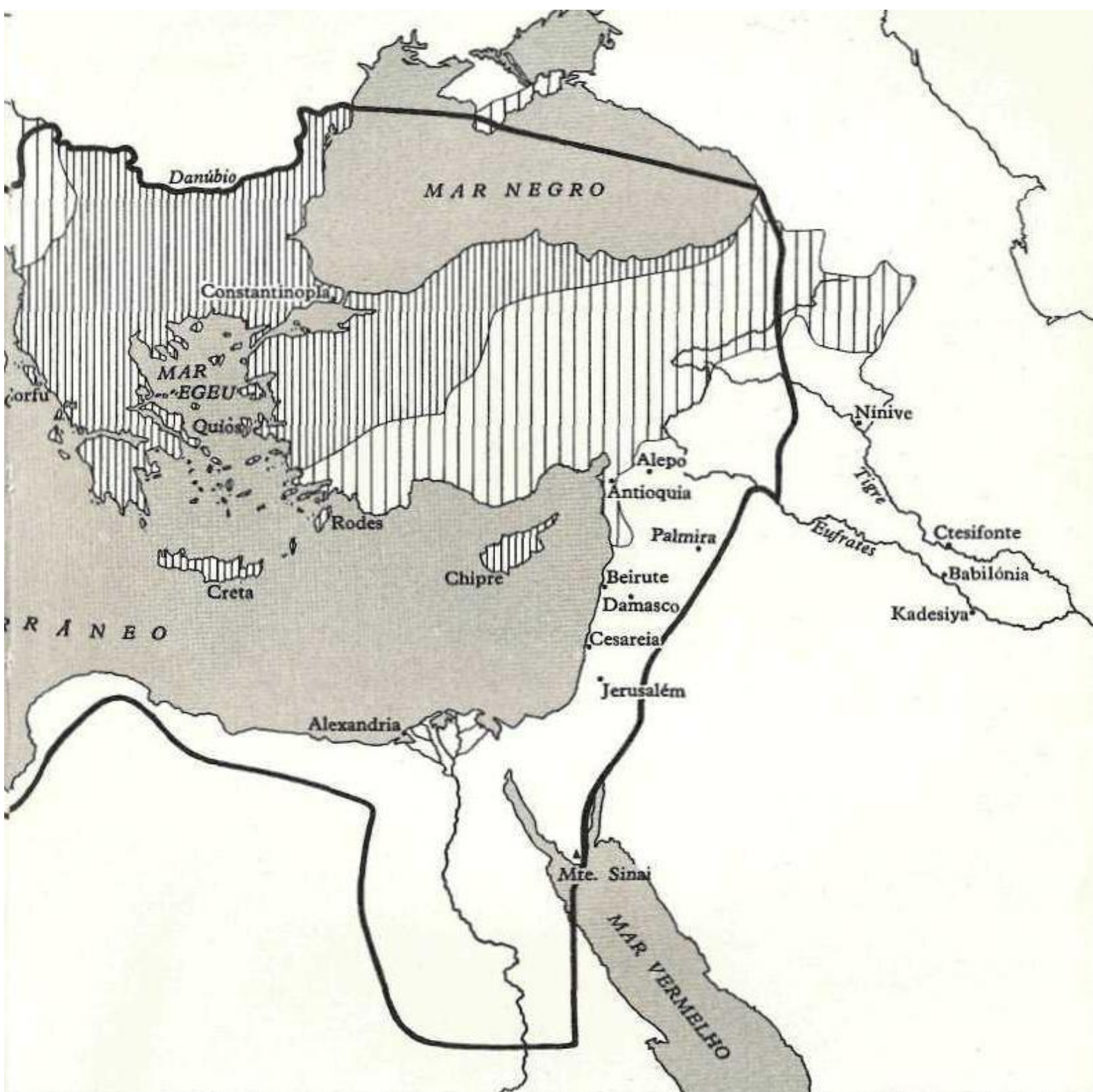
122. Dois pastores. Pormenor da Natividade, c. 1312. Igreja dos Santos Apóstolos, Salonica. Segundo a obra de Xyngopoulos *Thessalonique et la Peinture Macédonienne*. Atenas, 1955.
123. Igreja dos Santos Apóstolos, Salonica. Lado oriental, c. 1312. Fotografia Collection de l'École des Hautes Études, Paris.
124. Santa Maria Pammakaristos, Fetiye Jami, Constantinopla. Lado oriental. Século XIII. Fotografia Martin Hürlimann.
125. Anastásis. Pintura mural, c. 1310. Kariye Jami (Igreja de São Salvador). Constantinopla. Fotografia Instituto Bizantino, Washington.
126. Rumeli Hisar. Forte construído no Bósforo por Maomé II. Fotografia Martin Hürlimann.
127. Retrato do sultão Maomé II. Gentile Bellini. 1480. Nationale Gallery, Londres.
128. Cerco de Constantinopla, 1453. Segundo Bertrandon de la Broquière: *Voyage d'outremer*, 1455. Bibliothèque Nationale, Paris, Ms. fr. 9087, v. 207.
129. Grupo de freiras. Do Colégio Lincoln, Typicon, r. 1400. Ms. gr. 35, fl. 12 r. Bodleian Library, Oxford.

MAPAS

Os mapas foram desenhados pela Senhora P. S. Verity



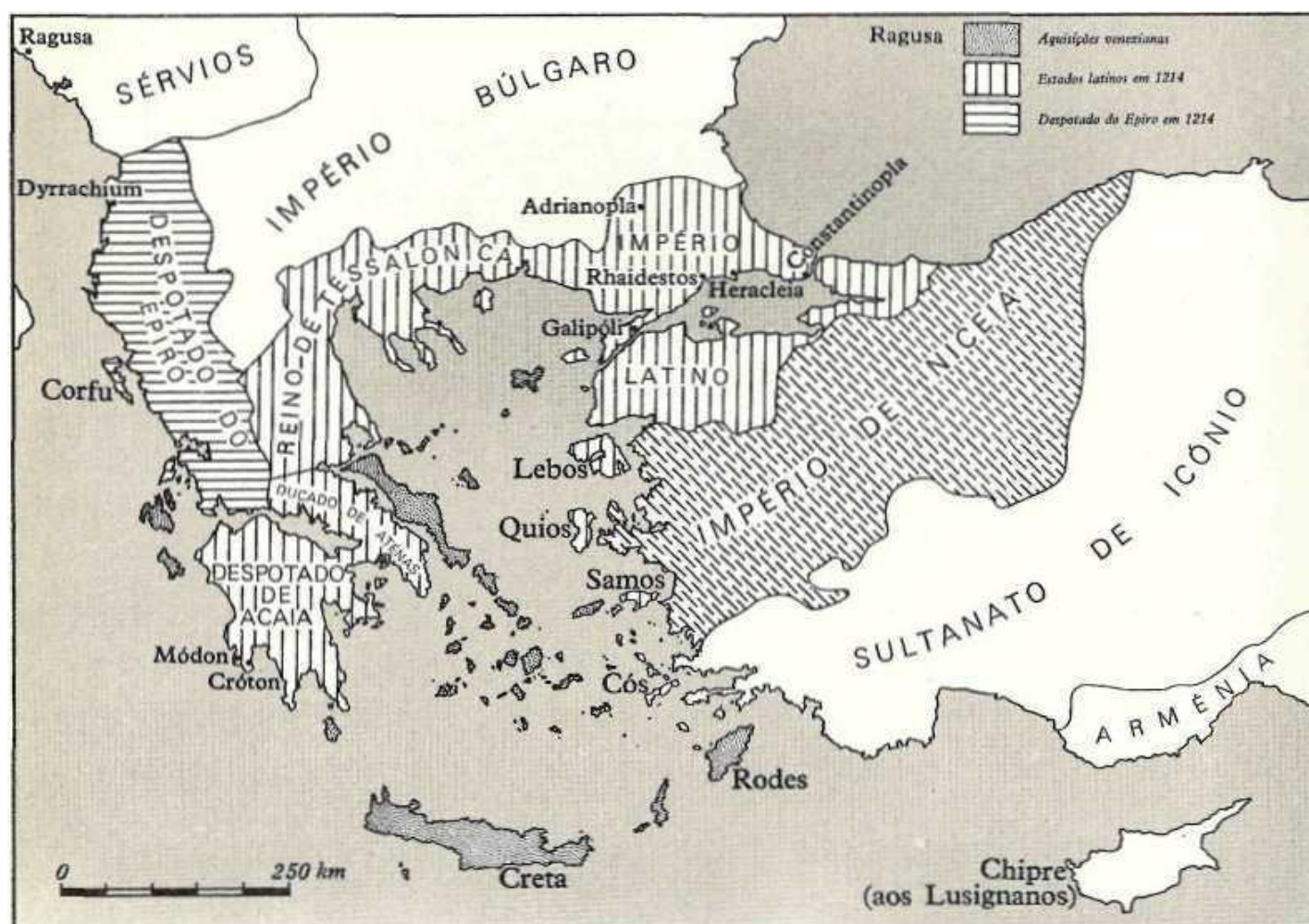
A expansão máxima do Império Bizantino.



A expansão máxima do Império Bizantino.



O núcleo central do Império Bizantino.



Os estados latinos após a queda de Constantinopla em 1203.

ÍNDICE IDEOGRÁFICO

*Os números em itálico
referente-se às ilustrações*

Abgar, 90
Acaciano, cisma, 145
Acominato, Miguel, 155, 168
África, 48, 49
Alamanos, 14
Alanos, 31, 34
Alarico, 34
Albânia, 179
Aleixo I Comneno, 127, 130, 133, 144,
147-150, 157, 89
Aleixo II Comneno, 152, 164
Aleixo III Angelus, 158, 162, 165
Aleixo IV, Angeli, 159
Aleixo V, 159 Alepo, 92
Alexandre Severo, 14
Alexandria, 41, 59, 68, 82, 187
Amalasunta (rainha), 52
Amer Ibne al-As, 65
Anastásio I, 43, 59
Andrinopla, 33, 86, 127, 166, 182
Andronico I Comneno, 164
Andronico II Paleólogo, 175, 177, 179,
189, 109
Andronico III Paleólogo, 177, 179, 189
Angara, 184
Anjo, Miguel, 162, 172
Anjo, Teodoro, 172
Anjos, 154, 157
Antémio de Trales, 56
Antioquia, 41, 59, 68, 82, 147, 148, 179
Apameia, 110
Apolónio, 125
Aqueduto de Valente, 31
Árabes, 64-69, 82-83, 90, 92, 108, 137,
144, 182, 201
Arcádio, 34, 14
Ardashir, 15
Árgiros, 88, 132 Ario, 41
Arménia, 16, 36, 64; arte arménia, 87
Arménios, 105, 135, 136, 139, 179
Arsácidas, 15
Ana, 161, 162, 164

Artabão V, 15
Asen, 172
Aspáruco, 73
Atenas, 14, 86, 155, 168
Ática, 166
Atos, monte, 112, 116, 178
Aureliano, 14, 19
Avaros, 31, 60, 62, 71, 73
Azerbaijão, 62

Bajazeto I, 183, 184
Balduino da Flandres, 166, 104
Balduino II, 174
Balcãs, 14, 21, 29, 36, 59, 72, 73, 76, 84,
138
Bardas, 121
Bari, 138, 84
Barlaão, 178
Basílio I, 88, 89, 124
Basílio II, 95, 105, 106, 122, 127, 128,
133, 136, 139, 57
Beirute, 95
Bektaxis, 180
Belisário, 52, 71, 37
Belini, 113
Beócia, 166
Berberes, 75
Bessárion, 189, 190
Bitínia, 89, 161, 182, 189
Boemundo, 148
Bogomilos, 96
Bonifácio de Montferrat, 158, 166
Borguinhões, 35
Brymius, José, 191
Bulgária, 89, 90, 134, 168
Búlgaros, 31, 60, 69, 71, 72, 73, 78, 86,
106, 151, 162, 174, 177, 179, 183

Calcedónia, 42, 43, 59, 82
Caldeia, 161
Calcídia, 103

Capadócia, 102, 135; mosteiros da, 44, 110, 124, 70
 Carlos Magno, 70, 96
 Carolíngios, 70, 145
 Cartago, 34, 61, 75, 82
 Castória, 86
 Cecameno, 129, 131, 156
 Cerasunte, 103
 Cerulário, 129, 146, 147
 Cesareia, 65, 110, 136
 Chalcocondiles, 190
 Cheni, movimento de, 145
 China, 103
 Chipre, 66, 92, 127
 Choniato, 156
 Chrysocheir, 88, 89
 Chrysolorus, Manuel, 189
 Cilícia, 92, 135, 147
 Cirilo de Alexandria, 41
 Cirilo de Tessalonica, 86, 55
 Cízico, 66
 Cláudio II, o Gótico, 14
 Clemente, 44
 Clermont, Concílio de, 144
 Comneno, Ana, 155, 156
 Comneno, David, 164
 Comnenos, 143, 154, 157, 163, 165
 Cónia (antiga Iconio), 151, 164, 165, 182
 Constâncio, 41
 Constâncio César, 18
 Constante II, 64, 69
 Constantino I, 16-30, 38, 40, 61, 128, 137, 3, 6, 7, 8, 9
 Constantino III, 39
 Constantino IV, 66, 67, 70
 Constantino V (Coprónimo), 69, 73, 80, 107, 44.
 Constantino VII, 96, 59
 Constantino VIII, 128
 Constantino IX Monómaco, 123, 137, 78
 Constantino X Ducas, 130, 131, 134, 135, 140
 Constantino XI, 195 e ss.
 Constantinopla, 28-33, 52, 55, 61, 62, 103, 156, 159, 161, 164, 168, 11, 124; cerco de, 197-202
 Coon, C, 85
 Coptas, 60, 82, arte copta, 52, 17, 18
 Corfu, 168
 Corício de Gaza, 57

Corinto, 68, 86, 103, 148, 170
 Corone, 166
 Cósroas, 59
 Cotriguros, 71
 Creta, 68, 90, 92, 106, 127, 166
 Crimeia, 106
 Croatas, 73
 Cruzadas, 144, 147, 157, 174
 Cruzados, 148, 158, 167, 168
 Ctesifonte, 61, 23
 Cumanos, 31, 138, 144
 Curcuas, João, 89, 90
 Cydones, Demétrio, 189

 Dácia, 14, 31
 Dalmácia, 73, 158, 166
 Damasco, 68, 82, 84, 95, 54
 Dâmaso, Papa, 39
 Dândolo, Doge, 158, 166
 Dedo, 14, 23
 Dervixes, 172, 112
 Diocleciano, 11, 16, 18-22, 26, 75, 128, 1
 Dióscoros, 42
 Dirráquio, 71, 144, 162, 166
 Donatistas, 27
 Dorileia, 93
 Ducas, 88, 139, 140
 Ducas, Andronico, 140
 Dusan, Stephan, 179, 182

 Edessa, 90
 Éfeso, 89, 110, 164, 169
 Egeu, ilhas do, 166, 170
 Egípto, 23, 36, 40, 43, 52, 59, 61, 64, 67, 83, 157, 158, 182
 Epiro, 161-164, 168, 172-174
 Escandinavos, 137
 Eslavos, 60, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 83, 84, 85, 86, 87, 306, 145
 Esmirna, 144, 164
 Espanha (península), 52, 67
 Esparta, 86, 92
 Estêvão II,
 Papa, 70
 Estilício, 34, 35, 14
 Etólia, 179
 Eubeia, 103
 Eudóxia, 82
 Eustácio de Tessalonica, 155
 Eutiques, 42

Fallmereyer, Jacob, 84
 Filipe da Suábia, 158
 Filipópolis, 89
 Florença, 189
 Focas, Bardas, 100, 106
 Focas, família, 88, 132
 Focas (imperador), 60, 72, 38, 41
 Fócios, 88, 145
 Francos, 14, 35, 169, 174
 Frederico Barba Roxa, 151
 Frederico II, 173

 Gainas, 37
 Galério, 18, 24
 Gália, 14, 35
 Galimer, 51
 Galipoli, 182
 Génova, 150, 152, 173; genoveses, 173, 188, 107
 Genserico, 34, 49
 Geórgia, 164
 Gépidas, 71
 Geta, 19
 Godos, 14, 33, 37, 48
 Godofredo de Vilhardouin, 167.
 Grã-Preslav, 99
 Greda, 72, 73, 84, 85, 101
 Gregório de Nissa, 39
 Gregório I, Papa, 60
 Gregório, Palamas, 178
 Guilherme de Champlitte, 167
 Guilherme de Moerbedke, 170
 Guiscard, Roberto, 137, 142, 144, 148

 Hamdanidas, 92
 Heliogábalo, 19
 Henótico, 51
 Henrique VI (Hohenstaufeu), 157
 Heraclio, 60-64, 75, 39, 40, 41
 Hérulos, 14, 71
 Hiéria, 81
 Honório, 14, 15
 Humberto, 147
 Hunos, 31, 71, 72

Ibne Caldune, 179
 Iconoclastia, 77-82, 106, 107, 108, 125, 145, 47, 48, 49, 50
 Igreja Ortodoxa, 63, 87, 105, 106, 116, 136, 145, 147, 169, 185, 204
 Ilíria, 23, 34, 71, 145
 Inocêncio III, Papa, 157, 168
 Iraque, 65
 Irene (imperatriz), 45, 94
 Isaac I, Comneno, 130, 83
 Isaac II, Anjo, 158, 159
 Isidoro de Mileto, 56
 Islão, 22, 65-68, 159, 179, 182, 201, 204; arte islâmica, 78, 83
 Issos, 62
 Itália, 14, 23, 35, 48, 52, 68, 84, 127, 137-145, 201

 Jacob Baradaeus, 60
 Jacob Kokinobafos, 126, 79
 Jalal al-din Rumi, 111
 Janízaros, 183, 198, 113
 Jerusalém, 61, 65, 68
 João VI Cantacuzeno, 177, 178, 182, 110
 João II Comneno, 150, 157, 94
 João de Damasco, 79, 82
 João III Ducas Vatatzes, 172
 João ítalo, 123, 155
 João VIII, 116
 João V Paleólogo, 177, 178
 João Tzimiskis, 89, 90, 95, 98, 112, 122, 58
 Jónias, ilhas, 166, 170
 Jorge de Pisídia, 62
 Juliano, 38, 43
 Justiniano I, 19, 46-57, 70, 71, 107, 21, 37, 73
 Justiniano II, 78, 41
 Justino I, 59
 Justino II, 35

 Kaikusrau, 165
 Kakig Bagratuni, 136
 Kariye Jami, 195, 119, 120
 Kiev, 185
 Kilij Arslan, 140, 151

Klokotinitza, 172
 Kossovo, 183
 Krun, 71, 46
 Kubrat, 73

 Lacedemónia, 92
 Lactâncio, 21
 Lscárida, 173
 Latinos, 134, 136, 145, 151, 154, 156, 158, 159, 161-174, 195
 Laudiceia, 103
 Láurio, 103
 Leio III, 77, 79, 80, 145, 45, 48
 Leão VI, 55
 Leão IX, Papa, 145
 Leão de Trípoli, 89
 Leichudes, 122
 Leo, *o Filósofo*, 121, 124
 Lião, 174
 Licínio, 26
 Liutprando de Cremona, 100, 101, 102, 145, 202
 Lombardos, 69, 75, 77, 83, 145
 Longo, Giustiniani, 198
 Luís IX, 174

 Macedónia, 71, 166, 172, 177; *dinastia macedónica*, 87-121, 124, 135, 154
 Magnésia, 164
 Maleino, Eustácio, 133
 Maleinos, família, 88
 Manfredo, 173, 174
 Maniaces, Jorge, 137
 Manuel I Comneno, 150, 151, 157, 95
 Manuel II Paleólogo, 184, 186, 114
 Mamun, 121
 Manzikerte, 139, 179
 Maomé, 65
 Maomé II, 180, 195, 196, 198, 200, 127
 Martel, Carlos, 67
 Martinho IV, 174
 Maurício, 72, 75
 Mauropo, João, 123
 Maxêncio, 26
 Maximiano, Augusto, 18
 Maximiano de Ravena, 36
 Meandro, 165
 Meca, 64, 43
 Mesarite, Nicolas, 168

Mesopotâmia, 65, 102
 Messina, 157
 Metochitas, Teodoro, 189, 195, 119
 Metódio, 86, 55
 Mevlevis, 180, 111, 112
 Miguel I, 96
 Miguel III, 88, 106
 Miguel V, 129
 Miguel VI, 129, 130
 Miguel VII Ducas, 132, 140, 84
 Miguel VIII Paleólogo, 173, 174, 175, 108
 Miklosich, 85
 Milão, 28
 Mileto, 110, 164
 Milutino, 179
 Milvius, Ponte, 26, 9, 10
 Mistra, 186, 195, 117, 118
 Mitilene, 90, 105, 135
 Mitra, seita de, 13
 Modon, 166
 Monaquismo, 38, 106, 107, 110, 178
 Mongólia, 131;
 Mongóis, 31, 70, 202
 Monofisismo, 43, 51, 59, 60, 64, 81, 105, 145; *monofisitas*, 135, 136
 Monotelismo, 64
 Morávia, 86
 Moreia (Peloponeso), 34, 35, 167, 169, 186, 198
 Morosini, Tomás, 166
 Mosteiros, 107-112, 116-118, 69, 73
 Muaviá, 66, 67
 Murad I, 183
 Murad II, 195
 Myriokephalon, 151

 Narentinos, 73
 Narsés, 52, 68
 Nestório, 41;
 Nestoriano, 81
 Nicander, 125
 Nicéforo I, 73, 46
 Nicéforo II Focas, 90, 92, 96, 100, 101, 112, 202, 58
 Nicéforo III Botaniates, 81
 Niceia, 27, 41, 81, 103, 147, 156, 161, 164, 168, 173, 182, 101, 102
 Nicetas, 123
 Nicolau V, Papa, 195

Nicomedia, 28, 164, 182
 Nicópolis, 184
 Normandos, 130, 137, 142, 144, 147, 148, 154, 156, 89
 Notaras, Lucas, 195
 Ócrida, 155, 172
 Odoacro, 35
 Ornar, 65
 Omíadas, 84
 Opiano, 125
 Orhan, 182
 Orígenes, 44
 Osmã, 182
 Ostrogodos, 33, 35, 49, 71
 Otão I, 100
 Otão de Ia Roche, 166
 Otomanos, 139, 177, 182, 184, 185, 196, 200, 201, 113

 Paleólogo, André, 115
 Paleólogos, 177, 186, 187
 Palestina, 40, 61, 64, 65, 67, 107, 182
 Pártia, 15
 Patmos, 116
 Patras, 86, 103
 Paulicianos, 88, 89
 Pedro III de Aragão, 174
 Pedro da Bulgária, 96
 Pelagónia, 173
 Peloponeso: ver Moreia
 Pepino, 70
 Pérgamo, 164
 Perinto, 33
 Persas, 20, 60-62, 65
 Pisa, 150, 152
 Plamude, Máximo, 189
 Pleto, 186-187, 189, 190
 Procópio, 46
 Prusa, 108, 164, 182
 Pselo, Miguel, 122, 124, 127, 129, 130, 132, 139, 155
 Ptocoprodromo, Teodoro, 156
 Ptzinaques, 31, 130, 136, 140, 144, 148, 89

Quietismo, 177
 Quios, 66, 116

 Ragusa, 166
 Ravena, 69, 75, 13, 19, 21, 22
 Rodes, 66
 Roma, 27, 29, 34, 39, 43, 51, 69, 145
 Romano I Lecapeno, 85, 95, 96, 133
 Romano IV, 136, 139, 82
 Romanus Melodus, 57
 Rumeli Hisar, 195, 126
 Rússia, 31, 106, 127, 137, 154, -98

 Samuel da Bulgária, 99, 100
 Santa Irene, 29
 Santa Sofia, 54, 56, 57, 159, 169, 173, 200, 32
 Santo António, 122
 Santo Atanásio, 110, 112
 Santos Sérgio e Baco, 26
 São Basílio, 38
 São Demétrio, 71, 72
 São Gregório Nazianzeno, 24
 São Menas, 20
 São Nícon, 92
 São Pacómio, 38 122
 São Simeão, 106, 110, 122, 123
 Sapor I, 16, 2
 Sassânidas, 16, 63, 64, 66
 Saxões, 35 Sayf ed-Duala, 92
 Scleros, Bardas, 100, 133
 Scleros, família, 88, 132
 Sebástia, 136, 139
 Segismundo, 184
 Seldjúcidas, 31, 108, 130, 136, 138, 139, 140, 150, 151, 164, 165, 182, 84 Selêucidas, 15
 Sérgio, 61, 63
 Sérvia, 195;
 Sérvios, 73, 151, 174, 177, 178, 179, 183
 Severo, 60
 Shahan, 61, 62
 Shahr Barz, 62
 Sicília, 23, 52, 68, 84, 89, 137, 157, 174, 201

Sicilianas, Vésperas, 174
 Sídon, 95
 Silenciário, Paulo, 57
 Silístriá, 99
 Simeão da Bulgária, 96, 179
 Sinésio, 36
 Sinope, 164, 165
 Siracusa, 137
 Síria, 16, 23, 36, 40, 43, 52, 59, 61, 64-67, 83, 92, 95, 105, 107, 127, 182
 Sírios, 135
 Skoplie, 179
 Sofrónio, 65
 Suevos, 34
 Svyatoslav, 96, 99

 Tamar (rainha), 164
 Tarso, 92
 Tebarmes, 62
 Tebas, 86, 103, 148
 Tefrique, 88, 89
 Teodora (imperatriz), 88, 51, 78
 Teodora (mulher de Justiniano I), 46, 47, 59, 22
 Teodorico, 35, 49, 16, 19
 Teodósio I, Láscaris, 159, 165, 103
 Teodósio I, 33, 34, 41, 43, 12
 Teofilacto, 155
 Teofilato, 89
 Teófilo, 121
 Termópilas, 71
 Tessália, 102, 134, 145, 162, 166
 Tessalonica, 71, 73, 86, 148, 154, 166, 173, 178, 186, 195, 122, 123

Tibaldo de Champagne, 157
 Timur (Tamerlão), 185
 Toghril, 138
 Trácia, 72, 83, 86, 94, 166, 172, 178
 Trebizonda, 103, 161, 163, 164, 165, 100, 101
 Triboniano, 52
 Turcos, 70, 135-204
 Turíngios, 49
 Tzetzes, João, 156

 Urbano, 195
 Uzoz, 31, 138

 Valáquios, 134
 Valente, 24, 33
 Valeriano, 16, 2
 Vália, 34
 Vândalos, 34, 35, 48, 49, 51
 Velichkovsky, 116
 Velbuzd, 179
 Veneza, 144, 150, 154, 158, 170, 184, 91, 92, 97, 106; venezianos, 150, 154, 159, 166, 177
 Visigodos, 33, 34, 35, 49, 52, 71
 Viterbo, 174
 Vladimiro da Rússia, 106

 Xifilino, 122, 124

 Zara, 158
 Zenão, 35, 43, 51, 59
 Zoe, 128, 129, 78
 Zoroastro, 62; Zoroastrismo, 15

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.



viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros